'Dieta de ferro': Estudo aponta musculação como o melhor exercício para controlar açúcar no sangue PÁGINA 25



Oropouche: Causada por mosquito, doença está em alta; como se prevenir PÁGINAS 26 e 29

O GLOBO 100



Irineu Marinho (1876-1925) —— (1904-2003) *Roberto Marinho*

RIO DE JANEIRO, **SEXTA-FEIRA, 23 DE MAIO DE 2025** ANO C - Nº 33.527 • PREÇO DESTE EXEMPLAR NO RJ • **R$ 7,00** 2ª Edição

ALEX WROBLEWSKI/AFP



REPRODUÇÃO



Crime Sarah e Yaron, as vítimas; suspeito foi preso

Assassinato de israelenses nos EUA causa revolta

Assassinato de dois funcionários da Embaixada de Israel em Washington por um homem que se identificou como defensor da causa palestina desencadeou uma onda de repúdio e a reação de líderes. Chanceler israelense acusou países europeus de antissemitismo, e França rebateu: "Ultrajante". Mortos iam ficar noivos. PÁGINA 22

AJUSTE FISCAL

Com gasto em alta e receita frustrada, governo eleva IOF e congela R$ 31,3 bi

No fim da noite, Fazenda revogou aumento do imposto sobre remessas de fundos ao exterior, que havia provocado forte reação do mercado

Para conter o rombo nas contas públicas, a equipe econômica anunciou ontem à tarde o congelamento de R$ 31,3 bilhões em despesas programadas para 2025 e a alta do Imposto sobre Operações Financeiras (IOF) para várias categorias, como cartões de crédito, débito e pré-pago internacionais e financiamento para empresas, na tentativa de arrecadar R$ 20,5 bilhões adicionais este ano. Porém, pouco antes de o decreto entrar em vigor, à meia-noite, o governo revogou a taxação sobre remessas a fundos no exterior, que havia provocado forte reação negativa de bancos e investidores. O dólar subiu 0,32%, a R$ 5,66, com os mercados futuros antecipando disparada nesta sexta, e o Ibovespa recuou 0,44%. A decisão foi tomada em reunião às pressas no Planalto sem a presença do ministro Fernando Haddad, que voava para São Paulo. Mesmo com o ajuste nas contas, a Fazenda abandonou a meta de déficit zero este ano e passou a prever resultado negativo de R$ 31 bilhões. PÁGINAS 15 e 16

EDITORIAL
FLEXIBILIZAR LICENÇA AMBIENTAL SERÁ RETROCESSO PÁGINA 2

VERA MAGALHÃES
Cenário Janja x Michelle é especulação machista PÁGINA 2

FLÁVIA OLIVEIRA
É urgente conter escalada de acidentes com motos PÁGINA 3

BERNARDO MELLO FRANCO
Desmonte da legislação ambiental custará caro ao país PÁGINA 3

JANAÍNA FIGUEIREDO
Para deter China, Trump recorre a ameaças e fake news PÁGINA 23

THIAGO GOMIDE
Quiosques extintos no Centro foram símbolo de desordem PÁGINA 28

ANÁLISE / EDUARDO GRAÇA
Doente, Biden é alvo de solidariedade e de dedos apontados PÁGINA 24

Trump proíbe Harvard de matricular estrangeiros

Em nova retaliação, governo alega leniência da universidade com "agitadores pró-terroristas, muitos deles estrangeiros". PÁGINA 23

Marina diz que projeto é 'demolição' do sistema de licenciamento ambiental

Para ministra do Meio Ambiente, flexibilização de regras cria insegurança, arrisca ecossistemas e prejudicará o Brasil em negociações da COP e de acordos comerciais. PÁGINA 11

Especialistas debatem impactos das mudanças nas regras eleitorais

Proposta que acaba com a reeleição e institui mandatos de cinco anos para todos os cargos em eleições concomitantes exigiria nove votos por pleito e ofuscaria disputas locais. PÁGINA 4

Comissão reconhece Dilma como anistiada política

Pedido da ex-presidente, torturada pela ditadura, foi acolhido por unanimidade, depois de ser negado no governo Bolsonaro. PÁGINA 8

Cade investiga Google por uso de conteúdo jornalístico

Inquérito foi reaberto e apura abuso no uso da produção de sites jornalísticos diretamente nas plataformas de busca da big tech. PÁGINA 21

SUMMIT BRAZIL-USA 2025
Oportunidades num mundo em transformação CADERNO ESPECIAL

LIBEROU GERAL

Milei em busca dos 'dólares do colchão'

Com o objetivo de aquecer a economia, presidente argentino anunciou um pacote de medidas que visam levar os dólares guardados para o sistema financeiro sem que seja preciso justificar a origem do dinheiro. PÁGINA 18

XADREZ POLÍTICO

Com mais poder e na rota da eleição a governador

Indicação do vice Pampolha ao TCE e possível saída de Castro para concorrer ao Senado abrem caminho para o presidente da Alerj, Rodrigo Bacellar, virar governador-tampão e se cacifar para o cargo na eleição de 2026. PÁGINA 27

MÁRCIA FOLETTO



Futuro Bacellar já admitiu se candidatar a governador

SEGUNDO CADERNO

'O público gosta de assistir à maldade'

Debora Bloch comemora o sucesso nas redes da vilã Odete Roitman de "Vale tudo" e comenta a face "pegadora" da personagem. "Uma mulher de 61 anos sair com homens mais jovens e se divertir com isso sem um compromisso afetivo é uma coisa da nossa época", afirmou a MARIA FORTUNA.

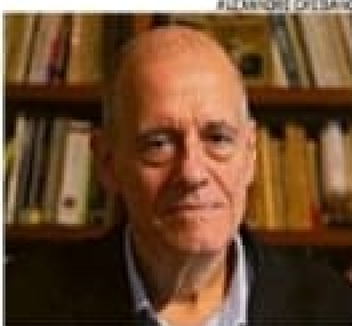


FERNANDO YOUNG

Paulo Henriques Britto é eleito para a ABL

Um dos principais poetas do país, o também tradutor de 73 anos ocupará a cadeira 30 da Academia Brasileira de Letras, na vaga que foi de Heloísa Teixeira.

ALEXANDRE CASSIANO



RUTH DE AQUINO
Você entregaria a sua cabeça a algoritmos?

OBITUÁRIO/EVANILDO BECHARA

O mestre guardião da língua portuguesa

Professor e membro da ABL, Bechara, que tinha 97 anos, foi uma das mais influentes figuras da gramática em língua portuguesa, referência para gerações. PÁGINA 13

GUITO MORETO



Opinião do GLOBO

Flexibilizar licença ambiental será retrocesso

Brasil precisa de leis que o coloquem na vanguarda do desenvolvimento aliado à preservação da natureza

Passou da hora de o Brasil tratar o meio ambiente com uma perspectiva de preservação sustentável. Não se trata de impor entraves ao crescimento econômico, mas de conservar os recursos necessários ao próprio desenvolvimento. O Projeto de Lei (PL) 2.159/2021, aprovado no Senado na quarta-feira, é um exemplo do caminho a evitar. Ao facilitar a obtenção de licença ambiental, o texto — apelidado pelos ambientalistas de "PL da Devastação" — agravará a degradação do meio ambiente. Por isso a Câmara, ao voltar a examinar a pauta, para corrigir os vários erros, não tem alternativa melhor a não ser engavetá-lo.

Há 21 anos, quando o tema começou a ser debatido, o objetivo era desbastar o cipoal de leis sobre a concessão de licenças — um objetivo meritório. Em 2011, depois de uma Lei Complementar reforçar os poderes estadual e municipal no licenciamento, ganhou urgência a necessidade de uma reforma. Com a fragmentação, uma mesma situação passou a receber interpretações distintas. O que vale no Rio de Janeiro não valia na Bahia ou em Goiás. Era necessário uniformizar a legislação. O problema do PL aprovado pelo Senado é que, ao padronizar, nivelou por baixo. Em vez de elevar a régua, nacionalizou algumas das piores práticas ambientais do país e não resolveu a fragmentação, deixando poderes demais nas mãos dos entes federativos.

O PL isentou de licenciamento diversas atividades, da pecuária à infraestrutura, ao prever que empreendimentos de pequeno e médio porte e potencial poluidor poderão receber uma licença automática, autodeclaratória, a Licença por Adesão e Compromisso (LAC). Tal medida dá o mesmo tratamento ao dono de um posto de gasolina e ao proprietário de uma barragem como Mariana, palco do desastre de 2015 em Minas Gerais. Bastará a promessa de seguir a lei para ter passe livre. Na visão da ONG Observatório do Clima, o artigo sobre a LAC "é inconstitucional em sua essência". Outro artigo altera a Lei da Mata Atlântica, facilitando o desmatamento.

Nas conversas e discursos no Senado, não faltaram loas ao texto por "destravar obras" espalhadas pelo país. Como é comum no Parlamento, vende-se algo desejável, com previsões irreais. Os resultados poderão ter efeito oposto às promessas. Em vez de apressar a conclusão de obras, pode haver mais atraso. Reduzir as fases no licenciamento para empreendimentos de alto potencial poluidor de três para uma tende a aumentar a judicialização, pois só será possível corrigir eventuais problemas na Justiça. Pressionado, o Ministério Público ampliaria as contestações. Outro ponto de lentidão poderá vir dos próprios órgãos responsáveis pelas licenças. Quem temer processos provavelmente levará mais tempo antes de dar sinal verde. Afinal, só terá uma chance de acertar, em vez de três.

A bancada do agronegócio e demais apoiadores do projeto deveriam ter aproveitado a oportunidade para corrigir os problemas. A destruição do meio ambiente alimenta o aquecimento global, prejudicial também para os negócios, principalmente a agropecuária. No lugar de um PL "mãe de todas as boiadas", o Brasil precisa de leis que o coloquem na vanguarda do desenvolvimento econômico aliado à conservação ambiental. A oposição entre crescimento econômico e meio ambiente é falsa e enganadora. O país precisa de ambos, e o Congresso deveria estar alinhado com esse compromisso.

Deputados desperdiçam oportunidade de aperfeiçoar o serviço público

Câmara aprovou reajuste para funcionalismo, mas ignorou contrapartida na gestão das carreiras

A Câmara dos Deputados perdeu mais uma chance de contribuir para melhorar a qualidade do serviço prestado à população pelo funcionalismo. Preferiu deixar de lado propostas que avançam na direção de uma necessária reforma administrativa para apenas aprovar aumento salarial aos servidores. É verdade que, no ano passado, foram prometidos reajustes a categorias que fizeram greve, mas a proposta original do governo ia além. Não se resumia a apenas aumentar o gasto com a folha de pagamento da União por meio de um reajuste salarial médio de 27% — ao custo de R$ 74 bilhões nos Orçamentos de 2025, 2026 e 2027.

Foram deixadas de lado novas regras para a progressão das carreiras no funcionalismo, vitais para modernizar o serviço público. O Sistema de Desenvolvimento na Carreira (Sidec) ficou para ser discutido por meio de um grupo de trabalho (GT), método conhecido de postergar decisões. Sem ele, fica adiada a criação de um mecanismo baseado em pontos, que poderiam depois ser usados na progressão das carreiras. Também estavam prontas para ser votadas regras para avaliar quem chegou ao topo.

Deveriam ter sido ainda aprovados outros aperfeiçoamentos importantes, como a ampliação da distância entre o salário inicial do servidor e sua remuneração final na carreira. Hoje não demora para que um recém-concursado alcance o topo — 13 anos em algumas categorias —, pois reajustes costumam ser dados em função do tempo de serviço, e não do mérito (distorção que uma reforma administrativa genuína deveria eliminar). Com isso, faltam incentivos para melhorar o desempenho, e cria-se uma situação em que aumenta a pressão por mais reajustes. O Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos propôs mudanças que, para 90% do funcionalismo, estenderiam a 20 anos o prazo para alcançar o topo da carreira.

Embora as lideranças do governo evitassem o termo "reforma administrativa" para não se indispor com o aparato sindical, todas as mudanças formavam um primeiro passo na direção necessária. E haviam sido negociadas com os próprios sindicatos de servidores como contrapartida aos reajustes. Mas as lideranças da Câmara decidiram procrastinar, deixando tudo a cargo do grupo de trabalho. "O intuito do GT não é retirar direito de nenhuma categoria, mas podemos ter mais eficiência e agilidade", disse o presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB). Ora, as mudanças sugeridas não ferem o direito de ninguém.

A frustração na Câmara precisa ser compensada pelo Senado, para onde seguiu o projeto. Cabe aos senadores restabelecer o espírito original da proposta. Temores político-eleitorais quanto à reação das corporações sindicais não podem impedir a modernização das regras do funcionalismo num país onde o gasto com servidores representa uma das maiores despesas no Orçamento.

Artigos

oglobo.globo.com/opiniao/
cartas@oglobo.com.br

VERA MAGALHÃES
blogs.oglobo.globo.com/vera-magalhaes
vera.magalhaes@oglobo.com.br

Michelle x Janja: especulação machista

Aliados de Lula e Jair Bolsonaro passaram a ventilar nos últimos dias os nomes das respectivas primeiras-damas, Janja e Michelle, como potenciais candidatas à Presidência no caso de inviabilidade, por diferentes razões, das candidaturas dos dois políticos. Trata-se daqueles jabutis da política: notícias que, assim como os quelônios, não têm capacidade de subir em árvores sozinhas e, se lá estão, é porque alguém colocou.

A especulação de que Michelle Bolsonaro poderia substituir o marido, que já está inelegível e pode vir a ser condenado no processo em que é réu por tentativa de golpe de Estado, é mais antiga e já viveu várias fases. No começo, Jair se irritava com a ideia, até proibia o PL de colocar a ex-primeira-dama em pesquisas internas para testar os potenciais sucessores ao seu lugar. Agora, o mesmo capitão passou a dar corda ao nome de Michelle, bem como ao dos filhos.

Tanto a recusa quanto o incentivo denotam o machismo enraizado do ex-presidente: primeiro, ao não admitir sombras à própria liderança; depois, quando o revés parece mais difícil de superar, deixando claro que só alguém completamente submisso a seus desígnios poderá contar com seu apoio.

A especulação sobre a possibilidade de Janja Lula da Silva vir a disputar a Presidência é mais recente e mais desprovida de propósito ainda. Isso porque Lula não só está apto a disputar novo mandato, mas porque, caso a ideia estapafúrdia avançasse, precisaria renunciar ao mandato seis meses antes, tisnando a conquista histórica e inédita de ter sido o primeiro presidente eleito três vezes pelo voto direto, e depois de enfrentar a adversidade de ter sido preso.

A especulação é um desserviço à discussão séria sobre o necessário aumento da presença feminina na política

O mais surpreendente é que sejam aliados do presidente a alimentar a imprensa com esse balão de ensaio e até a encomendar pesquisas (!) para testar a popularidade de Janja. Tais movimentos só jogam água no moinho da oposição, que faz bullying com Janja desde o primeiro dia e tem investido na tentativa de demonstrar a "bidenização" de Lula. Quem precisa de inimigos se os aliados mesmo se encarregam de fornecer munição farta para o bombardeio?

A especulação de um cenário Janja x Michelle é um desserviço tremendo à discussão séria sobre o necessário aumento da presença feminina na política, disputando espaços de poder como a Presidência da República. Há várias políticas, de diferentes regiões, de praticamente todos os partidos políticos, da esquerda à direita, com diferentes trajetórias de militância e experiência executiva ou parlamentar, que poderiam ser cogitadas, preparadas e apoiadas de maneira séria e respeitosa para pleitear esse e outros postos.

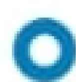
Que só se imagine que quem tem os sobrenomes Lula da Silva ou Bolsonaro possa se credenciar para tanto é dobrar a aposta no personalismo caudilhista que marca a política brasileira historicamente e que, na atual quadra, se cristalizou na polarização entre os dois "maridos" em questão. Que Bolsonaro, que nunca teve nenhum apreço pelas mulheres (pelo contrário), sempre pautou a vida política pelo próprio umbigo e colocou toda a família para criar nome e patrimônio à custa de mandatos invista nessa ideia é compreensível. No caso de Janja, cabe ao presidente Lula usar a autoridade que tem para instar seus aliados (fãs ou haters?) a parar de brincar com coisa séria num momento em que as crises reais já dão trabalho suficiente.

A sucessão do lulopetismo passa por investir naquelas e naqueles que podem indicar um caminho para a centro-esquerda que faça as pazes com o eleitorado e amplie esse espectro. Não por repetir o mandonismo patriarcal odioso da extrema direita com sinal trocado. Isso nada tem de progressista ou feminista, é só uma caricatura barata.

GRUPO GLOBO
Princípios editoriais do Grupo Globo: http://glo.be/pri_edit
CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
PRESIDENTE: João Roberto Marinho
VICE-PRESIDENTES: José Roberto Marinho e Roberto Irineu Marinho
O GLOBO
EDITORES
SUPLEMENTOS
SUCURSAIS
ATENDIMENTO AO ASSINANTE
www.portaldoassinante.com.br ou pelos telefones: 4002-5300 (capitais e grandes cidades) 0800-0218433 (demais localidades)
WhatsApp: 21 4002 5300
Telegram: 21 4002 5300
ASSINATURA MENSAL
VENDAS EM BANCA
FALE COM O GLOBO:
Geral (21) 2534-5000 Classifone (21) 2534-4333
Assinaturas 4002-5300 ou oglobo.com.br/assine
CARBON FREE

SEG Fernando Gabeira _ Demétrio Magnoli (quinzenal) _ Miguel de Almeida (quinzenal) _ Irapuã Santana (quinzenal) _ Pedro Zcal (quinzenal)
TER Merval Pereira _ Pedro Doria _ QUA _ Vera Magalhães _ Elio Gaspari _ Bernardo Mello Franco _ Roberto DaMatta (quinzenal) _ QUI _ Merval Pereira _ Malu Gaspar
SEX Vera Magalhães _ Flávia Oliveira _ Bernardo Mello Franco _ SÁB _ Carlos Alberto Sardenberg _ Eduardo Affonso _ Pablo Ortellado _ DOM _ Merval Pereira _ Dorrit Harazim _ Bernardo Mello Franco

FLÁVIA OLIVEIRA





blogs.oglobo.globo.com/opiniao
flu.cultura@gmail.com

Urgência absoluta

Uma semana atrás, o prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, anunciou um plano para conter a escalada de acidentes com motocicletas e assinou decreto instituindo um choque de ordem nas praias cariocas. A proibição de música, garrafas de vidro, faixas e bandeiras de identificação de barracas na areia causou mais burburinho que as medidas para, ao menos, mitigar as estatísticas dramáticas de infrações, mortos e feridos no trânsito. Zero espanto para uma cidade que, em 86 quilômetros de orla, soma 98 praias — e mantém com elas relação intensa de trabalho e lazer. Autor na Câmara Municipal do Estatuto da Orla, o vereador Flávio Valle (PSD) informou em audiência pública sobre o Projeto de Lei — e o Decreto — que as praias movimentam por ano R$ 4 bilhões e empregam diretamente 35 mil trabalhadores.

O secretário municipal de Ordem Pública, Brenno Carnevale, acenou com alívio no decreto linha-dura de Paes e abriu caminho à negociação. Hoje, tem reunião com barraqueiros; segunda, com donos de quiosques. É possível imaginar um ambiente praieiro em que ambulantes e instrutores tenham mecanismos digitais e simplificados para cadastrar ocupações; barracas tenham nome e bandeira para seguirem como pontos de encontro; quiosques abriguem atrações musicais com limites de decibéis e horário; comerciantes se responsabilizem pelos vasilhames de vidro servidos à clientela; vegetação não seja vitrine de produtos; moradores consigam ter paz em casa; e banhistas possam conversar na areia.



Entre tapas e beijos, o Rio até que consegue manter as praias como ambiente de convívio democrático, que combina beleza, diversão, saúde, moda, relacionamentos. A intransigência será bem-vinda no enfrentamento à barbárie no trânsito. Não há como dormir tranquilo sabendo que, apenas na capital fluminense no ano passado, 12.900 pessoas ficaram feridas e 723 morreram em acidentes nas vias públicas. Foram duas mortes por dia, maior número em 16 anos, segundo o Instituto de Segurança Pública (ISP-RJ).

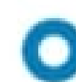
Em 2024, a Secretaria municipal de Saúde atendeu 20.618 pacientes machucados em acidentes com motocicleta, salto de 66% sobre o ano anterior. Nos quatro primeiros meses deste ano, foram 10.094 atendimentos. Nos hospitais municipais, sete em cada dez assistências por ocorrência em via pública envolveram motos. Dos mortos no trânsito carioca no ano passado, 76% eram do sexo masculino e 42% tinham entre 20 e 39 anos. São jovens adultos os que morrem, certamente ativos no mercado de trabalho; provavelmente, chefes de família.

O Rio tentará conter a espiral limitando a 60km/h a velocidade máxima para motos. Nas pistas centrais das avenidas Presidente Vargas (Centro), Brasil (Região Portuária à Zona Oeste) e Américas (Barra), o tráfego será proibido. Há promessa de implementar, até 2028, 200 quilômetros de corredores exclusivos para motocicletas. Até dezembro deste ano, 50km de ciclofaixas estarão disponíveis. Um acordo com iFood e 99, aplicativos de entrega e transporte, viabilizará intercâmbio de informações com a prefeitura para punir infratores e educar condutores, passageiros, clientes. É experiência que, se funcionar, poderá ser útil noutras cidades brasileiras, igualmente assoladas pela multiplicação de ocorrências.

Na edição 2025 do Atlas da Violência, Ipea e Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) incluíram pela primeira vez um capítulo sobre violência no trânsito. A taxa de mortalidade, alertam os pesquisadores, se aproxima do número de homicídios. Em 2023, ano de referência da publicação, houve 45.747 assassinatos no país; acidentes terrestres mataram 34.881 pessoas. "Um dos principais fatores relacionados com esse aumento na mortalidade de trânsito é que as mortes de usuários de motocicletas no Brasil cresceram mais de dez vezes nos últimos 30 anos. Esse fato é consequência direta do grande aumento da frota e uso desses veículos no Brasil", diz o Atlas. Só em decorrência de tragédias com motos, morreram 13.477 pessoas.

As motocicletas multiplicaram-se como meio de transporte particular e público em todo o país, consequência de sistemas coletivos (trens, metrô e ônibus) colapsados em metrópoles, inexistentes no interior. Em duas décadas, o total de motos em circulação no Brasil saiu de 6,8 milhões para quase 35 milhões. Durante a pandemia, serviços de entrega explodiram para nunca mais recuar. Tudo movido a intermediação por plataformas digitais tornadas alternativas de trabalho e renda, sobretudo para jovens, num mercado precarizado e mal remunerado. Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU preveem a redução à metade das mortes e lesões graves no trânsito. Se não tratar do assunto com a urgência necessária, o Rio de Janeiro e o Brasil estarão condenados a naufragar.

BERNARDO MELLO FRANCO





oglobo.com.br/bernardo
X bernardomf
bmf@oglobo.com.br

Golpe de morte

A ministra Marina Silva definiu como um "golpe de morte" o projeto que desmonta as regras de licenciamento ambiental no país. Apesar de múltiplos alertas, o texto passou com folga no Senado. Foi aprovado por 54 votos a 13.

A proposta enfraquece os órgãos de fiscalização e reduz a exigência de estudos técnicos para liberar empreendimentos. Na maioria dos casos, bastará entregar uma autodeclaração para receber a licença.

A ideia pode parecer razoável a empresários de boa-fé, mas abre a porteira a quem se lixa para o meio ambiente. É difícil imaginar que algum desmatador vá procurar o governo para avisar que pretende poluir rios ou derrubar florestas.

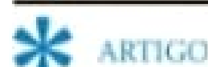
O sistema atual tem gargalos que muitas vezes atrasam a emissão de licenças para quem cumpre a lei. Em vez de modernizá-lo, o Senado preferiu impor a lógica do liberou geral.

A bancada ruralista aproveitou para atacar ambientalistas e servidores do Ibama, tachados de radicais e inimigos do progresso. "Temos um Brasil moderno e um Brasil atrasado por conta de questões ambientais", disse o senador Hiran Gonçalves. "Hoje a gente não tem mais medo de ONG", emendou Plínio Valério. "Não me venham com discursinhos, porque quem sabe o que é viver na Amazônia é quem mora lá", provocou Omar Aziz.

O desmonte da legislação ambiental deve custar caro ao país. A médio e longo prazo, tende a produzir mais eventos climáticos extremos, como a seca no Pantanal e a enchente no Rio Grande do Sul. Antes disso, pode criar embaraços à negociação do acordo comercial entre Mercosul e União Europeia.

O episódio ainda cria um fato negativo para o Brasil a menos de seis meses da COP30. O país que receberá o mundo para pregar o desenvolvimento sustentável é o mesmo que afrouxa suas leis para beneficiar madeireiros, mineradores e barões do agronegócio.

A votação desta quarta expôs a força do senador Davi Alcolumbre, que emparedou o Ibama para liberar a exploração de petróleo na Foz do Amazonas, e o isolamento de Marina Silva, que viu o Planalto cruzar os braços diante da passagem de mais uma boiada. Mas seria um erro reduzir a história a uma derrota pessoal da ministra. Quando o Congresso legisla contra a proteção ao meio ambiente, quem mais perde é a sociedade.



ARTIGO

O abraço caloroso de Lula em Putin

GABRIEL BRASIL



Em Moscou, Lula foi o único líder democrático a se juntar a Putin nas comemorações dos 80 anos da vitória sobre o nazismo. Putin é, afinal, figura com escassos amigos no mundo da democracia, e não sem razão. Sob seu comando, a Rússia invadiu ilegalmente a Ucrânia, bombardeou hospitais, deportou milhares de crianças — crime pelo qual ele foi condenado pelo Tribunal Penal Internacional — e oprimiu opositores como Alexei Navalny, morto em circunstâncias misteriosas no ano passado. Amparado por poderosa máquina de propaganda, Putin reescreveu a Constituição para se perpetuar no poder e se tornou símbolo global do autoritarismo.

Apesar disso tudo, Lula celebrou a hospitalidade do anfitrião com um caloroso abraço. A imagem, para além do constrangimento que impõe a brasileiros atentos ao papel de Putin na erosão da paz, da ordem internacional baseada em regras e dos direitos humanos, tornou-se metáfora gritante das contradições da política externa brasileira.

O episódio impõe uma reflexão inadiável sobre o pragmatismo que, alegadamente, orienta Lula e seu principal assessor, Celso Amorim. Segundo tal lógica, a proximidade a líderes controversos representa uma tentativa de manter a influência do Brasil, posicionando o país como mediador relevante e potencial beneficiário de rearranjos geopolíticos.

Contudo estratégias pragmáticas pressupõem que, apesar das controvérsias, resultados concretos sejam colhidos ao final. O que se vê, porém, são frutos mínimos, enquanto as controvérsias se multiplicam. A leniência dos apoiadores de Lula e Amorim evidencia a tendência de rotular automaticamente suas ações como "pragmáticas", mesmo quando trazem poucos benefícios. Diante dos fatos, o pragmatismo revela-se menos uma estratégia sofisticada e mais uma racionalização para gestos de outra natureza, provavelmente ideológica.

O caso da Venezuela é o melhor exemplo. Apesar da proximidade de Lula e Amorim a Nicolás Maduro ao longo dos anos, a estratégia se mostrou inútil durante sua escalada autoritária e produziu apenas constrangimento para o Brasil — além da indesejada legitimação do regime.

O segundo motivo é que, a julgar pelo entusiasmo com que Lula abraçou Putin, parece haver menos pragmatismo e mais afinidade ideológica do que muitos gostariam de admitir. Em situação anterior, Lula parece ter se esforçado para, em encontro com Volodymyr Zelensky, manter postura sóbria nas fotos cerimoniais, refletindo seu explícito desgosto pelo ucraniano. Com Putin, tal sobriedade deu lugar a um abraço que, de acordo com o vídeo, foi genuinamente afetuoso. A cena foi amplamente divulgada pelo russo, que capitalizou a chance de usar o apoio simbólico do Brasil — uma democracia de grande porte, afinal — em favor da sua complicada reputação.

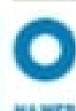
O país precisa de uma diplomacia que, sem abrir mão do diálogo plural, seja guiada por princípios claros e por uma avaliação realista de custos e benefícios

Uma das grandes agendas de Lula para seu mandato é a COP30. A conferência é provavelmente a última tentativa crível do multilateralismo de endereçar a crise climática de forma ordenada. A credibilidade do Brasil para liderar o evento tem sido ameaçada, em parte, pelas tentativas de Lula de fomentar a extração de petróleo na Amazônia — entre outras incongruências ambientais do governo. Além de criar distrações desnecessárias, a manutenção de relacionamentos moralmente infelizes e pragmaticamente ineficazes tende apenas a piorar a credencial do Brasil junto ao mundo democrático às vésperas da conferência.

O país precisa de uma diplomacia que, sem abrir mão do diálogo plural, seja guiada por princípios claros e por uma avaliação realista de custos e benefícios. O verdadeiro pragmatismo não se mede pela proximidade a toda e qualquer figura, mas pela capacidade de transformar relações em ganhos tangíveis para a sociedade. Até aqui, essa promessa está longe de cumprida.



Gabriel Brasil é mestre em economia política internacional pela Universidade de São Paulo e trabalha como analista de riscos geopolíticos


NA WEB

PEDIDO NEGADO
Justiça libera uso de 'Careca do INSS'
Empresário entrou com ação para que não fosse mais chamado pelo apelido


PARA ACESSAR APONTE O CELULAR PARA O QRCODE

SISTEMA ELEITORAL

De debate municipal ofuscado a fim da reeleição, especialistas discutem texto que avança no Senado

CAIO SARTORI E CAMILA TURTELLI
politica@oglobo.com.br
BRASÍLIA

Com apoio declarado de líderes de partidos que somam mais de um terço do Senado, a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) que extingue a reeleição para cargos do Executivo avançou na Casa, mas ainda não tem data para ser votada em plenário. Aprovado por aclamação na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) da Casa na quarta-feira, o texto fixa em cinco anos os mandatos, inclusive para deputados e senadores, e, naquele que é o ponto mais criticado por pesquisadores, a concomitância de todas as eleições. A medida faria o eleitor apertar nove vezes o "confirma" na urna, reduzindo, na avaliação de especialistas, o protagonismo do debate municipal e a atenção conferida ao voto para o Legislativo. Também esvaziaria o senso de prestação de contas da política com o eleitorado, dizem, dado que a população iria à cabine de votação em intervalos mais longos.

Presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP) é favorável à proposta e avalia colocá-la em pauta antes de julho. A medida de maior consenso no Congresso é o fim da reeleição para o Executivo. Deputados e senadores continuariam aptos a se reeleger.

A proposta de unificação das eleições, no entanto, enfrenta resistências, sobretudo entre parlamentares do PT. Na previsão da proposta relatada pelo senador Marcelo Castro (MDB-PI), todos os mandatos passariam a ser de cinco anos, o que representaria redução em três anos para senadores e aumento em um ano para todos os outros. De uma só vez, o eleitor teria que votar para presidente, governador, prefeito, três senadores, deputado federal, deputado estadual e vereador.

Para entrar em vigor, a PEC precisa do apoio de pelo menos três quintos dos parlamentares, em votações em dois turnos nas duas Casas. As novas regras teriam um período de transição até o alinhamento dos calendários, previsto para 2039.



A longo prazo. Cabos eleitorais agitam bandeiras: se aprovada, a PEC que dá fim à reeleição teria um período de transição que seria concluído em 2039

QUANDO A NOVA REGRA COMEÇA A VALER

2026
Nada muda: eleição com regras atuais

2028
Prefeitos e vereadores eleitos terão mandatos de seis anos e não poderão se reeleger

2030
Governadores e presidente eleitos também não terão direito à reeleição

2034
Primeira eleição unificada. Todos os mandatos passam a ser de cinco anos

2039
Conclusão da transição: Senado passa a ser renovado integralmente no mesmo ano que os demais cargos

ENTENDA AS MUDANÇAS PROPOSTAS

O fim da reeleição pode atingir Lula em 2026?
Não. A regra só começa a valer a partir de 2028 para prefeitos e de 2030 para governadores e presidentes.

Em 2034, quantos votos o eleitor dará?
Sete votos: vereador, prefeito, deputado estadual ou distrital, deputado federal, senador (um, referente à renovação de 2/3 do Senado), governador, presidente da República. Em 2039, com a transição concluída, o eleitor continuará votando em sete cargos, mas o Senado será renovado por completo, com três senadores por estado a cada cinco anos.

Como é a renovação do Senado hoje e como vai ficar?
Hoje o mandato de senador é de oito anos. A cada quatro anos, o eleitor escolhe um ou dois senadores, pois a Casa se renova parcialmente: 1/3 numa eleição, 2/3 na outra. Com a PEC, o mandato será de cinco anos, e todos os senadores de cada estado serão eleitos no mesmo ano.

Deputados e senadores ainda poderão se reeleger?
Sim. A proibição de reeleição vale apenas para cargos do Executivo.

A mudança aumenta ou reduz o número de eleições?
Reduz. Hoje há eleições a cada dois anos (gerais e municipais alternadas). Com a PEC, haverá uma única eleição a cada cinco anos, para todos os cargos.

Por que prefeitos eleitos em 2028 terão mandato de seis anos?
Para que, em 2034, todas as eleições coincidam no mesmo ano. Esse é um ajuste de transição previsto no texto da PEC.

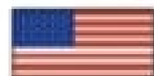
Vai haver economia?
Parlamentares afirmam que sim. A unificação deve reduzir o número de eleições e, com isso, cortar custos com estrutura, segurança, campanhas e financiamento público.

O eleitor pode confundir temas locais com nacionais com eleições unificadas?
Segundo o relator, senador Marcelo Castro (MDB-PI), esse risco é superestimado: "Com o devido respeito, tais argumentos pressupõem uma incapacidade de o eleitor avaliar e distinguir as situações. Certamente não é o caso do eleitor brasileiro".

A eleição da presidência da Câmara e do Senado vai mudar?
Sim. Segundo a PEC, a duração da legislatura passa a ser de cinco anos, e o mandato das Mesas Diretoras (como presidente da Câmara e do Senado) será dividido assim: três anos para a primeira metade da legislatura e dois anos para a segunda.

Quando essa nova regra das Mesas passa a valer?
Somente a partir da legislatura eleita em 2034. Até lá, continuam valendo as regras atuais, com legislaturas de quatro anos e mandato de dois anos para as Mesas.

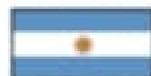
COMO FUNCIONA EM OUTROS PAÍSES



Estados Unidos
O presidente pode ser eleito duas vezes e estar à frente do país por oito anos, consecutivos ou não. Depois desse período, não poderá disputar uma terceira vez, nem no futuro



México
A reeleição para presidente e governadores está proibida desde 1917, mas uma reforma em 2014 permitiu que deputados, senadores e representantes de instâncias inferiores fossem reconduzidos.



Argentina
As regras eleitorais se assemelham à legislação brasileira vigente, que estabelece um limite de dois mandatos consecutivos, de quatro anos cada, para presidente



França
Há um limite de dois mandatos consecutivos, de cinco anos cada. No Parlamento, a Assembleia Nacional tem mandatos de cinco anos, e no Senado, a permanência foi reduzida de nove para seis anos em 2011.

EDITORIA DE ARTE

Eleições simultâneas

A concomitância de todas as eleições, avalia a cientista política Lara Mesquita, professora da FGV EESP, é a mudança mais danosa. Iria na contramão das principais democracias do mundo — que, assim como o Brasil, intercalam eleições locais ou regionais com a nacional — e teria consequências tanto para a tomada de decisão do eleitor como para a logística do dia da votação.

— Haveria uma sobreposição de temas nacionais e locais, e me parece que o debate local ficaria prejudicado. É um modelo que produziria incentivos para que o eleitor prestasse menos atenção nas questões locais, assim como no Legislativo — diz.

Nas eleições municipais, a despeito de alguns candidatos a prefeito buscarem se associar a figuras do cenário nacional, é comum que os temas do dia a dia da cidade se sobressaiam. Casada com a eleição de presidente e governador, a disputa poderia ficar contaminada.

Há também, aponta Mesquita, impacto na logística da eleição.

— O eleitor votaria nove vezes, o que criaria um desafio relacionado ao tempo dele na urna, às filas que causaria. Ou aceitaríamos que o processo seria mais demorado, cansativo, o que por si só pode ter um efeito na vontade do eleitor em ir votar, ou teríamos que botar mais dinheiro na operação toda — afirma. — E a distribuição da propaganda eleitoral, como fica? E a distribuição de dinheiro de campanha?

Na CCJ, o relator Marcelo Castro evocou o oposto para defender a PEC: a suposta redução dos recursos públicos empregados no financiamento de campanhas.

Crítico à ideia da concomitância, o PT ainda não formou posição, mas o líder do partido na Câmara, Lindbergh Farias (RJ), endossa a tese de que o debate municipal ficaria prejudicado:

— Unificar as eleições significa nacionalizar tudo. Vamos debater menos os problemas das cidades.

Os temas nacionais, classifica o cientista político Rafael Cortez, são "transversais" e, portanto, têm mais repercussão.

— Além disso, exige uma grande simetria de informação do eleitor para fazer um voto que não seja meramente uma formalidade. Demanda muito do eleitor — afirma o sócio da Tendências Consultoria e professor do IDP.

Fim da reeleição

Introduzida na Constituição em 1997, durante o governo FH, a reeleição permitiu que o próprio tucano fosse reconduzido no ano seguinte. Vinte e três anos depois, Fernando Henrique Cardoso afirmou que, embora a medida tenha trazido estabilidade em um primeiro momento, ele passou a considerá-la um erro.

Entre os senadores, a ideia de acabar com a reeleição parece consolidada. Segundo Carlos Portinho (PL-RJ), que ajudou a costurar o acordo para a aprovação do texto na CCJ, "a alternância de poder é fundamental para o fortalecimento da democracia".

O projeto, contudo, parece não se preocupar de fato com a alternância de poder e a renovação de quadros, avalia Lara Mesquita. Afinal, um mesmo político poderia voltar à Presidência depois: o texto não prevê um limite de mandatos, e sim o fim da recondução.

— A discussão sobre reeleição é sempre circunstancial, como foi a própria criação da medida. Não está pautada por um bom diagnóstico. Se estou ganhando eleições, defendo a reeleição; se estou perdendo, quero o fim.

Tanto ela quanto Rafael Cortez dizem que não há evidências empíricas de que reeleição produz governos piores. O sócio da Tendências frisa, inclusive, que a literatura sobre o assunto trabalha muito com a ideia de *accountability*, ou seja, a prestação de contas do político com o eleitor a cada processo eleitoral.

— Políticos são racionais, querem ganhar eleições e produzem políticas públicas para prestar contas ao eleitor. Eleições são o espaço para o eleitor punir ou aprovar o governante. A PEC expõe uma leitura diferente, a tese de que reeleição reforça o voluntarismo e o populismo — analisa. — E imagina que o presidente não teria incentivo para adotar medidas "eleitoreiras" só porque não disputa reeleição. Ignora que pertencem a partidos e querem beneficiá-los.

Se, no Senado, a proposta encontra apoio, na Câmara o ambiente é mais incerto. O presidente da Casa, Hugo Motta (Republicanos-PB), ainda não se manifestou. Líder do PL, o deputado Sóstenes Cavalcante (RJ) disse ser a favor do fim da reeleição, mas ainda não reuniu a bancada. O PT do presidente Lula, por sua vez, costuma defender a reeleição. Das últimas seis disputas presidenciais, o partido só perdeu a de 2018.

Mandatos de cinco anos

Para compensar o fim da reeleição, o texto aumenta os mandatos. Mas, no caso dos senadores, o que ocorre é uma redução em três anos. Isso também impactaria na forma de eleger os representantes daquela Casa, com os três senadores de cada estado escolhidos de uma vez.

O modelo, avalia Rafael Cortez, além de criar uma distância maior entre cada prestação de contas da classe política com o eleitorado, pode causar consequências mais duradouras para "ondas" eleitorais. Hoje, com a renovação do Senado alternada, em vez de ser feita toda de uma vez, a Casa fica menos suscetível a ser tomada por um mesmo movimento político de modo súbito. A leitura também vale para os cargos municipais.

— Atualmente há uma distribuição de paixões, evitando que leituras apaixonadas de curto prazo contaminem todo o cenário. O Senado, que é a Casa da qual se espera maior moderação, a Casa revisora, de ampliação de consensos, ficaria mais suscetível a ondas.

CPI do INSS deve ser criada em junho, mas instalada em agosto

Anunciada por Alcolumbre, sessão do Congresso em que será lido requerimento de criação acontece às vésperas do recesso

CAMILA TURTELLI
E GABRIEL SABÓIA
politica@oglobo.com.br

O presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP), confirmou ontem que uma sessão do Congresso será realizada no dia 17 de junho. Na ocasião, será lido o requerimento de criação da CPI do INSS, que pretende investigar descontos indevidos em aposentadorias. Também está prevista para a mesma data a votação de vetos do governo a projetos de lei aprovados na Câmara e no Senado.

Até o momento, o requerimento da CPI, já protocolado, conta com 41 assinaturas de senadores e 236 de deputados, grande parte de partidos com presença na Esplanada dos Ministérios. Como a data da sessão é próxima ao recesso parlamentar e ainda seriam necessárias algumas semanas para a designação dos membros do colegiado, o início dos trabalhos ficará apenas para o segundo semestre.

Esse adiamento agrada o governo federal, que articulava para adiar a instalação da comissão. O objetivo era ganhar tempo e reorganizar sua base aliada antes de as apurações começarem de fato. A tática remete ao início de 2023, quando o Palácio do Planalto buscou conter o impacto político da CPI dos atos golpistas de 8 de janeiro postergando sua abertura e costurando acordos que garantissem maior influência sobre os rumos do colegiado.

'INSINUAÇÕES'

Ontem, Alcolumbre reclamou de "insinuações" sobre as tratativas acerca da CPI do INSS. Segundo o presidente do Senado, não seria possível barrar sua criação a partir do momento em que os pré-requisitos exigidos foram cumpridos.

— Há o número mínimo de assinaturas adequadas, mas houve muitas insinuações sobre a instalação. Quero deixar claro que não há condições de um presidente do Congresso, se há amparo regimental, senão cumprir as regras do regimento. Mas ontem consultei as lideranças políticas e fui surpreendido que não havia acordo sobre os vetos que serão mantidos ou derrubados — afirmou Alcolumbre.

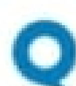
O presidente do Senado acrescentou, no entanto, que, apesar de marcada, a sessão do Congresso, que reúne deputados e senadores, só acontecerá quando houver acordo sobre a análise dos vetos do presidente Lula:

— Não vou fazer uma sessão do Congresso para tratar de um item único, a CPMI. Os líderes precisam se reunir o quanto antes, já que teremos uma sessão para deliberarmos tudo. Vetos, CPMI... Vou publicar os itens amanhã (sexta), e a sessão será no dia 17 de junho, antes das festividades de São João.

Desde o início do ano, não houve nenhuma sessão do Congresso. O compromisso ainda não está marcado oficialmente na agenda do Legislativo, o que deve ocorrer nos próximos dias.



Normas cumpridas. Alcolumbre, que era pressionado pelo governo, disse que não tinha como barrar CPI do INSS



"Quero deixar claro que não há condições de um presidente do Congresso, se há amparo regimental, senão cumprir as regras do regimento (...) Mas não vou fazer uma sessão do Congresso para tratar de um item único, a CPMI"

Davi Alcolumbre, presidente do Senado

Entre 2019 e 2024, segundo a Polícia Federal (PF), pelo menos 4,2 milhões de aposentados e pensionistas foram vítimas de cobranças ilegais feitas por entidades associativas conveniadas ao INSS. A investigação, batizada de Operação Sem Desconto, aponta que mais de R$ 6 bilhões foram subtraídos de forma irregular por meio de convênios firmados sem autorização expressa dos beneficiários.

A deflagração da operação, em abril, levou à exoneração do então presidente do INSS, Alessandro Stefanutto, e à prisão de operadores do esquema, entre eles o lobista conhecido como "Careca do INSS". O agora ex-ministro da Previdência, Carlos Lupi, também acabou deixando o cargo.

Além disso, foram bloqueados R$ 2,5 bilhões de 12 entidades sob suspeita, valor que poderá ser usado para ressarcir aposentados lesados. A Controladoria-Geral da União (CGU) e o Tribunal de Contas da União (TCU) também abriram apurações próprias.

Em paralelo, o Ministério da Previdência lançou um sistema para que beneficiários consultem e contestem descontos indevidos. A narrativa defendida pelo governo é a de que a maior parte dos convênios sob suspeita foi firmada entre 2019 e 2022, ainda durante a gestão de Jair Bolsonaro.

Relatórios internos da CGU confirmam que já havia alertas sobre irregularidades nos contratos antes da posse de Lula. Ainda assim, aliados do governo reconhecem que a permanência desses convênios ao longo do primeiro ano do novo mandato criou um passivo político difícil de contornar.

A base
da indústria
é feita
de aço.

ArcelorMittal

25 de maio, Dia da Indústria.
Onde tem indústria tem aço.
E o aço que entrega inovação,
tecnologia e sustentabilidade
é ArcelorMittal.

Aço não é tudo igual.
Aço que investe na indústria é ArcelorMittal.

Acesse
o QR Code
e saiba mais



Eufrázio

OAB condena ameaça dos EUA a Moraes: 'Inaceitável'

Declaração de auxiliar de Trump sobre 'grande possibilidade' de sanções contra o relator das ações do 8/1 causou indignação em ministros do STF, que esperam resposta diplomática; governo prometeu agir com firmeza para defender a soberania nacional

LUÍSA MARZULLO, RAFAELA GAMA, DANIEL GULLINO E BELA MEGALE
politica@oglobo.com.br
BRASÍLIA



Alvo. Relator das ações contra Bolsonaro, Moraes, ministro do STF, recebeu apoio dos colegas da Corte diante das ameaças de secretário americano

A Comissão de Direito Constitucional da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) Nacional divulgou ontem uma nota de repúdio à ameaça de retaliação feita por autoridades dos Estados Unidos contra o ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF). A manifestação ocorre após o chefe do Departamento de Estado de Donald Trump, Marco Rubio, afirmar que "há uma grande possibilidade" de aplicação de sanções contra o magistrado brasileiro. O decano da Corte, Gilmar Mendes, afirmou que não se pode admitir que "agentes estrangeiros cerceiem o exercício da jurisdição doméstica" na proteção de "garantias constitucionais".

A declaração de Rubio ocorreu durante um depoimento na Comissão de Relações Exteriores do Congresso americano, ao ser questionado pelo deputado republicano Cory Mills, que acusou o Judiciário brasileiro de promover uma "perseguição política" contra a oposição, citando uma suposta "prisão iminente" do ex-presidente Jair Bolsonaro. Perguntado sobre possíveis sanções contra Moraes, Rubio afirmou que o assunto "está sob análise" e que a medida "tem grande possibilidade de acontecer", como mostrou o blog da coluna de Malu Gaspar, do GLOBO. A ameaça contra o ministro acontece em meio a articulações internacionais capitaneadas pelo deputado Eduardo Bolsonaro (PL-SP), que está licenciado do mandato e atualmente vive nos EUA. Moraes é relator das ações contra Jair Bolsonaro e seus aliados nos inquéritos relacionados aos atos golpistas do 8 de Janeiro.

A OAB classificou qualquer tipo de pressão estrangeira sobre magistrados brasileiros como inaceitável e incompatível com o ordenamento jurídico internacional: "Trata-se de uma clara violação aos princípios da soberania nacional, da independência dos Poderes e da não intervenção — pilares fundamentais do Direito Internacional e da ordem constitucional brasileira", afirmou em nota o presidente da Comissão Direito Constitucional da entidade, Marcus Vinícius Furtado Coêlho.

AFRONTA AO PAÍS

O texto também ressalta que o Brasil é soberano em sua jurisdição e que não pode admitir ingerência de outros países em suas instituições democráticas.

Moraes não se mostrou abalado com as ameaças, como informou a colunista do GLOBO Bela Megale. Em conversas com colegas da Corte e integrantes do governo Lula, ele destacou que não reagirá diretamente à fala de Rubio e seguirá sua rotina de julgamentos. A declaração do secretário americano, segundo ministros, causou indignação em todo tribunal, mas o consenso é que a resposta deve ocorrer por vias diplomáticas, pelo governo Lula. Até porque, eles avaliam, a ameaça de punir Moraes pela atuação dele como ministro do STF é uma afronta ao Estado brasileiro e não só à Corte.

O Palácio do Planalto tem a mesma interpretação e já fez chegar ao Supremo que o Ministério das Relações Exteriores foi orientado a agir com firmeza nesse caso, destacando que um país estrangeiro não pode interferir na autonomia e nos poderes de outro. Os ataques a Moraes serão encarados pelo Brasil como uma afronta do governo Trump à soberania nacional.

Em sua conta no X, Gilmar Mendes não fez referência direta a Rubio ou a Moraes, mas disse que cabe a cada país decidir como "salvaguardar preceitos democráticos" e que a "experiência brasileira mostrou nos últimos anos que câmaras de eco e manifestações extremistas corroem os fundamentos republicanos". O ministro afirmou ainda que a "regulamentação das plataformas digitais e o estabelecimento de parâmetros para discursos odiosos constitui elemento basilar da soberania nacional para qualquer nação contemporânea". O governo americano já havia criticado decisões de Moraes suspendendo perfis em redes sociais.

Também via redes sociais, a ministra das Relações Institucionais, Gleisi Hoffmann, e o líder da bancada do PT na Câmara, Lindbergh Farias (RJ), saíram em defesa de Moraes. Gleisi afirmou que é "vergonhosa" a articulação de Eduardo Bolsonaro e criticou o que chamou de tentativa de "intervenção estrangeira no Judiciário brasileiro":

"A ameaça de sanções merece repúdio e evidencia o desespero do réu (o ex-presidente) diante do avanço dos julgamentos dos golpistas".

Já Lindbergh publicou nota oficial condenando a fala do secretário e rechaçando qualquer tentativa de ingerência externa em decisões judiciais brasileiras:

"Especialmente quando se trata de decisões judiciais que visam proteger o Estado Democrático de Direito".

Eduardo Bolsonaro tem atuado como elo informal entre a direita americana e aliados bolsonaristas no Brasil, com o objetivo de pressionar instituições brasileiras e desgastar a imagem do STF. A investida contra Moraes atende a uma estratégia da oposição bolsonarista de internacionalizar a narrativa de suposta "perseguição política", numa tentativa de mobilizar apoio externo.

CONTEXTO

Ministro pode ter cartões bloqueados e redes suspensas

FILIPE VIDON filipe.vidon@infoglobo.com.br

Se a sanção mencionada pelo secretário de Estado dos EUA, Marco Rubio, for de fato aplicada ao ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF), ele pode ter sua vida financeira e digital significativamente afetada. Trata-se da aplicação da Lei Magnitsky, que prevê o congelamento de bens sob jurisdição americana, perda de acesso a contas bancárias, propriedades e investimentos nos Estados Unidos, além de exclusão automática de qualquer operação que envolva o sistema financeiro do país. Na prática, isso pode significar o bloqueio de ativos em dólares mesmo fora do território americano e de cartões de crédito que são de bandeiras do país.

Além da perda patrimonial, as pessoas sob as sanções da lei passam a ser proibidas de entrar nos Estados Unidos, o que afeta diretamente diplomatas, empresários e líderes políticos. Empresas e cidadãos americanos também ficam legalmente impedidos de negociar com essas pessoas ou instituições, o que isola os alvos comercial e politicamente. Em muitos casos, bancos internacionais e parceiros comerciais optam por encerrar vínculos, temendo sanções secundárias ou danos à reputação.



Marco Rubio. Auxiliar de Trump diz que EUA consideram punir Moraes

No ambiente digital, os efeitos são igualmente severos. Empresas de tecnologia com sede nos Estados Unidos, como o Google, podem ser obrigadas a suspender ou encerrar contas pessoais e institucionais dos punidos. Isso inclui o bloqueio de acesso a serviços como Gmail, Google Drive, YouTube e Google Pay, mesmo que utilizados no Brasil ou em outros países.

Além disso, o Google, assim como todas as empresas baseadas nos EUA, é legalmente obrigado a monitorar e relatar qualquer movimentação financeira, digital ou contratual que envolva um indivíduo atingido, sob pena de sanções próprias.

Aprovada em 2012 durante o governo de Barack Obama, a Lei Magnitsky foi uma resposta direta à morte do advogado russo Sergei Magnitsky, que havia denunciado um esquema de corrupção envolvendo autoridades e que faleceu sob custódia em Moscou.

ESCOPO DA LEI

Concebida inicialmente para responsabilizar os envolvidos no caso, a legislação passou por uma ampliação significativa em 2016. Com a aprovação de uma emenda, seu escopo foi estendido para permitir sanções contra qualquer indivíduo acusado de corrupção ou de violações graves dos direitos humanos, independentemente de sua nacionalidade.

No caso de Moraes, parlamentares republicanos alegam que há uma "censura generalizada e perseguição política" no Brasil, com efeitos que, segundo afirmam, também atingem cidadãos em território americano. Eles se referem às decisões do ministro de suspender das redes sociais perfis que disseminaram mentiras sobre o processo eleitoral do Brasil, incentivaram ataques às instituições e incitaram atos golpistas.

A ofensiva contra Moraes ganhou força em Washington. No fim de fevereiro, o Comitê Judiciário da Câmara dos Representantes, equivalente à Câmara dos Deputados brasileira, aprovou um projeto de lei que autoriza o bloqueio de entrada do ministro nos EUA e até sua eventual deportação. O texto ainda precisa ser votado pelo plenário, hoje controlado pelo Partido Republicano.

SECRETARIA DE ESTADO DE JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA
AVISO DE LICITAÇÃO

Modalidade: Pregão Eletrônico para registro de preços n.º 387/2025. Objeto: Registro de preços para eventual Compra de RAÇÃO, MEDICAMENTOS PARA CÃES e MATERIAIS DE ADESTRAMENTO, sob demanda futura e eventual, conforme condições e exigências estabelecidas no Anexo I - Termo de Referência. O Edital poderá ser obtido no referido site. O cadastramento de proposta inicia-se no momento em que for publicado o edital no Portal de Compras e encerra-se automaticamente, na data e hora marcadas para realização da sessão do pregão. O manual de instrução para cadastramento e participação na sessão de lances encontra-se no link: https://compras.mg.gov.br/wp-content/uploads/Manual-Registro-de-Precos-fornecedor_v2-210624.pdf. Abertura da sessão: dia 05 de junho de 2025, às 10h, no sítio eletrônico www.compras.mg.gov.br. Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública, Rodovia Papa João Paulo II, nº 4143 - Edifício Minas, 5º andar, Serra Verde, Cidade Administrativa, Belo Horizonte, 21 de maio de 2025. Camila Aparecida Drumond. Superintendente de Infraestrutura e Logística.

MINAS GERAIS

Deputados relatam apreensão com apurações

Líderes citaram a Gilmar ações contra parlamentares no STF; Motta busca distensionar relação

VICTORIA ABEL
victoria.abel@infoglobo.com.br
BRASÍLIA

Líderes de partidos na Câmara se reuniram na terça-feira com o ministro do Supremo do Tribunal Federal (STF) Gilmar Mendes em um jantar na casa do ex-presidente da Casa Rodrigo Maia, em Brasília. Diante dos recentes atritos entre os Poderes, os parlamentares demonstraram preocupação com os mais de 80 inquéritos envolvendo congressistas em curso na Corte. A maior parte deles trata de uso indevido ou irregularidades na distribuição de verbas de emendas.

No encontro, os deputados lembraram das prerrogativas parlamentares da Constituição, entre elas a possibilidade de uma ação ser suspensa durante o mandato. A Câmara tentou usar a estratégia no caso de Alexandre Ramagem (PL-RJ), acusado de participação na tentativa de golpe de 8 de janeiro, como um primeiro passo para demonstrar o "poder" das imunidades.

Gilmar não concordou nem discordou dos argumentos, mas pontuou que a Câmara errou ao tentar suspender o caso Ramagem e insistiu no erro ao recorrer após a negativa do STF. O ministro defendeu a Corte e o direito de a instituição investigar irregularidades envolvendo parlamentares e autoridades.

O jantar foi informal, mas Gilmar fez uma fala inicial apontando para a necessidade de o Congresso focar em pautas que tratem problemas reais do país, com agendas de economia, educação e segurança. A fala foi considerada uma indireta às discussões sobre anistia aos acusados e condenados pelo 8 de Janeiro.

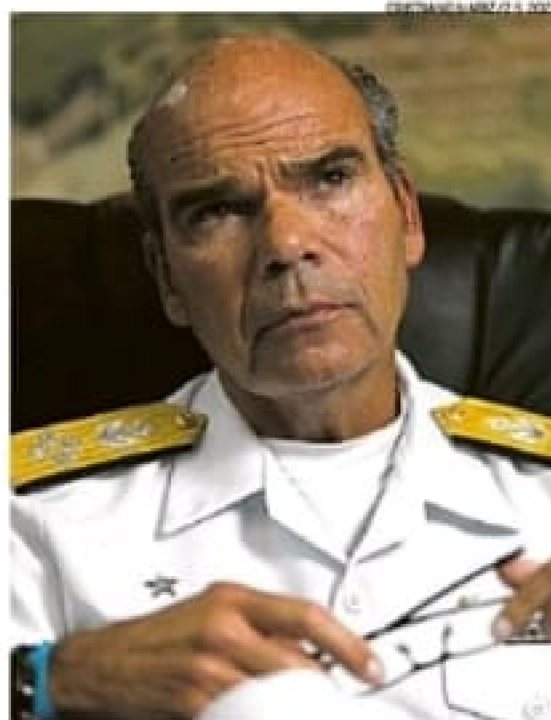
O presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), não participou do encontro, mas se reuniu, logo após o jantar, com Gilmar e demais ministros da Corte — Alexandre de Moraes, Cristiano Zanin e Flávio Dino —, na residência oficial da Câmara. De acordo com a colunista Bela Megale, o encontro teve como foco distensionar a relação entre o Legislativo e o Judiciário.

Na semana passada, o clima esquentou quando Motta apresentou recurso ao STF pedindo que o caso Ramagem fosse analisado pelo plenário e não pela 1ª Turma, mas ministros avaliaram que não deveriam escalar a crise devido ao perfil moderado de Motta.

ATAQUE À DEMOCRACIA

Comandante da Marinha pede para não falar como testemunha, e STF nega

Olsen foi indicado pela defesa de seu antecessor, Almir Garnier, que é réu na ação penal da suposta trama golpista


Atual. Marcos Sampaio Olsen é o comandante da Marinha


Antecessor. Almir Garnier Santos é réu na trama golpista

MARIANA MUNIZ E DANIEL GULLINO
politica@oglobo.com.br
BRASÍLIA

O ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF), determinou ontem que seja mantido o depoimento do comandante da Marinha, Marcos Sampaio Olsen, marcado para hoje. O militar foi indicado como testemunha de defesa pelo seu antecessor no cargo, Almir Garnier Santos, no âmbito da ação penal que investiga uma suposta tentativa de golpe de Estado na reta final do governo Bolsonaro.

Na noite de anteontem, a Advocacia-Geral da União (AGU), que representa Olsen, havia solicitado a Moraes, relator do caso na Corte, o indeferimento da oitiva. O comandante argumentou que "desconhece os fatos objeto de apreciação na presente ação penal".

Em manifestação enviada ao STF na manhã de ontem, a defesa de Garnier reiterou o pedido para que Olsen fosse ouvido, sob a justificativa de que era necessário para esclarecer se houve "qualquer conversa ou tratativa interna relacionada à movimentação ou preparação de tropas". Réu na ação penal, assim como o próprio Bolsonaro, o ex-comandante da Marinha foi acusado pela Procuradoria-Geral da República (PGR) de ter concordado com um plano apresentado pelo então presidente para reverter o resultado das eleições.

Na decisão proferida na noite de ontem, Moraes afirma que os advogados de Garnier justificaram "a pertinência da oitiva da testemunha, almirante Marcos Sampaio Olsen, tendo fundamentado que o atual comandante da Marinha poderá esclarecer pontos essenciais à defesa do réu". O ministro pontuou ainda que, conforme o destacado pelos advogados, Olsen ocupava, naquele período, o cargo de comandante de Operações Navais (CON) da Marinha, o que reforçaria a importância do depoimento.

Em oitiva do mesmo processo realizada anteontem, o ex-comandante da Aeronáutica Carlos de Almeida Baptista Júnior confirmou ao STF o relato que implica Garnier. Segundo o militar, o então chefe da Marinha adotava uma postura distinta da dele e da do ex-comandante do Exército Marco Antônio Freire Gomes, tendo, inclusive, colocado suas tropas à disposição de Bolsonaro.

GENERAL CITA 'NERVOSISMO'

Em outro depoimento no âmbito da ação penal que trata da investida golpista, o general Júlio Cesar Arruda, que comandou o Exército por menos de um mês entre dezembro de 2022 e janeiro de 2023, negou ontem ter impedido a prisão imediata de pessoas acampadas em frente ao Quartel-General da Força em Brasília após os ataques de 8 de janeiro. O local reunia a maior parte do grupo que invadiu e depredou as sedes dos três Poderes.

Arruda disse ao STF que sua função era "acalmar" a situação e que, por isso, defendeu realizar a medida de "maneira coordenada".

— Ali estava um clima de nervosismo, o senhor sabe bem disso. A minha função era acalmar. Então, eu falei: "Isso aí tem que ser feito de maneira coordenada. Vamos fazer isso aí de forma coordenada". E foi feito de maneira coordenada.

Na ocasião, o Exército posicionou tanques blindados para impedir a entrada da Polícia Militar. Na noite de 8 de janeiro, Moraes determinou a prisão de todos que estavam no acampamento em frente ao QG. A ordem, porém, só foi cumprida na manhã do dia 9. Para Arruda, se a ação ocorresse de imediato, "poderia haver alguma morte".

Ontem, Moraes negou pedido de liberdade do ex-ministro da Defesa Walter Braga Netto, também réu pela trama golpista. Ele está preso desde dezembro. A defesa informou que vai recorrer.

Oposição apresenta novo texto por anistia

> A oposição apresentou ontem ao presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), uma nova versão do projeto que prevê uma anistia aos envolvidos nos ataques de 8 de janeiro. Embora oficialmente o líder do PL, Sóstenes Cavalcante (RJ), negue que o objetivo seja beneficiar o ex-presidente Jair Bolsonaro, integrantes do próprio partido admitem reservadamente que há brechas para tal.

> Na última terça-feira, Motta avisou aos líderes que não poderia aceitar um rascunho anterior da anistia por entender que o texto poderia ser considerado inconstitucional pelo STF. A versão divulgada ontem é a terceira sobre o tema. Sóstenes diz que esse seria o mais técnico.

> A proposta rejeitada por Motta havia sido construída pela oposição em abril, depois que o presidente da Casa negou a votação de um requerimento de urgência do projeto original. O primeiro texto era mais amplo, perdoando todos que teriam participado ou colaborado com a organização de protestos desde outubro de 2022.

> O texto proposto ontem anistia os crimes de golpe de Estado e Abolição do Estado Democrático, mas não exclui a responsabilização por "danos efetivos causados ao patrimônio público". *(Victoria Abel)*

Patrocinador Master
EISENBAHN

FALTAM 4 DIAS
5 PALCOS
THE TOWER EXPERIENCE
E MUITO MAIS

VENDAS
THE TOWN
SÃO PAULO
27.MAI • 12H
VIVA A EMOÇÃO DE GARANTIR SEU LUGAR

EXCLUSIVAMENTE EM THETOWN.TICKETMASTER.COM.BR
06.07.12.13.14 • SET — INTEIRA: R$ 975,00 - MEIA: R$ 487,50

*PAGAMENTO EM ATÉ 8X SEM JUROS COM OS CARTÕES DE CRÉDITO ITAÚ, ITAUCARD, CREDICARD, HIPERCARD E ITI. NOS DEMAIS CARTÕES ACEITOS EM ATÉ 6X SEM JUROS.

O pagamento poderá ser realizado por cartão de crédito ou PIX. Clientes que efetuarem o pagamento com os cartões de crédito Itaú, Itaucard, Credicard, Hipercard e iti poderão parcelar sua compra em até 8x sem juros*. Nos demais cartões aceitos, o pagamento poderá ser feito em até 6x sem juros*. Exceção para cartões internacionais que não possuem parcelamento. O parcelamento em 8x (oito vezes) sem juros é válido para até o fim da cota disponibilizada para a venda pela organização do evento por meio da plataforma de vendas oficial e apenas para pagamentos com cartões de crédito Itaú, Itaucard, Credicard, Hipercard e iti. As condições são válidas para a aquisição de até 4 (quatro) ingressos por CPF, por dia do festival, sendo permitido até 1 (uma) meia-entrada dentro do total de 4 (quatro) ingressos de gramado. A classificação etária do evento é de 16 (dezesseis) anos. A entrada de menores de 16 (dezesseis) anos será permitida desde que estejam acompanhados dos pais ou representantes legais.

16

Patrocinadores: itaú vivo Seara Coca-Cola Porto RIACHUELO ifood VW
Mídia Partners: tv globo MULTISHOW globoplay eletromidia MIX O GLOBO 100
Apoio Institucional: CIDADE DE SÃO PAULO

Dilma Rousseff é reconhecida como anistiada política

Comissão da pasta de Direitos Humanos aponta que ex-presidente sofreu violações na ditadura e aprova indenização de R$ 100 mil

KAROLINI BANDEIRA
karolini.magalhaes@bsb.oglobo.com.br
BRASÍLIA

A Comissão de Anistia do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania reconheceu por unanimidade a ex-presidente Dilma Rousseff (PT) como anistiada política, em razão das violações que sofreu durante a ditadura militar. O colegiado também aprovou seu pedido de indenização única no valor de R$ 100 mil, o máximo permitido.

Dilma solicitou a compensação por ter sido perseguida pelo regime militar que governou o país entre 1964 e 1985. No requerimento, relatou as diversas sessões de tortura a que foi submetida após ser presa, aos 22 anos, em 1970.

De acordo com sua defesa, a ex-presidente foi obrigada a abandonar o curso de Economia na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em 1969, e, mais tarde, forçada a pedir demissão da Fundação de Economia e Estatística (FEE), órgão vinculado ao governo do Rio Grande do Sul, em 1977.

— Não se trata de um ato de clemência do Estado (...) A anistia de 1988 é um instrumento de reconstrução democrática e reconhecimento do sofrimento político como violência de Estado. Jamais poderá ser confundida com impunidade a conspirações autoritárias contra o regime democrático — afirmou o relator, conselheiro Rodrigo Lentz.

O pedido de anistia foi protocolado em 2002. A tramitação chegou a avançar, mas precisou ser suspensa enquanto Dilma ocupava cargos públicos. Após ser afastada da Presidência da República por impeachment em 2016, ela solicitou a retomada do processo. Em 2022, durante o governo do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), o requerimento foi negado, mas voltou a ser analisado em 2025.

— Este pedido de reconsideração objetiva corrigir a ilegalidade do ato administrativo anterior, a fim de garantir seu direito à concessão de anistia política federal e reparação em prestação mensal equivalente ao salário que receberia em atividade na fundação de economia estatística — disse Lentz.

Antes disso, em fevereiro de 2023, a Justiça Federal reconheceu Dilma como anistiada política e determinou o pagamento de uma indenização de R$ 400 mil por danos morais, mas negou o benefício mensal pedido no valor de R$ 10,7 mil.

A Comissão de Anistia, responsável pela política pública de reparação, é o órgão oficial do Estado brasileiro encarregado desses processos. Além da nova decisão, Dilma também recebe indenizações por anistia concedidas nos estados do Rio Grande do Sul, Rio e São Paulo, que somam R$ 72 mil. No entanto, ela destina esses valores a institutos sociais.

A ex-chefe do Palácio do Planalto preside hoje o Novo Banco de Desenvolvimento (NBD) e mora na China. Por isso, não esteve presente na sessão que a reconheceu como anistiada política.

RELATOS DE TORTURA

Integrante da Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR-Palmares), Dilma foi presa em 1970 e submetida a torturas em interrogatórios em São Paulo, Rio e Minas Gerais. A ex-presidente, que diz nunca ter participado de ações armadas, foi condenada a seis anos de prisão, mas conseguiu a redução da pena no Superior Tribunal Militar (STM). Dilma deixou a prisão em 1972.

Num relato feito em 2001 ao Conselho dos Direitos Humanos de Minas (Conedh-MG), a ex-presidente relembrou os castigos sofridos na época:

"Minha arcada girou para o lado, me causando problemas até hoje, problemas no osso do suporte do dente. Me deram um soco e o dente se deslocou e apodreceu", relatou.

Em 2008, durante sessão sobre as obras do PAC na Comissão de Infraestrutura do Senado, o então senador José Agripino Maia (DEM) questionou Dilma, à época ministra da Casa Civil do governo Lula, sobre uma declaração feita em uma entrevista na qual ela afirmou ter mentido em interrogatórios durante a ditadura militar.

— Não se dialoga, não é possível supor que se dialogue com o pau de arara, com o choque elétrico e a morte — respondeu Dilma. — O que acontece ao longo dos anos 1970 não é uma ditadura policialesca simplesmente. É a impossibilidade de se dizer a verdade em qualquer circunstâncias. Porque o direito à livre expressão estava enterrado.

Agripino insinuou que Dilma poderia faltar com a verdade na comissão.

— Eu tinha 19 anos, fiquei três anos na cadeia e eu fui barbaramente torturada. E qualquer pessoa que ousa dizer a verdade para interrogadores compromete a vida de seus iguais e entrega pessoas para serem mortas. Eu me orgulho muito de ter mentido. Agora, na democracia se fala a verdade — afirmou a ex-presidente, que acrescentou: — O que mata na ditadura é que não há espaço para a verdade, porque não há espaço para a vida. Porque algumas verdades, até as mais banais, podem conduzir à morte. É só errarem a mão no seu interrogatório.


ALEXANDER ZEMLIANICHENKO/AFP/21-2-2025

Luta contra a ditadura. Integrante da VAR-Palmares, a ex-presidente Dilma foi presa e torturada nos anos 1970

MPF recomenda retorno do prédio do Dops à União

Sob responsabilidade do Estado do Rio, imóvel está fechado e sem conservação; projeto prevê centro de memória sobre direitos humanos

O Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos e a Secretaria do Patrimônio da União precisam adotar, no prazo de 60 dias, medidas para que o prédio do antigo Departamento de Ordem Política e Social (Dops), no Centro do Rio, retorne à União. A recomendação foi feita pelo Ministério Público Federal (MPF), que cobra a criação de um centro de memória em defesa dos direitos humanos e dos grupos sociais vítimas da violência de Estado cometida no local durante a ditadura militar.

O imóvel, que originalmente era da União, foi doado ao extinto estado da Guanabara na década de 1960, sob a condição de uso para fins policiais e com a obrigação de preservação. No entanto, sua destinação não foi cumprida e o prédio, sob a responsabilidade do Estado do Rio, está abandonado há mais de 15 anos, em estado de conservação precário. Segundo a recomendação do MPF, parecer técnico do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC) concluiu que as condições da cessão foram descumpridas, o que justifica a reversão do imóvel ao patrimônio federal.

A recomendação é resultado de um inquérito civil público instaurado em março de 2024, a partir de representação do coletivo RJ Memória Verdade Justiça e Reparação. Em junho passado, o MPF coordenou uma visita técnica ao imóvel e constatou a deterioração do imóvel. No entanto, foram identificados elementos de memória ainda preservados, como antigas carceragens e documentação original, como fichas funcionais de agentes do Dops, o que poderia ajudar a identificar torturadores.

— A transformação desse espaço em um centro de memória é uma medida de justiça e reparação histórica. Locais como o antigo Dops não podem ser esquecidos ou apagados. Eles precisam ser ressignificados como espaços de resistência, lembrança e aprendizado para as futuras gerações — afirma o procurador regional dos Direitos do Cidadão adjunto, Júlio Araújo.

A recomendação do MPF também pede que o Estado do Rio e a Polícia Civil "não imponham obstáculos à atuação da União no imóvel e garantam o acesso imediato e permanente para as ações necessárias de preservação." Durante a tramitação do inquérito, a Secretaria de Estado de Polícia Civil (Sepol) admitiu não ter condições de adotar medidas de preservação e demonstrou disposição para o diálogo. Já o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania expressou interesse em firmar acordo com o governo estadual para viabilizar a transformação do prédio em centro de memória, com apoio e financiamento.

A Polícia Civil informou que trabalha pela preservação do imóvel e da documentação e que desenvolve um projeto de transformação do local em um Centro Cultural.

Uma das frentes do inquérito tem sido garantir o recolhimento e o tratamento da documentação histórica do Dops, que registra perseguição política, tortura e violações de direitos durante o regime militar. O processo de transferência do acervo ao Arquivo Público do Estado do Rio (Aperj) ainda está em andamento.

Localizado na esquina das ruas da Relação e dos Inválidos, o antigo Dops tem, segundo pesquisadores, valores simbólico, histórico e político. Sede da Polícia Central no início do século XX, foi no local que criaram normas de criminalização da população negra no pós-abolição por vadiagem, prática de capoeira e outros crimes. O prédio também abrigou objetos sagrados apreendidos em ações de perseguição a religiões de matriz africana, cuja liberação foi feita em 2020 após a campanha Liberte Nosso Sagrado e recomendação do MPF — as peças estão no Museu da República. No local, ainda funcionou a Polícia Política na Era Vargas.

O imóvel foi tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (Inepac) em 1987. Outro processo de tombamento tramita no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).


TÂNIA RÊGO/AGÊNCIA BRASIL/11-3-2024

Patrimônio abandonado. Antigo prédio do Dops: um dos símbolos da ditadura

AQUI, SEU ANÚNCIO ENCONTRA O PÚBLICO CERTO. ANUNCIE!

ACESSE EDITORAGLOBONEGOCIOS.COM.BR E SAIBA MAIS.



EDITORA GLOBO



DIRETO DE BELÉM

UM SÓ PLANETA

A coluna **Direto de Belém** traz os principais conteúdos para você ficar bem informado sobre como a cidade e a região Norte estão se preparando para sediar a principal conferência internacional sobre o clima, a **COP 30.**

Conheça as iniciativas da população para o desenvolvimento sustentável, as falas dos principais agentes da sociedade sobre a COP, as ações ambientais das esferas públicas para estimular a região e muito mais.

Acesse o Um Só Planeta e não perca nenhum conteúdo.


















Partidos buscam puxadores de voto para 2026 em São Paulo

PL e PSOL não devem contar com os campeões nas urnas em 2022; PT aposta em históricos e PSD mira em famoso


Pavanato. Vereador do PL foi o mais votado em SP


MC Gui. Celebridade, o funkeiro é aposta do PSD


Marta. Ex-prefeita é cotada para puxar votos para o PT

MATHEUS DE SOUZA E SAMUEL LIMA
politica@oglobo.com.br
SÃO PAULO

Está aberta a temporada de caça aos puxadores de voto para a Câmara dos Deputados em São Paulo, diante da provável saída de campo dos campeões nas urnas em 2022. À direita, o PL deve ficar sem seus quatro mais votados. À esquerda, o deputado federal Guilherme Boulos pode se tornar ministro do governo Lula e não concorrer. O PT se volta uma vez mais ao sobrenome Suplicy e no PSD celebridades são aventadas, como o funkeiro MC Gui.

O caso mais crítico é o do PL do ex-presidente Jair Bolsonaro. Inelegível, Carla Zambelli (946.244 votos à Câmara) foi condenada a dez anos de prisão pela invasão aos sistemas do Conselho Nacional de Justiça (CNJ). Ricardo Salles (640.918) foi para o Partido Novo. Eduardo Bolsonaro (741.701) segue nos EUA, com a candidatura ao Senado indefinida. Guilherme Derrite (239.772) migrou para o PP e mira o Senado. Com seus votos, o partido conseguiu 17 das 70 cadeiras da bancada, a maior fatia.

O comando do PL avalia que o vácuo pode ser ocupado pelos deputados estaduais Major Mecca (224.462 votos para a Alesp) e Gil Diniz, o Carteiro Reaça (196.215). Também são cotados os vereadores paulistanos Lucas Pavanato, o mais votado (161.386), e Zoe Martinez (60.272). Sem Eduardo, o PL avalia lançar o irmão do ex-presidente Bolsonaro, Renato. No ano passado, porém, ele perdeu a eleição para prefeito de Registro, no interior.

Preocupado, o presidente do PL e pré-candidato à Câmara, Valdemar Costa Neto, levantou a hipótese de mudar o domicílio eleitoral de Nikolas Ferreira, o mais votado do país (1.492.047), de Minas Gerais para São Paulo. Mas o proposta não agradou.

No PSOL, que, puxado pela votação de Boulos (1.001.472) ficou com cinco cadeiras em 2022, a possibilidade de o deputado assumir a Secretaria-Geral da Presidência e abrir mão da reeleição aumentou a tensão no partido. A sigla não deve contar com Luiza Erundina, que, aos 91 anos, não deverá tentar a reeleição.

— É, sem dúvida, um ponto de crise no PSOL. Por mais que Boulos dificilmente alcançasse o mesmo desempenho em 2026, sem dúvida ele é um puxador. Há grupos muito próximos, aliados, que se opõem a ida dele ao ministério não só, mas também por isso — afirmou a deputada federal Sâmia Bomfim (226.187), que não faz parte da ala de Boulos.

Sem Boulos, a aposta será a deputada federal Erika Hilton (256.903), principal voz na Câmara pelo fim da escala 6x1. Erika tem o nome avaliado como possível candidata da esquerda ao governo do estado.

No PT, aposta-se no retorno às urnas da ex-prefeita Marta Suplicy como puxadora de votos. Também está cotado seu ex-marido Eduardo Suplicy, o deputado estadual mais votado há três anos (807.015 votos). Ainda é cogitada a candidatura de Luna Zarattini (100.921), vereadora paulistana mais votada.

ELEITORADO JOVEM

O presidente do PSD, Gilberto Kassab, dá sinais que vai alavancar nomes fora da política tradicional. Para fisgar um eleitorado mais jovem, Kassab anunciou recentemente a filiação do funkeiro MC Gui. A ideia é justamente a de que ele concorra à Câmara.

— O MC Gui tem iniciativas sociais e quer ter uma atuação política. E a iniciativa dele, de buscar uma filiação, esse início de militância político-partidária, pode inclusive servir de exemplo para outros que queiram seguir esse caminho — afirmou Kassab.

No PSB, a aposta é na deputada Tabata Amaral, que ficou em quarto lugar na eleição pela prefeitura de São Paulo.

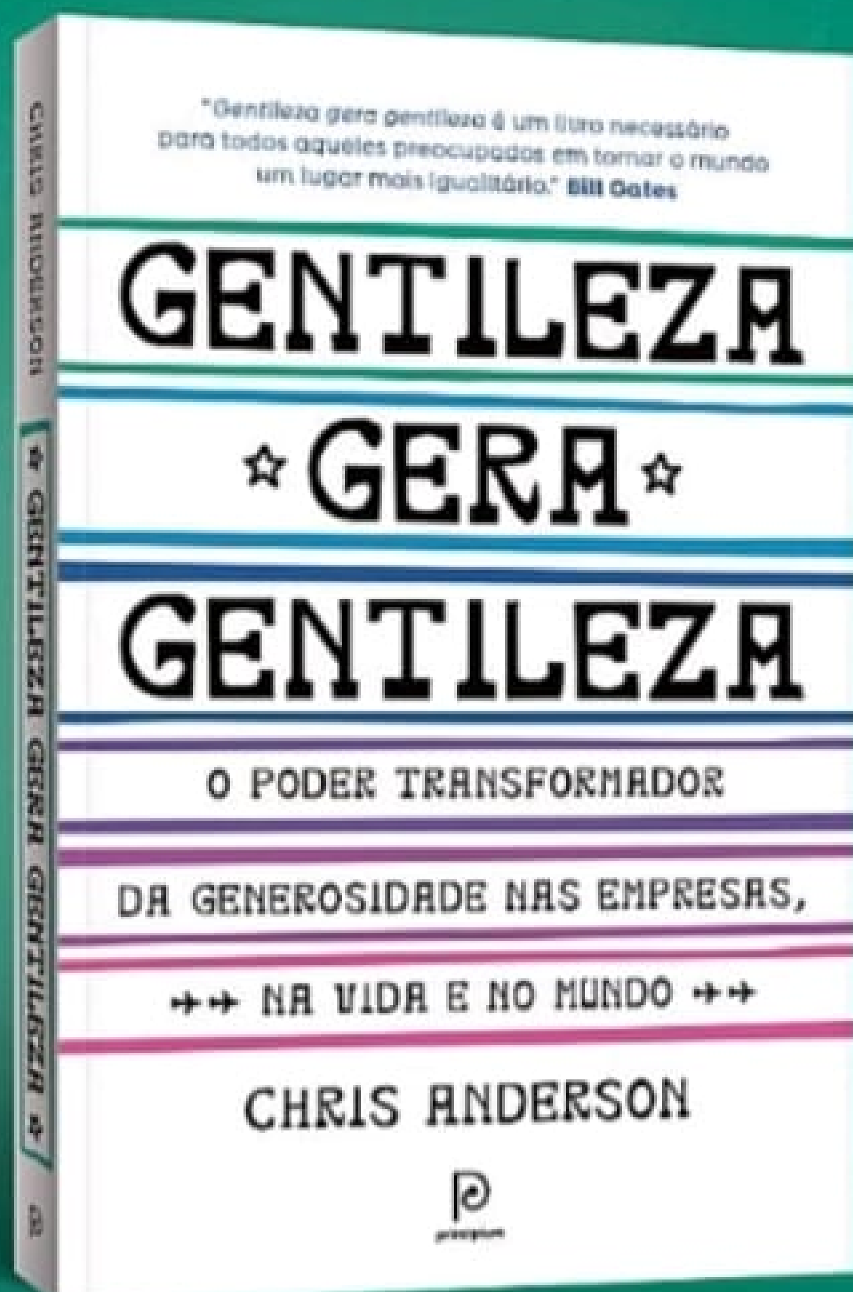
De olho no Senado, Derrite oficializa filiação ao PP

> O secretário de Segurança Pública de São Paulo, Guilherme Derrite, oficializou ontem a troca de partido, do PL do ex-presidente Jair Bolsonaro para o PP. O evento, realizado na capital paulista, teve a presença do governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) e de dirigentes e membros das bancadas federais e estaduais de PL, PP, União Brasil e Podemos.

> Derrite foi apresentado como pré-candidato ao Senado em 2026. O outro concorrente da direita na disputa deve ser o deputado federal Eduardo Bolsonaro (PL).

> — E ele deve ser candidato pelo PP ao Senado. Então, tínhamos que liberá-lo, porque ele precisa participar do partido antes da campanha. Ciro (Nogueira, presidente do PP) veio falar comigo e eu não posso negar nada para essa gente, estivemos juntos — afirmou o presidente nacional do PL, Valdemar Costa Neto.

> — Fizemos esse acordo político, para que uma vaga fique com o PL e a outra com o PP — disse Derrite sobre o Senado.



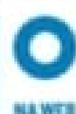
DESCUBRA O PODER TRANSFORMADOR DA GENTILEZA

Neste guia prático, o autor best-seller e curador dos TED Talks Chris Anderson apresenta um caminho claro para incorporar a gentileza e o otimismo em nossas vidas. Ele convida os leitores a se envolverem em iniciativas de generosidade, ensinando a transformar boas intenções em ações concretas e significativas para uma vida mais plena e um mundo mais justo.

DISPONÍVEL NAS LOJAS ON-LINE, LIVRARIAS E EM E-BOOK

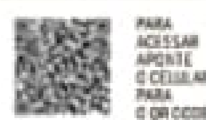


Brasil



NA WEB

LEI SANCIONADA POR LULA
14 de fevereiro, Dia Nacional do Brega
Data é de nascimento de Reginaldo Rossi, ícone do gênero



PARA ACESSAR APONTE O CELULAR PARA O QR CODE

VOZ ISOLADA

Crítica de Marina a mudança no licenciamento ambiental não tem sinais de apoio no governo

ANA FLÁVIA PILAR, RENATA AGOSTINI, LAURIBERTO POMPEU, LUCAS ALTINO E LUÍS FELIPE AZEVEDO
brasil@oglobo.com.br
RIO, SÃO PAULO E BRASÍLIA



Sem desistir. Marina sugeriu que irá pedir vetos a Lula e defendeu mobilização popular



Cobrança. Renan Filho disse que atraso para grandes obras levou Congresso a debater a questão

Após a aprovação no Senado do projeto que muda normas de licenciamento ambiental na quarta-feira, a ministra do Meio Ambiente e Mudança do Clima, Marina Silva, atribuiu ontem o resultado a dificuldades na articulação política do governo e pediu uma mobilização popular para reverter a aprovação na Câmara dos Deputados. Mas o ministro dos Transportes, Renan Filho, defendeu o debate, em mais um sinal de apoio do governo depois de dois terços dos 54 votos a favor da flexibilização (houve 13 contrários) virem da sua base.

— O governo tem uma série de dificuldades em relação a uma base segura. Não é a primeira vez que a gente sofre algumas dessas derrotas, inclusive em agendas igualmente estratégicas, mas vamos continuar dialogando com o Congresso — afirmou a ministra, em uma cerimônia em comemoração ao Dia Internacional da Biodiversidade, no Jardim Botânico, no Rio.

Marina afirmou que o projeto representa uma "demolição" do sistema de licenciamento ambiental no Brasil e reforçou que ele é um risco a acordos internacionais, inclusive comerciais, que o país negocia — em um ano que Belém irá sediar a COP30, conferência internacional do clima.

A ministra sinalizou que irá pedir que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) vete trechos do projeto, caso seja aprovado na Câmara, acrescentando que a mobilização popular poderia reverter as mudanças. A ministra lembrou a votação de uma Medida Provisória de 1995, do então presidente Fernando Henrique Cardoso, que reduziria de 80% para 50% a Reserva Legal na Amazônia. Marina, na época deputada federal, disse que a medida foi abandonada após a reação popular.

— Se a gente tiver uma grande mobilização da sociedade, com certeza deputados e senadores se sentirão mais confortáveis (a rejeitar a proposta) — afirmou.

GRANDES OBRAS

Enquanto Marina atacava a aprovação no Rio, em São Paulo, Renan Filho, afirmou, em um leilão de infraestrutura, que a falta de autorização para grandes obras nos últimos anos justificou o debate sobre a mudança no licenciamento. O texto votado pelos senadores pode acelerar empreendimentos como a exploração de petróleo na Margem Equatorial, tema em que Lula cobrou publicamente o Ibama pela demora em autorizar pesquisas das Petrobras na faixa do Atlântico entre o Pará e o Amapá.

— Talvez esse tempo sem definição tenha levado o Congresso Nacional a fazer uma leitura. Está muito difícil ou não? — afirmou o ministro, cujo pai, Renan Calheiros (MDB-AL), votou a favor do projeto. — Independente do que cada um de nós acha, a gente tem que compreender que o Congresso tem legitimidade para discutir esses temas. Se eventualmente ele flexibiliza um pouco e ali adiante ele entende que precisa elevar novamente o sarrafo, é o papel do parlamento brasileiro, e todos têm que entender as regras do jogo.

O ministro procurou dissociar a aprovação no Senado de uma visão contrária à preservação pelo governo Lula.

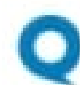
— Não é aqui que o sujeito ganhou a eleição com a motosserra na mão. Não é aqui que a gente disputou a eleição dependendo da passagem da boiada. Ao contrário — afirmou Renan, referindo-se ao símbolo da campanha do presidente da Argentina, Javier Milei, e a uma analogia usada pelo ex-ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles, do governo Bolsonaro, sobre afrouxamento de regras ambientais.

Entre as mudanças mais criticadas por ambientalistas, pela ministra e por sua equipe, estão a substituição do licenciamento em três etapas por uma só. O projeto também permite que comunidades tradicionais, como indígenas ou quilombolas, que sejam afetadas por empreendimentos, sejam ouvidas no processo apenas no caso de estarem em territórios já homologados. Além disso, a proposta isenta atividades de licenciamento ao prever que empreendimentos de pequeno e médio porte e potencial poluidor poderão ter uma Licença por Adesão e Compromisso, automática e autodeclaratória.

Ao blog de Renata Agostini, Marina disse que teve reuniões recentes com a Casa Civil e com a Secretaria de Relações Institucionais para alertar dos riscos do projeto para a agenda de Lula, no ano em que o Brasil sediará a conferência ambiental COP30, em Belém. Segundo a ministra, até terça-feira, parecia que havia "algum tipo de mediação", mas o relato é que os parlamentares "voltaram atrás".

— Mesmo que a gente perca, nós temos que perder ganhando, que é defendendo o que é correto para o licenciamento ambiental. O licenciamento pode ganhar agilidade? Pode, mas sem perda de qualidade — afirmou.

Embora o PT tivesse orientado contra o projeto, o fato de o governo não ter trabalhado para obstruir as sessões em que a proposta avançou e no corpo a corpo com senadores foi visto como um aceno à pauta no Congresso. Outro sinal foi uma emenda do presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP), que autoriza licenciamentos especiais para obras consideradas estratégicas pelo Conselho de Governo do presidente.



"Temos que perder ganhando, que é defendendo o correto"

Marina Silva, ministra do Meio Ambiente, contrária às mudanças no licenciamento

"Talvez esse tempo sem definição (de grandes obras) tenha levado o Congresso Nacional a fazer uma leitura. Está muito difícil ou não?"

Renan Filho, ministro dos Transportes, defendendo o debate sobre a flexibilização das regras

O PLACAR DA VOTAÇÃO



VOTO POR PARTIDO

Partido	Sim	Não
União	6	0
PSD	9	2
PL	12	0
MDB	7	0
PSDB	3	0
PT	0	8
Novo	1	0
Republicanos	4	0
PDT	1	2
PSB	1	1
Podemos	4	0
PP	6	0

VOTARAM SIM



Eduardo Braga (MDB) · Omar Aziz (PSD) · Soraya Thronicke (Podemos) · Sergio Moro (União) · Flavio Bolsonaro (PL) · Renan Calheiros (MDB-AL)

VOTARAM NÃO



Jaques Wagner (PT) · Leila Barros (PDT) · Fabiano Contarato (PT) · Jorge Kajuru (PSB) · Eliziane Gama (PSD) · Humberto Costa (PT)

Fonte: Senado

EDITORIA DE ARTE

COP30 AMAZÔNIA

O caminho do dinheiro para conter o aquecimento

É necessário no mínimo US$ 1,3 trilhão ao ano para que o mundo se descarbonize até 2035 e o aquecimento seja limitado a 1,5°C

Fontes poluentes. Peão toca o gado na BR-163 em meio a fumaça de queimadas em rodovia na Amazônia: descarbonização exigirá financiamentos

DANIELA CHIARETTI E RAFAEL VAZQUEZ

Um nó histórico das negociações climáticas, o financiamento, não está na pauta oficial da COP30, em novembro — mas é o que a conferência da ONU em Belém precisa enfrentar. É necessário mobilizar no mínimo US$ 1,3 trilhão ao ano para que o mundo se descarbonize até 2035 e o aquecimento possa ser limitado a 1,5°C o quanto antes. A resposta virá de um documento assinado em conjunto pelos presidentes da COP29, do Azerbaijão, e da COP30, do Brasil. O tema será discutido no II Fórum de Finanças Climáticas e de Natureza, no Rio de Janeiro, nos dias 26 e 27.

O "Baku to Belem Roadmap to 1,3T" (ou o Mapa do caminho de Baku a Belém para US$ 1,3 trilhão) mobiliza um grande esforço do governo brasileiro, que busca encontrar soluções. O objetivo é envolver economistas, ministros das finanças, dirigentes de instituições como bancos centrais, o Banco Mundial, o Banco Interamericano de Desenvolvimento, o FMI, instituições europeias, chinesas e indianas, fundações filantrópicas e seguradoras, CEOs de empresas e organizações de classe.

— Estamos gerando um grande ecossistema e com muita capilaridade — diz Tatiana Rosito, embaixadora e secretária de Assuntos Internacionais do Ministério da Fazenda.

O "Roadmap" será assinado pelo presidente da COP30, o embaixador André Corrêa do Lago, e pelo presidente da COP29, Mukhtar Babayev. É um dos resultados mais aguardados da conferência em Belém. Não será objeto de negociação na COP30, mas há muita expectativa sobre os resultados que a diplomacia brasileira poderá aportar. Se bem resolvido, o documento pode ser um dos marcos históricos da COP no Brasil.

Até a COP29, a única cifra global de financiamento climático eram os US$ 100 bilhões que deveriam vir do mundo desenvolvido aos países em desenvolvimento. O período era 2020 a 2025. Como seguir depois de 2025 foi o tema central da conferência no Azerbaijão. O que se conseguiu, nos últimos minutos, foram dois números sobre a mesa.

O GRANDE DESAFIO

O primeiro, US$ 300 bilhões ao ano, pelo menos, para ações climáticas nos países em desenvolvimento até 2035, substitui os antigos US$ 100 bilhões. Os países ricos concordaram em assumir a liderança no cumprimento da meta. Os recursos podem ser públicos e privados, de financiamento bilateral, multilateral e privado. Podem ser doações, empréstimos concessionais ou a juros de mercado. Outra rubrica é a de fontes alternativas, como taxas internacionais. É aqui que entram sugestões de se taxar a aviação civil ou grandes fortunas.

O segundo número convoca a mobilização por US$ 1,3 trilhão em financiamento climático no mesmo período. Este é o grande desafio. Agora é preciso detalhar como e quando, a partir de quais fontes, quem contribui e para quem vai o dinheiro — o Road Map.

O US$ 1,3 trilhão foi inspirado no relatório de um grupo de especialistas de alto nível em financiamento climático (IHLEG, na sigla em inglês) copresidido pelos economistas Nicholas Stern, Vera Songwe e Amar Bhattacharya. Pelas estimativas do grupo, os países em desenvolvimento, com exceção da China, precisam investir US$ 2,7 trilhões por ano até 2030 para alcançarem suas metas climáticas. Este número se dividiria em US$ 1,4 trilhão de fontes domésticas e os US$ 1,3 trilhão de investimentos estrangeiros, valor que seria dividido entre financiamento privado e fundos públicos internacionais. Essa divisão, contudo, não foi sequer ventilada na negociação em Baku.

Ao contrário dos US$ 300 bilhões, o US$ 1,3 trilhão não é uma meta, mas um indicativo aspiracional. A COP29 começou poucos dias depois da eleição de Donald Trump para presidente, o que sinalizava que o mundo não poderia contar com recursos federais dos EUA. A guerra na Ucrânia indicava que o orçamento de países europeus para clima era mais escasso. Em Baku não havia condições para os negociadores chegarem a um compromisso mais sólido.

O documento que os dois presidentes de COPs devem apresentar em Belém não é votado nem vincula ninguém. Essa é a sua fraqueza. A força é que pode inspirar decisões em outros fóruns. O que está em curso é uma bateria de consultas com bancos multilaterais de desenvolvimento, o setor financeiro e a sociedade civil para que um rascunho seja apresentado depois da conferência preparatória em Bonn, na Alemanha, em junho.

A presidência da COP30 criou duas esferas de governança. Uma delas é um conselho de economistas, liderado por José Alexandre Scheinkman, que vai apoiar Corrêa do Lago. O outro é o Círculo de Ministros de Finanças da COP30, liderado pelo ministro Fernando Haddad e lançado em abril. Três grupos de especialistas apoiam o círculo.

As primeiras consultas ocorreram em Washington, durante as reuniões de Primavera do FMI e do Banco Mundial. O diálogo com ministros já reúne cerca de 30 nomes entre os de países que presidiram COPs e mais Espanha, Holanda, Uganda, China, União Europeia, Índia, Austrália, Japão, Itália e Barbados, entre outros.

— A presidência da COP brasileira busca antecipar esforços para encontrar consenso. A partir do Círculo de Ministros de Finanças começaremos a ver que tipo de instrumentos serão criados para o financiamento climático — prevê Fabrizio Panzini, diretor de políticas públicas e relações governamentais da Câmara Americana de Comércio (Amcham) para o Brasil.

FUNDOS SUGERIDOS

A entidade entregou um documento ao presidente da COP30 com propostas para destravar o financiamento climático no setor privado. Entre elas, a criação de fundos garantidores que poderiam dar mais segurança a investidores privados dispostos a investir em clima. A ideia se assemelha ao Fundo Garantidor de Créditos existente no Brasil, uma associação privada que garante aos investidores o reembolso de até R$ 250 mil em caso de insolvência das instituições financeiras associadas que vendem seus títulos no mercado financeiro.

O trunfo dessa proposta, diz Panzini, não está no limite que esses fundos internacionais garantidores devolveriam a investidores em caso de necessidade, e sim na possibilidade de alavancagem que ofereceriam.

— A estimativa é que um fundo desse pode alavancar em até 10 vezes o valor dos investimentos — afirma.

Diretora-executiva do Instituto Clima e Sociedade e articulada com essa agenda, Maria Netto diz que economistas do IHLEG estão revisando a estimativa de US$ 1,3 trilhão ao ano até 2035 para adequar o valor à realidade de um mundo em rápida transformação.

— É difícil saber, no momento, de onde virão os recursos para se chegar a esse número de US$ 1,3 trilhão. O IHLEG deve lançar um relatório mais acurado. No ano passado, eles falavam de US$ 500 bilhões (vindos dos países desenvolvidos), dos quais US$ 250 bilhões poderiam ser dos bancos (de desenvolvimento) e US$ 250 bilhões de outras fontes. Mas em 2024 tínhamos um cenário muito diferente. Não sabemos como os países desenvolvidos vão atuar agora — afirma.

Empresário e ex-secretário de política econômica do Ministério da Fazenda, Winston Fritch pondera que a criação de instrumentos inovadores para atrair o setor privado não é suficiente para financiar a agenda do clima. Os países mais vulneráveis aos impactos da mudança do clima são os mais pobres, com incapacidade fiscal para investimentos e que são classificados como destinos de alto risco.

— É importante fazer com que o setor privado se comprometa e é preciso criar mecanismos. Mas não é uma solução que irá resolver tudo. Muitos países não têm *rating* para que os investidores privados obtenham retornos — explica.

Capilaridade. Um ecossistema está sendo gerado, diz Tatiana Rosito

"Roadmap". Documento será assinado por André Corrêa do Lago

COP30 AMAZÔNIA
UMA OPORTUNIDADE HISTÓRICA PARA O BRASIL
Patrocínio
JBS
VALE
Apoio
PARÁ
Realização
Valor
O GLOBO
CBN
Parceria Institucional
CEBRI
Acesse o conteúdo editorial


OBITUÁRIO

Evanildo Bechara/ GRAMÁTICO E FILÓLOGO, 97 ANOS

Uma das maiores autoridades em língua portuguesa

Referência para gerações de pesquisadores e professores da área, foi eleito para a ABL em 2001

BOLÍVAR TORRES
bolivar.torres@oglobo.com.br

Nascido em Recife, em 1928, ainda adolescente Evanildo Bechara descobriu a lexicologia, área que estuda tanto o léxico de uma língua quanto o contexto histórico e cultural em que ela é falada. Ao longo de décadas, acompanhou de perto as metamorfoses da língua, transformando-se em uma das mais influentes figuras da gramática em língua portuguesa, referência para gerações de pesquisadores e professores da área.

Professor emérito da UFF e da Uerj e membro da Academia Brasileira de Letras desde 2001, Bechara resumiu a sua contribuição para a gramática e a filologia em sua última entrevista para a imprensa, publicada no GLOBO em dezembro de 2023:

— Em primeiro lugar, foi a sistematização. Porque havia muita informação separada, mas não havia um trabalho de conjunto. Minha preocupação foi estabelecer um relacionamento entre a pesquisa científica e os resultados dessa pesquisa na orientação dos livros didáticos.

Em outra entrevista ao GLOBO, em 2018, Bechara afirmou que viu muitas "palavras da moda" surgirem e saírem de uso. E discordou da ideia de que a ABL fosse conservadora:

— A academia não impede de mudanças. Só repetimos o que a língua diz de si. Se houver registro, será incorporado. Vale tudo, até letra de música — afirmou.

Ele buscava manter-se atualizado das mudanças da língua. Seu colega de ABL, o filólogo Ricardo Cavaliere, lembra de quando deu carona para o mestre e este encucou com os estrangeirismos do Waze, aplicativo de navegação no trânsito.

— A vozinha do Waze avisou que havia um radar de velocidade "reportado" à frente — lembra Cavaliere. — "Esse 'reportado' é uma importação, né?", notou Bechara.

Nos últimos anos, Bechara enfrentava problemas na vista e gradualmente se afastou de suas funções como presidente da Comissão de Lexicologia e Lexicografia da ABL — que, além de compilar novos vocábulos, produz o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (Volp) e o Dicionário da Língua Portuguesa (DLP), disponíveis no site da instituição.

Em janeiro deste ano, a Nova Fronteira lançou uma edição comemorativa dos 40 anos de "A moderna gramática portuguesa", um de seus livros mais importantes. Desde 2023, a editora vinha reeditando algumas de suas principais obras, como "Lições de português pela análise sintática", um clássico manual de análise sintática adotado por professores.


GUITO MORETTO/12.12.2021

Legado. "Minha preocupação foi relacionar a pesquisa científica e seus resultados com os livros didáticos" disse Bechara

HOMENAGENS

Bechara morreu ontem, aos 97 anos. Internado no Hospital Placi, em Botafogo, Zona Sul do Rio, teve falência múltipla dos órgãos. O velório ocorre hoje, a partir de 10h, na Academia Brasileira de Letras, centro do Rio. O sepultamento está marcado para as 16h, no Mausoléu da ABL no Cemitério São João Batista.

Presidente da ABL, o jornalista Merval Pereira afirmou que Bechara era "o maior especialista em língua portuguesa, com fama que ultrapassa nossas fronteiras".

— Foi o representante brasileiro na reforma ortográfica feita com Portugal — afirmou o colunista do GLOBO. — Além de tudo, era um professor generoso e uma pessoa íntegra e cordial.

Ocupante da cadeira nº 1 da ABL, a escritora Ana Maria Machado foi aluna de Bechara na faculdade.

— Foi quando aprendi a admirar seu saber e suas qualidades de mestre, sempre confirmadas pela vida afora. Nos últimos vinte e três anos, em nosso convívio na Academia, pude apreciar sua doce gentileza e a finura de seu senso de humor agudo e muito peculiar.

O escritor e diplomata Edgar Telles, que entrou na ABL em 2024, ressaltou:

— Bechara sorria com aquele jeito modesto dele, um jeito tão doce e inesquecível, cada vez que eu creditava a seus livros ter sido aprovado em português no Instituto Rio Branco, tão seguro que me sentia graças a seus ensinamentos.

Pesquisador da língua portuguesa e também membro da ABL, Domício Proença Filho lamentou a morte:

— Perdeu o Brasil, perdeu a língua portuguesa o nosso filólogo maior. Perdi o Amigo-Irmão de toda a vida.

Código de Inclusão gera temor de leis serem excluídas

Receio é de que proposta de unificar regras que beneficiam pessoas com deficiência leve à revogação de normas já em vigor

YAGO GODOY*
yago.andrade@oglobo.com.br


GABRIEL DE PAIVA/22-5-2021

Marco simbólico. Sancionada há uma década, a Lei Brasileira de Inclusão é vista como uma vitória fundamental por especialistas e entidades que militam na área

Um projeto de lei que busca criar o Código Brasileiro de Inclusão (CBI) causa preocupação entre entidades representativas de pessoas com deficiência. A proposta busca consolidar normas já existentes de garantia dos direitos, mas há um temor de que ela leve à revogação da Lei Brasileira de Inclusão (LBI), sancionada em 2015 e também conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência.

A proposta da CBI foi apresentada pelo presidente da Comissão dos Direitos da Pessoa com Deficiência da Câmara, Duarte Jr. (PSB-MA). A justificativa é que a unificação das lei poderia "simplificar, facilitar e sistematizar o acesso" a direitos dos deficientes.

A LBI foi sancionada após anos de debates entre parlamentares, movimentos sociais e a sociedade civil. "É um texto construído pela sociedade brasileira e, principalmente, por aqueles que vivem a invisibilidade de ser uma pessoa com deficiência no Brasil", afirmou, em 2015, a senadora Mara Gabrilli (PSD-SP), à época deputada federal e relatora do projeto no Congresso. Gabrilli é uma das que se opõem às mudanças.

O estatuto adequou o Brasil às diretrizes estipuladas na Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência da ONU, promulgada em 2006. Izabel Maior, primeira pessoa com deficiência a chefiar a Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, vinculada ao Ministério dos Direitos Humanos, defende que o novo código não foi "fruto de debate" e também não corresponde a necessidades mais urgentes, como o cumprimento da atual legislação.

— A proposta revoga todas as leis que são o legado histórico e normativo das pessoas com deficiência — reprova a ex-secretária. — Todas as pessoas que contribuíram não veem motivo algum para, ao invés de celebrar os dez anos de vida da LBI, ter de evitar sua desnecessária revogação.

Para Duarte Jr., a proposta não é de revogação, já que os critérios estabelecidos nas leis eventualmente extintas não deixariam de existir no novo código. Segundo o deputado, há um "apego emocional" à LBI. Para preservar seu caráter simbólico, Duarte afirma que pretende formalizar o código com uma lei de mesmo número (13.146).

— (A LBI) é um símbolo da luta dos movimentos sociais, uma referência mundial. Não se cria direitos, muito menos se retira — afirmou. — Esse projeto é de consolidação das leis. Ele não pode, pelo Regimento da Câmara, alterar ou revogar (direitos conquistados).

Mas para Gabrilli, não se substitui "um pacto dessa magnitude" por um texto que "sequer passou pelo mesmo processo participativo". A senadora também defende que o ideal seria fortalecer as normas já em vigor.

— Discutir uma revogação ampla das leis que garantem esses direitos soa, no mínimo, deslocado da realidade. Em vez de aperfeiçoar o que falta aplicar, propõe-se voltar ao início, como se tudo o que foi construído até agora fosse descartável — lamenta.

Além de afetar a LBI, o texto também prevê a revogação de normas como a Lei nº 7853/1989, a primeira regulamentação específica para pessoas com deficiência e que criminaliza condutas discriminatórias, e a Lei nº 10.098/2000, que estabelece critérios para a promoção de acessibilidade.

POSIÇÃO A FAVOR

Apesar das vozes contrárias, há também apoio à iniciativa de Duarte Jr. entre as pessoas com deficiência. No dia 6, em uma audiência pública na Câmara marcada pelo deputado para discutir o código, César Achkar, pessoa com deficiência visual e representante da organização Retina Brasil, afirmou que a demanda por unificar as leis é antiga.

— A gente tem que analisar isso com atenção. Não é porque contraria vaidades ou interesses institucionais e partidários, que são legítimos, que a gente pode simplesmente dizer que uma proposta de avanço de repente virou um retrocesso — argumentou Achkar no encontro.

(*estagiário sob supervisão de Luã Marinatto*)



Opositora. Mara Gabrilli defende o estatuto de 2015

Autor. Duarte Jr diz que código servirá para simplificar

GERALDO MAGELA/AGÊNCIA SENADO
EDILSON RODRIGUES/AGÊNCIA SENADO



Assinante O GLOBO tem **20% off** em **até 2 ingressos** para o **Salão de Degustação**. Saiba mais em

www.clubeoglobo.com.br

NÃO DEIXE PARA A ÚLTIMA HORA, COMPRE SEU INGRESSO AGORA

O Vinhos de Portugal já se firmou como um evento que agrada tanto aos conhecedores e apreciadores de vinho, como ao público em geral. O mix de atividades e de atrações faz do programa uma experiência única, unindo entretenimento, gastronomia, informação, grandes nomes do mundo do vinho e, claro, muitos brindes.

SALÃO DE DEGUSTAÇÃO

Uma verdadeira viagem pela qualidade e diversidade da produção vinícola portuguesa. São sessões de duas horas para você conhecer e experimentar centenas de rótulos das várias regiões produtoras de Portugal. Imperdível!

RIO
6 a 8 JUNHO
Jockey Club Brasileiro
Gávea

SP
13 a 15 JUNHO
Pavilhão da Bienal
Parque Ibirapuera
Portão 3

ÁREA DE CONVIVÊNCIA

Vinho é celebração e encontro. Por isso, a Área de Convivência, com acesso gratuito, se torna um espaço tão especial: um ambiente charmoso e muito agradável, reunindo bate-papos com degustação de vinhos, saborosas opções gastronômicas, experiências interativas e uma loja de vinhos.

Além do tradicional espaço gratuito do Tomar um Copo, o evento contará também com um espaço exclusivo dedicado a bate-papos sobre enoturismo, em parceria com o Turismo de Portugal. A proposta é apresentar diferentes possibilidades de experiências enoturísticas em todo o país, destacando roteiros incríveis com vários dos produtores presentes no evento.

SALA DE PROVAS

Sessões exclusivas de 1h de duração, conduzidas por especialistas renomados, como Dirceu Vianna Júnior (Master of Wine), Manuel Carvalho, Cecília Aldaz, Jorge Lucki, entre outros. Degustação de rótulos raros e icônicos, com muita informação e grandes histórias.

BEBA COM MODERAÇÃO

parceria

vinhos de portugal P

COMPRE AQUI



Para mais informações:
vinhosdeportugal.oglobo.com.br
/vinhosdeportugal
@vinhosdeportugalbr_

realização

O GLOBO 100 | P | Valor

participação



apoio



















local oficial



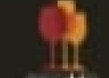
hotel oficial



água oficial



loja oficial



assessoria de imprensa



rádio oficial



curadoria



Economia



IMPACTO DO TARIFAÇO
'Comércio nunca mais será o mesmo'
Presidente do Banco Central Europeu avalia, porém, que haverá mais negociações


PARA ACESSAR APONTE O CELULAR PARA O QRCODE

DILEMA FISCAL

APERTO DE R$ 31,3 BI

Governo congela mais recursos que o esperado, mas admite que haverá déficit

THAÍS BARCELLOS, GERALDA DOCA, BRUNA LESSA, BERNARDO LIMA, PAULO RENATO NEPOMUCENO, VINICIUS NEDER, CAROLINA NALIN E ANA FLÁVIA PILAR
economia@oglobo.com.br
BRASÍLIA, RIO E SÃO PAULO

O governo Luiz Inácio Lula da Silva anunciou ontem um congelamento de R$ 31,3 bilhões no Orçamento de 2025 para cumprir as regras fiscais, ao divulgar o Relatório Bimestral de Receitas e Despesas. E elevou o Imposto sobre Operações Financeiras (IOF), a fim de reforçar a arrecadação — mas, em meio à forte repercussão negativa, voltou parcialmente atrás (*leia na página 16*). Para analistas ouvidos pelo GLOBO, o montante anunciado para o congelamento mostrou conservadorismo por parte da equipe econômica, o que consideraram positivo. Mas avaliam que o quadro fiscal não muda muito, porque mesmo assim haverá déficit.

— O que está no nosso radar é a questão da Previdência, que ainda é um desafio no Brasil e a questão do BPC (Benefício de Prestação Continuada). É um programa que está muito judicializado — afirmou o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, em entrevista coletiva.

O congelamento de recursos já na primeira atualização do Orçamento deste ano mostra uma postura diferente do governo em relação a 2024, quando a contenção só ocorreu no terceiro relatório bimestral, mesmo com diversos alertas sobre os riscos às metas fiscais.

— A meu ver, adotou-se uma postura de menor risco do ponto de vista de cumprimento da meta, já fazendo um contingenciamento maior do que o que todo mundo esperava — disse Manoel Pires, coordenador do Observatório de Política Fiscal do FGV Ibre.



Gastos públicos. O ministro Fernando Haddad, entre o secretário Dario Durigan e a ministra Simone Tebet: "O que está no nosso radar é a questão da Previdência"

DÓLAR SOBE COM PIORA NAS PREVISÕES SOBRE AS CONTAS PÚBLICAS



'MAIS REALISTA'

A projeção saiu de superávit de R$ 14,6 bilhões, que constava na aprovação do Orçamento, para um déficit de R$ 31 bilhões, no limite inferior da meta. A meta é resultado zero (equilíbrio entre despesas e receitas), com intervalo de tolerância entre déficit de R$ 31 bilhões e superávit de R$ 31 bilhões, ou 0,25% do Produto Interno Bruto (PIB).

Os R$ 31,3 bilhões incluem um contingenciamento de R$ 20,7 bilhões, que pode ser revertido se houver novas receitas, e um bloqueio de R$ 10,6 bilhões.

O governo ainda não sabe que pastas e programas serão afetados pelo congelamento. O detalhamento por órgão constará de decreto a ser publicado no próximo dia 30. Os órgãos deverão indicar as programações a serem bloqueadas/contingenciadas em até cinco dias úteis.

O congelamento de despesas recai sobre os gastos não obrigatórios, que incluem despesas de custeio da máquina (como contratos terceirizados) e investimentos públicos (como obras e aquisição de máquinas e equipamentos). No fim de março, Lula editou um decreto para segurar as despesas de forma preventiva, o que já vinha fazendo os ministérios gastarem mais lentamente.

Segundo a equipe econômica, parte expressiva da contenção deve recair sobre emendas parlamentares.

— Fizeram uma coisa acertada, que é já anunciar o ajuste total necessário. Isso é muito bom — disse Felipe Salto, economista da gestora Warren Rena. — Tornaram o quadro mais realista. Inclusive, a receita foi revisada para baixo em quase R$ 42 bilhões.

Por outro lado, o esforço atual do governo parece suficiente apenas para fechar as contas de 2025, ponderou Salto, ressaltando que a equipe econômica continua a mirar o limite inferior da margem de tolerância de meta. Estruturalmente, avalia, as contas seguem desequilibradas, longe de garantir uma trajetória sustentável para a dívida pública:

— Vamos continuar ainda gerando déficits, ainda que modestos, e essa dinâmica não é suficiente para estabilizar a dívida bruta em relação ao PIB. O governo segue uma lógica de gestão diária dos problemas, sem maior clareza sobre o momento e como a dívida alcançará novamente condições de sustentabilidade.

O anúncio do governo transformou o mercado em uma gangorra. Após a divulgação do congelamento de R$ 31,3 bilhões — acima dos R$ 10 bilhões esperados —, o dólar chegou a ser negociado abaixo de R$ 5,60, enquanto a Bolsa avançava 0,7%. Mas, começada a coletiva e divulgado o relatório, com piora na perspectiva fiscal este ano, os sinais se inverteram.

O câmbio encerrou em alta de 0,32%, a R$ 5,66, e o Ibovespa recuou 0,44%, aos 137.273 pontos. A alta foi maior nos mercados futuros: o dólar para junho avançou 1,87%, a R$ 5,76, enquanto a Bolsa caiu 1,93%, aos 136.375 pontos.

— Os números que vimos mostram que o governo não conseguiu cumprir nem de perto o que ele orçou, e isso será bastante preocupante para o mercado. O Brasil vai continuar a sentir mais o peso do fiscal — disse Daniel Miraglia, economista-chefe da Integral.

'CAIXA-PRETA ABERTA'

Para Gustavo Cruz, estrategista-chefe da RB Investimentos, "o governo segue superestimando receitas e subestimando despesas."

— Muita gente do mercado previa uma necessidade menor do que essa, mas nós fizemos questão de ser muito transparentes — afirmou Haddad na coletiva. — A caixa-preta do Orçamento está 100% aberta. Todo mundo vai poder fazer conta de quem está levando parte do Orçamento, se é justo ou não.

No entanto, o fato de os detalhes sobre o IOF terem ficado para outra coletiva alimentou a instabilidade, diz Fernando Siqueira, estrategista-chefe de ações da Eleven:

— Você não explica, as pessoas não sabem o que vai acontecer, e muita gente fica com pé atrás.

Ao ser perguntado sobre o IOF, Haddad criticou vazamentos e mostrou irritação com as especulações. Em São Paulo, minutos antes da coletiva, o ministro dos Transportes, Renan Filho, disse que o governo federal anunciaria um congelamento de R$ 31 bilhões e um aumento no IOF. Mas afirmou que apenas comentava notícias que já circulavam na mídia.

Haddad disse ainda que, na reunião com o presidente Lula para discutir o tema, todos os ministros concordaram com as medidas:

— Não é surpresa para ninguém. Todo mundo entendeu. Vamos fazer o necessário, como no ano passado.

A ministra do Planejamento, Simone Tebet, por sua vez, ressaltou que sua pasta está fazendo o "dever de casa", visando a eficiência dos gastos públicos.

MENOS RECEITAS

O governo decidiu bloquear os gastos após os benefícios previdenciários subirem R$ 15,6 bilhões acima do previsto; o Plano Safra crescer R$ 4,5 bilhões; e o BPC aumentar R$ 2,8 bilhões.

Já o contingenciamento ocorreu por conta de uma frustração de receitas da ordem de R$ 31,3 bilhões, compreendendo concessões, royalties e outros impostos. Inicialmente esperava-se uma arrecadação extraordinária de R$ 168 bilhões. Só de receitas administradas pela Receita houve uma redução de R$ 81,5 bilhões.

— Tentaram tirar um pouco da projeção de receitas o que era claramente irreal, mas isso é insuficiente para ancorar o mercado, convencendo de que o cumprimento da meta segue factível — disse Gabriel Leal de Barros, economista-chefe da ARX Investimentos.

Por isso, mesmo com o congelamento, ele avalia que o governo ainda vai precisar contar com "novas medidas de receita" para cumprir a meta fiscal.

Prazo mínimo de LCA e LCI cai de nove para seis meses

GERALDA DOCA
geralda@bsb.oglobo.com.br
BRASÍLIA

O Conselho Monetário Nacional (CMN) reduziu de nove para seis meses o prazo mínimo de vencimento das Letras de Crédito do Agronegócio (LCAs) e Imobiliário (LCIs). A medida vale para papéis emitidos sem a previsão de atualização por índice de preços.

Esses títulos ajudam a formar fonte de recursos para o financiamento do setor imobiliário e do agronegócio. A mudança do prazo entrou em vigor ontem, com a publicação da resolução no Diário Oficial da União.

"Considerando-se a relevância dos títulos para o financiamento dos segmentos imobiliário e do agronegócio e visando assegurar a captação de recursos de forma sustentável para esses segmentos, o CMN entendeu necessário reduzir os prazos mínimos das LCAs e das LCIs não atualizadas por índice de preços, de 9 para 6 meses", informou o BC.

EMISSÃO DE CRAS E CRIS

Além da mudança no prazo, o CMN aprovou ajustes pontuais nas regras que disciplinam os títulos para dar mais transparência e segurança aos investidores.

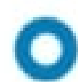
O órgão também aprovou mudanças nas regras para emissão de Certificados de Recebíveis do Agronegócio (CRAs) e Imobiliários (CRIs), e de Certificados de Direitos Creditórios do Agronegócio (CDCA).

Com a nova modificação, as restrições já aplicáveis a companhias abertas de setores distintos do agronegócio e do mercado imobiliário passam a alcançar também companhias fechadas e demais pessoas jurídicas que não atuem de forma relevante nesses segmentos.

"A medida reforça o compromisso com a eficiência das políticas públicas de financiamento ao agronegócio e ao setor imobiliário, garantindo que esses instrumentos cumpram de forma ainda mais precisa seus objetivos", justificou o Ministério da Fazenda em nota.

SEG _ Ricardo Henriques (quinzenal), TER _ Míriam Leitão _ QUA _ Zeina Latif _ QUI _ Míriam Leitão _ SEX _ Fabio Giambiagi (quinzenal), Rogério Furquim Werneck (quinzenal) _ DOM _ Míriam Leitão

ROGÉRIO FURQUIM WERNECK





oglobo.com.br/economia
economia@oglobo.com.br

Lula e o Banco Central

No final do ano passado, havia muita apreensão com a transição por que estava prestes a passar o Banco Central (BC). Em 1º de janeiro, dirigentes da instituição nomeados pelo atual governo passariam a compor a maioria da sua diretoria e, portanto, do Copom, o comitê responsável pela condução da política monetária.

É irônico que, afinal, a transição tenha sido bem mais tranquila do que se temia, graças ao momento nada tranquilo que atravessavam a economia e os mercados financeiros no final do ano. Em meio a uma séria crise de confiança alimentada pelo sobreaquecimento da demanda, na esteira de um colossal impulso fiscal que perdurara por mais de um ano, o dólar atravessou dezembro acima de R$6,00, e em alta.

Naquelas circunstâncias, não foi surpreendente que o Copom, na sua reunião de 11 de dezembro, tomasse as decisões que se faziam necessárias para trazer a inflação de volta à meta, sem que o governo, assustado com a crise, se animasse a contestá-las: elevar a taxa Selic em 1,0 ponto percentual e sinalizar que elevações de mesma magnitude seriam anunciadas nas reuniões do final de janeiro e de meados de março.

Com isso, quando o novo presidente e os novos diretores do BC tomaram posse no início do ano, as decisões essenciais do Copom, até março, já estavam pré-determinadas. Dúvidas sobre o que faria o novo presidente do BC à frente do novo Copom ficaram convenientemente adiadas para maio. E junho.

Tendo sido tão tranquila a transição, disseminou-se a percepção de que o problema teria sido superado. Não haveria mais razões para apreensões, seja sobre a condução da política monetária seja sobre o relacionamento do Planalto com o BC. A verdade, contudo, é que nessa percepção precipitada há muito mais torcida do que análise. O problema está longe de ter sido superado.

Basta ter em mente o cabo de guerra que o governo vem ostensivamente travando com o BC agora. Na contramão dos esforços de desaceleração da economia para trazer a inflação de volta à meta, o governo, alarmado com a perda de popularidade do presidente Lula, vem tomando uma série interminável de medidas intempestivas, claramente expansionistas, para tentar conter a redução da expansão do nível de atividade buscada pelo BC.

> *Como reagirá o BC ao cabo de guerra que o governo federal vem travando com a instituição?*

É fácil perceber que, se o Banco Central reagir a isso como deveria, estará configurado um círculo vicioso altamente prejudicial ao projeto de reeleição acalentado pelo governo. A cada queda de popularidade do presidente, novas medidas expansionistas serão adotadas pelo governo, que forçarão o BC a endurecer a condução da política monetária e tornar ainda mais longo e penoso o processo de desinflação em curso, o que certamente contribuirá para nova queda de popularidade do presidente. E assim por diante.

Resta saber em que medida o BC de fato reagirá a isso como deveria. O que levanta a questão do relacionamento de Lula com a instituição. O presidente completará 80 anos em outubro. Não é crível que uma pessoa dessa idade, com convicções tão firmes e arraigadas sobre a forma como o BC deve atuar e sobre o grau de ingerência que o governo deve ter na instituição, tenha mudado de opinião de repente. Ou que esteja definitivamente conformado com a autonomia operacional que a legislação hoje confere ao BC. Muito menos agora, quando o que está em jogo é sua reeleição.

É claro que, a esta altura, seria impensável algo tão brutal como o que ocorreu no governo Dilma. Lula bem sabe que esse tempo passou. E que, agora, terá de atuar de forma muito mais sutil, para não assustar os mercados. Mas o certo é que não deixará de fazer valer todo o peso da sua ascendência sobre a instituição, para assegurar que a reação do BC à sua tentativa de solapar o esforço de desaceleração da economia seja mais branda do que deveria ser. E que, mantidas as aparências, a condução da política monetária seja tão compatível com o projeto da reeleição quanto possível.

Alguém acha mesmo que o BC resistirá como um rochedo a tais pressões?

DESAFIO FISCAL

Governo volta atrás em parte do aumento de IOF

Repercussão negativa motivou reunião às pressas com ministros. Projeção era que aumento do imposto renderia R$ 61,5 bi até 2026, mas nova estimativa ainda não foi informada. No câmbio, medida interrompe processo de adequação a padrão global

MANOEL VENTURA, THAÍS BARCELLOS E BRUNA LESSA
economia@oglobo.com.br
BRASÍLIA

Seis horas depois de publicar o decreto que altera a cobrança de Imposto sobre Operações Financeiras (IOF) em atividades de câmbio, crédito e seguros, o governo Lula recuou, diante da repercussão negativa da medida. A maior parte das mudanças começaria a valer hoje, e o Ministério da Fazenda previa R$ 20,5 bilhões em arrecadação este ano e R$ 41 bilhões em 2026. A nova receita estimada não foi informada.

Por volta de 23h30 — meia hora antes de a medida entrar em vigor —, a pasta de Fernando Haddad anunciou que não irá mais cobrar o imposto em remessas de fundos de investimento para o exterior. O decreto subia essa alíquota de zero para 3,5%, mesmo percentual que seria cobrado para remessas destinadas a investimentos de pessoas físicas. Hoje, o tributo é de 1,1%.

As medidas foram mal recebidas pelo mercado, como revelou o colunista do GLOBO Lauro Jardim. A Fazenda disse que a mudança é "um ajuste na medida — feito com equilíbrio, ouvindo o país, e corrigindo rumos sempre que necessário".

No câmbio, as mudanças no imposto interrompem o processo de adequação aos padrões da OCDE e podem encarecer compras e investimentos de brasileiros no exterior. Na prática, são um desincentivo à saída de recursos do país. O Ministério da Fazenda uniformizou a alíquota incidentes nas operações de câmbio em 3,5% e passaria a cobrar o IOF em remessas de fundos de investimento para o exterior — o que acabou sendo derrubado à noite.

REUNIÃO ÀS PRESSAS

De acordo com um técnico do governo, o decreto foi reavaliado "item a item". Para isso, o Palácio do Planalto chamou uma reunião às pressas com os ministros da Casa Civil, Rui Costa; das Relações Institucionais, Gleisi Hoffmann; da Secretaria de Comunicação, Sidônio Palmeira; e técnicos jurídicos e da equipe econômica. Haddad já estava fora de Brasília quando o encontro foi marcado.

Outro ponto que preocupa o Planalto, mas que segue com aumento de imposto, é sobre compras no exterior. Nas operações com cartão de crédito, débito e pré-pago internacional, a alíquota era de 6,38% até 2022, quando o governo Jair Bolsonaro anunciou um plano de redução gradual, para chegar a zero até o fim da década. Neste ano, por exemplo, a taxa já estava em 3,38%. Agora, será ligeiramente maior, de 3,5%.



MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

VGBL. O secretário da Receita Federal, Robinson Barreirinhas: "Identificamos uma brecha para evasão fiscal em um instrumentos de previdência complementar"

'EVASÃO FISCAL'

O governo também vai começar a cobrar IOF de 5% para os planos de seguro de vida (VGBL) com cobertura por sobrevivência que tenham aportes mensais superiores a R$ 50 mil. Para aportes inferiores, a isenção permanece.

— Identificamos uma brecha para evasão fiscal em um instrumentos de previdência complementar que vem sendo usado para investimento por pessoas de alta renda — disse o secretário da Receita Federal, Robinson Barreirinhas.

Para o crédito, o governo elevou a alíquota fixa cobrada de empresas de 0,38% para 0,95%. Os microempreendedores individuais e as pessoas físicas continuam com alíquota de 0,38%. O governo também passou a prever explicitamente o chamado risco sacado como operação de crédito.

Para as cooperativas, a alíquota se igualará à de empresas em geral se fizerem operações superiores a R$ 100 milhões por ano. Abaixo desse valor, a isenção se mantém.

COMO A TRIBUTAÇÃO AFETA SEU DIA A DIA

VGBL
Considerado um plano de seguro de vida com cobertura por sobrevivência, não era sujeito ao IOF. Agora, aportes mensais até R$ 50 mil continuam isentos. Mas, no caso de aportes mensais superiores a esse valor, serão cobrados 5% de IOF. O argumento do governo é que o VGBL estava sendo usado como fundo de investimento por investidores de alta renda, para escapar de impostos.

Cartões internacionais
O IOF dos cartões de crédito e débito internacionais vinha sendo paulatinamente reduzido, até que chegasse a zero em 2029. Até 2022, a alíquota era de 6,38%. Foi reduzida para 5,38% em 2023 e para 4,38% no ano passado. Desde janeiro, eram cobrados 3,38%. A partir de agora, a alíquota é de 3,5%, sem redução prevista.

Conta no exterior e compra de moeda em espécie
Os cartões de contas no exterior ganharam popularidade recentemente, ao permitir que brasileiros em viagem cobrissem despesas pagando um IOF menor que o dos cartões, já que o envio de dinheiro para essas contas era tributado pela mesma alíquota da compra de moeda em espécie: 1,1%. A partir de agora, tanto as contas no exterior como a compra de dólar, euro ou outras divisas estão sujeitas a uma alíquota de IOF de 3,5%.

Mudanças no imposto não tiveram o aval do presidente do BC

THAÍS BARCELLOS
thais.barcellos@bsb.oglobo.com.br
BRASÍLIA

As mudanças no Imposto sobre Operações Financeiras (IOF) não tiveram o aval do Banco Central, apurou O GLOBO. Segundo interlocutores, o presidente da instituição, Gabriel Galípolo, é contra as medidas, mas não foi consultado sobre as mudanças. Foi pego de surpresa.

As alterações no IOF incidentes sobre atividades de câmbio interrompem o processo de adequação aos padrões da OCDE, iniciado no governo Bolsonaro, e podem encarecer compras e investimentos de brasileiros no exterior. Na prática, são um desincentivo à saída de recursos do país e podem afetar operações de curto prazo no mercado financeiro, com possíveis impactos na cotação do dólar.

Na entrevista sobre as mudanças no imposto, o secretário-executivo do Ministério da Fazenda, Dario Durigan, afirmou que o ministro Fernando Haddad havia conversado com Galípolo sobre o assunto em reunião que tiveram na última terça-feira.

— O ministro Haddad tratou com o presidente do Banco Central sobre esse tema — garantiu Durigan.

Pouco depois, Haddad fez um post em sua conta na rede social X: "Sobre as medidas fiscais anunciadas, esclareço que nenhuma delas foi negociada com o BC."

No anúncio das medidas, o secretário do Tesouro, Rogério Ceron, disse que elas ajudarão o BC a combater a inflação, pois "têm uma harmonização com a política monetária" e "aumentam a credibilidade" das metas fiscais de 2025 e 2026, e o IOF sobre crédito "tem o papel de ajudar o BC na dinâmica de acomodação" do segmento.

— Isso é importante. Têm um papel que vai apoiar esse processo de encerramento do ciclo da alta de juros e, quem sabe, no horizonte que o BC vai saber definir bem, ter as expectativas de inflação convergidas para as metas, e poder iniciar um processo de relaxamento da política monetária — disse Ceron, que antes do anúncio das medidas se reuniu com o diretor de Política Monetária do BC, Nilton David, responsável pelas operações no mercado de câmbio.

Convocação
O Sindicato dos Oficiais Gráficos de Niterói convoca os Trabalhadores de sua Base Territorial para uma Assembléia Geral Extraordinária que se realizará no dia 28 de maio de 2025, na sede do Sindicato sito à Rua da Conceição, nº 101, sala 935, Centro, Niterói/RJ, em primeira convocação às 17h, em segunda e última convocação às 17h30, com qualquer número de presentes, para tratar da seguinte Ordem do Dia: Convenção Coletiva de Trabalho 2025/2026 - (a) Edson Vilson da Mota - Presidente.

Indicadores Financeiros. Excepcionalmente hoje a seção não é publicada



Uma nova era nos cuidados com a obesidade, o diabetes e o fitness

EVENTO PRESENCIAL
27.05
8h30 às 13h
Auditório Editora Globo
Rua Marquês de Pombal, 25

Os novos medicamentos para tratamento da obesidade e do diabetes tipo 2 representam uma revolução na medicina. No entanto, o comércio clandestino, a banalização do consumo sem controle médico, as versões falsificadas e os desvios de uso incentivados por influenciadores expõem a população a riscos reais. **O seminário reunirá especialistas** para contrapor os avanços do setor às brechas na legislação que permitem o uso irresponsável desses medicamentos. **Participe!**

PROGRAMAÇÃO:

PAINEL 1
A ciência no cuidado do diabetes e da obesidade: o uso correto dos medicamentos revolucionando a medicina e salvando vidas.

PAINEL 2
Manipulados e patentes: fronteiras legais e éticas.

PAINEL 3
A indústria do risco e da ilegalidade: manipulação, contrabando e falsificação.

PAINEL 4
Informação versus fakemeds: o papel da mídia e dos influenciadores na saúde hoje.

ACESSE E  INSCREVA-SE

APRESENTAÇÃO


REALIZAÇÃO




TRANSMISSÃO
O GLOBO 100

Argentinos não terão mais de justificar origem de dólares 'no colchão'

Porta-voz do governo afirma que cidadãos serão considerados inocentes até que o Fisco prove o contrário. IR será simplificado



Poupança. Com as novas medidas, Javier Milei espera que os argentinos injetem seus dólares na economia

De *La Nación** BUENOS AIRES

O governo do presidente argentino, Javier Milei, anunciou ontem um conjunto de medidas para trazer os dólares que estão fora do sistema financeiro — popularmente conhecidos como "dólares debaixo do colchão" — para a economia formal. Chamado de Plano de Reparação Histórica das Poupanças dos Argentinos, a iniciativa foi apresentada pelo porta-voz do governo, Manuel Adorni, e pelo ministro da Economia, Luis Caputo.

Adorni enfatizou que, a partir de agora, será respeitado o princípio da inocência dos contribuintes:

— Seus dólares, sua decisão. O que é seu é seu, não pertence ao Estado. Você deve ter plena liberdade para utilizar seus recursos como bem entender, sem a obrigação de justificar sua origem — afirmou. — Os argentinos voltam a ser inocentes até que a Arca (Agência de Cobrança e Controle Aduaneiro, o Fisco argentino) prove o contrário.

'JUSTO PAGA POR PECADOR'

O plano será implementado em duas fases distintas: a primeira por meio de decreto presidencial, e a segunda mediante projeto de lei que será enviado ao Congresso. Este terá como objetivo proteger os argentinos contra eventuais mudanças de rumo em futuros governos. Adorni afirmou que os mesmos atores políticos responsáveis pela criação do atual marco regulatório continuariam participando de eleições a cada quatro anos.

As medidas entram em vigor hoje. Entre elas, estão o fim da exigência de informar à Arca compras pessoais com cartão de crédito pessoal, débito ou carteira virtual; a proibição a bancos de solicitarem declarações de impostos nacionais; e o fim da exigência de informar transações imobiliárias, tanto por compradores de imóveis como por corretores.

A Argentina também adotará um regime simplificado de Imposto de Renda em que, entre outras coisas, não serão mais necessárias informações sobre consumo e patrimônio.

Ao explicar as medidas, Adorni afirmou que a Argentina é um dos países onde "mais se criminalizou a poupança", dizendo que governos anteriores fizeram com que ganhar dinheiro "fosse mal visto e até perigoso". Ele disse que as políticas anteriores alimentaram "um Estado gigante" e geraram inflação:

— Isso criou o cenário perfeito para que os argentinos migrassem para a informalidade, enquanto o Estado aumentava cada vez mais os impostos sobre os poucos que permaneciam na formalidade. A aberração foi tanta que vivemos quase dez anos de controle cambial, tratando quem queria comprar mais de US$ 200 como se fosse um criminoso do nível de Al Capone.

Ao abordar as críticas da oposição, que questiona os possíveis impactos do plano nas políticas de combate à lavagem de dinheiro, Adorni reafirmou o compromisso do governo com a segurança financeira:

— Vamos alocar recursos para combater aqueles que cometem crimes, para puni-los em toda a extensão da lei. Em nosso objetivo, aquele que faz o que faz paga por isso. O ridículo de fazer os justos pagarem pelos pecadores acabou. É preciso virar a página e colocá-los definitivamente em um verdadeiro caminho de crescimento.

**O La Nación faz parte do Grupo de Diarios América (GDA)*

ANÁLISE

Milei promete 'dolarização e liberdade' para testar popularidade

JANAÍNA FIGUEIREDO janaina.figueiredo@oglobo.com.br BUENOS AIRES

Como era esperado, o governo Javier Milei anunciou ontem uma medida batizada de "reparação histórica", que busca convencer os argentinos a legalizarem cerca de US$ 214 bilhões que, segundo dados oficiais, estão fora do sistema financeiro — em alguns casos, literalmente debaixo do colchão. O pacote de medidas, que basicamente reduz os poderes de fiscalização da Arca (a Receita Federal argentina), mira as classes média e média alta. Seus integrantes foram fortemente afetados pela serra elétrica de Milei e, portanto, seus votos não estão garantidos para o presidente, que este ano caiu em torno de dez pontos percentuais nas pesquisas de opinião pública.

Hoje, segundo empresas de consultoria locais, Milei tem entre 40% e 48% de imagem positiva. No fim do ano passado, eram 54%. O ajuste teve um custo alto, mas Milei continua sendo o político mais popular de um país no qual a oposição está absolutamente desnorteada, seja de esquerda ou direita. Peronista ou não peronista.

O partido governista A Liberdade Avança fez uma ótima eleição na capital do país domingo passado. Milei comanda a direita e a extrema direita, mas sabe que muitos dos votos das classes média e média alta ainda não fazem parte de sua base de apoio fiel. Precisam de estímulos permanentes.

Segundo o porta-voz do governo, Manuel Adorni, o plano de Milei busca "blindar as economias dos argentinos" de governos que os perseguiram, e que "a cada quatro anos disputam eleições". O recado é claro: o plano é contra o peronismo e suas subdivisões, entre elas o kirchnerismo. Mas não apenas.

O famoso *corralito*, o confisco de depósitos bancários, em dezembro de 2001, foi uma das últimas medidas do governo Fernando de la Rúa, que renunciou na metade do mandato. Seu sucessor, o peronista Eduardo Duhalde, não apenas manteve as restrições, como implementou uma conversão compulsória dos depósitos em dólar para pesos. O trauma é grande.

Em termos políticos, Milei busca recuperar parte ou todo o apoio perdido em consequência do ajuste fiscal, pilar de seu programa de governo. O presidente precisa obter um excelente resultado nas eleições legislativas de outubro. Não vai conseguir uma maioria, mas pode chegar a um terço do Parlamento e, com isso, ter o que os analistas chamam de "escudo legislativo". Este permitiria, por exemplo, barrar pedidos de impeachment e iniciativas contra decretos presidenciais.

— Milei quer estimular o consumo e manter a inflação baixa. O presidente sabe que a inflação em queda é o que mais vai atrair votos — afirma o analista Ignácio Labaqui, professor da Universidade Católica Argentina (UCA).

Para as classes média e média alta argentinas, operar em dólares faz parte da vida há décadas. As crises cíclicas do país tornaram poupar em dólares um esporte nacional e, com Milei, muitos desses recursos estão sendo usados para cobrir despesas mensais. Não é a primeira vez que isso acontece, mas, segundo relatos, a quantidade de dólares usada nunca foi tão elevada. Tarifas de serviços públicos triplicaram, planos de saúde idem. O jeito, para muitos, foi recorrer aos dólares guardados debaixo do colchão.

Agora, Milei simplificou muitas operações e espera que a grande maioria desses dólares que os argentinos, na visão do governo, foram obrigados a esconder para não sofrer confiscos sejam injetados no mercado interno. É um perdão a sonegadores, tratados como vítimas.

O presidente sabe perfeitamente como pensa a classe média de seu país, que, em sua grande maioria, considera o Estado um inimigo. Não é à toa que um personagem como Bombita, interpretado por Ricardo Darín em "Relatos Selvagens", seja celebrado por dinamitar um órgão estatal.

Num país no qual os governos que o antecederam são vistos como uma parte nefasta da História, é uma jogada de mestre. As urnas dirão se será suficiente para consolidar o apoio da hoje empobrecida classe média argentina a um governo que, em paralelo, reprime manifestações de aposentados, ataca a imprensa, retira a Argentina da Organização Mundial da Saúde e nega o golpe de Estado de 24 de março de 1976.

Motiva, ex-CCR, mantém a concessão da BR-163

Rodovia atravessa MS e é importante corredor logístico do agronegócio

ANA FLÁVIA PILAR ana.costa@oglobo.com.br SÃO PAULO

Nenhuma empresa apresentou nova proposta no leilão da BR-163, realizado ontem na Bolsa de São Paulo, a B3. A atual concessionária, a Motiva (antiga CCR), continua com o contrato. Foi o primeiro leilão no modelo de "teste de mercado". A Motiva — que participou de uma repactuação do contrato — apresentou uma proposta, a partir da qual outros interessados poderiam fazer lances, o que não aconteceu.

A rodovia atravessa o Mato Grosso do Sul e é um dos grandes corredores logísticos do agronegócio. O trecho concedido tem 847 quilômetros, sendo fundamental para o escoamento de soja e milho no Centro-Oeste. Segundo o governo, a BR-163 faz parte do conjunto das rodovias que compõem a Rota Bioceânica, que visa a conectar o Brasil ao Oceano Pacífico por um corredor logístico que passa por Paraguai, Argentina e Chile.

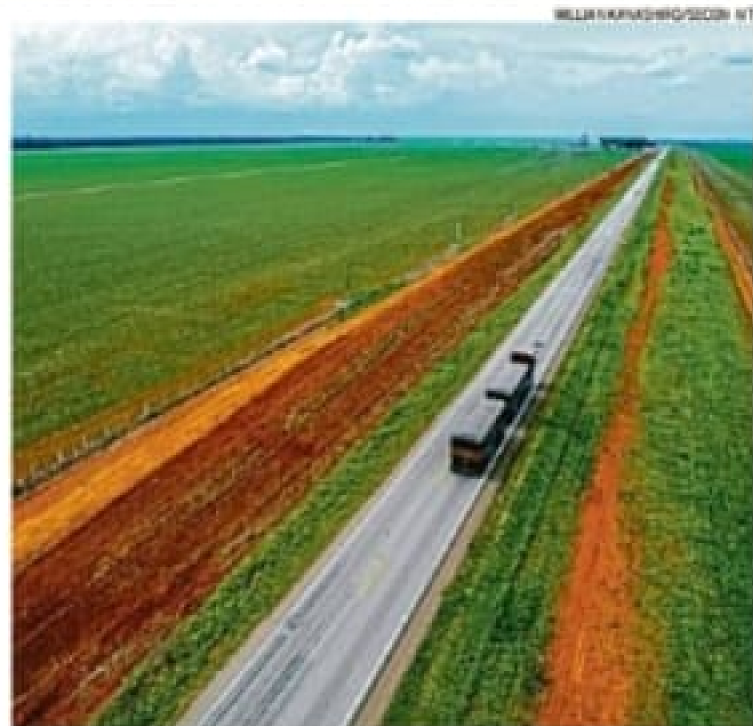
R$ 16,5 BI EM INVESTIMENTOS

A Motiva fez oferta de R$ 0,07521 por quilômetro. O valor atual do pedágio é de R$ 7,52 a cada 100 quilômetros. O contrato prevê R$ 16,59 bilhões em investimentos ao longo de 29 anos. Entre as obras previstas estão 203km de duplicação, 148 km de faixas adicionais, 28,8km de contornos e 23km de marginais, além de 22 passarelas, 144 pontos de ônibus, 56 passagens de fauna e três Pontos de Parada e Descanso para caminhoneiros.

A CCR (agora Motiva) venceu o leilão da BR-163 em 2014. Pelo contrato, todo o trecho deveria ser duplicado até 2019, o que não aconteceu. Naquele ano, a empresa pediu a devolução amigável da concessão e os termos foram repactuados em 2024. A ideia do novo formato de certame, o Procedimento Competitivo Simplificado (PCS), é aumentar a competitividade na renegociação de contratos considerados defasados, com o governo garantindo a continuidade dos serviços e obras sem precisar esperar o fim dos contratos para um novo leilão.

O ministro dos Transportes, Renan Filho, disse que o novo modelo é inovador por buscar soluções baseadas no consenso e no entendimento, evitando a judicialização de contratos com obras paralisadas. Segundo ele, também garante a contratação por preços iniciais inferiores aos praticados nos novos leilões.

— É uma solução muito inovadora, que certamente o Brasil vai exportar para o mundo — disse o ministro.



Mato Grosso do Sul. O trecho concedido da rodovia BR-163 tem 847 quilômetros

Para Ana Cândida Carvalho, da área de Infraestrutura e Regulação do BMA Advogados, a realização do PCS dá transparência ao que foi pactuado e garante igualdade de condições a qualquer interessado no ativo. Com o leilão, a antiga concessionária passa a ter que cumprir novos compromissos assumidos durante o processo, e o contrato é modificado para incorporar esses ajustes:

— Na prática, talvez seja difícil para um *player* externo, ou seja, que não conhece o ativo, apresentar uma proposta melhor do que aquela formulada pela concessionária que vinha operando o ativo por vários anos, sobretudo sob a ótica dos temas que resultaram na deterioração da capacidade de execução do contrato ou de performance do ativo.

Luiz Paulo Ferreira, do Cascione Advogados, explica que o critério adotado foi o maior desconto no pedágio, a partir de um teto de R$ 0,0752 por km para pista simples. Se o desconto oferecido ultrapassasse 18%, o modelo exigia aportes financeiros adicionais, proporcionais à redução proposta. Segundo ele, embora não tenham surgido outras propostas, isso não significa que o modelo simplificado tenha falhado:

— Esse modelo de julgamento busca aproximar os preços aos que seriam praticados em um mercado competitivo. Dessa forma, a ausência de interessados não necessariamente indica um fracasso do modelo simplificado adotado, mas pode sinalizar que o valor proposto já estava próximo ao limite viável para cobrir os custos médios de operação e manutenção da rodovia.

Fraude do INSS: Correios vão atender aposentados lesados

O serviço nas agências será voltado para conferir possíveis descontos ilegais ao beneficiário. Objetivo é alcançar pessoas que não têm acesso à tecnologia

BERNARDO LIMA

O Ministério da Previdência Social e o INSS anunciaram ontem que agências dos Correios vão prestar atendimento, a partir de 30 de maio, a aposentados e pensionistas que quiserem conferir se tiveram descontos ilegais aplicados em seus benefícios por entidades ou associações.

O ministro da Previdência, Wolney Queiroz, afirmou que o serviço será disponibilizado para que o INSS alcance a população que não tem acesso à tecnologia. Esse grupo, afirma ele, corresponde a 2% do público atendido pelo INSS, cerca de 2 milhões de pessoas.

— Embora saibamos da quantidade grande de gente que acessa o aplicativo Meu INSS, sabemos que existem pessoas que preferem o atendimento presencial, é para essas pessoas que estamos abrindo mais um canal de atendimento, para que essas pessoas sejam atendidas — disse Queiroz.



MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

Presencial. O atendimento a aposentados será feito em 4.730 agências distribuídas pelo país

AGÊNCIAS DO INSS FORA

O atendimento presencial ao público será feito apenas nas agências dos Correios, e restrito a conferir possíveis descontos ilegais. Segundo o governo, 4.730 agências em todos os estados ficarão disponíveis para esse esforço. A lista das agências definidas será disponibilizada no site dos Correios e nos canais de atendimento do INSS.

As agências do INSS não farão este tipo de atendimento, e seguirão se dedicando aos serviços prestados hoje.

Para fazer o atendimento presencial sobre os descontos é necessário apresentar apenas um documento de identificação aos funcionários das agências dos Correios. Caso o aposentado ou pensionistas não tenha condições de se deslocar até o local, será necessário enviar outra pessoa com uma procuração para realizar o atendimento.

Segundo a diretora de Governança e Estratégia dos Correios, Juliana Agatte, as agências poderão identificar se o aposentado ou pensionista sofreu descontos mensais (e qual foi a entidade responsável); protocolar pedido de informações adicionais; informar o retorno do INSS sobre esse pedido, e a data para essa nova visita aos Correios; além de orientar o beneficiário sobre como fazer a contestação e o pedido de ressarcimento.

Quem for ao atendimento presencial pode levar apenas um documento de identidade.

O INSS recebeu, até às 9h de ontem, 1.913.918 respostas de aposentados e pensionistas que tiveram descontos em seus benefícios. Do total, 98% afirmaram não reconhecer o vínculo com a organização associativa, e pediram devolução dos recursos.

Rússia restringe ao RS embargo a frango brasileiro por gripe

Mais 3 países acompanham a decisão. Até então, suspensão de compras atingia todos os estados

ELIANE OLIVEIRA

O Ministério de Agricultura e Pecuária (Mapa) informou ontem que Rússia, Bielorrússia, Armênia e Quirguistão decidiram retirar a suspensão das compras de frango brasileiro de todo o país. Essas nações passaram a restringir o bloqueio apenas ao Rio Grande do Sul, estado em que, há uma semana, foi identificado o primeiro foco de gripe aviária em uma granja comercial.

Segundo dados atualizados divulgados ontem pelo Mapa, 19 países e a União Europeia, formada por 27 nações, suspenderam as aquisições de carne de frango e subprodutos de aves de todo o Brasil.

Outros 16 mercados foram fechados para o Rio Grande do Sul e dois se restringiram ao município gaúcho de Montenegro, onde se localiza a granja matrizeira na qual surgiu o foco. A Turquia, que ainda importava, anunciou ontem a restrição à compra de carne de frango do Rio Grande do Sul.

"O Mapa permanece em articulação com as autoridades sanitárias dos países importadores, prestando, de forma ágil e transparente, todas as informações técnicas necessárias sobre o caso. As ações adotadas visam garantir a segurança sanitária e a retomada segura das exportações o mais breve possível", diz uma nota divulgada ontem.

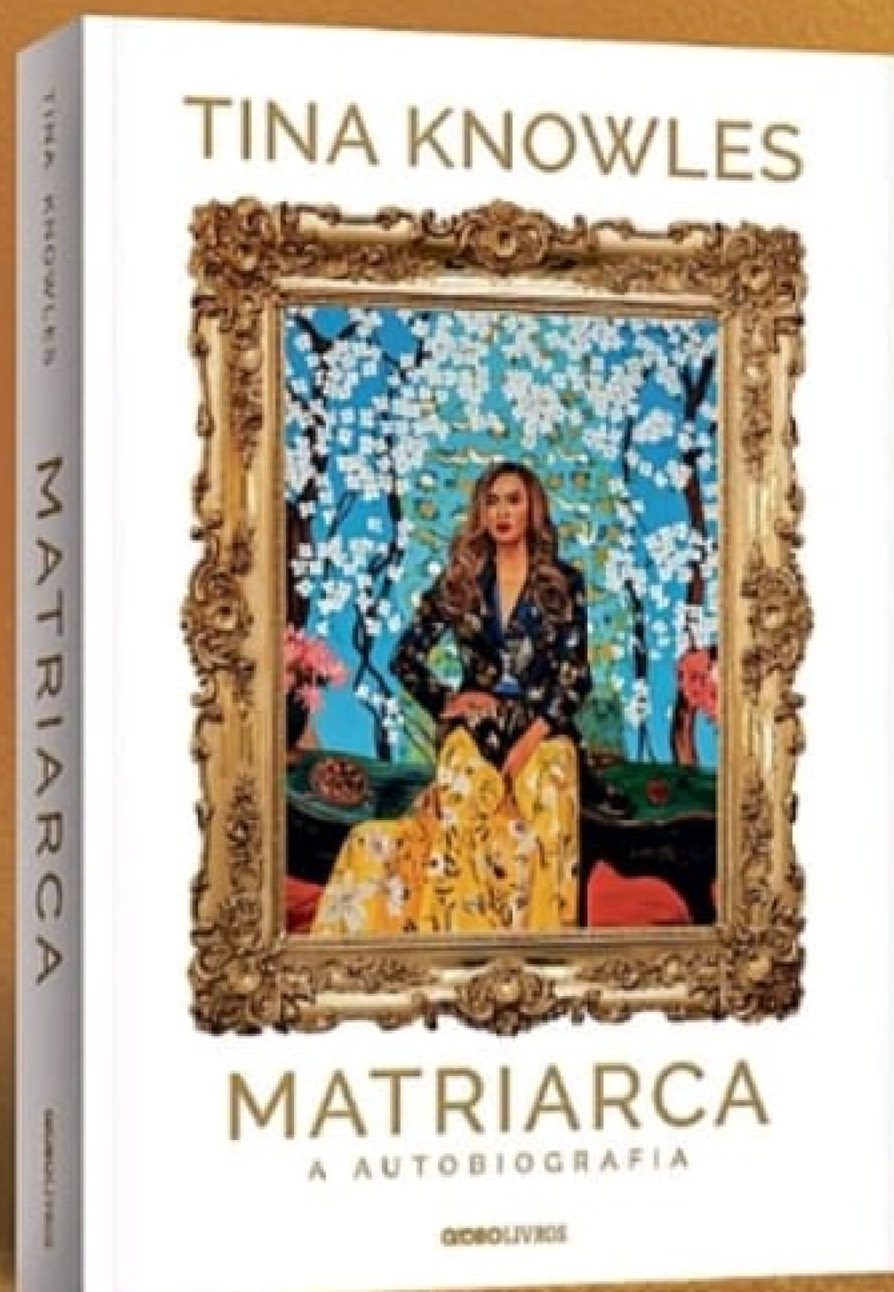
CONSUMO SEM RISCO

A pasta reforçou que o consumo da carne de aves e dos ovos não traz risco à saúde.

De acordo com o Mapa, o serviço veterinário oficial concluiu a limpeza e desinfecção da granja em Montenegro. Com isso, teve início ontem o período de 28 dias de vazio sanitário, como preveem protocolos internacionais. Caso não haja registro de novos focos nesse intervalo, o Brasil poderá se autodeclarar livre da doença naquela região.

— Esse período é essencial para que possamos, de forma técnica e transparente, comprovar a contenção do vírus — explicou o secretário de Defesa Agropecuária, Carlos Goulart. — Isso não apenas fortalece a credibilidade do nosso sistema sanitário, como também representa um passo fundamental para a reabertura de mercados e a normalização das exportações.

A AUTOBIOGRAFIA PODEROSA DE TINA KNOWLES, MÃE DA BEYONCÉ



Tina Knowles — mãe de Beyoncé, Solange e da filha do coração Kelly— apresenta uma narrativa emocionante sobre sua trajetória: da infância no Texas à consagração como empresária e matriarca de uma das famílias mais influentes da música.

Mais do que uma autobiografia, *Matriarca* é um tributo à maternidade negra, à ancestralidade e à força das mulheres.

DISPONÍVEL NAS LOJAS ON-LINE, LIVRARIAS E EM E-BOOK

GLOBOLIVROS | 100 ANOS DE GLOBO

Globo celebra parceria histórica com mercado de publicidade do país

Jantar reúne em São Paulo mais de 100 CEOs de agências e anunciantes para marcar a trajetória de 100 anos do grupo



100 anos com anunciantes. Marinho destaca apoio ao jornalismo independente; Kachar prevê novo ciclo vitorioso

JULIANA CAUSIN
juliana.causin@sp.oglobo.com.br
SÃO PAULO

Como parte das celebrações dos 100 anos do Grupo Globo, a Globo realizou ontem um evento que reconheceu sua parceria histórica com o mercado brasileiro de publicidade. Mais de 100 CEOs de agências e anunciantes participaram de um jantar na sede do grupo em São Paulo, em um encontro que marcou o reconhecimento das marcas que contribuíram para a trajetória da Globo e do mercado de publicidade nacional, um dos mais premiados do mundo.

Em 2025, o grupo comemora o centenário do jornal O GLOBO, os 60 anos da TV Globo, os 25 anos do jornal Valor Econômico e os 10 anos do Globoplay. No ano passado, a Rádio Globo completou 80 anos.

A noite teve início com a recepção do diretor-presidente da Globo, Paulo Marinho; a diretora de Negócios Integrados em Publicidade, Manzar Feres; e o diretor-geral da Editora Globo e do Sistema Globo de Rádio, Frederic Kachar. O jornalista Pedro Bial abriu a celebração com uma crônica que destacou a história do grupo — da fundação do jornal O GLOBO com a visão de Irineu Marinho, passando pelos primeiros anos da Rádio Globo até a TV Globo e a Globoplay, lembrando os bordões da emissora até o atual: "O futuro já começou".

Paulo Marinho lembrou que já na fundação do jornal O GLOBO, há 100 anos, Irineu Marinho acreditava que o apoio da publicidade era fundamental para garantir um jornalismo independente.

— Nascia ali um jornalismo apartidário, vibrante, moderno e identificado com a sociedade. E nascia também a relação do mercado com a Globo, que moldaria a maneira como se faz publicidade no Brasil — destacou o diretor-presidente da Globo.

Quarenta anos depois, Roberto Marinho daria continuidade a essa visão ao idealizar a TV Globo. Paulo Marinho lembrou que ele teve "o sonho e a ousadia" de criar uma emissora moderna e que foi decisiva para transformar a indústria da comunicação brasileira em referência internacional, ao unir criatividade e "um profundo conhecimento do Brasil".

DTV+: NOVO PADRÃO DIGITAL

Paulo Marinho acrescentou que o futuro da Globo mira as milhares de histórias que ainda serão contadas em um ecossistema de mídia que une TV aberta, fechada, streaming, produtos digitais e mídia *out of home*. O executivo também destacou que os próximos passos passam pelo lançamento da DTV+, novo padrão da televisão digital, que une TV aberta e digital em uma única experiência de consumo.

— A DTV+ é mais um passo rumo ao futuro. São 100 anos de um futuro escrito diariamente, mantendo nossos sólidos princípios e compromissos, olhando e refletindo o país, prontos para ultrapassar novas fronteiras, numa permanente busca por inovação — celebrou Marinho.

O diretor-geral da Editora Globo e do Sistema Globo de Rádio, Frederic Kachar, afirmou que aniversários simbólicos, como os 100 anos do jornal O GLOBO e os 80 anos da Rádio Globo, são momentos de celebração e também de reflexão sobre o futuro. Ele destacou que a longevidade do grupo é fruto da fidelidade à essência, guiada por inquietude criativa, disciplina e paixão pelo jornalismo.

— A gente sabe contribuir de maneira relevante para a democracia, para uma sociedade inspirada e bem formada, que são condições fundamentais para o desenvolvimento de qualquer país. Ainda estamos aqui, e estaremos por mais 100 anos. Vamos juntos começar a construir o Ano Um desse novo ciclo vitorioso — disse Frederic Kachar.

NÚMEROS SUPERLATIVOS

Manzar Feres, por sua vez, destacou números positivos recentes sobre o alcance do conteúdo gerado pelo grupo. Em 2024, a TV Globo alcançou 95% dos brasileiros, em todos as telas, enquanto os produtos digitais da empresa chegam a 88 milhões de usuários únicos todos os meses.

Maior plataforma brasileira de streaming, o Globoplay, por sua vez, ultrapassou a marca de 25 milhões de pessoas alcançadas mensalmente. Entre os brasileiros interessados em notícias, 80% consomem os conteúdos da Globo. Nove entre cada dez espectadores assistiram a algum conteúdo esportivo da Globo em 2024.

— A Globo se reinventa, se digitaliza, se projeta para os próximos 100 anos, mas carrega com orgulho o que não muda: o compromisso com a qualidade, a busca por inovação e a crença de que grandes histórias geram grandes resultados — acrescentou a diretora de Negócios Integrados em Publicidade.

A noite também contou com a presença de talentos da Globo de todas as áreas, como Eliana, Sabrina Sato, César Trali, Natuza Nery, Paulo Vieira, Tais Araújo, Serginho Groisman e Patrícia Poeta.

CBN

JORNAL DA CBN

Todos os ângulos da notícia para você começar o dia bem-informado.

Diariamente, a partir das 06h com **Cássia Godoy** e **Milton Jung**

Aqui, cada fato é analisado por **um time de comentaristas renomados**, trazendo diferentes pontos de vista e abordagens:

Cortella – Sociedade e Comportamento
Miriam Leitão – Economia
Malu Gaspar – Política
Lauro Jardim – Política
Sardenberg – Economia
PVC – Esporte
Eduardo Rauen – Bem-estar & movimento
Pedro Doria – Tecnologia
Thassius – Tecnologia
Marcelo D'Agosto – Economia
Luis Fernando Correia – Saúde física e mental

CBN | 100

ESTÁ EM TODOS OS LUGARES:
na rádio, no app, no site, na Alexa, no YouTube e nas principais plataformas de áudio.

Ouça agora!

Cade reabre ação contra Google por uso de notícias

Órgão investiga prática da big tech que pode prejudicar produtores de conteúdo jornalístico. Associação Nacional de Jornais defende que empresa seja obrigada a fazer acordos de remuneração com sites de notícias

BERNARDO LIMA

O Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) reabriu um inquérito administrativo que investiga o Google por possível abuso de posição dominante no mercado de buscas e no uso de conteúdo jornalístico. A apuração diz respeito à denúncia de "raspagem" de conteúdo jornalístico advindo de outros sites por parte do Google, que faria o material relevante aparecer em sua página de busca, mas sem acesso direto à fonte original — como sites de jornais, rádios ou canais de televisão que publicam conteúdo jornalístico profissional.

O tema vai para análise do tribunal do órgão que regula a concorrência no Brasil na próxima quarta-feira. A raspagem (*web scraping*) é um processo que utiliza programas rastreadores da web para extrair grandes quantidades de conteúdo original de milhares de páginas da internet.

A exibição de produção jornalística diretamente nas plataformas da big tech pode desviar o tráfego que, originalmente, iria para os sites dos veículos de imprensa. Isso significa menos acesso e, consequentemente, menos receita publicitária para os veículos produtores do conteúdo.

Além disso, há preocupações por parte das empresas jornalísticas de que o Google esteja priorizando seus próprios serviços nos resultados de busca.

EXEMPLO EUROPEU

A apuração brasileira começou em 2018, mas, em dezembro de 2024, o caso foi arquivado pela superintendência-geral do órgão. Em março deste ano, a conselheira Camila Cabral Pires Alves recomendou que o processo fosse retomado. Ela menciona que, em países como Bélgica e França, autoridades reguladoras se mobilizaram recentemente para controlar a atuação do Google no segmento jornalístico.

"Essas discussões refletem preocupações com o mercado digital e com o equilíbrio entre os interesses das plataformas e dos editores de conteúdo", afirmou a conselheira na justificativa para a reabertura do caso.

No exterior, o Google é investigado pela Comissão Europeia — o órgão executivo da União Europeia — por possível violação à Lei de Mercados Digitais. A legislação europeia foi atualizada para disciplinar as operações das grandes empresas de tecnologia, com o objetivo de ampliar a concorrência no meio digital do bloco.

No processo do Cade, a Associação Nacional de Jornais (ANJ) afirma que houve queda na audiência dos sites de notícias devido à prática da raspagem do conteúdo. A entidade argumenta que, ao exibir trechos de notícias e manchetes, o Google faria o material mais relevante aparecer em suas páginas de busca. Desse modo, os leitores deixariam de acessar os sites de veículos de mídia que produzem as notícias.

O presidente-executivo da ANJ, Marcelo Rech, ressaltou a importância da análise do inquérito pelo Cade.

— Entendemos que é importante o Cade estender o exame do processo, especialmente neste momento em que organismos antitruste de todo o mundo estão avaliando os impactos dos negócios das plataformas. O Brasil sempre esteve à frente em discussões sobre práticas anticompetitivas e não faria sentido agora, quando se inicia a era da inteligência artificial, simplesmente ignorar esse debate — afirmou Rech.

A expectativa da ANJ é que a decisão final do Cade determine que o Google seja obrigado a fazer um acordo de remuneração com os sites de notícias, estabelecendo uma distribuição de verbas mais igualitária. Modelos semelhantes já foram adotados em decisões de outros países que discutiram o tema.

'CONDUTA EXPLORATÓRIA'

Uma das bases da investigação do Cade é uma suposta conduta exploratória pelo uso de conteúdo dos sites de notícias sem remuneração aos veículos. O Cade também analisa se o Google estaria impedindo a concorrência de concentrar o tráfego em seus próprios sites.

No mês passado, o Google foi condenado nos EUA em um processo que acusou a big tech de monopolizar o mercado de publicidade na internet.



GREG BAKER / AFP

Defesa econômica. Tribunal do Cade vai analisar se é irregular atuação do Google no uso de material jornalístico

Empresa é alvo de investigação por acordo com Character.AI

Departamento de Justiça dos EUA apura se houve manobra para acobertar cartel

BLOOMBERG NEWS

O Departamento de Justiça dos EUA investiga se a Alphabet, controladora do Google, violou a legislação antitruste ao firmar acordo para usar a tecnologia de inteligência artificial (IA) de uma popular desenvolvedora de *chatbots*, segundo pessoas com conhecimento do assunto.

Autoridades antitruste informaram ao Google que estão examinando se o acordo com a Character.AI foi estruturado para evitar que o governo fizesse análise formal sobre uma possível fusão, segundo as fontes. No acordo fechado no ano passado, os fundadores da Character.AI passaram a integrar o time do Google, que obteve ainda uma licença não exclusiva para usar a tecnologia desenvolvida pela startup.

Acordos como esse têm sido celebrados no Vale do Silício como uma forma eficiente de atrair talentos para novos projetos. No entanto, também têm despertado a atenção de reguladores receosos de que grandes empresas de tecnologia usem seu poder de mercado para impedir a ascensão de concorrentes.

Em nota, o porta-voz da companhia, Peter Schonttenfels, afirmou que o o Google está sempre disponível para responder a quaisquer perguntas dos reguladores.

"Estamos entusiasmados com a chegada dos talentos da Character.AI, mas não temos participação acionária, e eles continuam sendo uma empresa separada", diz Schonttenfels.

ESCRUTÍNIO CRESCENTE

O Departamento de Justiça pode investigar se a transação é anticompetitiva, mesmo sem revisão formal. O Google não foi acusado de irregularidade no âmbito da investigação, que ainda está em estágio inicial e pode ou não resultar numa ação judicial.

Um porta-voz do Departamento de Justiça se recusou a comentar. Um representante da Character.AI não respondeu a pedidos de comentário.

No governo do ex-presidente americano Joe Biden, as autoridades antitruste intensificaram o escrutínio sobre a concorrência no ecossistema de IA, que evolui rapidamente, incluindo a produção de chips e o fornecimento de capacidade computacional. Além disso, o governo analisa se parcerias com startups de IA estão dando a big techs uma vantagem injusta no desenvolvimento dessa tecnologia.

A Character.AI desenvolve chatbots capazes de simular virtualmente qualquer pessoa ou personagem. Seus fundadores trabalharam no Google, mas deixaram a empresa para fundar a startup. Após o acordo, voltaram ao Google em 2024, com alguns membros da equipe de pesquisa.

A agência Bloomberg noticiou, em agosto, que, no acordo firmado com o Google, os investidores existentes da Character.AI teriam suas ações compradas a um preço que avaliava a empresa em US$ 2,5 bilhões. Dentro do acordo, a startup também firmou contrato de licenciamento não exclusivo com o Google para uso de sua tecnologia de modelos de linguagem de larga escala. A Character.AI, por sua vez, continua existindo como empresa independente.

A investigação pode apertar o cerco antitruste ao Google, que já enfrenta ações judiciais federais nos EUA apontando que mantém monopólios ilegais em busca on-line e tecnologia de publicidade.

BYD passa Tesla na Europa com alta de 169% nas vendas

Queda da montadora de Musk no continente foi de 49% em meio à rejeição causada pela atuação do bilionário no governo Trump

Da Bloomberg News

A montadora chinesa BYD vendeu mais veículos elétricos (EVs, na sigla em inglês) na Europa do que a Tesla de Elon Musk pela primeira vez na história, ultrapassando a pioneira marca do bilionário sul-africano radicado nos EUA que há anos liderava o segmento no continente. A chinesa registrou 7.231 novos veículos elétricos a bateria em abril, segundo dados da consultoria Jato Dynamics. O número representa um salto de 169% em relação ao mesmo período do ano anterior. A americana ficou em segundo lugar, com queda de 49%.

Antes uma referência no setor de veículos elétricos, a Tesla passou a sofrer rejeição por parte de consumidores na Europa após Musk se tornar um dos maiores financiadores da campanha de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos e depois chefiar o Doge, um polêmico órgão do governo do republicano que tem a missão de fazer drásticas reduções de despesas, demitir funcionários públicos e fechar agências governamentais nos EUA. A Tesla passou a ser alvo de vandalismo, boicotes e manifestações nos EUA e na Europa contra o seu criador e proprietário, com impacto direto nas vendas.

No mês passado, o bilionário afirmou que reduziria sua atuação no governo Trump para dar mais atenção a seus negócios.

Na Europa, a Tesla continuou a perder terreno mesmo com o crescimento acelerado do segmento de EVs no continente. No total, os registros de veículos elétricos subiram 28%. Líder europeia da indústria automobilística em todos os segmentos, a Volkswagen vendeu 61% mais carros elétricos em abril na comparação anual. A marca Skoda, subsidiária da montadora alemã, mais que triplicou suas vendas de EVs.

MOMENTO DECISIVO

A BYD superou a Tesla por margem ainda maior quando são incluídos os veículos híbridos *plug-in* (PHEVs) da montadora chinesa. As vendas totais da empresa dispararam 359%.

— Embora a diferença entre os totais de vendas mensais das duas marcas possa ser pequena, as implicações são enormes. Este é um momento decisivo para o mercado automotivo europeu — observa Felipe Munoz, analista da Jato Dynamics.

Em todo o mundo, a BYD já vendeu quase o mesmo número de carros elétricos que a Tesla — 1,76 milhão contra 1,79 milhão em 2024 — mas, quando todas as suas outras vendas de carros híbridos de passageiros são incluídas, o número é muito maior. As entregas totais da BYD no ano passado subiram para 4,27 milhões, quase tanto quanto as da centenária Ford. As receitas da montadora chinesa somaram US$ 107 bilhões em 2024 e ultrapassaram os US$ 97,7 bilhões da Tesla.

ACIMA DA HONDA NO BRASIL

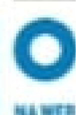
Globalmente, a BYD projeta vendas de 5 milhões a 6 milhões de veículos neste ano. O começo já foi forte, com vendas nos primeiros dois meses de 2025 subindo 93% na comparação anual, para 623.300 unidades.

No Brasil, a marca chinesa emplacou 8.345 veículos em abril, ocupando a sétima posição do ranking geral e passando a Honda, que teve 8.298 unidades emplacadas, segundo a Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabrave).

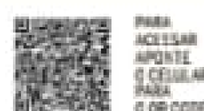
A montadora chinesa está construindo uma fábrica em Camaçari, na Bahia, que poderá começar a operar ainda este ano.


CYRIL MARCILHACY/BLOOMBERG

Em Paris. Modelo elétrico Dolphin Surf, lançado esta semana na França


NA WEB

ESCOLAS RELIGIOSAS NOS EUA
Suprema Corte proíbe verba pública
Decisão da corte americana barrou pedido de igreja no estado de Oklahoma


PARA ACESSAR APONTE O CELULAR PARA O QR CODE

ALLISON ROBBERT/THE NEW YORK TIMES



Violência antissemita. Policiais investigam cena do crime em Washington

ÓDIO E ANTISSEMITISMO

Funcionários da Embaixada de Israel são mortos em ataque em Washington

WASHINGTON

Menos de 24 horas depois de ser preso sob acusação de matar dois funcionários da Embaixada de Israel em Washington, Elias Rodriguez compareceu a um tribunal da capital americana onde foi formalmente acusado de homicídio qualificado, assassinato de um integrante de um governo estrangeiro e causar morte com arma de fogo. O ataque chocou a comunidade judaica e provocou uma onda de reações no meio político nos EUA e no exterior, que incluíram trocas duras de palavras entre Israel e alguns de seus aliados ocidentais.

A procuradora interina do governo americano em Washington, Jeanine Pirro, disse que os assassinatos serão investigados como crime de ódio e terrorismo.

Os assassinatos ocorreram do lado de fora do Museu Judaico de Washington, onde acontecia um evento para jovens profissionais organizado pelo Comitê Judaico Americano. Yaron Lischinsky e Sarah Milgrim, dois funcionários da Embaixada de Israel nos EUA que eram namorados, morreram no ataque. Israelense, Lischinsky atuava como assistente investigativo para Assuntos do Oriente Médio e Norte da África no Departamento Político da embaixada desde setembro de 2022. Foi nessa época que ele se mudou de Jerusalém para os EUA. Já Sarah trabalhava desde novembro de 2023 no Departamento de Diplomacia Pública da embaixada, onde os dois se conheceram. Lischinsky havia comprado um anel e iria propor à namorada em Jerusalém em breve.

ONDAS DE CHOQUE

Os assassinatos provocaram ondas de choque dentro da comunidade judaica e do meio político nos EUA, em Israel e em outros países.

"Esses horríveis assassinatos em Washington, D.C., obviamente baseados em antissemitismo, precisam acabar, AGORA! Ódio e radicalismo não têm lugar nos EUA. Condolências às famílias das vítimas. É muito triste que coisas assim aconteçam! Deus abençoe a TODOS!", escreveu o presidente Donald Trump em sua rede social, a Truth Social.

Segundo o embaixador israelense em Washington, Trump conversou com o premier Benjamin Netanyahu, quando "reafirmou seu compromisso com arrancar o violento antissemitismo que varreu os campi universitários" nos EUA — desde seu retorno à Casa Branca, o presidente tem pressionado as universidades a conter e eliminar e discursos considerados antissemitas, o que, segundo ativistas, inclui críticas legítimas ao governo de Israel e várias formas pacíficas de protesto pró-Palestina.

Netanyahu, que ouviu de Trump apoio à guerra em Gaza, também partiu para o ataque contra os líderes de França, Reino Unido e Canadá, que têm elevado o tom das críticas sobre a operação militar no enclave — onde 53 mil pessoas já morreram nos bombardeios — e sobre a crise humanitária agravada pelo bloqueio de ajuda imposto pelos israelenses. O premier afirmou que os três países "querem que Israel desista e aceite que o exército de assassinos em massa do Hamas sobreviverá, se reorganizará e repetirá o massacre de 7 de outubro outra vez".

EMBAIXADA DE ISRAEL NOS EUA VIA AFP



Vítimas. Yaron Lischinsky e Sarah Lynn Milgrim: ele ia propor casamento

Gideon Saar, chanceler israelense, disse ainda que os líderes europeus estão "incitando o antissemitismo", uma alegação refutada por Paris: um porta-voz da Chancelaria francesa considerou o comentário "ultrajante e completamente injustificado", e destacou que o governo francês condena todos os atos de antissemitismo. Alemanha, União Europeia e Reino Unido também condenaram os assassinatos.

PRESSÃO SOBRE ISRAEL

Para muitos judeus ao redor do mundo, o ataque a tiros em Washington soou como mais um alerta. A intensificação da ofensiva em Gaza, com o agravamento da crise humanitária e uma crescente pressão externa sobre Israel, inclusive de países que até agora evitavam tal postura e do público em geral, eleva ainda mais o risco de ações antissemitas.

— Há uma grande fusão e mistura de ideologias, conteúdo e linguagem — disse Dave Rich, diretor de políticas da Community Security Trust, uma organização judaica sem fins lucrativos em Londres que monitora o antissemitismo no Reino Unido, ao New York Times. — Muitas pessoas que não são extremistas ativos, como a maioria das pessoas entenderia, ainda usam linguagem extremista.

O número de ataques na Europa e nas Américas disparou desde outubro de 2023 — quando o Hamas atacou Israel e deu início à guerra — apontam pesquisadores, incluindo contra organizações judaicas, representações diplomáticas israelenses e indivíduos. Após o ataque em Washington, muitas lideranças judaicas temem que suas comunidades possam ser o próximo cenário de assassinatos com teor antissemita.

— Era esperado, dissemos que aconteceria, e posso dizer agora que acontecerá novamente, infelizmente, não apenas em Washington, mas também em outras cidades. Pode acontecer na Europa também, e aumentou o medo que já existia aqui — afirmou ao jornal Haaretz o rabino Menachem Margolin, fundador da Associação Judaica Europeia.

'FIZ POR GAZA'

Rodriguez não teve envolvimento com a polícia antes da noite de quarta-feira, mas no dia do ataque foi publicado um manifesto contra a guerra e contra os governos dos EUA e Israel em uma conta associada a ele na rede social X. A publicação foi feita cerca de uma hora após o crime, e não está claro se Rodriguez a programou ou se outra pessoa fez a postagem. Segundo o FBI, Rodriguez disse que cometeu os assassinatos "por Gaza".

O homem trabalhava em uma associação de médicos osteopatas em Chicago, onde vivia, e em suas redes sociais, havia imagens dele em uma manifestação contra a guerra na Faixa de Gaza, além de publicações em apoio aos palestinos. Na manhã de ontem, agentes entraram em seu apartamento no bairro de Albany Park, um dos mais diversos de Chicago. Não foi informado se os policiais encontraram algo no local, mas nas janelas havia duas imagens com referência à Palestina.

Além da operação de busca na casa de Rodriguez, a polícia de Chicago anunciou, na rede social X, que "está conduzindo atividades policiais autorizadas pelo tribunal na área de Chicago em conexão com o trágico tiroteio noturno em Washington".

Com New York Times e AFP

Grupo de 12 brasileiros e parentes chega de Gaza

Cidadãos do país não eram repatriados do enclave desde 2023; 90 caminhões com assistência humanitária entraram ontem

HYNDARA FREITAS
hyndara.freitas@sp.oglobo.com.br
SÃO PAULO

Um novo grupo de 12 repatriados da Faixa de Gaza — três brasileiros e nove familiares — chegou ao Brasil ontem, desembarcando em um voo comercial no Aeroporto de Guarulhos, São Paulo. Três no grupo eram crianças.

Ramadan Abdou não via os filhos, que estavam no território palestino sob cuidados da irmã, Alaa Abdou, havia dois anos e seis meses, desde que se mudou para o Brasil, em 2023. Ontem, a distância enfim acabou: por volta das 13h, as crianças Alaa, Khaled e Inshirah correram para o Terminal 2 na direção dos braços do pai. Sorrindo, deram abraços calorosos para marcar a reunião familiar. Lá, conheceram também os dois irmãos mais novos, que nasceram no Brasil, fruto do segundo casamento de Ramadan.

— Obrigado, governo federal, Brasil, obrigado, presidente Lula, muito feliz. Estou muito, muito feliz — disse Ramadan rapidamente após o reencontro.

AJUDA AINDA INSUFICIENTE

Sua irmã, Alaa, afirmou que vivia em uma barraca com as crianças após bombardeios destruírem sua casa, relatando que a falta de comida e água em Gaza virou rotina nos últimos meses devido à guerra.

As mais recentes viagens de repatriação de brasileiros vindos de Gaza foram no final de 2023. Naquelas ocasiões, os voos eram em aeronaves da Força Aérea Brasileira, mas desta vez os repatriados vieram de voo comercial, com escala em Doha, Catar, antes de seguirem para o Brasil. Segundo o Itamaraty, desde outubro, 127 brasileiros e familiares diretos já foram retirados de Gaza, além de 1.572 pessoas que estavam em Israel e no território ocupado da Cisjordânia.

MARIA ISABEL OLIVEIRA



Reunião. Ramadan Abdou e sua família recebem parentes vindos de Gaza

Equipes do Ministério de Desenvolvimento Social estavam no aeroporto para receber os passageiros de Gaza. Segundo O GLOBO apurou, alguns vão para abrigos e outros para casas de familiares.

Hassan Rabee, palestino com cidadania brasileira que ficou famoso por fazer um "diário de guerra" e voltou para o Brasil na primeira leva de repatriados em 2023, aguardava a chegada dos amigos, afirmando que ainda há muitos brasileiros ou familiares deles que querem deixar Gaza.

— As pessoas estão com bastante medo de morrerem massacradas lá. Esses familiares que chegam hoje nasceram de novo. Eles têm sorte — disse.

Ontem, mais de 90 caminhões carregados com ajuda humanitária entraram em Gaza, após um atraso de três dias na travessia, segundo informou a ONU. A chegada dos caminhões ocorre após um bloqueio de 11 semanas imposto por Israel, mas, segundo a ONU, "o volume [de ajuda] está longe de ser suficiente para atender às vastas necessidades de Gaza". Enquanto isso, bombardeios israelenses deixaram mais 52 mortos no enclave.

JANAÍNA FIGUEIREDO





@janainafigueiredo.jornalista X janafig
janaina.figueiredo@oglobo.com.br

Relação com fake news e assédio

Quando a Colômbia confirmou sua adesão à iniciativa chinesa da Nova Rota da Seda, um escritório do Departamento de Estado americano ameaçou, em nota divulgada pela rede social X, punir o país e outros latino-americanos que seguiram e pretendam seguir o mesmo caminho se opondo "fortemente" à liberação de desembolsos por parte de instituições multilaterais como o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) — mas não apenas. A disputa entre os Estados Unidos e a China determina, em grande medida, a relação da Casa Branca com a região. Uma relação onde proliferam o assédio e as fake news.

O comunicado do governo americano afirma que "os dólares dos contribuintes norte-americanos NÃO DEVEM ser utilizados de nenhuma maneira por organizações internacionais para subsidiar empresas chinesas em nosso hemisfério". Falso.

Como explica o diretor do Brasil no Banco Mundial (Bird), Marcos Vinícius Chiliatto, que também representa a Colômbia e outros países da região na diretoria do banco, "a declaração [do Departamento de Estado americano] tem premissas falsas: a primeira é que desembolsos do Bird e de outras instituições financeiras são recursos dos contribuintes americanos. Elas são instituições autossuficientes". Os EUA, acrescenta o diretor brasileiro, são o principal acionista do BID e do Bird, onde detêm 30% e 16% das ações, respectivamente, "mas isso não lhes dá poder de veto".

"Na aprovação de projetos, qualquer acionista pode votar contra ou se abster. Isso é comum. Mas não há poder de veto nesse tipo de deliberação, os projetos são aprovados por maioria. E em seguida, na execução, os acionistas não devem interferir. Os desembolsos são feitos em correspondência com as políticas operacionais vigentes, há normas sólidas para licitação, autorizar desembolsos em critérios técnicos, auditoria", diz Chiliatto.

> ***Presidente dos EUA pressiona países da América Latina a se distanciarem de projetos de desenvolvimento liderados pela China na região***

Dois terços dos países latino-americanos já participam do projeto chinês, e a Colômbia, no passado recente um dos principais aliados dos EUA na América Latina, foi o último a anunciar sua incorporação. O presidente Gustavo Petro também formalizou o pedido de adesão ao Novo Banco de Desenvolvimento (NBD), conhecido como banco do Brics, que tem sede na China. Em Washington, ambas as notícias caíram como um balde de água gelada.

Em paralelo, na recente cúpula da Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos (Celac) em Pequim, o presidente chinês, Xi Jinping, prometeu mais de R$ 52 bilhões em empréstimos para países da região.

O contra-ataque americano foi feroz e, destrinchado, é insustentável. Empresas chinesas estão atuando na América Latina em projetos financiados por organismos multilaterais, e não há nada que Trump possa fazer. Em Bogotá está sendo construída a primeira linha de metrô da capital colombiana com um consórcio de empresas chinesas. Até março de 2025, as obras já atingiram 50% de avanço, com previsão de inauguração para o primeiro semestre de 2028.

"Pode haver pressão política, mas os membros da diretoria [do banco] são regulados por um código de conduta", diz o diretor brasileiro. As ameaças de Trump causaram preocupação nas instituições multilaterais, mas a maioria dos acionistas, frisa Chilliatto, "está empenhada em proteger suas governanças de interferências políticas indevidas".

O resto é fake news.

Trump proíbe Harvard de matricular estrangeiros

Veto, que pode prejudicar as finanças da instituição, foi o mais recente ato da ofensiva do governo contra universidade



Reação. Protesto em Nova York contra as ações do governo Trump voltadas às universidades americanas. Reitora de Columbia foi vaiada em cerimônia de formatura

WASHINGTON

O governo do presidente dos EUA, Donald Trump, anunciou ontem que a Universidade Harvard, uma das principais do país, não poderá mais matricular estudantes estrangeiros. A medida, que afeta diretamente as finanças da universidade, ocorre em meio a uma queda de braço com a Casa Branca, que exige medidas alegadamente de combate ao antissemitismo no campus, mas que críticos veem como uma forma de controle externo sobre um dos principais centros de produção de conhecimento no mundo.

"Escrevo para informar que, com efeito imediato, a certificação do Programa de Estudantes e Visitantes de Intercâmbio da Universidade de Harvard está revogada", de acordo com uma carta enviada à universidade por Kristi Noem, secretária de Segurança Interna. Sem a certificação, Harvard fica impedida de matricular estrangeiros.

Em comunicado, o Departamento de Segurança Interna (DHS) afirma que "a liderança de Harvard criou um ambiente inseguro no campus ao permitir que agitadores antiamericanos e pró-terroristas assediassem e agredissem fisicamente indivíduos, incluindo muitos estudantes judeus, e obstruíssem de outras formas seu outrora venerável ambiente de aprendizado".

'AGITADORES'

O texto diz ainda que "muitos desses agitadores são estudantes estrangeiros", e acusa Harvard de "se envolver em atividades coordenadas" com o Partido Comunista Chinês. Além do veto a novos alunos, os atuais poderão perder seus vistos ou ser obrigados a trocar de universidade.

— Este governo está responsabilizando Harvard por fomentar a violência e o antissemitismo — disse Noem. — É um privilégio, não um direito, que as universidades matriculem estudantes estrangeiros e se beneficiem de suas mensalidades mais altas para ajudar a aumentar suas dotações multibilionárias.

A Universidade Harvard, a mais rica dos EUA, é o principal algoz de Trump no que o presidente define como sua cruzada para combater o antissemitismo no ambiente universitário americano. Desde o estouro da guerra em Gaza, em outubro de 2023, os campi vivenciaram inúmeros protestos contra o conflito, apontados como antissemitas por boa parte do *establishment* político americano. Muitos ativistas, no entanto, alegam que críticas legítimas às ações de Israel na guerra — inclusive por judeus — também são tachadas de antissemitas.

Após sua vitória no ano passado, Trump passou a ameaçar cortar verbas de instituições que não seguissem sua cartilha, que inclui restrições a protestos e mudanças em departamentos, como os dedicados ao Oriente Médio. Alunos acusados de participar de manifestações ou que emitiram opiniões consideradas extremistas chegaram a ter seus vistos revogados e até presos.

Algumas cederam, como a Universidade Columbia, em Nova York, que corria o risco de perder US$ 400 milhões (R$ 2,28 bilhões) em financiamento federal.

EMBATE COM O GOVERNO

Harvard preferiu enfrentar Trump, mesmo diante do risco de perder cerca de US$ 9 bilhões (R$ 51,47 bilhões) em financiamento federal — desde abril, cerca de US$ 4 bilhões (R$ 22,8 bilhões) foram suspensos em diversas frentes, e a Casa Branca ameaçou retirar de Harvard benefícios fiscais.

Em mais uma forma de pressão financeira, o governo Trump já ameaçava a instituição, desde abril, com a suspensão de matrículas de estrangeiros. No mês passado, Noem enviou uma carta solicitando "informações relevantes" sobre cada portador de visto de estudante em Harvard que tenha se envolvido em atividades "reconhecidamente ilegais" ou "perigosas".

"O governo dos EUA entende que a Universidade Harvard depende fortemente do financiamento de mais de 10 mil estudantes estrangeiros para construir e manter seu substancial fundo patrimonial", escreveu Noem na carta, obtida pelo New York Times.

Segundo números da instituição, 6,8 mil estudantes estrangeiros frequentaram Harvard este ano, cerca de 27% do total de alunos. A anuidade média é de US$ 59.320 (R$ 339,2 mil), e pode chegar a quase US$ 87 mil (R$ 497 mil) se outros custos forem incluídos. Harvard chamou a decisão de "ilegal".

"Estamos totalmente comprometidos em manter a capacidade de Harvard de receber nossos estudantes e acadêmicos internacionais, vindos de mais de 140 países e que enriquecem imensamente a universidade — e esta nação", disse Jason Newton, diretor de relações com a mídia da universidade, ao New York Times. "Estamos trabalhando rapidamente para fornecer orientação e apoio aos membros da nossa comunidade. Esta ação retaliatória ameaça causar sérios danos à comunidade de Harvard e ao nosso país, além de minar a missão acadêmica e de pesquisa de Harvard."

Com The New York Times

Câmara aprova projeto orçamentário do republicano

Apesar de vitória para o presidente, críticos apontam desmantelamento de sistema de saúde e risco de endividamento

WASHINGTON

Em uma primeira vitória para o presidente Donald Trump no Legislativo, a Câmara dos Deputados dos EUA aprovou ontem o projeto de lei orçamentária apresentado pela Casa Branca — um pacote de medidas apelidado por Trump de "projeto de lei grande e bonito" — que combina isenções fiscais e cortes de gastos, e é apontada por críticos como uma ameaça ao sistema de saúde e como tendo potencial para fazer disparar o endividamento do país.

O projeto foi aprovado com placar de 215 a 214, uma primeira grande vitória para o governo sobre a oposição democrata. A legislação corta impostos, direciona mais verbas para as Forças Armadas e para a segurança de fronteiras, e financiaria parte disso com cortes no Medicaid, assistência alimentar, educação e programas de energia limpa, aumentando significativamente os déficits federais e o número de pessoas sem plano de saúde.

Politicamente, a aprovação também é uma vitória particular para o presidente republicano da Câmara, Mike Johnson, que precisou controlar dissidências de parlamentares do partido e direcionar a pequena margem de maioria a se impor na na votação.

— Após uma longa semana, uma longa noite e incontáveis horas de trabalho no último ano, muitas orações e muito trabalho em equipe, meus amigos, literalmente amanheceu na América — disse Johnson após uma noite inteira de debate no plenário da Câmara. — Após quatro longos anos de fracassos do presidente Joe Biden, a agenda América Primeiro do presidente Trump finalmente chegou, e estamos avançando com ela hoje.

'TRAIÇÃO'

O pacote também estende incentivos fiscais implementados desde o primeiro mandato de Trump (2017-2021), que expirariam no final do ano. De acordo com uma comissão independente do Congresso, essa extensão, juntamente com outras medidas fiscais, aumentaria o déficit federal em mais de US$ 4,8 trilhões (R$ 27,2 trilhões) na próxima década.

Como forma de compensação, o projeto pede cortes nos gastos federais, em particular no Medicaid, o programa expandido de seguro saúde estabelecido pelo governo Barack Obama (2009-2017) e do qual dependem mais de 70 milhões de americanos de baixa renda.

O líder da minoria na Câmara, Hakeem Jeffries, chamou o projeto de "maior corte na assistência médica da história americana", feito para "implementar as maiores isenções fiscais para bilionários da história americana".

— Este projeto de lei é uma bomba-relógio — disse Thomas Massie, deputado republicano pelo Kentucky. — Não vamos reorganizar as cadeiras do convés do Titanic esta noite. Estamos colocando carvão na caldeira e definindo um curso para o iceberg.

Trump pressionou fortemente pela aprovação do projeto de lei. Mais cedo na quarta-feira, seu governo divulgou um comunicado chamando a não aprovação do projeto de lei de "a traição definitiva".

O projeto ainda precisa ser aprovado no Senado.

Com AFP e NYT

ANÁLISE

A tragédia e o paradoxo do ex-presidente Joe Biden

Líder democrata é acusado de ter escondido seu real estado de saúde

EDUARDO GRAÇA

Quando o ex-presidente Joe Biden anunciou, no último domingo, que havia sido diagnosticado, dois dias antes, com um câncer de próstata agressivo e em fase avançada, com metástase óssea, a reação em Washington se dividiu entre mensagens de solidariedade e dedos apontados para o círculo mais próximo da velha raposa do Partido Democrata.

Mesmo em endereço notório por punhaladas nas costas e puxadas de tapete ao menor sinal de fragilidade, não se tratava, desta vez, apenas de oportunismo político rasteiro. O episódio ilustra a tragédia e o paradoxo do político de 82 anos que tirou Donald Trump da Casa Branca pelo voto em 2020, com a bandeira da restauração da democracia e dos valores genuinamente americanos, agora acusado de compactuar com operação típica de caudilhos e autocratas ao silenciar e manipular informações sobre seu real estado de saúde para não atrapalhar sua disputa pela reeleição contra o mesmo adversário.

O anúncio da doença do ex-presidente foi feito por seus assessores poucos dias após os primeiros trechos de "Pecado original" (em tradução livre) serem divulgado na imprensa. O livro dos jornalistas Jake Tapper, da CNN, e Alex Thompson, do site Axios, entrega a razão de ser da extensa reportagem já no subtítulo: "O declínio do presidente Biden, a operação para encobri-lo, e sua desastrosa decisão de buscar a reeleição." O mesmo Axios vazou trechos do áudio da entrevista do democrata com o ex-conselheiro especial Robert Hur, feita durante investigação do Departamento de Justiça sobre o uso de documentos sigilosos pelo então presidente. Os quatro minutos revelam um homem hesitante, confuso e com enorme dificuldade para se lembrar de datas importantes e emblemáticas.



Questionamento. Joe Biden no Salão Oval da Casa Branca, poucos dias antes da posse de Trump: livro diz que situação de saúde era pior do que parecia

REUNIÕES ROTEIRIZADAS

Em entrevista a David Remnik, na New Yorker, Tapper e Thompson se debruçaram sobre o timing do livro. Repórteres experientes, por que esperaram tanto para dividir suas descobertas? A dupla argumenta que, das duas centenas de entrevistados, muitas só concordaram em tratar do tema após a vitória de Trump sobre a então vice-presidente Kamala Harris.

Uma das descobertas pós-pleito dos autores do livro foi a das reuniões ministeriais com roteiro prévio, em que cada membro do Gabinete democrata teria de enviar com antecedência as perguntas e até as respostas para possíveis questionamentos do então presidente. Um ministro se lembrou, reservadamente, de reunião a sós com Biden, no começo do ano passado, em que era difícil compreender o que ele dizia, "balbuciante e incoerente". Preocupado, levou o tema ao comando da já a todo vapor campanha de reeleição. Escutou um "ele está bem, só não comente sobre isso com ninguém". Calou-se. Os dois jornalistas retrataram, na síntese de Remnick, um cenário complexo de "ilusão, insanidade e ocultação" nos dois últimos anos de Biden no poder.

Impossível não pensar no desastroso primeiro debate contra Trump, um mês antes de o então presidente, pressionado por seus correligionários, anunciar publicamente o fim da reeleição. E da confusão mental de Biden ao chamar, durante uma reunião do G20, o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensy, de Vladimir Putin, líder russo e seu mais terrível inimigo. Mas, frisam os jornalistas, multiplicavam-se internamente casos similares abafados pela certeza de que vencer Trump e impedir a volta do caos para os EUA e o planeta era mais importante. "O que descobrimos ao escrever este livro é que tudo o que vimos acontecendo diante das câmeras era muito pior nos bastidores", escrevem Tapper e Thompson.

DIRETO DE SER INFORMADO

Alvo da munição pesada da extrema direita nas redes sociais, o ex-presidente foi obrigado a explicar esta semana, em nota cerzida por seus assessores, que não fazia o exame de sangue capaz de identificar de maneira simples a aparição do câncer de próstata desde 2014. À época, era o vice-presidente de Barack Obama. As diretrizes médicas americanas, de fato, não indicam teste de check-ups a pacientes com mais de 70 anos. Mas não é o que se espera de alguém que não só precisava estar apto a disputar eleições duríssimas, mas também de seguir no comando da maior potência global. Substituir malícia por negligência não abona o erro. Na democracia, cidadãos-eleitores têm o direto de ser informados sobre o estado de saúde física e mental daqueles que escolheram para liderá-los.

Entre os méritos de "Pecado original" está o enterro definitivo da argumentação de aliados do de Biden de que ele teria sido vítima de etarismo na campanha. O livro também elimina a já fraca argumentação de que Biden tivera apenas uma "noite ruim" no fatídico debate. Desaparece também a ladainha repetida por ele mesmo, até semanas atrás, e sem sequer piscar os olhos, de que, se tivesse permanecido na disputa contra Trump, seguiria hoje na Casa Branca. Ainda ostenta, no entanto, o tento de ser o único sujeito a ter vencido o republicano nas urnas.

Se uma segunda vitória de Biden contra Trump tivesse a menor possibilidade de ultrapassar os limites da fantasia especulativa, o planeta muito provavelmente estaria hoje em situação bem menos desgraçada. O paradoxo do político eleito para salvar a democracia americana e que, tudo indica, não se avexou em subtrair dos cidadãos informações cruciais sobre sua real capacidade de liderá-los, não elimina os avanços registrados em seus quatro anos de governo, da impressionante recuperação econômica dos EUA pós-Covid aos projetos pioneiros em energia limpa, da ação decisiva na Ucrânia à defesa e prática do multilateralismo. Dois aspectos de um ontem que parece ter terminado há décadas, tamanha a velocidade da destruição comandada por seu sucessor.

MAIS COMPREENSÃO DO PAÍS

Como escreveu Thomas Friedman no New York Times, mesmo em seus momentos mais incompreensíveis, com a voz reduzida a suspiros, Biden tem mais compreensão do que os EUA podem representar de melhor para o mundo do que a soma de todos os quadros do Trump 2.0.

Personagem shakespeariano, com a vida cortada por seguidas tragédias, entre elas a perda da filha e da mulher em acidente de carro nos anos 1970, a de um outro filho por câncer no cérebro, e a exposição pública da dependência química e dos crimes cometidos pelo rebento mais novo, Joe Biden imaginou que usaria o inverno de sua trajetória para convencer os americanos dos muitos acertos de sua Presidência. A doença e as revelações dos detalhes da operação-abafa sobre sua saúde indicam que os obstáculos para tanto, no entanto, não diminuíram desde sua retirada de Washington. Ao contrário.

PF investiga se espiões registraram nascimentos fictícios

Certidões de agentes russos no Brasil eram verdadeiras, levando à suspeita de que pudessem ter preparado esquema para uso futuro

JANE BRADLEY E MICHAEL SCHWIRTZ
Do New York Times

Ao desvendar uma operação de espionagem do Kremlin no Brasil, agentes da Polícia Federal (PF) se depararam com um mistério: como tantos espiões russos infiltrados conseguiram obter certidões de nascimento brasileiras aparentemente autênticas? A polícia esperava descobrir se os russos haviam falsificado os documentos ou subornado autoridades municipais para criá-los e inseri-los no cartório como se fossem das décadas de 1980 e 1990.

Mas, quando o laudo pericial foi divulgado em abril, segundo um alto funcionário brasileiro, a análise sugeriu algo completamente diferente. Os documentos não pareciam falsificados. E o mais surpreendente, nem eram novos.

Oficiais de contrainteligência brasileiros agora consideram uma possibilidade mais audaciosa, com ecos da Guerra Fria. Investigadores suspeitam que agentes da KGB, trabalhando disfarçados no Brasil durante os últimos anos da União Soviética, possam ter registrado certidões de nascimento em nome de recém-nascidos fictícios — na esperança de que uma futura geração de espiões um dia os reivindicasse e continuasse a luta contra o Ocidente.

CETICISMO

Se for verdade, representaria um nível extraordinário de antecipação e comprometimento com a missão por parte de agentes de inteligência em um período de grande turbulência e imprevisibilidade no mundo. No final da década de 1980, o bloco comunista começou a ruir, juntamente com as divisões ideológicas que definiram a política global — e a missão dos espiões de Moscou — por décadas.

Quase da noite para o dia, a KGB, antes uma força incomparável nos assuntos globais, foi privada de seu propósito central, o conflito com o Ocidente, e logo seria completamente dissolvida. Mas essa visão de futuro se alinharia à cultura da espionagem russa, que, ao contrário do Ocidente, prioriza frequentemente o planejamento criativo de longo prazo em detrimento da conveniência imediata. E num país singularmente comprometido em colocar agentes em missões secretas, obter certidões de nascimento tem sido uma prioridade há muito tempo.



Espionagem. Símbolo da URSS em loja de suvenires em Moscou que tem uma imagem do presidente Putin na fachada

— É exatamente o tipo de coisa que eles fariam. Combina com a atenção meticulosa e geracional que eles dedicam à criação dessas identidades — disse Edward Lucas, autor britânico e especialista nos serviços de inteligência russos.

No entanto, em entrevistas, especialistas em inteligência e funcionários de diversos serviços de inteligência ocidentais não conseguiram apontar nenhum outro exemplo semelhante na história da espionagem russa. Alguns expressaram ceticismo em relação à hipótese. Até os próprios investigadores brasileiros ainda não sabem o que fazer com as conclusões de sua análise forense. A investigação continua.

A Justiça brasileira ordenou que as certidões de nascimento dos russos suspeitos de atuar como agentes infiltrados sejam mantidas em segredo, de modo que o New York Times não pôde analisá-las de forma independente.

Criar uma identidade de fachada convincente talvez seja o trabalho mais importante de um espião. Para os agentes infiltrados de elite da Rússia, uma história de fundo sólida pode significar a diferença entre uma carreira heroica e o fracasso. Ao contrário do Ocidente, onde agentes de inteligência podem adotar identidades falsas para missões ou períodos específicos, esses espiões devem viver seus disfarces, muitas vezes por décadas.

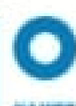
LINHA DE MONTAGEM

Por meio de investigação, as autoridades brasileiras interromperam o que era essencialmente uma linha de montagem para a criação de identidades falsas. Durante anos, talvez décadas, agentes russos viajaram ao Brasil não para espionar, mas para se tornarem brasileiros. Obtiveram passaportes, criaram negócios, fizeram amizades e se apaixonaram. Então, quando seus disfarces se tornaram praticamente inexpugnáveis, partiram para outros países para realizar espionagem.

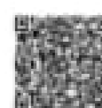
Andrei Soldatov, um dos maiores especialistas russos em serviços de inteligência, disse nunca ter ouvido falar de oficiais que falsificassem certidões de nascimento com tanta antecedência. Mas disse que isso teria sido recompensado.

— Se puder contribuir para o programa de imigrantes ilegais, você se coloca numa posição muito boa aos olhos de seus superiores. Seria muito bom para sua carreira — disse.

Saúde


NA WEB

VENDA SUSPENSA
Anvisa proíbe mais dois azeites
Decisão é a segunda do gênero nos últimos dias; marca tinha CNPJ extinto


PARA ACESSAR APONTE O CELULAR PARA O QR CODE

VIRADA DE CHAVE

Como controlar resistência à insulina e diabetes com rotina de atividade física

FREEPIK



Peso pesado. Treino de força é mais eficaz no controle dos níveis de glicose, dizem pesquisas

HILARY ACHAUER
Do New York Times

Cerca de 38 milhões de americanos têm diabetes, e mais do que o dobro desse número tem pré-diabetes. No Brasil, a Sociedade Brasileira de Diabetes aponta que o número de pessoas com diabetes é de aproximadamente 20 milhões. Mas, outras milhões possuem algum grau de resistência à insulina, o que pode causar cansaço, irritabilidade e até tontura. E todas essas condições se tornam mais comuns com o envelhecimento.

A boa notícia é que o exercício pode ajudar. Ele é, no mínimo, tão importante quanto a alimentação na prevenção e no tratamento da resistência à insulina e do diabetes. Também pode ajudar na perda de peso, que muitas vezes é o passo mais importante para equilibrar a glicemia.

O exercício tem diversas maneiras de ajudar seu corpo a processar a glicose, afirma Donald Hensrud, especialista em medicina preventiva e nutrição. E embora qualquer atividade física seja benéfica, o tipo de exercício que você escolhe e o momento em que o pratica podem fazer uma grande diferença.

As causas do diabetes são complexas. Histórico familiar, genética, peso e alimentação certamente desempenham um papel. Mas está claro que o exercício pode reduzir drasticamente a glicemia, independentemente do diagnóstico, e melhorar o uso da insulina pelo corpo.

Pesquisas mostram que o exercício é, em geral, mais eficaz na prevenção do diabetes do que os medicamentos (embora seja importante combinar todos os tipos de tratamento). Durante a atividade física, as células musculares conseguem usar mais facilmente a glicose presente no sangue. Isso reduz diretamente os níveis de açúcar e também ajuda a diminuir a gordura ao redor dos órgãos, um fator de risco importante para diabetes e resistência à insulina, explica Gerald I. Shulman, professor de Medicina e Fisiologia na Escola de Medicina de Yale, nos Estados Unidos.

Estudos indicam que treinos regulares de alta intensidade ou exercícios moderados e contínuos podem fazer diferença, revertendo o pré-diabetes em quase 40% dos participantes — embora, para muitas pessoas, isso possa levar meses ou até anos para gerar mudanças duradouras.

TIPOS DE ATIVIDADE

Segundo as pesquisas, as duas formas mais eficazes de reduzir a glicemia por meio do exercício são os treinos de alta intensidade e o treinamento de força (musculação).

Um estudo recente descobriu que o treino de força foi significativamente mais eficaz no controle da glicemia do que o exercício aeróbico para pessoas com diabetes tipo 2.

Além disso, tanto os exercícios aeróbicos quanto o treinamento de força aumentam a quantidade de mitocôndrias nas células, o que ajuda no combate ao diabetes tipo 2. No entanto, a musculação parece ser ligeiramente mais eficaz do que os exercícios aeróbicos, desde que o treino seja desafiador.

O treino de força é especialmente importante para pessoas mais velhas, já que a resistência à insulina e o diabetes tipo 2 aceleram a perda de massa muscular e força que ocorre com o envelhecimento — algo particularmente relevante para mulheres. E, embora caminhar seja um ótimo exercício para o coração, geralmente não contribui muito para o desenvolvimento muscular, observa Michael Joseph Gross, autor do livro "Stronger: The untold story of muscles in our lives" ("Mais forte: a história não contada dos músculos na nossa vida", em tradução livre).

Considere alternar o treino de força com sessões de treinamento intervalado de alta intensidade (HIIT), que se mostrou especialmente eficaz no controle da glicose em pessoas com pré-diabetes e diabetes tipo 2. Se você tem diabetes, consulte seu médico antes de fazer mudanças radicais na sua rotina de exercícios.

Se você não tem resistência à insulina, o horário do treino não faz muita diferença. Mas, para pessoas com pré-diabetes e diabetes tipo 2, estudos sugerem que se exercitar à tarde tende a ajudar mais na redução dos níveis de glicose. Isso acontece porque a glicemia segue padrões regulares ao longo do dia, e, à medida que o dia avança, o corpo se torna menos sensível à insulina. Por isso, treinar à tarde geralmente tem menos risco de causar picos perigosos de glicose.

Para quem tem resistência à insulina ou diabetes, o melhor momento para se exercitar é cerca de 30 minutos após iniciar uma refeição, para evitar picos de açúcar no sangue.

O pré-diabetes e o diabetes recém-diagnosticado são muito mais sensíveis a mudanças no estilo de vida.

— Digo às pessoas que acabaram de ser diagnosticadas com diabetes que elas estão no controle — diz Hensrud.

Ciência traça origens dos dentes e desvenda por que eles doem tanto

Por que os dentes são tão sensíveis à dor ou às bebidas frias? Poderia ser porque evoluíram, há 500 milhões de anos, para um propósito muito diferente do de mastigar, sugere um estudo publicado na revista Nature.

A origem exata dos dentes e sua verdadeira função têm sido há muito tempo uma incógnita para a ciência. Acredita-se que seus precursores evolutivos sejam estruturas duras chamadas de odontoides, que não apareceram na boca, mas na camada externa dos primeiros peixes, há cerca de 500 milhões de anos.

Ainda hoje, tubarões, arraias e peixes-gato estão cobertos de dentes microscópicos que tornam sua pele áspera como uma lixa.

O novo estudo apoia a hipótese de que eles originalmente eram usados como órgãos sensoriais que transmitiam sensações aos nervos.

A autora principal do estudo, Yara Haridy, da Universidade de Chicago, estava investigando outra importante questão para os paleontólogos: qual é o fóssil de vertebrado mais antigo?

Haridy pediu a todos os museus dos Estados Unidos que lhe enviassem centenas de espécimes de vertebrados para analisá-los com um scanner de alta precisão. E começou a se concentrar na dentina, a camada interna dos dentes que envia informações sensoriais aos nervos na polpa.

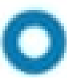
Um fóssil do período Cambriano chamado Anatolepis parecia ser a resposta. Seu exoesqueleto tem alguns poros sob os odontoides, chamados túbulos, que podem indicar que uma vez continham dentina.

Quando Haridy o comparou com os outros espécimes, descobriu que os túbulos se pareciam muito mais com os órgãos sensoriais chamados sensilas dos artrópodes, grupo que inclui crustáceos e insetos.

Então, o Anatolepis foi rebaixado ao nível de invertebrado. Nos artrópodes modernos, como caranguejos, escorpiões e aranhas, as sensilas servem para perceber temperatura, vibrações e até odor.

Isso monstra que "os tecidos dentais dos odontoides fora da boca podem ser sensíveis, e talvez os primeiros odontoides também o fossem", afirmou. Pouco a pouco, os peixes desenvolveram mandíbulas e estruturas pontiagudas ao redor e dentro da boca. "Uma dor de dente é na verdade uma antiga característica sensorial que pode ter ajudado nossos ancestrais peixes", concluiu.

RECEITA DE MÉDICO





Ludhmila Abrahão Hajjar
Professora titular de Emergências da FMUSP e diretora da Cardiologia do Hospital Vila Nova Star, em SP

Exercícios depois dos 50

Há quem diga que depois dos 50 anos não vale mais a pena começar a praticar atividade física: “já passou da minha época”. Mas a biologia e a epidemiologia mostram o contrário. Mesmo após décadas de inatividade, iniciar exercícios nessa fase pode mudar — para melhor — o destino de nosso corpo e mente.

Vivemos em um país que envelhece rapidamente. Projeções do IBGE indicam que, em menos de 15 anos, um em cada três brasileiros terá mais de 50 anos. Atualmente, mais da metade desse grupo é sedentária. No mundo, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), 31% dos adultos não atingem o mínimo de atividade física recomendado. Entre os idosos, esse número chega a 50%. O resultado é o aumento expressivo de doenças como hipertensão, diabetes tipo 2, obesidade, osteoartrite, declínio funcional e depressão.

A boa notícia é que nunca é tarde para mudar. Estudos recentes do JAMA Network Open e do British Journal of Sports Medicine mostram que pessoas sedentárias que iniciam atividade física após os 50 têm até 35% menos risco de morte por todas as causas. Também se observam melhorias substanciais na pressão arterial, nos níveis de glicose e colesterol, no sono, na memória, no humor e na autonomia funcional.

A ciência explica: o exercício físico atua sobre quase todos os sistemas do organismo. Reduz a inflamação crônica de baixo grau, melhora a sensibilidade à insulina, aumenta a densidade mineral óssea e preserva a massa muscular — um fator essencial para evitar quedas e hospitalizações prolongadas.

Há evidências substanciais na literatura médica que apoiam o início de exercícios físicos após os 50, mesmo em indivíduos que foram sedentários durante toda a vida.

O estudo de Manning et al. (2024) destaca que adultos mais velhos que iniciaram um programa de exercícios supervisionados apresentaram melhorias significativas na função física, enquanto aqueles que permaneceram sedentários experimentaram declínios relacionados à idade. A revisão sistemática de Northey et al. (2018) reforça que o exercício físico melhora a função cognitiva em adultos com mais de 50 anos, independentemente do estado cognitivo inicial. Recomenda-se que os exercícios incluam componentes aeróbicos e de resistência de intensidade moderada.

> ***Há evidências substanciais que apoiam o início de exercícios físicos após os 50, mesmo em quem foi sedentário a vida toda***

A OMS recomenda que adultos com mais de 50 anos façam de 150 a 300 minutos por semana de atividade aeróbica moderada ou de 75 a 150 minutos vigorosa, além de fortalecimento muscular em dois ou mais dias por semana. Após os 65 anos, exercícios de equilíbrio e coordenação devem ser incorporados.

Como médica e professora da Faculdade de Medicina da USP, vejo diariamente o impacto positivo dessas mudanças. Já atendi pacientes que chegaram exaustos, limitados por dores, baixa autoestima e insegurança. Após iniciarem caminhadas orientadas, sessões de fortalecimento com fisioterapeuta e pequenas metas semanais, não só melhoraram seus parâmetros clínicos como voltaram a sorrir.

Por onde começar? Primeiro, com uma avaliação médica adequada, respeitando eventuais limitações. Depois, com atividades seguras e progressivas: caminhadas curtas, uso de pesos leves, alongamentos e técnicas de equilíbrio. O apoio de uma equipe multiprofissional aumenta a segurança e a motivação, especialmente no início, quando o corpo ainda resiste ao novo hábito.

Além dos ganhos físicos, há uma potente transformação emocional. O exercício devolve o senso de controle, disciplina e esperança. Combate a apatia e o isolamento. Traz de volta o prazer com o próprio corpo, agora não mais guiado por padrões estéticos, mas por liberdade e vitalidade. Em um momento em que discutimos os altos custos do envelhecimento e da saúde pública, é urgente lembrar que a solução pode estar nos passos dados todos os dias por ruas, parques e praças.

Oropouche cresceu no país com ‘rearranjo’ recente do vírus

Arbovirose que matou 4 pessoas neste ano avançou com fusão de duas versões do patógeno; veja sintomas e prevenção

BERNARDO YONESHIGUE
bernardo.yoneshigue@oglobo.com.br



IOC/FIOCRUZ

Em expansão. Maruim ou mosquito-pólvora é o principal transmissor da febre oropouche no país: virose tem sintomas similares aos da dengue e chikungunya

Após registrar as primeiras mortes por febre oropouche do mundo no ano passado, o Brasil voltou a confirmar óbitos pela doença neste ano. Até agora, ao menos quatro casos fatais foram relatados, nos estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo. Segundo pesquisadores, um fator que pode estar por trás do avanço recente da doença é uma nova versão do vírus.

A febre oropouche é uma infecção causada pelo vírus *Orthobunyavirus oropoucheense* (OROV) e transmitida principalmente pelo mosquito *Culicoides paraensis*, conhecido como maruim ou mosquito-pólvora, na região amazônica, embora tenha se expandido nos últimos dois anos.

Nos locais silvestres, outros insetos que podem disseminar o patógeno são o *Coquilletti diavenezuelensis* e o *Aedes serratus*. Já em áreas urbanas, onde a circulação do vírus é menos comum, o mosquito *Culex quinquefasciatus* também atua como um vetor.

No ano passado, pesquisadores da Fiocruz publicaram na revista científica Nature Medicine a descoberta de uma nova linhagem viral, chamada de OROV BR-2015-2024, que causou o maior surto já observado na região amazônica.

Considerando as características genéticas do patógeno, os cientistas avaliaram que a cepa emergiu, provavelmente, entre os anos de 2010 e 2014 no estado do Amazonas, espalhando-se silenciosamente até provocar a epidemia. A pesquisa afirma que a linhagem resultou de um “rearranjo genético” entre uma versão do vírus que circulava no Brasil com outra presente no Peru, Colômbia e Equador.

Além disso, a nova cepa apresenta alterações na superfície da partícula viral que podem facilitar o escape de anticorpos, reduzindo a proteção de pessoas previamente infectadas com o OROV. Outro trabalho sugeriu ainda que a linhagem se replica mais rapidamente nas células humanas.

Em outras ocasiões, o Ministério da Saúde já afirmou que, além da expansão do vírus, o crescimento dos registros no país também está atrelado à disponibilização inédita de testes diagnósticos para toda a rede nacional de Laboratórios Centrais de Saúde Pública (Lacen), a partir de 2023.

Os casos suspeitos para dengue com resultado negativo também passaram a ser testados para febre oropouche. “Com isso, os casos, até então concentrados na região Norte, passaram a ser identificados também em outras regiões do país”, disse a pasta.

Outros fatores para a alta do oropouche na região das Américas, citados pela Organização Pan-Americana da Saúde (Opas), incluem as mudanças climáticas, o desmatamento e a urbanização não planejada.

SINTOMAS

Os sintomas da oropouche, muito similares aos da dengue e da chikungunya, duram entre dois e sete dias. Eles incluem: febre de início súbito; dor de cabeça intensa; dor nas costas e na lombar ou articular; tosse; tontura; dor atrás dos olhos; erupções cutâneas; calafrios; fotofobia; náuseas e vômitos.

O período de incubação — tempo entre a picada e o início dos sintomas — dura entre quatro e oito dias. O início geralmente é marcado por febre, dor de cabeça, dor nas articulações, dor muscular, calafrios e, às vezes, náuseas e vômitos persistentes por até cinco a sete dias.

Na maioria dos casos, o paciente se recupera em uma semana. Porém, a doença pode se agravar em grupos de risco, entre crianças e idosos a partir de 60 anos.

Não existe tratamento específico para a doença. Com o acompanhamento médico, são indicados medicamentos para aliviar os sintomas enquanto o sistema imunológico do paciente combate a infecção.

A principal forma de prevenção é evitar a picada do mosquito transmissor da doença. O maruim é bem pequeno e comum em áreas de mata. Recomenda-se usar roupas que cubram a maior parte do corpo e passar repelente nas áreas expostas. Além disso, deve-se limpar terrenos e locais de criação de animais, recolher folhas e frutos que caem no solo e instalar telas de malha fina em portas e janelas.

O país acumulava 10.072 casos de febre oropouche até o último dia 10. O total representa um aumento de 56,4% quando comparado aos 6.440 pacientes registrados no mesmo período do ano passado. Ao todo, 2024 teve quase 14 mil casos da infecção, enquanto em 2023 foram somente 833, de acordo com os dados do Ministério da Saúde.

De acordo com o boletim mais recente da pasta, o Espírito Santo concentra a maior parte dos casos (6.118), com um aumento observado desde o segundo semestre de 2024. Em seguida, estão o Rio de Janeiro, com 1,9 mil; a Paraíba, com 640 e o Ceará, com 573.

Mais Médicos tem recorde de profissionais inscritos

Programa lançado em 2013 também alcançou maior número de vagas ativas, de 28 mil. Novos postos serão em 1.618 cidades

O Programa Mais Médicos registrou um recorde de 45.792 inscritos no edital vigente para preencher 3.064 vagas abertas. Segundo o Ministério da Saúde, o número é o maior desde a criação da política, em 2013. Hoje, o programa também tem o maior número de vagas ativas, 28 mil, com 25 mil delas já preenchidas.

Para o secretário de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde do Ministério, Felipe Proenço, os recordes apontam a “importância e a consolidação” do programa, que, além de levar profissionais para áreas de maior vulnerabilidade, oferece uma especialização obrigatória em Medicina de Família e Comunidade para os participantes.

Do total de inscritos, 42.383 são brasileiros, o que representa 93% dos candidatos. Entre eles, 25.594 possuem registro profissional no Brasil, e 16.789 são formados no exterior. Outros 3.309 candidatos são estrangeiros com habilitação para exercer a medicina. Do total geral de inscrições para o programa, 26.864 mil são mulheres, 58%.



MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

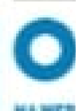
Regra clara. Programa dá prioridade médicos brasileiros registrados no CRM

Pelas regras do edital, médicos brasileiros registrados no Conselho Regional de Medicina (CRM) têm prioridade nas vagas. As remanescentes podem ser ocupadas por profissionais brasileiros formados no exterior ou estrangeiros, que atuarão com Registro do Ministério da Saúde (RMS). Os resultados serão divulgados no próximo dia 27.

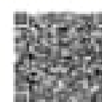
As vagas serão distribuídas entre 1.618 municípios e 26 Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEIs). O objetivo é fortalecer a atenção primária e o atendimento em regiões remotas e de vulnerabilidade.

Segundo a Saúde, o programa cobre cerca de 63,3 milhões de brasileiros, com 25 mil médicos atuando em mais de 4,5 mil municípios. O país deve chegar a 635.706 médicos no fim do ano.

A taxa de profissionais por mil habitantes supera a média da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), de 3,7, em locais como o Distrito Federal (6,28), mas fica bem abaixo dela em outros, como o Maranhão (1,27).



NA WEB
CAMELÓDROMO DA URUGUAIANA
Polícia e MP prendem nove por extorsão
De acordo com as investigações, advogado era o chefe da quadrilha



PARA ACESSAR APONTE O CELULAR PARA O QR CODE

REPÚBLICA PARLAMENTARISTA

Sem vice-governador, Rodrigo Bacellar expande seu poder no Rio

FELIPE GRINBERG
felipe.grinberg@oglobo.com.br

MÁRCIA FOLETTO



Rodrigo Bacellar. Presidente da Alerj costura alianças e se movimenta para assumir o governo do estado no ano que vem

A cena parecia rotineira. Na última quarta-feira, o presidente da Assembleia Legislativa do Rio (Alerj), Rodrigo Bacellar (União), entrou no plenário da Casa, construído onde ficava o antigo cofre do Banerj, para comandar a sessão. Seria só mais uma, se não fosse o clima de festa criado pela principal votação do dia: a de aprovação do vice-governador Thiago Pampolha como conselheiro do Tribunal de Contas (TCE).

Thiago estava com Bacellar, acompanhado pelo secretário de governo, André Moura, e o deputado Rodrigo Amorim (União), e foi muito parabenizado pelos parlamentares e políticos presentes na sessão. Mas não só ele. Bacellar também fez questão de saudar um a um e recebeu cumprimentos efusivos. Apesar de a vaga ao TCE ser indicação do governador, toda a costura partiu do presidente da Assembleia, que saiu ainda mais poderoso e vê o desejo de se tornar governador, antes mesmo da eleição de 2026, cada vez mais viável.

— A disputa já começou — afirmou um parlamentar próximo a Bacellar.

O presidente da Alerj não tinha como sonho político inicial ocupar o Palácio Guanabara. Advogado, ele trabalhou por anos junto ao conselheiro do TCE José Gomes Graciosa e almejava uma das vagas vitalícias no tribunal. No entanto, os ventos mudaram de direção e seu alvo passou a ser a cadeira de governador. Ele ainda não admite publicamente, mas já deixou claro aos deputados que será candidato no ano que vem.

— Sei da responsabilidade que a gente tem quando vai crescendo muito na vida pública e consigo entender hoje, através do Livro dos Provérbios, que "o coração do homem pode fazer planos, mas a resposta certa dos lábios vem do Senhor" — disse Bacellar, de sua cadeira, a Pampolha, que acompanhava a votação do plenário.

A ida do ex-vice-governador para o TCE é estratégica nos planos do presidente da Alerj. Cláudio Castro (PL) deve renunciar para concorrer a uma das vagas ao Senado no ano que vem. E num Rio sem governador ou seu vice, apenas uma eleição indireta pela Alerj separaria Bacellar do Palácio Guanabara para o restante do atual mandato.

Mas antes mesmo de sentar na cadeira de governador, Bacellar já é tratado por muitos nos bastidores como tal. Ontem, ele recebeu uma comitiva de quatro prefeitos do Norte e Noroeste fluminenses, seu maior reduto eleitoral. No plenário, o deputado Felipe Poubel (PL) discursava contra ações de reboques no estado quando foi interrompido por Bacellar. O presidente da Alerj, então, anunciou que havia conversado com o secretário de Governo, André Moura, na véspera, e chegado a um acordo para desengavetar a regulamentação do Estatuto das Blitzes. Este é um dos temas do mandato de Poubel, Amorim e Alan Lopes (PL), deputados muitos próximos de Bacellar. A criação de regras já tinha sido anunciada por Castro em 2023, mas desde então era só promessa.

Em nota, o governador diz que "não há a menor possibilidade de renunciar em 2025" e "que permanecerá no cargo", mas não fala nada sobre o ano que vem. E completa: "Bacellar é o nome escolhido pelo grupo político para a sucessão, portanto, é natural que faça parte das tomadas de decisão do governo estadual".

LONGA CONSTRUÇÃO

Conforme adiantou o colunista Lauro Jardim, do GLOBO, são discutidos três cenários para a renúncia de Castro: em outubro deste ano — o melhor dos cenários para o presidente da Assembleia —; no início de 2026 ou em abril, prazo máximo previsto em lei. Bacellar quer imprimir o quanto antes sua marca no governo, e assumir apenas em abril pode reduzir o número de inaugurações de projetos e obras por causa da lei eleitoral.

Os primeiros movimentos de Bacellar para se lançar a governador começaram pouco depois das últimas eleições municipais. Mas a virada de chave foi sua reeleição à presidência da Alerj. Dois anos antes, ele foi eleito presidente num pleito conturbado e com racha na base governista. Para a votação de 2025, adotou outra tática. Passou o recesso do início do ano construindo uma chapa e acordos que agradassem a gregos e troianos. E conseguiu. Foi o primeiro presidente da Alerj eleito de forma unânime — força essa que precisará repetir na eleição indireta, caso ocorra.

RAFAEL CAMPOS / CDVR / 16.01.2024

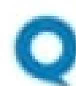


Dança das cadeiras. O então vice Thiago Pampolha (à esquerda), Rodrigo Bacellar e o governador Cláudio Castro

E essa é uma de suas virtudes, contam de aliados a adversários. Apesar de estar apenas no seu segundo mandato, ele é considerado um político que constrói e, ainda mais importante no meio, cumpre os acordos. Bacellar centraliza essas costuras político-partidárias, mas é conhecido por ser de difícil acesso para resolução de demandas locais, o que causa insatisfação em muitos prefeitos do interior. Essa missão ele repassa a seu grupo de confiança, que inclui os chefes de gabinete Rui Bulhões e Márcio Bruno Carvalho.

— Ele é muito pragmático, mas é obstinado. Se joga de peito aberto pelo seus objetivos e passa o trator, se for preciso — define um cacique da política fluminense.

O deputado já tem grande influência no governo e aumenta seu poder a cada dia. No primeiro escalão, indicou a secretária de Educação após vencer um cabo de guerra em sua primeira eleição à presidência. Depois, cacifou a ida do deputado Bernardo Rossi à Secretaria do Meio Ambiente, e de Marcus Amin para a Polícia Civil. Ainda sob sua gestão foram criadas as emendas impositivas, aumentando a participação dos parlamentares no orçamento.



"Sei a responsabilidade que a gente tem quando vai crescendo muito na vida pública, e consigo entender, hoje, através do livro de provérbios, que 'o coração do homem pode fazer planos, mas a resposta certa dos lábios vem do Senhor'"

Rodrigo Bacellar, presidente da Assembleia Legislativa

Com os 70 votos dos deputados em mãos, ele se fortaleceu para ser o candidato de Castro em sua sucessão, ultrapassando Pampolha, que teve rusgas com o governador nos últimos anos. O ex-vice-governador ainda tentou viabilizar seu nome nas últimas semanas e até criou um *podcast* para tratar sobre assuntos do governo estadual. No entanto, em uma reunião entre os três e dirigentes partidários nacionais do União Brasil e Progressistas, o martelo foi batido pela candidatura de Bacellar ao governo.

Depois, o presidente da Alerj abriu o jogo a seus pares. Em um encontro com os líderes partidários da Casa, admitiu que é candidato ao governo. E desenhou o movimento que faria. Não à toa, o projeto de indicação de Pampolha ao TCE tramitou em tempo recorde. A vaga foi aberta na segunda-feira com a oficialização da aposentadoria do conselheiro José Mauricio Nolasco. Horas depois, Cláudio Castro enviou a mensagem indicando seu então vice. Em dois dias, Pampolha foi sabatinado, aceito em plenário e empossado conselheiro do tribunal de contas — o PSOL foi o único a votar contra; PT, PCdoB e PSB se abstiveram.

Em paralelo, o presidente da Alerj lançou mão de outra estratégia: ser o candidato da família Bolsonaro no Rio. Possivelmente ele enfrentará, em 2026, o prefeito Eduardo Paes (PSD), que tem como aliado o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Apesar de se considerar um político de Centro e não de direita, ter o apoio do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) pode ajudá-lo a nacionalizar a eleição estadual e romper outra barreira: a de ser pouco conhecido.

BUSCA POR BOLSONARO

Esta semana, Bacellar se encontrou com o senador Flávio Bolsonaro (PL), que concordou com o movimento que levou Pampolha ao TCE. Nos últimos meses, o presidente da Assembleia se reuniu com o ex-presidente e, no ano passado, chegou a receber a "medalha" de "imbrochável", um primeiro gesto de Bolsonaro.

Apesar de buscar reforçar o elo com o bolsonarismo, Bacellar teve a presidência apoiada pela esquerda na Alerj, que foi o fiel da balança para dar ao presidente a eleição unânime em fevereiro. Deputados da oposição dizem que ele cumpriu os acordos propostos, como dar a presidência de comissões e não barrar movimentos dos parlamentares, como homenagens e audiências públicas na Casa.

Caso assuma o Palácio Guanabara, essa não será a primeira vez de Bacellar no Executivo. Ele foi secretário de Governo de Castro. Em sua passagem, foi acusado pelo Ministério Público Eleitoral (MPE) de participar das contratações irregulares de projetos vinculados à Fundação Ceperj. Ele foi absolvido pelo Tribunal Regional Eleitoral, mas o MPE recorre da decisão. O deputado também é investigado pelo Ministério Público por suspeitas de receber vantagens indevidas. Procurado, ele não respondeu aos contatos.

THIAGO GOMIDE



oglobo.com.br/rio
[illegible]@oglobo.com.br

Quiosques-farmácia: quem se anima?

Um dos registros mais icônicos do escritor Nelson Rodrigues aconteceu na década de 1970. Vestindo calça e paletó, o autor de "Vestido de noiva" caminha pelo calçadão da praia de Copacabana em um dia de multidão torrando no sol a pino. Ao passar por duas moças de biquíni, ele dobra suavemente o rosto, esticando o olho esquerdo, mas mantendo firme a pisada em diante. Caso o fotógrafo virasse a câmera mais um pouco, era capaz de flagrar um ícone dos anos 70 e 80: as carrocinhas de picolé Kibon. Na era pré-quiosques, a moçada costumava comprar de água a cerveja em carrinhos, com ambulantes ou em barracas que não seguiam nenhuma padronização.

Com a entrada dos anos 90, uma nova orla foi pensada, buscando uma uniformização daqueles que prestavam serviço no calçadão. É assim que o carioca vai ter contato com os quiosques. Eles começaram tímidos. Alguns sendo a natural evolução de antigas e conhecidas barracas. Esse é o caso do quiosque "Quase Nove", em Ipanema, que é um dos pioneiros, frequentado até por Tom Jobim. Se no início a turma costumava só vender cachorro-quente e bebidas, hoje o assunto é bem diferente. O frequentador das praias, seja carioca ou visitante, tem contato com comidas elaboradas, drinks de renomados especialistas e até shows diversos, o que movimenta ainda mais a economia, reforça nossa cultura e faz com que as pessoas fiquem até tarde na orla, aumentando também a segurança.

Por falar em biquínis...

Não podem mais usar biquínis. Esqueçam isso. O moralista presidente da República Jânio Quadros, em 1961, decidiu que essas vestimenta era uma ameaça aos bons costumes e proibiu o uso da peça em praias e clubes. Era preciso se enquadrar com maiô ou roupas mais longas. Estimulados pelo confuso político, grupos de fiscalização rondavam as areias atrás de alguma senhora que ousasse mostrar o umbigo. Não pense que a mulherada acatou tranquilamente. Foram feitos protestos, a birutice virou piada e não vingou.

Muito antes de banho de mar

Na fazenda de Santa Cruz, o todo poderoso rei Dom João VI tomou uma picada de carrapato e infeccionou. Os médicos foram categóricos: parte do tratamento teria que ser feito no mar, em contato com a água salgada, ajudando na cicatrização. O monarca quase teve um infarto. Como a maioria dos europeus de então, odiava se banhar. Na então praia do Caju, foi feita uma verdadeira operação para que João entrasse no mar, com direito a ter um barril adaptado para que só molhasse as perninhas, e até um local de apoio, que logo ficaria conhecido como "Casa de Banho D. João VI". Quem passa pelo Cemitério do Caju vê, até hoje, uma placa indicando para o lugar.

Na virada de 1900, os quiosques eram pequenos refúgios onde se tomava café, cachaça, comprava-se jornal, rosquinhas e até se arriscava no jogo do bicho

Quiosques: do café ao jogo do bicho

Na virada de 1900, o Centro do Rio fervilhava de vida, e no coração dessa agitação estavam os quiosques — pequenos refúgios onde se tomava café, cachaça, comprava-se jornal, rosquinhas e até se arriscava no jogo do bicho. Eram mais do que pontos de venda: eram centros de convivência popular, onde malandros, trabalhadores e boêmios dividiam a calçada e as histórias. Com o braço apoiado no balcão, muitos passavam horas ali, saboreando o cotidiano carioca. Mas essa cena, tão típica da cidade, começou a ser apagada quando Pereira Passos assumiu a prefeitura com seu projeto de "modernização" urbana. Para ele e seus aliados, os quiosques simbolizavam o atraso, a desordem, o antigo que precisava sair de cena. Há dois exemplares, não mais em funcionamento, no Passeio Público e Campo de Santana (ou Praça da República, como queira).

A vida como ela é

A partir do dia 1º de junho, segundo decreto recente da prefeitura, estarão proibidas as apresentações musicais nos quiosques. Alguém sabe se já abriram quiosques-farmácia?

Copa D'Or faz 25 anos como referência em saúde no Rio

Hospital em Copacabana investe no tratamento de doenças respiratórias e inaugura Casa do Pulmão no segundo semestre

CARMÉLIO DIAS
carmelio.dias@oglobo.com.br

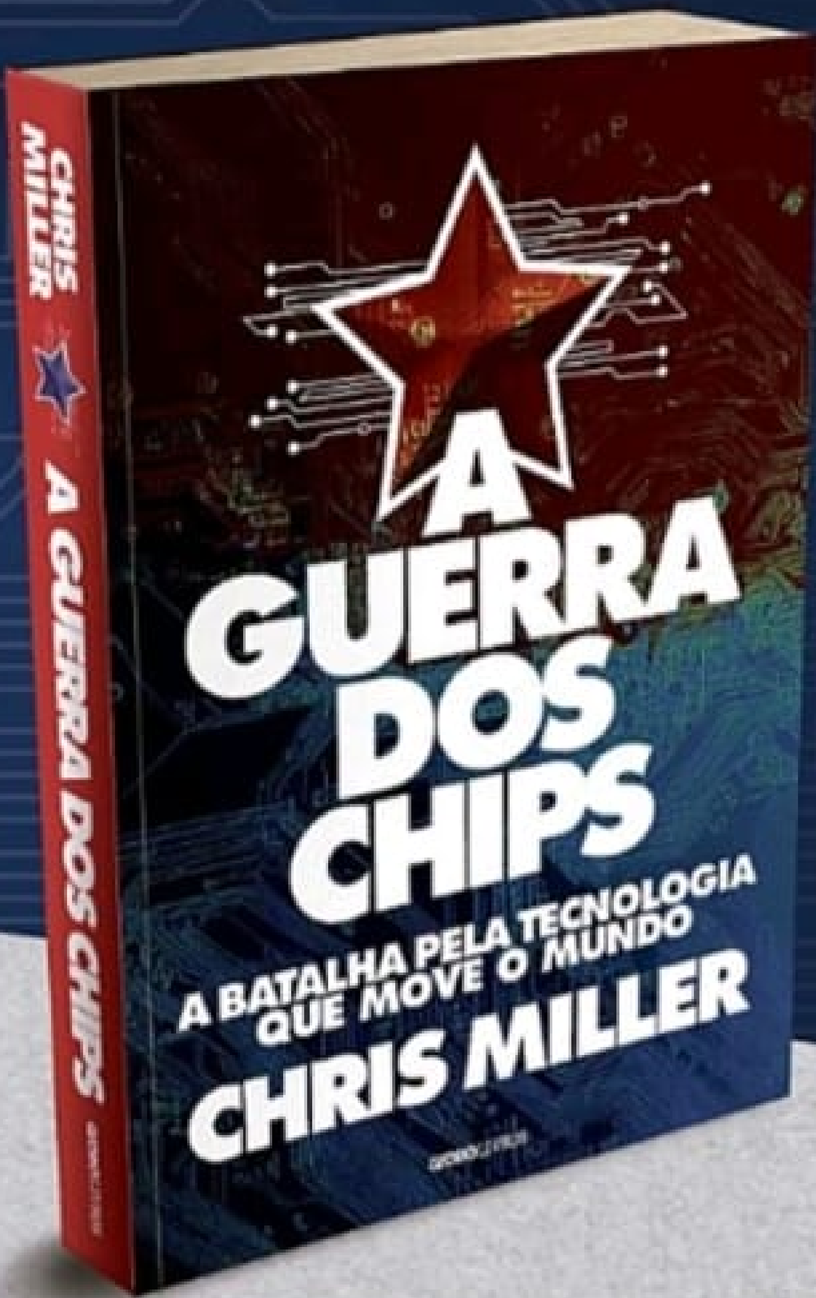
Em fevereiro de 1998, O GLOBO publicou uma pequena reportagem que tratava da chegada de um "hospital cinco estrelas" ao coração de Copacabana, na Zona Sul, no lugar do Hotel Copa D'Or, que fechara as portas no mês anterior. Dois anos depois, em 23 de maio de 2000, era inaugurada a unidade hospitalar que hoje completa 25 anos. Do antigo estabelecimento de hospedagem, ficou apenas o nome. Tudo no local foi transformado e, desde então, vem sendo constantemente renovado. Ao longo dessas duas décadas e meia de história, o Copa D'Or se tornou referência em medicina de qualidade.

Segundo hospital da rede — a primeira unidade foi a da Barra —, o Copa D'Or tem 240 leitos, dos quais 68 para internação adulto e pediátrica, 108 de UTI adulto, nove de UTI pediátrica e 55 de tratamento semi-intensivo. Há ainda 11 salas cirúrgicas, onde são feitos 12 mil procedimentos por ano. O número de exames realizados anualmente chega a 1,2 milhão, além de cerca de 100 mil atendimentos na emergência. E foi a partir de uma nova abordagem dos serviços oferecidos que o hospital se consolidou.

— É uma forma de entrega de serviços hospitalares que não existia na cidade até então. Você ter, por exemplo, uma das emergências com múltiplos especialistas, como cirurgião, pediatra, clínico, radiologista, ortopedista de plantão 24 horas, isso não existia. Essa é uma marca e uma mudança, quase uma quebra de paradigma que a rede D'Or traz desde o início — diz Kleber Cruz, diretor-geral do Copa D'Or.

Desde a pandemia de Covid-19, o Copa D'Or tem intensificado os investimentos no trato de doenças respiratórias. A partir de 2023, uma equipe do hospital, comandada e treinada pelo experiente cirurgião Tiago Machuca, tem posicionado o Rio como centro de referência em transplante de pulmão no país. Já são 18 procedimentos desta natureza realizados desde então. Uma das ações previstas para marcar os 25 anos do hospital é a expansão da UTI de Ultra Complexidade Pulmonar, que será rebatizada como Casa do Pulmão e deve entrar em funcionamento no segundo semestre.

— A Casa do Pulmão é um espaço onde pacientes com doenças pulmonares complexas podem encontrar todas as terapias disponíveis na medicina avançada: transplante, pulmão artificial e cirurgia robótica, entre outras — explica Tiago Machuca.



O PODER GLOBAL DOS CHIPS

Neste envolvente livro de não-ficção, o historiador econômico Chris Miller narra a ascensão da indústria dos chips e suas enormes implicações geopolíticas. O autor explica o cenário complexo da disputa atual entre Estados Unidos e China pelo controle desta que se tornou a tecnologia mais importante do mundo industrializado.

DISPONÍVEL NAS LOJAS ON-LINE, LIVRARIAS E EM E-BOOK

GLOBOLIVROS

Tempo

TEMPERATURA	> 40°	37°/40°	33°/36°	29°/32°	25°/28°	20°/24°	16°/19°	12°/15°	< 12°
PREVISÃO	Sol	Nublado parcialm.	Nublado	Pancadas de chuva	Nublado c/ chuvas	Chuvas e trovoadas	Geada		

BRASIL
Geada na Campanha gaúcha. Alerta no litoral norte de SP e no sul do RJ. Pancadas no leste do ES e no sul da Bahia. Temporais entre AM, RR e o norte do AP. Chuva moderada no CE.

RIO
Uma frente fria passa pela costa fluminense, deixando o céu carregado e provocando chuva ao longo de todo o dia. Há previsão de grandes acumulados de chuva.

Previsão	ZONA SUL	ZONA NORTE	ZONA OESTE	SENSAÇÃO TÉRMICA/RIO	PROBABILIDADE DE CHUVA
HOJE	21°/23°	20°/23°	22°/22°	20°/30°	Alta
AMANHÃ	21°/20°	20°/22°	22°/21°	20°/27°	Alta
DOMINGO	21°/23°	20°/25°	22°/24°	21°/24°	Baixa
SEGUNDA	20°/22°	19°/24°	22°/23°	20°/28°	Baixa
TERÇA	21°/23°	20°/25°	22°/24°	21°/30°	Baixa
QUARTA	21°/26°	20°/28°	22°/27°	21°/30°	Baixa
QUINTA	22°/22°	21°/24°	22°/23°	23°/31°	Baixa

Praias - Impróprias: Barra da Tijuca, Botafogo e Copacabana.
informações: Inea

Ondas - De 2,0 a 2,5 metros. Vento de sudeste. Melhores opções: Prainha, Macumba e Grumari.
informações: Ricosurf

Ventos - Rajadas de vento variando de 51 a 70 km/h durante a chuva no sul do estado.

CLIMATEMPO

Estado confirma mais duas mortes por febre oropouche

Três óbitos foram registrados este ano, nenhum na capital; segundo a Secretaria de Saúde, já há 1.597 casos no Rio, a maioria em Macaé, no Norte Fluminense; Cachoeiras de Macau, na Região Metropolitana; e Angra dos Reis , na Costa Verde

ANNA BUSTAMANTE
anna.santos@oglobo.com.br

A Secretaria estadual de Saúde do Rio (SES) confirmou, ontem, mais duas mortes por febre oropouche: uma moradora de Macaé (no Norte Fluminense), de 34 anos; e outra de Paraty (na Costa Verde), de 23. Ambas tiveram os primeiros sintomas em março deste ano, foram internadas, mas morreram dias depois — na semana passada, a primeira vítima da doença foi divulgada: um homem de 64 anos de Cachoeiras de Macacu, na Região Metropolitana. Ele foi hospitalizado em fevereiro e morreu quase um mês depois.

Agora, são quatro óbitos confirmadas no Brasil — três deles no Estado do Rio — e 1.597 casos em território fluminense. Já há 77 registros da doença, transmitida pelo mosquito *Culicoides paraensis*, na capital carioca.

Segundo dados da SES, atualizados até ontem, cinco municípios concentram 65% dos casos registrados: Macaé (313), Cachoeiras de Macacu (235), Angra dos Reis (207), Guapimirim (163) e Porciúncula (117) — cidades inseridas no bioma da Mata Atlântica.

GRIPE PREOCUPA MAIS

Subsecretário de Vigilância e Atenção Primária à Saúde do estado, Mário Sergio Ribeiro explica que o inseto transmissor da febre oropouche tem como ambiente preferencial áreas silvestres, de mata e rurais.

Isso explicaria, então, o maior número de casos confirmados nestes municípios, que concentram vastas áreas rurais e de mata, ambiente ideal para a proliferação do vetor.

Mas nem mesmo a Região Metropolitana I — que inclui a capital, Niterói, São Gonçalo, Duque de Caxias, Nova Iguaçu e Belford Roxo, entre outros municípios mais urbanizados — está livre da doença. Já são 205 casos confirmados na região.

— Na área urbana, os casos só ocorrem se o inseto for transportado de alguma forma ou se a pessoa morar em regiões próximas à mata, onde há cultivo de plantas e falta de limpeza nos quintais. A matéria orgânica se acumula e pode se tornar um foco do vetor — afirma ele.

Para o secretário municipal de Saúde, Daniel Soranz, a maior preocupação no momento é outra.

— Ainda é um número de casos muito menor do que a maioria das outras doenças. Nos meses de inverno, a preocupação é a gripe — diz ele. — Doenças por transmissão de mosquito no período de inverno tendem a diminuir, mas vamos ter um próximo verão que acende o sinal de alerta.

PROTOCOLOS ATUALIZADOS

A Secretaria estadual de Saúde informou que, desde os primeiros casos de febre do oropouche no Rio, em 2024, atualiza os protocolos de vigilância e testagem no Laboratório Central de Saúde Pública Noel Nutels. E que monitora continuamente os casos pelo Centro de Informações Estratégicas de Vigilância em Saúde (CIEVS-RJ). Além disso, capacita profissionais dos 92 municípios para melhorar a notificação e o atendimento aos pacientes, especialmente nos casos graves da doença.

De acordo com o subsecretário Mário Sergio Ribeiro, o estado possui capacidade laboratorial para analisar novos casos, com kits fornecidos pelo Ministério da Saúde, desde que a doença virou suspeita na Amazônia.

Jovem de 21 anos morre em academia em Copacabana

Investigações apontam que local não tinha desfibrilador, como prevê a lei

REPRODUÇÃO



Indicação médica. Dayane morreu enquanto estava na academia: segundo amigo, exercício era leve após cirurgia cardíaca

CAROLINA CALLEGARI E CAMILA ARAUJO
geral@oglobo.com.br

Dedicada, educada e estudiosa são algumas das qualidades escolhidas por um amigo para descrever a estudante de Relações Internacionais Dayane de Jesus, de 21 anos, que morreu na última terça-feira ao passar mal em uma academia em Copacabana, Zona Sul do Rio. Os planos eram muitos, conta o personal trainer Rafael D'Ávila, amigo da estudante e quem recebeu a ligação de um funcionário da academia após Dayane desmaiar durante o treino.

— Ela já tinha feito uma cirurgia cardíaca, que foi um sucesso. Era acompanhada por um cardiologista, já estava bem. Em abril, fez um check-up. Agora, é preciso entender o que aconteceu, qual foi a origem disso — conta Rafael, afirmando que o treino da jovem era leve, que se exercitava por indicação médica.

Imagens das câmeras da academia mostram que Dayane caiu no chão enquanto mexia no celular. Ela foi atendida por outro aluno, que seria médico. Segundo as investigações da 12ª DP (Copacabana), não havia desfibrilador no local, além de a direção descumprir normas administrativas de socorro na unidade. O laudo do Instituto Médico-Legal (IML) foi inconclusivo para a causa da morte, e um laudo complementar foi solicitado.

— O cerne da investigação é saber se o desfibrilador poderia ter evitado a morte da aluna. Se sim, o responsável da academia pode responder por homicídio culposo — afirmou o delegado Ângelo Lages, titular da 12ª DP.

INTERDITADO

Uma lei municipal do Rio aprovada em 2022 ampliou os locais obrigados a ter ao menos um desfibrilador para ajudar no socorro, incluindo as academias. A norma diz ainda que os responsáveis devem preparar as equipes para usar o equipamento. Antes, de acordo com o ordenamento estadual de 2021, apenas centros de treinamento deveriam contar com ele.

— É um caso extremamente raro. Ainda assim, o desfibrilador nem sempre é uma garantia, ele só trata determinados tipos de arritmia e demanda profissionais treinados. Não é tão simples. O mais útil seria a população ter formação em primeiros socorros de suporte à vida na educação básica — alerta Claudio Gil Araújo, médico do exercício e do esporte, e diretor da Clínica de Medicina do Exercício do Rio (Clinimex).

A academia está interditada desde anteontem. O proprietário ainda não foi localizado pela polícia. Procurada, a Vigilância Sanitária do município do Rio, responsável pela fiscalização no local, não se manifestou.

Casa onde estava corpo de idoso não abria janelas

Testemunha contou à polícia ter ouvido discussão entre homem e o filho envolvendo senha de cartão

MARCOS NUNES
jnunes@extra.inf.br

A casa onde o idoso Dario Antônio Raffaele D'Ottávio, de 88 anos, foi encontrado morto em avançado processo de esqueletização, na quarta-feira, na Ilha do Governador, na Zona Norte do Rio, estava com a janela fechada há mais de um ano e ainda ostentava vidros escuros que evitam a visão de fora para dentro. É o que relatou uma vizinha de Dario, ontem, pouco após prestar depoimento na 37ª DP (Ilha do Governador). Ao encontrar o corpo em cima de uma cama num dos quartos, os policiais verificaram que frestas de uma porta da residência estavam vedadas com panos para evitar que o cheiro fosse notado por quem mora próximo ao local.

Filho de Dário, Marcelo Marchese D'Ottavio, e a irmã, Tania Conceição Marchese D'Ottavio, moravam com o pai na residência onde o corpo foi encontrado. Ontem, uma testemunha ouvida pela polícia contou que, no fim de 2023, ouviu uma discussão entre pai e filho, quando este último teria exigido a senha e o cartão bancário do idoso, que acabou não sendo entregue. Na quarta-feira, os dois irmãos tentaram evitar que os policiais entrassem na casa para cumprir um mandado de busca e apreensão. A ordem judicial foi expedida após os agentes serem acionados pelo serviço social do município, que recebeu denúncias de maus tratos ao idoso. Segundo relatos de vizinhos, ele não era mais visto há mais de um ano.

ATENDIMENTO PSIQUIÁTRICO

Marcelo chegou a lutar com um policial. Ele e a irmã foram presos em flagrante por crimes de ocultação de cadáver, resistência e lesão corporal. Os irmãos estão internados no Hospital Evandro Freire, na Ilha, por necessidade de atendimento psiquiátrico.

— Representei pela prisão preventiva dos dois. Em liberdade, eles poderiam intimidar testemunhas e atrapalhar as investigações — disse Felipe Santoro, delegado titular da 37ª DP.

Segundo vizinhos, Dario era muito querido no bairro. Já Marcelo teria surtos frequentes.

— Havia muita gritaria na casa — contou uma vizinha.

IMAGENS QUE EMOLDURAM SENTIMENTOS.
Aponte a câmera do celular no Qr-Code e conheça nossas opções de molduras para avisos fúnebres e religiosos ou acesse anunciereligiosos.oglobo.com.br



Anuncie agora via WhatsApp ou Telegram
2534-4333 de 2ª a 6ª feira, das 9h às 18h
Plantão 2534-5501 | Sábados, das 10h às 17h
Domingos e Feriados, das 16h às 19h
O GLOBO

RONALDO SIMÃO
CREMAÇÃO
Convidamos para essa despedida, de RONALDO SIMÃO, procurador do Estado do RJ, advogado, navegador e mergulhador. Telê Moraes companheira, Nuno Felipe filho, Maria Clara neta, nora, irmãos e sobrinhos.
CREMATÓRIO E CEMITÉRIO DA PENITÊNCIA NO CAJU
DIA 23/05/2025, SEXTA-FEIRA. CAPELA 9. Das 14h40 às 17h20.

Leitores

O NA WEB
ACERVO
Pesquise notícias antigas do GLOBO
Site contém todas as edições digitalizadas desde a primeira, em 29 de julho de 1925
PARA ACESSAR, APONTE O CELULAR PARA O QR CODE

MENSAGENS CARTAS@OGLOBO.COM.BR

As cartas, contendo telefone e endereço do autor, devem ser dirigidas à seção Leitores. O GLOBO. Rua Marquês de Pombal 25, CEP 20.230-240. Pelo fax, 2534-5535 ou pelo e-mail cartas@oglobo.com.br

Além da imaginação

Bolsonaro's brainstorm? Oh luck!

MAURÍCIO JOSÉ MARCHEVSKY
RIO

Manipuladores

A extrema direita propaga ressentimentos, ódio, vitimização e recalques, especialmente entre os que têm baixa autoestima. Muitos políticos são eleitos por uma parcela significativa da população que se sente perseguida por um sistema indefinido e supostamente opressor. Os líderes políticos dessa corrente, Trump, Netanyahu e Bolsonaro, por exemplo, utilizam-se da prerrogativa do cargo para angariar seguidores, espalhar mentiras através de mecanismos cujo objetivo é disseminar a discórdia e a desagregação. São manipuladores hipócritas que frequentemente constrangem seus pares com requintes de perversidade. Desprezam a fraternidade e a solidariedade. Não têm empatia. Atacam a ciência, professores, defensores do meio ambiente, eliminando pessoas e inversões financeiras para as instituições universitárias. Perseguem a imprensa livre. Seus interesses estão em consonância exclusivamente com os objetivos (inclusive da indústria que fomenta a guerra de massacre e extermínio, Gaza, por exemplo) das grandes corporações capitalistas que, cada vez mais, agregam ganhos financeiros às custas de crescente desigualdade socioeconômica.

MICHAEL DEVEZA
RIO

No colo errado

As viagens de Lula levando Alcolumbre a tiracolo surtiram efeito. O presidente do Senado voltou mais poderoso e insaciável. Com a liberação do Ibama dos testes para exploração de petróleo na Foz do Amazonas pela Petrobras, Alcolumbre saiu vencedor, pois é no Amapá, seu estado, onde estão os campos, e bilhões serão mobilizados para contratação de obras e serviços. Um prato cheio para Alcolumbre mostrar seu peso político para tocar o empreendimento, indicando seus apaniguados para cargos fundamentais nas decisões ligadas à exploração da nova fronteira petrolífera. Lula caiu no colo de Alcolumbre, que mostrou seu poderio na votação desta semana, deixando claro quem manda.
Como se pode notar, Alcolumbre não foi eleito de graça.

IZABEL AVALLONE
SÃO PAULO, SP

Careca às favas

O Sr. Antonio Carlos Camilo Antunes, o Careca do INSS, entrou com uma ação contra o apelido "Careca do INSS". É um tremendo cara de pau. Não se importa de ser chamado de ladrão, mas de Careca do INSS, sim. O juiz José Reinaldo Rossaro, que é calvo, mas não careca, fez barba e bigode — cabelo, não — e mandou o Careca do INSS às favas.

MURILO SANCHES RODRIGUES
RIO

Longa folha corrida

Em recente julgamento no STF, a ministra Cármen Lúcia enfatizou a importância de uma análise mais criteriosa na aplicação do princípio da insignificância, especialmente em casos de furtos de pequena monta, que se tornam reiterados e configuram uma prática habitual. Essa postura reforça a necessidade de avaliar o contexto e a frequência das condutas criminosas, evitando uma aplicação mecânica do princípio. A ministra citou o ex-ministro Sepúlveda Pertence, que afirmou que, "quando o crime é meio de vida, este é o meio que o direito não valida". Essa afirmação é bastante significativa, pois evidencia que o sistema jurídico não deve tolerar condutas criminosas que se traduzem em "longa folha corrida" de infrações.

WILDE BAIA
RIO

Ajufe responde

(A propósito do editorial "Novo 'penduricalho' para juízes não faz nenhum sentido", de 15 de maio)
A Ajufe defende debate técnico, transparente e respeitoso sobre os investimentos na Justiça Federal. A Resolução CJF nº 943/2025 enfrenta desafios estruturais ao destinar, com responsabilidade, esforços extras a regiões com maior acúmulo de processos e carência de servidores. A remuneração prevista não é privilégio, mas contraprestação legítima a juízes que acumulam funções, voluntariamente, em mutirões e forças-tarefas que aceleram o andamento processual. No STJ, experiência semelhante reduziu 34,51% do acervo dos gabinetes criminais. Ignorar esses dados e tratar o esforço como gasto supérfluo empobrece o debate e desvaloriza o papel essencial do Judiciário em uma sociedade democrática.

CAIO MARINHO, PRESIDENTE DA AJUFE

Bufão no salão

Do jeito que Trump está recebendo chefes de Estado em Washington, é melhor trocar o nome do Salão Oval para Salão Boçal.
Um absurdo o que se vê por lá.

ROBERTO SOLANO
RIO

Se vivo fosse, o que diria Eric Hobsbawm sobre os dias atuais? Imagino um calhamaço intitulado "A Era da Molecagem". Trump recebendo o presidente da África do Sul no Salão Oval foi mais um espetáculo grotesco do bufão que ocupa a Casa Branca. Estamos nos acostumando com essas aberrações... O deputado mentiroso que discursa na Câmara usando peruca e nome de guerra Nikole, ministro dono de offshore milionária em paraíso fiscal dizendo que dólar baixo tem como consequência a farra de domésticas na Disney, seu colega passando a boiada... neto de ditador reclamando de censura e arbitrariedade, filho 03, que afirmava bastar cabo e soldado para fechar o STF, líder evangélico aos berros pregando que golpe não é golpe... mas o grande símbolo dos tempos estranhos em que vivemos se chama Jair Bolsonaro. Ele e seus asseclas perderam a noção do ridículo, vivem apartados da realidade. No futuro, quando alguém pesquisar na internet sobre a Era da Molecagem, vai aparecer a foto do mito fazendo arminha com o dedo.

DIMITRI VINAGRE
RIO

Canetada polêmica

Pode estar havendo uma ameaça à saúde pública pelo uso a qualquer preço das "canetas emagrecedoras", que trazem sucesso para a perda de peso, mas provavelmente não trarão sucesso terapêutico geral para a saúde. Os trabalhos têm sistematicamente indicado retorno quase que imediato do peso perdido quando de sua interrupção. Parece-me que o grande mal dessas "canetas" é levar o paciente ao descompromisso com sua doença, ao desinteresse por uma dieta e a um programa regular de exercícios. Não preciso fazer nada, o remédio resolve tudo, é um pensamento longe da verdade. Deve-se fazer dieta saudável e exercícios para que se prolongue uma vida sem doenças. Ficar magro com "canetas" com certeza não se enquadra aí.

ARTUR LEMOS
RIO

O touro e a História

Um empreiteiro, contratado para reformar as instalações e adequá-las às novas funções do matadouro de Petrópolis, foi obrigado pelo novo administrador a tirar a figura da cabeça do touro da fachada e destruí-la. Alegava o gestor que a imagem era inadequada à nova função do imóvel. Experiente, o empreiteiro escondeu a cabeça do touro atrás de uma nova parede no próprio prédio. Anos depois um novo diretor indagou sobre a cabeça para resgatar a história do prédio. Encontrado o empreiteiro, este foi feliz da vida desencavar a cabeça e instalá-la no devido lugar. Toda vez que passarmos em frente a este prédio, além de agradecer a Luiz Fernando Feiteira Sutter, o empreiteiro nascido e criado em Petrópolis na década de 30 do século passado, devemos nos fortalecer contra essas atitudes insanas de tentar apagar a História.

ANTONIO J. WERNECK DE CASTRO
RIO

Hospital novo

Haverá audiência pública na Câmara Municipal em 12 de junho pela liberação da licença de uma unidade da Prevent Senior onde funcionava a sede da IBM, medida bastante democrática e necessária. Porém, a presidente da Associação de Moradores de Botafogo é contra, por acreditar que irá trazer mais problemas ao bairro. Entretanto, não é contra o excesso de bares e restaurantes, que abrem com frequência, promovendo tanta desordem e transtornos.

CLÁUDIO BARBOSA BRAGA
RIO

Uma bike entre nós

Queria pedir ao gênio do urbanismo que projetou a ciclovia do Largo do Machado que publicasse um tutorial ensinando algum vovô ou vovó onde e como conseguir desembarcar de um táxi para ir ao consultório de algum dos muitos médicos que atendem por lá e embarcar em outro táxi para voltar para casa, sem ser atropelado por bicicleta, carro, motocicleta, motoneta, lambreta, bicicleta elétrica ou patinete.

VICTOR KOIFMAN
RIO

Visão periférica

O atual decreto da prefeitura que busca melhor ordenação urbana nas praias é louvável, mas Paes se esqueceu de fazer uso da sua visão periférica e ainda não cuidou da regulação nas ciclovias do inferno irresponsável dos ciclomotores, que circulam impávidos em velocidades abusivas, ante uma verdadeira "guarda municipal ausente".

MÁRCIO MELO B. DE ARAUJO
RIO

APLICATIVO O GLOBO

O app oferece funções que facilitam a navegação, além de unir todo o conteúdo on-line e impresso. Baixe agora ou atualize o aplicativo disponível na **Apple Store** e no **Google Play**



Menu de navegação

Como navegar
A tela inicial destaca o conteúdo on-line que pode ser atualizado

Em Biblioteca, as matérias salvas do aplicativo ficam guardadas

Em Banca, o leitor pode baixar a edição impressa em duas versões: jornal e texto

Em Editorias, o leitor consegue acessar suas seções preferidas

Ao clicar no símbolo, o leitor pode salvar uma matéria para leitura posterior

O time de colunistas do GLOBO está reunido em um único lugar no app

NEWSLETTERS



Política, economia, cultura, saúde, diversão: escolha os temas de sua preferência e inscreva-se em oglobo.globo.com/newsletter para receber uma seleção de conteúdo em sua caixa de e-mail

EXCLUSIVAS
Só os assinantes têm acesso a "Dois Minutos – Tarde" (um resumo do noticiário mais quente do dia) e "Clube O Globo" (que destaca ofertas e benefícios)

EXCLUSIVO PARA ASSINANTES

Clube O GLOBO 100
CONSULTE CONDIÇÕES DA OFERTA NO SITE CLUBEOGLOBO.GLOBO.COM

Cuidados com o corpo e com a pele

Aproveite até 40% OFF em todas as categorias de medicamentos na Farmalife, referência em dermocosméticos. Pedidos devem ser feitos por telefone (21-4002-2000), com frete grátis. Saiba mais on-line.

40% desconto



DIVULGAÇÃO

Cortes argentinos para saborear em SP

Instalado em Moema, em São Paulo, o restaurante La Parilla Argentina se dedica a representar um pedaço de Buenos Aires diante dos consumidores paulistanos. O Clube descobre essas delícias com 20% OFF no total da conta. Mais on-line.

20% desconto


DIVULGAÇÃO

HÁ 50 ANOS

De Marselha para o Rio: Paulo César no tricolor
23/5/1975



Polícia argentina prende brasileiros implicados em plano terrorista

O povo português não aceitará ditadura comunista, diz Soares

O GLOBO

Governo examinará o salário-família

Bradbury rejeita exigência militar

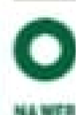
O presidente do Fluminense, Francisco Horta, acertou ontem, em Paris, a contratação do tricampeão do mundo Paulo César por US$ 400 mil (Cr$ 3,2 milhões). No entanto, antes de fechar o negócio com o Olympique de Marseille, vai ouvir o Conselho Diretor do clube.
"Os socialistas não aceitarão uma ditadura comunista em Portugal. O povo não a aceitará", disse ontem o líder socialista Mário Soares a 150 jornalistas, pouco antes do início de uma gigantesca marcha de protesto contra a crescente influência comunista no governo e na imprensa.

LOTERIAS

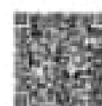
LOTOFÁCIL (concurso 3.398): 1.2.3.4.5.7.9.10.12.14.16.17.18.19.24. **QUINA** (concurso 6.736): 17.29.60.75.80. **MEGA-SENA** (concurso 2.866): 1.12.17.19.36.60

O leitor deve checar os resultados também em agências oficiais e no site da CEF porque, com os horários de fechamento do jornal, os números aqui publicados, divulgados sempre no fim da noite pela CEF, podem eventualmente estar defasados

Esportes



SELEÇÃO BRASILEIRA
Ancelotti chega ao Rio no domingo
Técnico, que será apresentado na segunda, terá forte esquema de segurança



PARA ACESSAR APONTE O CELULAR PARA O QR CODE

Hoje tem grito de campeão italiano... Ou não

Separados por um ponto, primeiro colocado Napoli e vice-líder Inter de Milão enfrentam Cagliari e Como, respectivamente; caso terminem empatados em pontos, título será decidido em jogo extra na segunda-feira

DAVI FERREIRA
davi.ferreira@oglobo.com.br

O Campeonato Italiano voltou a ficar no foco das atenções nesta temporada do futebol europeu pela disputa cabeça a cabeça entre Napoli e Inter de Milão. A finalista da Liga dos Campeões também quer o título nacional, mas está um ponto atrás da equipe treinada por Antonio Conte: 79 a 78. O *Scudetto* pode ser decidido hoje, a partir das 15h45, quando o primeiro colocado recebe o Cagliari, e a vice-líder visita o Como.

O dia incomum para jogos simultâneos deste porte não é mero capricho, pois o campeonato pode precisar de uma final. Se os dois times terminarem com o mesmo número de pontos ao fim da 38ª rodada, o regulamento aponta um jogo extra. Pensando nisso, a organização adiantou as partidas de Napoli e Inter para hoje e reservou a segunda-feira para a possível decisão, a ser disputada no Estádio Olímpico de Roma.

A taça parece estar nas mãos do Napoli, que só precisa vencer um time já livre do rebaixamento no Estádio Diego Armando Maradona. A lenda argentina ajudou o clube a conquistar o Campeonato Italiano em 1986/87 e 1989/90, mas depois veio um jejum só encerrado em 2022/23. Agora, é real a possibilidade do segundo título em três anos.

Após uma temporada de ressaca, o time não figurava entre os candidatos ao título no começo do Italiano, mas a chegada de Conte trouxe novos ares. Aos 55 anos, ele já comandou um tricampeonato consecutivo da Juventus entre 2011/12 e 2013/14 e foi campeão com a própria Inter em 2020/21.

Fora dos torneios europeus e eliminado precocemente na Copa da Itália, o Napoli pôde focar desde cedo no Italiano. Mesmo com um elenco mediano e tendo perdido sua estrela, o atacante georgiano Kvaratskhelia, para o Paris Saint-Germain, conseguiu ser o líder mais frequente da tabela.

Para se ter a medida da improbabilidade deste eventual título, o artilheiro da temporada napolitana é o atacante belga Lukaku, com 13 gols, outro ex-Inter, mas o vice é o volante escocês McTominay (12), negociado pelo Manchester United no ano passado.

Apesar de acumular tropeços estranhos nas últimas rodadas, como os empates diante de Genoa e Parma, o time também contou com a incompetência da Inter para ultrapassá-lo. O último foi o empate com a Lazio, em casa, o que faz os *nerazzurri* não dependerem de si para faturar o 21º título.

O trabalho de Inzaghi — iniciado em 2021 — à frente desta geração da Inter dispensa apresentações, após o título nacional na última temporada, o vice europeu em 2022/23 e a classificação à final da Champions contra o PSG.

Tendo como principais artilheiros da temporada o atacante argentino Lautaro Martínez (22 gols) e o francês Marcus Thuram (18), além do brilho do lateral-direito holandês Dumfries, a equipe azul de Milão chegou como candidato a ser campeão. No entanto, agora precisa vencer o Como e torcer por um tropeço do Napoli.

Mais do que isso, como foi eliminada na semifinal da Copa da Itália, ainda corre o risco de sair de mãos vazias dos três principais torneios da temporada. Independentemente do título, que agora se desenha improvável, a Inter já mira a final da Champions, em Munique, no dia 31, mas é importante fazer seu papel.

A sequência da última rodada será amanhã e domingo. Outra disputa acirrada é pela última vaga na Champions. Com 74 pontos, a Atalanta, que sonhou com o título, já está garantida. Juventus (67), Roma (66) e Lazio (65) brigam pelo 4º lugar. Na parte de baixo, Verona, Parma, Lecce, Empoli e Venezia tentam fugir das duas vagas restantes na briga contra o rebaixamento.



Do outro lado. Ex-jogador da Inter, Lukaku tenta levar o Napoli ao título



Esperança. Inter conta com os gols de Lautaro Martínez e tropeço do Napoli

EMOÇÃO NA ITÁLIA

15h45
(TRANSMISSÃO: ESPN E DISNEY+)



15h45
(TRANSMISSÃO: ESPN E DISNEY+)



EDITORIA DE ARTE

Santi Rodríguez é boa notícia em vaga com derrota em Brasília

Reforço mais caro do ano, atacante uruguaio tem boa atuação contra Capital

JOÃO PEDRO FRAGOSO
joao.fragoso@oglobo.com.br

Além da vaga nas oitavas de final da Copa do Brasil, a boa atuação de Santi Rodríguez foi praticamente a única coisa positiva na derrota do Botafogo por 1 a 0 para o Capital-DF, ontem, no Mané Garrincha — como havia vencido na ida por 4 a 0, o alvinegro podia perder por até três gols de diferença que, ainda assim, garantiria a classificação. Contratado por R$ 97 milhões, o uruguaio foi o reforço mais caro do time em 2025, mas ainda luta por espaço na equipe.

Na primeira vez em que esteve em campo por 90 minutos desde novembro do ano passado, quando ainda atuava pelo New York City FC, da MLS, Rodríguez foi o principal jogador do Botafogo. Numa noite de inspiração quase nula de seus companheiros — Alex Telles e Mateo Ponte, com boas participações, foram as exceções —, o camisa 23 se movimentou bem, trocou bons passes e levou perigo com uma finalização já na segunda etapa.

Ao todo, Santi Rodríguez acertou 45 de 54 passes tentados (83%), teve êxito em todos os cinco lançamentos tentados e em quatro de cinco dribles, e finalizou duas vezes para fora. Em meio às dúvidas sobre as presenças de Savarino, Matheus Martins e Artur na "decisão" da próxima terça-feira, contra a Universidad do Chile, pela Libertadores, o camisa 23 acaba se credenciando para uma vaga entre os titulares. O Botafogo precisa da vitória para avançar às oitavas do torneio internacional.

RESERVAS VÃO MAL

Por outro lado, pode-se dizer que o restante do time escalado por Renato Paiva deixou muito a desejar. Nem mesmo Raul, terceiro goleiro do elenco, conseguiu se salvar na derrota que encerrou a sequência de quatro jogos invictos da equipe. Acionado ainda no início do jogo, após lesão de Léo Linck no ombro esquerdo, o camisa 1 esteve mal posicionado no chutaço de longa distância de Rodriguinho, que marcou o gol da partida após falha de Elias Manoel. O centroavante alvinegro, aliás, foi um dos piores em campo.

— Queríamos vencer, mas o mais importante era rodar o elenco também. Muitos que jogaram hoje tiveram seus primeiros minutos e precisam de entrosamento. Mas agora é focar na terça-feira, quando teremos uma final — ponderou Alex Telles, único titular que iniciou a partida de ontem.



Destaque. Atacante Santi Rodríguez em disputa de bola contra o Capital

1 Capital-DF — **0** Botafogo

Capital-DF
Reynaldo, Vinícius Baracioli, Richardson, Pedro Romano e Renan Luís; Erick Varão, Maycon Lucas (Lucas Oliveira), Rodriguinho (Mateus Anderson) e Deysinho (Adilio); Wallace Pernambucano (Quarcoo) e Tobinha (Falcão). Técnico: Felipe Surian.

Botafogo
Léo Linck (Raul), Mateo Ponte, Danilo Barbosa, Serafim (Kauê Rodrigues) e Alex Telles (Vitinho); Newton, Patrick de Paula e Kauan Lindes (Jeffinho); Santi Rodríguez, Nathan Fernandes e Elias Manoel (Rwan Cruz). Técnico: Renato Paiva.

Gols: 1T: Rodriguinho, aos 30 minutos. **Árbitro:** Bruno Pereira Vasconcelos (BA). **Cartões amarelos:** Tobinha (Capital); Serafim, Alex Telles, Kauan Lindes e Renato Paiva (Botafogo). **Público presente:** 14.635. **Renda:** Não divulgada. **Local:** Mané Garrincha, Brasília (DF).

FLAMENGO

Michael interessa ao Al Duhail, do Catar

A diretoria do Flamengo já mapeou os reforços a serem procurados e tem, na possível saída do atacante Michael, a expectativa de ganho financeiro e alívio na folha salarial para fazer a reposição — o jogador de 29 anos tem salário acima de R$ 1,5 milhão e contrato até 2028. Até agora, o rubro-negro não recebeu propostas, mas Michael tem mercado no mundo árabe e interessa ao Al Duhail, time do Catar, segundo informações do canal Fla Zoeiro e confirmadas pelo blog do Diogo Dantas, do GLOBO. Além de Michael, o Flamengo também vai avaliar propostas por Everton Cebolinha. A ideia do clube é trazer pontas mais jovens e com mais vitalidade — e buscar reforços para outras posições depois do Mundial de Clubes.

FLUMINENSE

Cano volta a correr no CT Carlos Castilho

Três semanas fora dos gramados por uma lesão no joelho esquerdo, o centroavante Germán Cano publicou um vídeo em suas redes sociais mostrando o avanço do tratamento de recuperação. De tênis, o argentino já dá voltas correndo no campo do CT Carlos Castilho, como parte do processo de transição para a volta aos treinos. O Fluminense acredita no retorno do jogador para o Mundial de Clubes, que começará no dia 14 de julho. Como a lesão foi semelhante à sofrida pelo meia Isaque — lesão de grau 2 do ligamento colateral medial do joelho —, o clube projeta uma data semelhante de retorno para Cano: seis semanas totais, como informou o ge. O atacante é o artilheiro do Flu em 2025, com 14 gols.

VASCO

São Januário: votação é novo passo de reforma

O Vasco vive hoje um rito importante no processo da reforma de São Januário. O quadro social vota, em Assembleia Geral Extraordinária, pela criação de uma Sociedade de Propósito Específico (SPE), empresa que fará a gerência dos recursos recebidos no processo de venda de potencial construtivo, cuja arrecadação será utilizada obrigatoriamente na reforma. A votação acontece entre 9h e 19h, de forma online e presencial — na sede do Calabouço, no Centro do Rio. A previsão é de que a proposta seja aprovada sem problemas. A reforma, orçada em pouco mais de R$ 500 milhões, tem início esperado para o fim do ano. O Vasco volta a campo amanhã, em clássico contra o Fluminense.

CORINTHIANS

Presidente Augusto Melo é indiciado

A Polícia Civil de São Paulo indiciou ontem o presidente do Corinthians, Augusto Melo, o ex-diretor administrativo do clube, Marcelo Mariano, o ex-superintendente de marketing corintiano, Sérgio Moura, e Alex Cassundé, dono da empresa responsável pela intermediação do contrato com a VaideBet. As informações são do ge. Augusto Melo e os demais indiciados foram enquadrados em três crimes: furto qualificado pelo abuso de confiança, associação criminosa e lavagem de dinheiro. Na semana passada, o presidente corintiano garantiu que, mesmo se fosse indiciado, não renunciaria ao cargo para o qual foi eleito no fim de 2023. Os quatro aguardam manifestação do Ministério Público de São Paulo, que pode oferecer a denúncia, a ser analisada por um juiz.

NAPOLI E INTER NA BRIGA
Italiano pode ter jogo desempate
PÁGINA 31

MERCADO DA BOLA
Michael pode deixar o Fla
PÁGINA 31

NOVA ORDEM NACIONAL

Como eleição da CBF reorganiza forças no futebol

A DIVISÃO DOS CLUBES NA ELEIÇÃO DA CBF

Dos 40 clubes das Série A e B, 21 vão se abster da votação, dez estão a favor de Samir Xaud e nove ficaram neutros



Contra Xaud

- América-MG
- Athletico-PR
- Atlético-GO
- Botafogo-SP
- Chapecoense
- Corinthians
- Coritiba
- Cruzeiro
- Cuiabá
- FLAMENGO
- FLUMINENSE
- Fortaleza
- Goiás
- Internacional
- Juventude
- Mirassol
- Novorizontino
- Operário-PR
- Santos
- São Paulo
- Sport

Neutros

- Athletic-MG
- Atlético-MG
- Avaí
- Bahia
- Bragantino
- Ceará
- Ferroviária
- Vila Nova
- Vitória

A favor de Xaud

- Amazonas
- BOTAFOGO
- CRB
- Criciúma
- Grêmio
- Palmeiras
- Paysandu
- Remo
- VASCO
- VOLTA REDONDA

EDITORIA DE ARTE

DIOGO DANTAS
diogo.dantas@oglobo.com.br

A tentativa de mobilização dos 40 clubes das Séries A e B para eleger um candidato que os representasse na eleição da CBF fracassou — e escancarou um futebol brasileiro ainda mais rachado. Do total, 21 clubes se mantiveram unidos e vão boicotar o pleito de domingo como forma de protesto, entre eles Flamengo e Fluminense. Na contramão, Vasco, Botafogo e Palmeiras se alinharam a 25 das 27 federações e ao candidato único, Samir Xaud. No meio, estão clubes como o Atlético-MG, um dos que se viram ameaçados de perder patrocinios no meio da disputa. Nos bastidores, a pressão de federações e empresas que bancam clubes e campeonatos afastou algumas adesões ao boicote.

O objetivo dos clubes que mantiveram a posição é não repetir a unanimidade fabricada na manutenção de Ednaldo Rodrigues no comando da CBF — agora rejeitada pela Justiça — e deixar claro que a candidatura não tem representatividade de quem realmente "importaria": as equipes e os dirigentes que trabalham na formação de atletas para o futebol pentacampeão. Samir Xaud tem tentado se aproximar dos presidentes dissidentes, mas, até agora, sem nenhuma mudança concreta na principal queixa: a alteração no formato da eleição da CBF, com mais voz e peso aos clubes, de modo que a entidade não seja dominada pelas federações estaduais.

O abalo das placas tectônicas de um futebol brasileiro ainda mais dividido promete uma reorganização de forças. Em um primeiro momento, os blocos de clubes que estavam alinhados pela organização do Brasileirão através de uma Liga a partir de 2027 não sofreu danos, mas cada um escolheu um lado na política da CBF, e o tabuleiro promete se reorganizar. Flamengo e Palmeiras, que já andaram disputando poder na Libra, agora estão em lados opostos na eleição. Leila Pereira, do alviverde, foi a primeira presidente a assinar carta em apoio a Samir Xaud. Já Luiz Eduardo Baptista, o Bap, colocou o rubro-negro puxando a fila de abstenções, e após encontro com o candidato, não se iludiu com promessas. O Fluminense de Mário Bittencourt foi na mesma linha, assim como São Paulo, Corinthians e Santos.

Na contramão, o Vasco puxou a fila de quem pulou do barco. Foi o primeiro a aderir à candidatura de Samir, alegando que os coirmãos surgiram com uma proposta fechada e sem diálogo, privilegiando poucos clubes e alçando o CEO Marcelo Paz, do Fortaleza, sem maiores consultas. Com o aceno, Samir conversou com o cruz-maltino, absorveu preocupações e demandas, e outros vieram na esteira, como o Botafogo e o Grêmio. O sentimento dos dissidentes foi de que a unidade dos clubes estava mais no discurso do que na prática.

BOTAFOGO PODE TER CEO

Em reunião entre clubes da LFU e da Libra, o CEO do Botafogo, Thairo Arruda, pontuou o açodamento no processo eleitoral e indicou neutralidade inicial. Thairo manifestou o posicionamento do alvinegro em defesa do debate e de mudanças. No fim, o clube não aderiu ao nome de Reinaldo Carneiro Bastos como uma opção de consenso e se posicionou ao lado de Xaud. Coincidência ou não, o nome de Thairo surgiu como opção para CEO na futura CBF.

Segundo Lauro Jardim, colunista do GLOBO, na reunião com os clubes, Thairo justificou o apoio a Samir por um acordo com "Brasília" para que John Textor não fosse banido do futebol brasileiro.

Fato é que o movimento ganhou novos apoios. Samir e Reinaldo seguiam em disputa. O candidato único queria evitar que o possível opositor conseguisse apoio inesperado até terça-feira, data-limite para a inscrição de chapas. Reinaldo passou a conversar com os clubes para definir o posicionamento no pleito, na direção da abstenção. Samir tentou desencorajar o processo — e conseguiu fazer com que alguns recuassem e olhassem adiante, para quem assumiria as vagas na CBF, a criação da Liga e outras iniciativas em curso que serão de interesse da maioria das equipes após o pleito.

Futuro presidente da CBF tem polêmicas e processos

Defesa de Samir Xaud nega improbidade administrativa e grilagem. Irmãs do dirigente têm ligações com escândalos políticos

TATIANA FURTADO
tatiana.furtado@oglobo.com.br

O candidato único à presidência da CBF, Samir Xaud, tem sido escrutinado após surgir como candidato único, com apoio de 25 das 27 federações, para as eleições deste domingo.

Vice-presidente da Federação Roraimense de Futebol e eleito para o quadriênio 2027-2030, o médico de 41 anos conta com um histórico recheado de suspeitas de corrupção, processos judiciais e relações controversas no setor público e privado, suas e de seus familiares.

Samir é filho de Zeca Xaud, que comanda há décadas a federação do estado. Já tentou, sem sucesso, ingressar na política como deputado estadual em 2018 e 2022 — ele é o primeiro suplente do MDB. Suas irmãs, Samara e Sandrea, têm ligações com escândalos políticos, informou a coluna do Lauro Jardim no GLOBO.

Samara, ex-assessora do senador Chico Rodrigues (flagrado com R$ 33 mil escondidos na cueca em outubro de 2020), é casada com Jean Frank Lobato, ex-deputado estadual acusado pela Polícia Federal de ser operador do esquema do senador, atualmente no PSB. Sandrea é casada com Roger Pimentel, empresário acusado de superfaturar a venda de testes rápidos de Covid-19 para a Secretaria de Saúde de Roraima durante a pandemia, com prejuízo estimado em R$ 1 milhão.

Xaud é sócio da Life Fitness com Simone Bekel, que foi presa em 2018 durante a Operação Escuridão, da PF, que apurava fraudes em contratos de alimentação em presídios e hospitais de Roraima. A empresa consta como "inapta" na Receita Federal por omissão de declarações fiscais.

Samir responde a um processo por improbidade administrativa no Tribunal de Justiça de Roraima. A acusação, feita pelo Ministério Público do Estado com base em auditorias do Tribunal de Contas, afirma que, enquanto diretor do Hospital Geral de Roraima (HGR), ele teria participado da falsificação de documentos para simular serviços médicos inexistentes, beneficiando indevidamente a empresa Coopebras e gerando um prejuízo de R$ 1,4 milhão aos cofres públicos. A informação foi divulgada pelo Estadão.

RAFAEL RIBEIRO/CBF/DIVULGAÇÃO



Candidato único. Samir Xaud, futuro presidente da CBF, na sede da entidade

"Todas as certidões negativas evidenciam a inexistência de pendências ou restrições. Desta forma, Samir Xaud plenamente habilitado, com idoneidade comprovada e sem qualquer irregularidade em sua atuação como gestor público. Em relação ao processo de improbidade, não há nenhum indício de irregularidade praticada, seja na esfera pública ou privada de Samir Xaud", declarou a defesa.

Xaud também tenta regularizar a Fazenda Paraíso Perdido, terreno localizado em área de proteção ambiental em Rorainópolis (RR). A propriedade está em uma região marcada por grilagem e disputas fundiárias. Há uma diferença de 13 anos entre a data de posse (2008), declarada por Xaud em assinatura própria, e a data da escritura registrada em cartório (2021).

"Não há nenhum processo de regularização fundiária, seja de natureza rural ou urbana, em nome de Samir Xaud. Certidão do Instituto de Terras e Colonização do Estado de Roraima comprova esta afirmação", respondeu a defesa.

Carisma da vilã. "Na ficção, você pode se identificar, sem a condenação social e moral", diz a atriz. "Agora: tenho uma visão de Odete com humor. Isso enriquece, dá complexidade"

ENTREVISTA DEBORA BLOCH

'SE VIRALIZA, É SINAL DE SUCESSO'

SUCESSO EM 'VALE TUDO' COMO ODETE ROITMAN, ATRIZ ANALISA AS RECENTES FALAS PRECONCEITUOSAS E RACISTAS DA VILÃ, AVALIA REPERCUSSÃO DO REMAKE E FALA DA MULHER DE 60+: 'MATURIDADE E EXPERIÊNCIA SÃO UMA BÊNÇÃO'

MARIA FORTUNA
mariafortuna@oglobo.com.br

"Ela nem é tão preta assim." Com a frase racista sobre Maria de Fátima (Bella Campos), Odete Roitman botou de vez as manguinhas de fora em "Vale tudo". A cena, deixa para a personagem, de fato, se tornar uma vilã odiada, foi ao ar segunda-feira e gerou forte repercussão nas redes, provocando debate sobre o preconceito disfarçado de cordialidade e colorismo.

Debora Bloch, a Odete 2025, comemora. Em entrevista ao videocast "Conversa vai, conversa vem", no ar no YouTube do GLOBO, a atriz analisa o impacto do remake. Também comenta a face "pegadora" e sensual da personagem, reflexo da mudança na representação da mulher 60+. A seguir, trechos da entrevista.

Como avalia a repercussão da frase "ela nem é tão preta assim" e de toda a novela?

Até agora, foi a fala mais preconceituosa e racista de Odete. Mas não é a primeira. É bom que tenha repercutido: o racismo está aí, longe de ser um problema resolvido. Esse tipo de frase há um tempo seria normalizada. Pessoas achavam até que era elogio. A repercussão da cena da Lucimar (*Ingrid Gaigher*), que cobra a pensão do pai do filho, que nunca paga, também foi legal. Em uma hora, 270 mil mulheres pediram informação sobre esse direito. Que coisa incrível!

Estão dizendo que agora Odete é, de fato, uma vilã.

Odete já falou coisas terríveis que passaram batidas. Que o povo brasileiro é preguiçoso, que só os imigrantes europeus progrediram. Odete ignora a História, a escravidão. É a representação de uma herança colonial, escravagista, de uma elite que não se compromete com o país e o despreza. É preconceituosa, classista, racista, acredita na meritocracia. As frases dela estão aí. Quantos casos de injúria racial a gente vê?

Ela virou rainha dos memes e transformou haters em fãs. O que isso diz sobre o Brasil?

As pessoas saíram do armário, é assustador. É curioso dizerem em tom de brincadeira "estou concordando com a Odete, será que sou uma pessoa horrorosa?". Não à toa, Trump está eleito, Elon Musk está no governo. O economista Adam Smith já falava do fascínio que ricos e poderosos exercem. E como a invisibilidade e o desprezo pelos necessitados são realidade. Temos pouca consciência do bem-estar coletivo, sem se dar conta que isso nos diz respeito. Bom que a gente pense sobre isso.

O quanto do seu carisma é responsável por Odete ter caído nas graças das redes?

Os vilões sempre exerceram fascínio no público, que gosta de assistir à maldade, à crueldade na ficção. Jung já falou que eles ativam os arquétipos do inconsciente coletivo, e aí mexem no indivíduo, no nosso lado mais sombrio. Só que na ficção você pode se identificar, sem a condenação social e moral. Vilões provocam essa catarse com esse lado que não podemos exercer na vida. Carminha, Nazaré... Agora: tenho uma visão de Odete com humor. Isso enriquece, dá complexidade.

O que acha das críticas à adaptação, aos atores?

Sempre vai ter (*crítica*). Se as frases de Odete estão repercutindo, é sucesso. Se tudo que sai viraliza, é sinal de sucesso. A forma com que se assiste à novela hoje é outra. Não é mais sentada no sofá, ao vivo. É na hora que se quer, no Globoplay, TikTok, Instagram. A medição de audiência ainda não computa isso. A novela tem muito anunciante.

Você e Bella Campos foram criticadas antes de a novela estrear. Como lida com haters?

Não fico em rede social, nem leio o que estão falando. Acho tóxico. Tenho minha rede porque faz parte do mundo moderno. Mas tem essa onda de todo mundo querer surfar no assunto que vai lacrar. E vira algo maior do que é. Nas redes, está cheio de especialistas, como diz Odete, "sem preparo nenhum". Todo mundo virou crítico como se tivesse dizendo uma grande verdade sem ter lido um livro. Crítica faz parte, mas se ouvir todo mundo... Comecei a trabalhar muito cedo e fui aprendendo a me blindar.

Ainda que siga pérfida, na versão original, de 1988, Odete defendia a pena de morte, cortar mão de ladrão. No remake, faz aliança com uma mulher negra. Amenizaram as coisas?

Tem adaptação importante. Grande avanço são as duas protagonistas e os núcleos de atores negros. Isso vale qualquer trama. Não acho que Odete é aliada, mas que subestima Maria de Fátima. Não penso que amenizaram.

Você destaca a qualidade do texto. O que tem tido prazer em dizer?

Quando Odete convida Ivan para o campeonato de xadrez, ele diz que precisa ver o que fazer com o filho. Ela fala: "Ele não tem mãe? Então, a mãe resolve." É divertido falar isso. Porque os filhos continuam sendo responsabilidade das mães, com raras exceções. Odete é machista. É uma mulher falando como os homens pensam. Manuela (*Dias, autora do remake*) está trazendo coisas que a gente não se dava conta. Sempre aceitamos atores fazendo par com atrizes com a metade da idade deles. O fato de Odete, mulher de 61, minha idade, sair com homens mais jovens e se divertir com isso sem um compromisso afetivo é uma coisa da nossa época.

FORMAÇÃO NO TEATRO A SERVIÇO DA TV, PÁGINA 3

NELSON MOTTA
segundocaderno@oglobo.com.br

A VIDA NA VERTICAL

O hábito, o vício, a dependência de passar o dedo no celular e ir até o próximo post, e assim indefinidamente e sem qualquer controle, ocupa cada vez mais o tempo de crianças, adultos e idosos. Vivendo a vida na vertical. Todos concordam: é péssimo para a saúde mental, pode até provocar *brain rot*, apodrecimento do cérebro. Mas é preciso introduzir um diferencial importante: não se pode medir o dano só pelo tempo que se gasta na tela, mas pelo que se vê. É diferente perder uma hora em dancinhas e memes do TikTok, ou páginas de fofocas e celebridades, de futilidades e influencers de araque, e aprender e pesquisar com gente de seu perfil profissional, ou ter acesso às melhores páginas de informação jornalística do mundo, a humor e entretenimento de qualidade.

Porque o que importa não é a quantidade, mas a qualidade do que se vê. E a culpa não é do algoritmo, porque ele se baseia no que você vê e gosta para te mandar mais do mesmo. Então, cuidado por onde passa o dedo, com o que vê, no que gasta seu tempo, é a advertência que me faço, sempre que me vejo grudado na tela. Pensar bem antes de seguir alguma página, escolher com cuidado seus interesses, ser seletivo e exigente — é melhor poucas e boas do que a fartura de lixo digital que circula na rede. Se quer saber mais sobre alguém, veja não só o que posta, mas o que segue no Instagram: diz-me quem segues e te direi quem és.

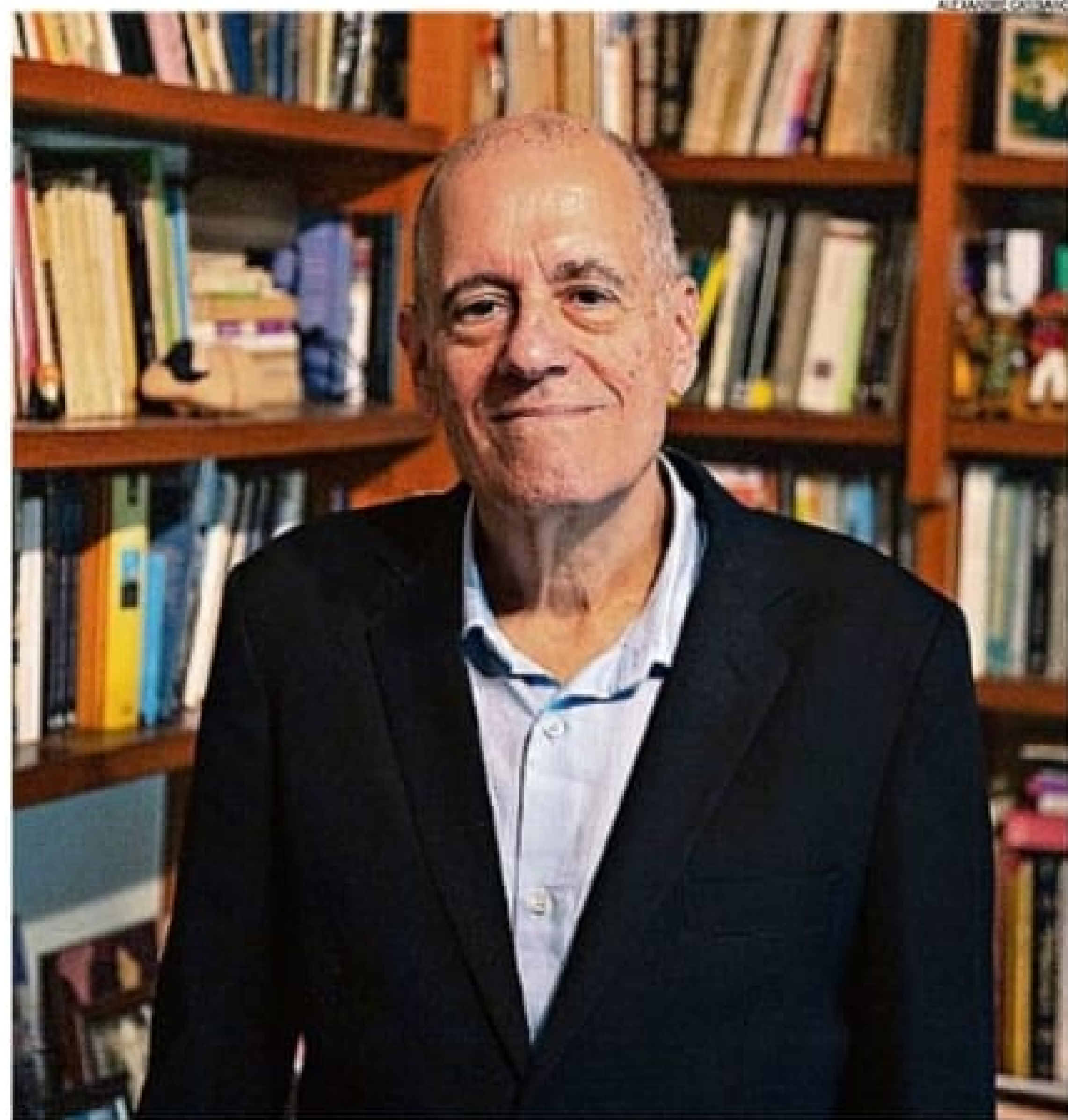


PENSE BEM ANTES DE SEGUIR ALGUMA PÁGINA. É MELHOR POUCAS E BOAS DO QUE A FARTURA DE LIXO DIGITAL QUE CIRCULA NA REDE

No meu caso, sigo umas 700, a maioria páginas de psicanálise e psicologia, de filosofia (mesmo barata, adoro), de música e poesia, algumas de cinema e futebol, e claro, algumas de astrologia rsrs e, como todo jornalista, sou um "news junky", alguém que se droga com notícias. E os meus humoristas favoritos, que me divertem no meio do caos e da estupidez humana. Tenho evitado as páginas políticas porque fazem mal ao estômago e ao fígado. E também as de amor e sexo, porque moro distante de minha namorada e vão ser um gatilho de saudade.

Mudando de tela. Acabei sendo fisgado pelo remake de "Vale tudo", que, junto com "Roque Santeiro", talvez seja a melhor novela de todos os tempos, e fez voltar minha alma noveleira, em repouso desde "Avenida Brasil". Sem o incômodo de esperar todo dia por um novo capítulo, fico esperando juntar uns 40 e maratonar como série. Estou no capítulo 20 e aguardo ansiosamente a entrada em cena da arquivilã Odete Roitman, que, interpretada por Débora Bloch, linda e chique, ganha outra dimensão com o sex appeal e o humor da atriz. Ela está fazendo sensação nas redes sociais com suas cenas de Odete sendo Odete, devorando rapazes e esculachando o Brasil e os brasileiros como há 35 anos. Só que em vez de ser odiada desde o início com a antipatia e arrogância na versão de Beatriz Segall, ela está juntando fãs e seguidores. Já começa a bombar a hashtag #FicaOdete. Ao contrário de outros personagens, bem chatinhos apesar da qualidade dos atores, como seus filhos Afonso e Heleninha, Odete é divertidíssima e encontrou muita gente que pensa como ela, mas tinha vergonha de dizer.

POETA PAULO HENRIQUES BRITTO É ELEITO PARA ABL


ALEXANDRE CASSIANO

Cadeira 30. Paulo Paulo Henriques Britto ontem em sua casa, no Rio, após saber que havia conquistado a vaga: "É uma honra entrar na academia e representar a poesia"

O poeta e tradutor Paulo Henriques Britto foi eleito na tarde de ontem para a cadeira 30 da Academia Brasileira de Letras. O carioca, de 73 anos, recebeu 22 votos contra dez do também poeta Salgado Maranhão e ocupará a vaga que foi da escritora Heloisa Teixeira, morta em março.

— Estou muito satisfeito. É uma honra entrar na Academia e representar a poesia — disse ao GLOBO Britto, que exaltou seu concorrente na disputa. — Salgado Maranhão é um ótimo nome, espero que volte a se candidatar. Eu certamente votaria nele. Acho bom ter muitos poetas na Academia.

AUTOR PREMIADO, PROFESSOR E TRADUTOR, CARIOCA TEVE 22 VOTOS E VAI OCUPAR A CADEIRA QUE FOI DE HELOISA TEIXEIRA

Nascido no Rio de Janeiro, em 1951, Britto é um dos principais poetas do país, vencedor de diversos prêmios literários, como o Portugal Telecom (atual Oceanos) e o da Fundação Biblioteca Nacional. Também foi segundo ou terceiro lugar do Jabuti em três ocasiões.

Publicou 14 livros, sendo oito de poesia: "Liturgia da matéria" (1982), "Mínima lírica" (1989), "Trovar claro" (1997), "Macau" (2003), "Tarde" (2007), "Formas do nada" (2012), "Nenhum mistério" (2017) e "Fim de verão" (2022). Antologias de poemas foram publicadas em inglês (2007) e em sueco (2014), e sua poesia reunida foi editada em Portugal (2021)

Após muitas aulas sobre parnasianismo na escola, Britto criou repulsa pelo estilo a ponto de só ter lido Olavo Bilac, seu agora "companheiro" de ABL, depois dos 30 anos de idade.

Aos 11 anos, porém, quando estudava nos Estados Unidos, teve contato com poetas como William Shakespeare, Emily Dickinson e Walt Whitman no original. A relação com a língua inglesa permaneceu ao longo da vida.

Britto traduziu alguns dos principais poetas do idioma, como Byron, Wallace Stevens, Elizabeth Bishop e Frank O'Hara. Também verteu para o português prosadores como Charles Dickens, Virginia Woolf, V. S. Naipaul, Thomas Pynchon e James Baldwin.

Sua bibliografia conta ainda com dois livros de contos — "Paraísos artificiais" (2004) e "O castiçal florentino" (2021) — e três de ensaios — "Eu quero é botar meu bloco na rua de Sérgio Sampaio" (2009), "Claudia Roquette-Pinto" (2010) e "A tradução literária" (2012).

Na PUC-Rio, onde é professor, atua em duas linhas de pesquisa, tradução de poesia e poesia brasileira contemporânea. Também verteu para o inglês dez livros de autores brasileiros, inclusive obras de Luiz Costa Lima, Flora Süssekind e Ferreira Gullar.

'SERÁ MUITO ÚTIL'

O presidente da ABL, Merval Pereira, disse que Paulo Henriques Britto vai permitir explorar mais profundamente a relação da poesia, da dramaturgia e da cultura nacional.

— Ele é o maior tradutor de língua inglesa que nós temos, crítico literário e poeta — avaliou Merval. — Tem múltiplas funções e será muito útil para a Academia. Buscamos a representação da cultura em vários setores.

O poeta e acadêmico Antonio Carlos Secchin valorizou a presença de dois poetas importantes na disputa pela vaga de Heloisa Teixeira, pesquisadora e crítica que deixou legado para o estudo e a divulgação da poesia.

— Britto e Maranhão são dois poetas de qualidade — disse Secchin. — Saudamos a entrada de Britto pela dupla excelência, de poeta e de tradutor. Certamente dará qualificada contribuição à casa.

CRÍTICA DE LIVRO 'NÃO ME DEIXE SÓ', DE CLAUDIA RANKINE • **BOM**

EM BUSCA DE DIÁLOGO

KELVIN FALCÃO KLEIN
Especial para O GLOBO

Obra de Claudia Rankine, jamaicana celebrada por sua prosa poética carregada de denúncia social e política, "Não me deixe só" é um livro de poemas realizado sob o efeito da queda das Torres Gêmeas, em 2001, e a subsequente "guerra ao terror". Essa experiência já bastante datada — e marcada por uma visão autocentrada recorrente na produção literária dos EUA — é apresentada por um "eu" poético que está com muita frequência diante da TV: "À noite vejo televisão para me ajudar a dormir, ou vejo televisão porque não consigo dormir. Meu marido dorme durante minha insônia e com o barulho da televisão. Depois de um tempo, vira tudo um borrão."

Essa intoxicação pela TV é reforçada pela presença constante de remédios e doenças, tanto na vida da narradora quanto na das pessoas ao redor. Não parece haver escapatória para a intervenção farmacológica nos pensamentos, nos gestos, nas ações: "Troquei o Prozac por fluoxetina. A patente do Prozac expirou e agora que está disponível a marca genérica, fluoxetina, o seguro saúde só cobrirá esta, minha editora comentou casualmente."



'Não me deixe só' **Autora:** Claudia Rankine. **Tradução:** Maria Cecília Brandi. **Editora:** Todavia. **Páginas:** 184. **Preço:** R$ 96,90.

A narradora está claramente atravessando seus dias sem ter uma noção clara de propósito ou intenção. Longe de prejudicar sua criação poética, essa condição "desfocada" é absorvida como procedimento artístico: o livro é organizado a partir do acúmulo de fragmentos, pedaços mais ou menos aleatórios de vida que a narradora vai juntando pelo caminho — desde uma visita à "pizzaria Sal's", passando pela leitura de Coetzee ou de Zadie Smith, chegando a uma mensagem dos correios que informa sobre as características de "pacotes suspeitos".

Existe, contudo, um eixo de sustentação que serve para toda a poética de Rankine: a denúncia do racismo, de uma maneira geral, e, de uma forma específica, a violência policial contra a população negra nos EUA. A narradora de Rankine vê na televisão uma entrevista de Abner Louima, "sodomizado com um cabo de vassoura enquanto estava sob custódia policial"; diante da mesma televisão, relembra o anúncio do assassinato de Amadou Diallo, morto com 19 tiros pela polícia de Nova York; e evoca o assassinato de James Byrd Jr. por homens brancos no Texas.

Diante da brutalidade do mundo exterior, resta o isolamento da vida interior: "Toda a vida é uma forma de espera, mas é a espera da solidão. Esperamos para reconhecer o outro, para ver o outro como vemos a nós mesmos." Essa aparente solução, contudo, não se sustenta, já que a "interioridade" não existe mais — ela é moldada pelos remédios, pelos produtos, pelas propagandas da TV. "Naquela mesma noite sonho que os Kennedy me convidam para uma festa", registra a narradora, enfatizando sutilmente essa conexão incontornável entre o inconsciente e a cultura de massas.

É apenas por meio desse percurso que a força do título de Rankine alcança repercussão máxima: "não me deixe só", quem exatamente está dizendo isso? Qual a natureza dessa solidão, desse desamparo? Estamos todos sozinhos em meio à cacofonia de anúncios e dispositivos? A meditação poética de Rankine — que é também denúncia e ensaio, crítica e ficção — dá poucas respostas, mas é possível reconhecer em seu livro um movimento muito bem-vindo de tolerância e diálogo.

Originalmente lançado em 2004, "Não me deixe só" se junta a outros dois títulos da autora já lançados no Brasil: "Cidadã" (2020), e "Só nós" (2021).

Kelvin Falcão Klein é autor de "O olho Sebald" e professor de literatura na UNIRIO



PLAY

Por Anna Luiza Santiago

Com Gabriel Menezes, Tábata Uchoa, Giulia Costa e Marina de Mattos • oglobo.globo.com/play • anna.santiago@oglobo.com.br • @colunaplay



Para "Seus amigos e vizinhos", série da Apple TV+. A produção tem um enredo bem amarrado que mistura drama, suspense e humor. Jon Hamm brilha no papel do protagonista, um ladrão rico.



Para problemas que persistem no Prime Video. As novelas mexicanas são dubladas. Não há áudio original e legendas. O assinante deveria ter todas as opções. É streaming, e não TV aberta.

ESTEFAN AVELLAR/GLOBO



No Sertão

Esta é a família de Rosa (Isadora Cruz), a personagems principal de "Guerreiros do Sol": Dona Berenice (Augusta Ferraz) e Seu Neném (Cláudio Jaborandy), os pais, e Otília (Alice Carvalho), a irmã mais velha. A protagonista vai se casar com um fazendeiro rico da região, Elói (José de Abreu), e depois se relacionará com o cangaceiro Josué (Thomás Aquino). A trama estreará no Globoplay no próximo dia 11

Mulher-gato

Stella Miranda, a Tália Taturana de "Garota do momento", aparecerá assim no especial "Falas da vida", que será exibido no segundo semestre, na Globo. O programa homenageia o Dia Internacional dos Direitos da Pessoa Idosa, celebrado em 1º de outubro

DIVULGAÇÃO



DIVULGAÇÃO/GNT



Reality culinário

Claude Troisgros com os jurados fixos da nova temporada de "Geladeiras em ação", do GNT: a chef Ju Lima e o ator Douglas Silva. As gravações terminaram recentemente. A estreia acontecerá ainda este ano. Leia mais no site

Trilhas inesquecíveis

Tony Ramos apresentará o especial da Globo "Novela em sinfonia", que reunirá a Orquestra Sinfônica Brasileira e um timaço de cantores interpretando temas de produções marcantes da TV. Seu Jorge, Alcione, Diogo Nogueira, Ferrugem, Xande de Pilares, Liniker, Chitãozinho & Xororó, Wesley Safadão, Luísa Sonza, Fábio Jr, Gaby Amarantos, Carlinhos Brown, Alexandre Pires e Fafá de Belém gravaram nos estúdios da emissora. Luiz Henrique Rios assina a direção artística do show, que irá ao ar em 11 de junho.

Intimista

Está prevista para o mês que vem uma participação de Samuel Rosa em "Vale tudo". Ele cantará num sarau na mansão de Celina (Malu Galli). Ivan (Renato Góes) ficará nervoso ao ver o ídolo.

Spoilers das 18h

Bella Piero voltará a "Garota do momento" como Flora na reta final. Já Anita (Maria Flor) ficará grávida de Alfredo (Eduardo Sterblitch).

Ditadura

A Netflix prepara uma série que vai tratar de luta armada. Já vêm sendo realizados testes de elenco.

Par

Júlia Esther entrará em "Dona de mim" como a modelo Nanda. Ela se envolverá com Samuel (Juan Paiva).

A força do futebol

Comemoração na Band. Com a final da Liga Europa, anteontem, a emissora marcou 5,3 pontos em São Paulo, das 16h01 às 17h59, e ficou em terceiro, à frente do SBT. O crescimento na média da faixa foi de 65%.

CONTINUAÇÃO DA CAPA

BÊNÇÃO DA MATURIDADE E CURIOSIDADE PELO NOVO

Não vejo tanto comentário sobre a diferença de idade, é mais sobre Odete "pegadora". Algo mudou?

Assistir numa novela das nove a uma mulher com esse comportamento é reflexo de um pensamento. Não quer dizer que haja nova postura. Mariliz Pereira Jorge (*jornalista*) falou que os 60 não são os novos 40. Que a mulher de 60 hoje não quer parecer uma de 30, quer parecer viva, ser livre. Na época que Beatriz Segall fez a novela, a mulher de 60 era uma senhora que já não estava mais numa vida produtiva, mas invisibilizada, fora do jogo. A representação dessa mulher também mudou. Ela não está mais colocada de lado.

DIVULGAÇÃO



Em dobro. Odete (Debora Bloch) e Fátima (Bella Campos) em "Vale tudo"

Sua Odete é uma grande gostosa?

Fico lisonjeada. Mas é, estamos trabalhando para isso (*risos*). É legal, depois de tanto tempo que só a juventude era gostosa, né? Quisemos fazer uma mulher de 60 desejável. Não é só sobre corpo, é sobre repertório. Pode ser desejável pelo humor, inteligência, carisma. Às vezes, é tão mais gostoso estar com uma pessoa que tem bom papo do que linda e gostosa.

Você é exemplo da mulher de 60+ gata, vigorosa. O que te mantém com tesão na vida?

Projetos, desejos, sonhos, curiosidade pelo novo, pelo outro. Quando fica ensimesmado, perde o contato com o mundo.

Você é rueira, está sempre nos melhores rolês. Como fica sabendo das novidades?

Gosto da rua. Filho traz o novo, amigos também. Minha profissão tem isso, olha que maravilha, você pode pegar vários boys (*risos*). Até parece que na vida ia ser assim (*risos*), mas olha que beleza, cada semana é um...

A curadoria está excelente.

É muito boa (*risos*). Mas é isso, trabalhar com pessoas de lugares diferentes, estar sempre conhecendo gente nova, trocando. Um elenco de novela é diverso, pessoas de outros estados e formações, da sua idade ou não, te trazem trazem repertório novo. É uma profissão viva.

Você é cria do teatro, de outra escola de TV. Vê diferença em relação à nova geração, no processo de estudo?

Não é regra, mas vejo. É outro tipo de formação. Sou de uma geração que queria estar no teatro antes de tudo, não era um trampolim para a TV. Nossos ídolos estavam no teatro. A TV era onde se ganhava autonomia financeira, mas a gente tinha vocação mesmo para o teatro. E ele te forma em outro lugar, seu corpo é instrumento. Aprende a tirar um texto do papel sem medo.

Enquanto está ali estudando o texto, os novinhos ficam fazendo vídeo pra rede social?

É uma coisa dessa nova geração. Não cresci e não fui formada nas redes. Estou tentando me adaptar. São dois trabalhos diferentes que estão um pouco misturados. Produzir conteúdo não tem a ver com ter que dar conta de texto. Agradeço ter tido formação no teatro para poder fazer Odete hoje. São textos longos, elaborados. Outro dia, gravei uma cena com sete páginas. Não dá para ser tudo no mesmo tom, senão quem está assistindo dorme. Maturidade e experiência são uma bênção. (*Maria Fortuna*)

TOM HANKS FARÁ PEÇA NO CIRCUITO OFF-BROADWAY

O ator Tom Hanks escreveu uma peça sobre amor, desejo e viagem no tempo, que planeja levar ao circuito off-Broadway no fim de 2025.

A peça, "This world of tomorrow" ("Este mundo do amanhã", em tradução livre), será encenada em um teatro com 550 lugares no Shed, um espaço de artes cênicas em Manhattan que tem ajudado Hanks a desenvolver a obra ao longo do último ano. A peça está programada para ficar em cartaz durante oito semanas, de 30 de outubro a 21 de dezembro.

"This world of tomorrow" é sobre um cientista do futuro que viaja de volta no tempo — para a Feira Mundial de 1939, no bairro do Queens, em Nova York — em busca do amor. A obra é baseada em histórias de "Tipos incomuns", coletânea de contos que Hanks publicou em 2017.

Hanks, que interpretará o cientista, liderará um elenco de 10 a 12 atores, alguns dos quais assumirão múltiplos papéis. Duas vezes vencedor do Oscar (por "Filadélfia" e "Forrest Gump"), Hanks tem um crédito na Broadway: "Lucky Guy", um drama de 2013 pelo qual recebeu uma indicação ao prêmio Tony.

COLDPLAY CANCELA TURNÊ NO BRASIL EM NOVEMBRO

A banda inglesa Coldplay anunciou ontem que cancelou a turnê que faria pelo Brasil em novembro, que previa dez apresentações. Segundo informou o colunista Lauro Jardim, a banda está suspendendo todos os seus compromissos na América do Sul.

Ainda segundo o colunista, não ficou claro se estará mantida a apresentação da banda na COP30, em 10 de novembro, em Belém. O governo do Pará informou que está garantida a apresentação do vocalista Chris Martin (*foto*) no evento, mas não se sabe se ele estará com ou sem a banda.

HORÓSCOPO Cláudia Lisboa

ÁRIES (21/3 A 20/4) Elemento: Fogo. Modalidade: Impulsiva. Signo complementar: Libra. Regente: Marte.
Emoções intensas se misturarão e trarão movimento aos pensamentos, com entusiasmo e dúvida. Em vez de agir por impulso, aguarde o turbilhão acalmar. Direcionar energia com clareza evita passos em falso.

TOURO (21/4 A 20/5) Elemento: Terra. Modalidade: Fixa. Signo complementar: Escorpião. Regente: Vênus.
A solidão bem vivida revelará nuances que passam despercebidas na agitação. Ao dedicar tempo a si mesmo, você reconhece emoções e desejos genuínos. Esteja inteiro na própria companhia e receba o que ela ensina.

GÊMEOS (21/5 A 20/6) Elemento: Ar. Modalidade: Mutável. Signo complementar: Sagitário. Regente: Mercúrio.
O cuidado consigo florescerá antes de qualquer vínculo profundo. Ao acolher suas necessidades com gentileza, você construirá relações mais íntegras. Um laço só se sustenta quando há saúde e equilíbrio.

CÂNCER (21/6 a 22/7) Elemento: Água. Modalidade: Impulsiva. Signo complementar: Capricórnio. Regente: Lua.
Objetivos antigos perderão a força que antes lhe motivava. Ao liberar o que não estimula mais, você abrirá espaço para novos interesses. Avançar exige leveza e disposição para caminhar por outras trilhas.

LEÃO (23/7 a 22/8) Elemento: Fogo. Modalidade: Fixa. Signo complementar: Aquário. Regente: Sol.
A coragem se firmará como motor das suas escolhas agora. Ao agir com confiança e buscar os recursos apropriados, as chances se multiplicarão. Direcione sua vontade com propósito e avance com firmeza.

VIRGEM (23/8 A 22/9) Elemento: Terra. Modalidade: Mutável. Signo complementar: Peixes. Regente: Mercúrio.
Verdades esquecidas emergirão por vias inesperadas e trarão novas perguntas. Mergulhe sem medo no espaço que se abre em seu interior, pois ali também mora o impulso que move sua forma de ver o mundo.

LIBRA (23/9 A 22/10) Elemento: Ar. Modalidade: Impulsiva. Signo complementar: Áries. Regente: Vênus.
Conversas íntimas revelarão acordos que já não se sustentam mais. Ao renegociar promessas com honestidade, você fortalecerá o vínculo sem se perder de si. Uma relação profunda exige revisão constante.

ESCORPIÃO (23/10 A 21/11) Elemento: Água. Modalidade: Fixa. Signo complementar: Touro. Regente: Plutão.
Expectativas alheias influenciarão decisões importantes sobre seu rumo. Ao repensar contratos que limitam seus passos, você reafirmará sua direção. Estar junto não deve custar as próprias conquistas.

SAGITÁRIO (22/11 A 21/12) Elemento: Fogo. Modalidade: Mutável. Signo complementar: Gêmeos. Regente: Júpiter.
Tarefas rotineiras ganharão mais leveza ao incorporar algo que lhe diverte. Ao unir compromisso e prazer, você tornará o dia mais produtivo sem perder a vitalidade. Criar também é saber cuidar do tempo.

CAPRICÓRNIO (22/12 A 20/1) Elemento: Terra. Modalidade: Impulsiva. Signo complementar: Câncer. Regente: Saturno.
Pequenos gestos cotidianos trarão sensação de abrigo e pertencimento. Ao cuidar do que é seu com mais presença, você dará forma ao que lhe sustenta por dentro e por fora. Segurança é construção diária.

AQUÁRIO (21/1 A 19/2) Elemento: Ar. Modalidade: Fixa. Signo complementar: Leão. Regente: Urano.
Ideias curiosas emergirão em meio ao cotidiano e provocarão desvios saborosos na sua lógica habitual. Ao seguir pistas pouco óbvias, você ampliará horizontes. Permita-se pensar sem roteiro ou com destino fixo.

PEIXES (20/2 A 20/3) Elemento: Água. Modalidade: Mutável. Signo complementar: Virgem. Regente: Netuno.
Uma inquietação criativa se transformará em impulso e as emoções acumuladas agora virarão movimento. Canalize esse despertar para o que você deseja nutrir. A ação é a melhor forma de celebrar o sentir.

JOGOS

LOGODESAFIO
POR SÔNIA PERDIGÃO

Foram encontradas 44 palavras: 27 de 5 letras, 13 de 6 letras, 02 de 7 letras, 01 de 8 letras, 01 de 9 letras, além da palavra original. Com a sequência de letras HA foram encontradas 12 palavras.

Instruções: 1. Encontrar a palavra original utilizando todas as letras contidas apenas no quadro maior. **2.** Com estas mesmas letras formar o maior número possível de palavras de 5 letras ou mais. **3.** Achar outras palavras (de 4 letras ou mais) com o auxílio da sequência de letras do quadro menor. As letras só poderão ser usadas uma vez em cada palavra. Não valem verbos, plurais e nomes próprios.

T N R L
E [HA]
T
E Z I A E

Solução: atriz, elite, entre, ereta, etnia, lazer, leira, leite, lenta, lente, léria, letra, linea, nariz, rente, tátil, tenaz, tênia, tenra, terna, tiete, tinta, trela, trena, trata, treze, trina // ateliê, azeite, eleita, erétil, etérea, eterna, inerte, linear, retina, teteia, titere, trinta, zênite // latente, trienal // reeleita // entretela // ELETRIZANTE. Com a sequência de letras HA: haltere, ilha, lenha, linha, rainha, rinha, tainha, talha, telha, tralha, trilha, zinha.

Palavras cruzadas

- Símbolo da vacinação no Brasil
- "(?) dos Apóstolos", livro bíblico
- Uma das sedes da Copa de 2026 (fut.)
- Alunos de faculdade
- Peça do PC usada na digitação
- O país mais pobre das Américas
- Sulcava (a terra) para o plantio
- O "você" dos gaúchos
- Servir de palco para um evento
- Emissora como a TV Globo
- Condição do deus, no monoteísmo
- (?) pública: rua
- O gênero teatral
- Santo do pau (?): sonso
- Desce; abaixa
- Status da WWF
- Igualdade perante a lei (jur.)
- Açude no rio Jaguaribe (Ceará)
- Tipo de chocolate com maior teor de gordura e açúcar
- Pessoa idêntica a outra (pl.)
- Metal do ouro branco (símbolo)
- (?) Ribeiro, novelista de "A Viagem"
- 3 e 4, em relação a 12 (Arit.)
- Agradecidos
- Ínsula (Geog.)
- Interjeição proferida ao telefone
- Decalitro (símbolo)
- Idealiza; fantasia
- 53, em algarismos romanos
- Frequência de rádio
- Sufixo de "filhota"
- Irmãos (?): xifópagos

T U

BANCO 4/orós. 5/Ivani. 6/sósias. 8/isonomia — siameses.

SOLUÇÃO

#FaçaCoquetel
Assine e receba no conforto da sua casa!

QUADRINHOS

MACANUDO Liniers

O LADO BOM DOS LIVROS É QUE VOCÊ NÃO PRECISA OUVIR QUANDO ELES COMEÇAM A CANTAR.

NADA COM COISA ALGUMA José Aguiar

OS GRÁFICOS NÃO MENTEM!
OS LUCROS AUMENTARAM?
NA VERDADE FUGIRAM NAQUELA DIREÇÃO!

FORA DE FOCO Eduardo Arruda

O CORPO É PORTO André Dahmer

NÃO SERIA ÉTICO LHE DEMITIR POR TELEFONE

BICHINHOS DE JARDIM Clara Gomes

REFLEXÕES DE UMA Joaninha em home office
EU AMO O HOME OFFICE!
POSSO SERVIR AO CAPITALISMO E DOAR MEU TEMPO, MINHA SAÚDE, MINHA ATENÇÃO E MINHA JUVENTUDE (?)...
...DIRETAMENTE DA CAMA, ONDE APROVEITO OS INTERVALOS PRA CHORAR EM POSIÇÃO FETAL!

A VIDA É UM RISCO Adão Iturrusgarai

QUANDO CRESCER, VAI SER WORKAHOLIC!
INFERNO 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 CEO

oglobo.com.br/cultura
Editor: Marcelo Balbio (balbio@oglobo.com.br). Editor assistente: Eduardo Rodrigues (earodrigues@oglobo.com.br). Diagramação: Gustavo Amaral (gdamaral@oglobo.com.br)
Telefones: Redação 2534-5701. Publicidade: 2534-4310 publicidade@oglobo.com.br Correspondência: Rua Marquês de Pombal 25, 4º andar. CEP 20.230-240

ASHLEY SPENCER
Do New York Times

Elle Bauerlein, de 8 anos, de Wake Forest, na Carolina do Norte, é obcecada por Stitch:

— Sinceramente, penso nele o tempo todo. Tipo, dez horas por dia.

Ela tem uma boneca American Girl, vestida com um macacão do Stitch e capuz com orelhas de alienígena, tecnicamente chamada Stacy, mas Elle prefere chamá-la de Sem homenagem a Stitch. Se tivesse que escolher uma princesa da Disney favorita, seria Moana, mas só porque Moana passa o tempo na praia em atividades semelhantes a Stitch. Sua fronha é do Stitch. Sua mochila é do Stitch. Seus Crocs são do Stitch.

A menina nasceu mais de uma década depois do lançamento do filme de animação da Disney "Lilo & Stitch", de 2002. Ainda assim, nos últimos dois anos a personagem-título tem sido uma presença constante em sua vida. E Elle não está sozinha.

Num exemplo de influência cultural tardia, Stitch — o destrutivo, mas adorável experimento alienígena que caiu no Havaí e fez amizade com uma jovem chamada Lilo — se tornou um personagem crucial no império moderno da Walt Disney Co., principalmente na variedade estonteante de produtos licenciados.

Em pet shops nos EUA, você pode comprar apitos de brinquedo do Stitch para o seu cachorro. A rede de descontos Five Below oferece almofadas de pescoço, carregadores portáteis e slime do Stitch. Roupas e acessórios do Stitch enfeitam as prateleiras da Primark. A Yoplait oferece iogurte Stitch. Até mesmo Graceland tem uma coleção de pelúcias com pompadour do Stitch, vestidas com vários trajes de Elvis Presley. Se você estiver sobrecarregado, não se preocupe: também existe uma indústria de tiktokers que dedicam suas contas inteiras a mostrar os últimos itens centrados no Stitch para suas legiões de seguidores.

Embora a Disney não divulgue dados oficiais de vendas, os relatórios financeiros anuais da empresa para 2023 e 2024 incluíram "Lilo & Stitch" em uma pequena lista de nove exemplos de suas "principais" propriedades licenciadas, colocando-a no mesmo nível de clássicos como Ursinho Pooh e Mickey e Seus Amigos, e conglomerados como Star Wars e as princesas Disney.

Tudo isso já existia antes do lançamento do remake de "Lilo & Stitch" *(que chegou ontem aos cinemas brasileiros)* e já está a caminho de arrecadar US$ 120 milhões (R$ 672 milhões) na semana de estreia nos EUA. Agora, uma nova leva de produtos deve turbinar a Stitchmania entre as crianças.

— Ele é um daqueles personagens especiais que são divertidos de dar vida por meio de produtos — diz Tasia Filippatos, presidente da Disney Consumer Products.



ZACK WITTMAN/THE NEW YORK TIMES

Grande família. O criador de conteúdo Travis Hammock soterrado por produtos com a marca do alienígena azul: "Stitch é um rebelde por natureza", garante ele

O ALIEN AZUL QUE VIROU TESOURO DA DISNEY

COMO STITCH, AGORA DE VOLTA AOS CINEMAS NUM REMAKE, SE TRANSFORMOU NUM DOS PRINCIPAIS PERSONAGENS DA COMPANHIA, INSPIRANDO OS MAIS DIVERSOS PRODUTOS E ATRAINDO LEGIÕES DE FÃS



DIVULGAÇÃO

Fofuras. Cena do filme "Lilo & Stitch", que chegou ontem aos cinemas brasileiros: sucesso na semana de lançamento nos EUA

POPULARIDADE

A proliferação de produtos do Stitch não foi uma evolução óbvia. Embora o filme original tenha arrecadado mais de US$ 273 milhões (ou US$ 484 milhões quando ajustado pela inflação) nas bilheterias globais, não conseguiu gerar os números de sucesso e o prestígio cultural de antecessores da Disney como "O Rei Leão" e "A Bela e a Fera", ou os sucessos bilionários mais recentes "Frozen" e "Zootopia". Até este ano, a franquia "Stitch" nas telas estava praticamente adormecida desde uma série de lançamentos diretos em vídeo e na TV nos anos 2000.

No entanto, o personagem só cresceu em popularidade. Ele não tem nacionalidade, raça ou idade. E embora seja canonicamente masculino, uma busca no Google por "Stitch" sugere que uma pergunta popular é "Stitch é menino ou menina?". O Disney Stitch Puppetronic, um boneco eletrônico da Wow! A Stuff, que foi eleito Brinquedo do Ano de 2025 nos EUA, ecoa essa ideia em sua descrição oficial: "Stitch transcende idade e gênero."

— Você poderia ter me perguntado há três anos: "Quem vai comprar disso?" — diz Richard North, CEO da Wow! Stuff, em uma entrevista. — Eu diria que era bem claro: crianças de 7 a 12 anos. Que erro.

Acontece que adolescentes com 13 anos ou mais, incluindo entusiastas da geração Z e colecionadores de meia-idade, são responsáveis por pelo menos 40% de todas as vendas da Stitch Puppetronic. Entre os clientes mais jovens, diz North, a distribuição por gênero é uniforme, enquanto os fãs mais velhos tendem a ser mais do sexo feminino.

— Acho que foi o maior, mais amplo e abrangente grupo demográfico para um brinquedo que já criamos — disse North.

NEM HERÓI, NEM VILÃO

Chris Sanders, um dos diretores da animação "Lilo & Stitch", rabiscou sua ideia para um monstro órfão pela primeira vez na década de 1980, enquanto brincava com a ideia de um livro infantil. Ele ressuscitou o conceito em meados da década de 1990, quando a Disney o abordou em busca de ideias para longas-metragens, transformando seu desenho inicial de uma criatura que lembrava um tigre com uma cabeça de roedor com dentes afiados na personagem que conhecemos hoje.

— Desenhei um personagem que realmente queria ver — diz Sanders, que também dubla Stitch. — Nunca houve uma discussão sobre o design dele.

Durante a produção do filme, a maior mudança no físico de Stitch foi a troca de sua cor original, verde-réptil, para um azul frio. Sanders lembra que a sugestão foi feita pelo chefe do departamento de tintas e nanquim, que achou que o azul tornaria mais crível que certos personagens confundissem Stitch com um cachorro. (Bluey concordaria.)

No entanto, as suposições populares de que as características físicas de Stitch são baseadas nas de um buldogue francês ou de um coala estão incorretas.

— Essas são comparações legítimas — diz Sanders. — Mas eu estava pensando em um morcego.

Agora, assim como o Mickey Mouse, Stitch é uma marca reconhecida de forma instantânea. Mas, diferentemente do Mickey, Stitch é um desajustado e uma ameaça.

— Se um bando de personagens da Disney, como Mickey, Donald e o Pateta fizessem uma festa de Natal, eles não convidariam o Stitch. Mas se um bando de vilões fizesse uma festa, eles também não o convidariam — diz Sanders. — Quando pensei nisso, percebi que Stitch existe nessa zona entre o bem e o mal. Ele existe na zona em que nós existimos.

Assim, Stitch pode se comportar de maneiras que poucos personagens da Disney poderiam e ainda assim se conectar com os consumidores. Em 2004, ele cobriu o Castelo da Cinderela no Magic Kingdom, na Flórida, com papel higiênico e grafitou "Stitch é rei" para celebrar a inauguração do extinto brinquedo Stitch's Great Escape. Mais recentemente, um outdoor em Los Angeles para o filme "Thunderbolts", da Marvel, foi atualizado para apresentar o novo Stitch em CGI explodindo na imagem, bloqueando os rostos das outras estrelas. Há também um pôster do filme live-action que mostra o personagem mastigando a bola da Pixar e usando orelhas do Mickey.

— Os personagens da Disney, em sua maioria, querem ser recatados ou da realeza — diz Travis Hammock, também conhecido como Ohana Trav, um criador de conteúdo de 30 anos que divulga os produtos Stitch no TikTok e no Instagram. — Eles precisam se encaixar nesse molde. Precisam viver de acordo com os padrões. Mas Stitch é um rebelde por natureza.

Hammock converteu um quarto da sua casa em Winter Park, Flórida, para abrigar "provavelmente mais de mil" peças de produtos do Stitch que ele disse ter adquirido.

Ele notou a Disney priorizando produtos do Stitch pela primeira vez em 2021, no lançamento da coleção "Stitch Crashes Disney", que reinventou o personagem com as cores e imagens de outros filmes clássicos da Disney, como "Peter Pan" e "Pinóquio" — um raro exemplo de mistura das franquias da empresa em produtos.

Em seguida, veio uma extensa coleção do Stitch com tema de verão em 2023, e outra em 2024, que mostrava Stitch comendo vários lanches de parques temáticos.

— Eles estão fazendo lançamentos anuais ou rotineiros, não só produzindo mais produtos — diz Hammock. — Nem Mickey, Minnie e os personagens originais recebem toda essa atenção. Tem tanta gente que ama o Stitch, e ele é tão único que claramente está vendendo.

MAS CADÊ LILO?

Mas há uma ausência notável nas prateleiras: Lilo. A protagonista de 6 anos da franquia e outros personagens humanos, como sua irmã mais velha, Nani, raramente são apresentados. Uma personagem que aparece mais é Angel, introduzida na série de TV "Lilo & Stitch" dos anos 2000, e que se parece com Stitch, mas rosa.

Josi Cruz, que administra o TikTok @mainstreetorlando, onde destaca novos produtos da Disney, disse acreditar que as crianças se veem no papel de Lilo e carregam seus brinquedos de Stitch como se ele fosse seu animal de estimação.

— Lilo é muito solitária. Ela se sente intimidade pelas outras meninas por se sentir "estranha". Mas Stitch está sempre ao lado dela — diz Cruz. — Então, eu sinto que as crianças se identificam com Lilo, e querem ter o Stitch ao seu lado.

Ainda assim, os consumidores podem ser inconstantes. Em pelo menos uma sala de aula da Carolina do Norte, os dias de reinado supremo de Stitch já estão se esgotando.

— No ano passado, o Stitch era o mais popular entre as outras crianças da escola, isso é certo — disse Elle, a fã de 8 anos. — Mas este ano, todo mundo gosta da Hello Kitty.



RUTH DE AQUINO
ruth.aquino@oglobo.com.br

A ATRAÇÃO IRRESISTÍVEL DA TERAPIA COM IA

Não adianta ser contra. O principal uso da IA generativa hoje em dia é terapia e companhia. O divã de terapeutas robôs atrai milhões no mundo todo. Sobretudo jovens de 18 a 24 anos, solitários, vulneráveis, sem grana para pagar psicanalistas, insones na madrugada, sem ninguém para conversar. Sentem depressão ou ansiedade — como muitos de nós.

Jovens são mais propensos a fazer confidências por texto no celular. Não querem perceber, do outro lado, a pressão de um olhar. Ou um julgamento humano. Querem disponibilidade às 3h da manhã.

Minha primeira reação é: que horror, que perigo, que maluquice. Entregar sua cabeça a algoritmos. Para analisar seus sentimentos e ajudar a superar crises.

Prezo a psicanálise profissional e seus resultados. Fui paciente várias vezes, em diferentes países. Nem sempre dá certo. Há terapeutas humanos que parecem robôs e apelam a fórmulas fáceis. Há psicanalistas que tornam o paciente refém de seus tumultos internos. A terapia da mente não é uma ciência exata. É por isso que o tratamento da saúde mental por bots soa a charlatanismo.

Está claro que a inteligência artificial explora a carência emocional. Você achou que empresas de IA lucrariam mais com o aumento de nossa produtividade? Pois os investidores já descobriram outro filão, multimilionário: a "economia da solidão". Uma solidão inerente a todos nós.

Essa carência de interação produz milhões de viciados digitais. Até aí, nenhuma novidade. O debate é se a IA ajuda ou não alguém a se autoconhecer, a entender a origem de suas frustrações e a se sentir minimamente produtivo, feliz e pleno. Ou a se afundar, falando só o que o paciente quer ouvir.

Minhas sessões com o psicanalista nos últimos anos foram on-line. Em outros tempos, seria uma heresia. Hoje, é uma comodidade bem-vinda. Quantos tabus foram derrubados desde Freud, como o divã no consultório ou o silêncio perturbador do terapeuta. Sou aberta a várias linhas de análise, mas jamais entregaria a algoritmos minha cabeça. Nem tampouco meu interesse amoroso. Aparentemente, sou minoria entre usuários de IA.

JAMAIS ENTREGARIA MINHA CABEÇA A ALGORITMOS, MAS MILHÕES DE PESSOAS SE TRATAM COM PSICANALISTAS ROBÔS

A Harvard Business Review acaba de confirmar que terapia e companhia dominam o uso de IA. Ficaram para trás as aplicações profissionais, como escrever e-mails ou criar campanhas de marketing e gerar códigos. Os modelos de IA agora servem mais como companheiros emocionais do que assistentes técnicos.

E isso é assustador. Mas compreensível em países onde a assistência à saúde mental praticamente não existe. A IA é acessível a todos e pode ao menos diagnosticar sintomas. Sabemos que uma psicanálise de qualidade, sem estereótipos, é privilégio das elites. Não deveria ser.

Quem defende o divã da IA diz que o terapeuta robô não tem sono, não se repete, não se entedia, presta atenção total no paciente e não falha. Será? E a sensibilidade? A imperfeição de um terapeuta humano não o tornaria mais confiável e mais atento a dores mentais íntimas?

No romance "Máquinas como eu", o inglês Ian McEwan discute dilemas éticos entre humanos e androides. "Estamos às vésperas de entregar decisões morais a máquinas", disse em entrevista. "Se projetássemos um ser humano artificial, daríamos a ele nossas melhores ideias e princípios morais. Sabemos como ser bons, mas também que é difícil ser bom o tempo todo. Somos preconceituosos e às vezes perdoamos o imperdoável por amor. Talvez as máquinas possam ter uma inteligência superior à nossa e uma moral menos maleável."

Criticamos robôs por falta de empatia, mas basta olhar como se comportam hoje alguns presidentes de superpotências. Está muito complicado defender humanos.

EDUARDO GRAÇA
eduardo.graca@oglobo.com.br
SÃO PAULO

DIVULGAÇÃO/BABAJIDE OSHO

CALDEIRÃO DE ESTILOS



'Barulho bom'. O sexteto do SuperJazzClub: hit com dois milhões de reproduções no Spotify

FÃS DE MARCOS VALLE, GANENSES DO SUPERJAZZCLUB FAZEM SHOW DOMINGO, NO FESTIVAL C6, EM SÃO PAULO, APRESENTANDO MIX DE JAZZ, R&B, HIP HOP E AFROBEAT

Quando o SuperJazzClub abrir a programação de domingo do palco principal do festival C6, em São Paulo, uma ausência será especialmente sentida pelo coletivo de Gana — Marcos Valle. Sua "bossa nova groove", conta Tano Jackson, diretor criativo do sexteto que vem impressionando plateias mundo afora desde sua formação, há sete anos, é uma das influências centrais no caldeirão de estilos do grupo.

Formada por DJs, artistas plásticos, diretores de cinema, videomakers, produtores e, claro, músicos, a banda nasceu em Acra, no Golfo da Guiné, ali do outro lado do Atlântico, e faz sua primeira e aguardada apresentação no Brasil.

O som e o visual dos ganenses bebe diretamente da rica música local, tanto dos ritmos mais suingados, com influência caribenha, típicos do litoral ganense, quanto aos do Norte do país, com influência árabe. Mix que é ainda mais temperado com, além do jazz escancarado no nome do coletivo, R&B, hip hop e afrobeat. Um caldeirão potente que também recebeu pitadas de brasilidades, mas sem perder uma assinatura clara.

Aliás, basta escutar "Mad", que se tornou uma espécie de hino jovem pop na África Ocidental, para atestar o parentesco com pepitas de Marcos Valle. O refrão maroto manda um recado para uma ficante marrenta, que poderia muito bem viver em *Terra Brasilis*: "Garota, eu até tento evitar o drama/ mas você está a um olhar de me deixar irritado".

— E temos muitas outras composições em que tentamos dialogar, daqui, com as coisas que o Marcos Valle fez e faz, daí, e também com a música brasileira em geral, que amamos. Seria um sonho, aliás, se ele pudesse nos ver ao vivo e se a gente pudesse conhecê-lo. Será que rola? Ele mora muito longe de São Paulo? — perguntou Jackson, de Acra.

Aos 81 anos, Marcos Valle vive feliz no Rio. E está a mil por hora, em estúdio. Prepara seu novo álbum autoral para a britânica Far Out. Produz e faz os arranjos para o projeto dedicado ao gênio Henri Salvador ("Dans mon île"), que morreu em 2008, aos 90 anos, com a participação de, entre outros, Simone, Bebel Gilberto, Céu, Dora Morelembaun e Zé Ibarra. E ainda encontra tempo para embalar cuidadosamente quatro faixas para um disco em homenagem a seu amigo e um dos pais da Bossa Nova, o gigante João Donato, falecido em 2023, aos 88 anos.

Ao GLOBO, Valle conta que, se não fosse a agenda insana, pegaria sem pestanejar a ponte aérea.

— Justamente por isso tudo que estou fazendo agora, se torna impossível estar aí em São Paulo no próximo domingo para conhecer o SuperJazzClub. Mas vou ouvi-los, e fico honrado em saber como a minha música os influenciou — afirmou o autor, ao lado do irmão Paulo Sérgio, hoje com 85 anos, de "Samba de verão".

Acra é uma cidade de quase 300 mil habitantes, com uma cena vibrante de "clubes de jazz", conta @ansah.live, DJ, produtor, artista plástico e diretor criativo do SuperJazzClub. Foi do roteiro de casas noturnas e do amor a duas argamassas do jazz — liberdade e improvisação — que surgiu o nome do coletivo. E foi também na noite que a maioria dos futuros parceiros se conheceu.

O SuperJazzClub já teve nove integrantes. Hoje, além de Jackson e @ansah.live, militam nele a ótima vocalista, compositora e guitarrista Seyyoh, o cantor, compositor e guitarrista BiQo, o compositor e diretor Obed e o diretor e produtor Joeyturks. Seu mais recente lançamento é um remix de seu maior hit, "Wicked", escutado mais de dois milhões de vezes no Spotify, agora reinventado com participação do rapper nigeriano Cruel Santino, que faz parte de outro coletivo celebrado em terras d'África, o Monster Boys, com o megaprodutor GMK e Genio Bambino.

COMO BONS VIZINHOS

Como colaboração é sinônimo de SuperJazzClub, Seyyoh, que pode ser vista usando máscara na foto ao lado, revela que os ganenses decidiram esticar uns dias em São Paulo para mergulhar nas cenas musicais contemporâneas da cidade. E buscar, quem sabe, mais parceiros. Uma das possíveis paradas é um pancadão na periferia.

— Fomos expostos à música brasileira por conta da comunidade formada pelos ex-escravizados que voltaram do Brasil para Gana no século XIX (*por lá apelidados de "tá bom", pelo uso constante da expressão*). E a Brazil House, que fica bem aqui na Brazil Lane, se tornou um centro de divulgação da cultura brasileira — conta a vocalista.

Especialistas estimam que até oito mil ex-escravizados afro-brasileiros retornaram para o continente africano, especialmente para o que hoje são Togo, Benin, Nigéria e Gana. E o horror que une o passado de Brasil e Gana pode, e deve, defende @ansah.live, ser substituído pela luta contra o desconhecimento do que se é criado de mais interessante nos dois lados do Atlântico:

— A fantasia que temos é a de sermos muito mais semelhantes do que diferentes de vocês. Pensamos, sem pieguismo, que vamos visitar pela primeira vez nossos vizinhos do lado de lá do oceano, levando presentes, nossa arte, para tomar um cafezinho aí na sua casa. E fazer um barulho bom.

O C6 terá hoje, no Auditório Ibirapuera, as apresentações dos bateristas Brian Blade e Kassa Overall e da aguardada baixista e cantora Meshell Ndegeocello, todos dos EUA.

ESPECIAL
SUMMIT
BRAZILEUA



Oliver Stuenkel: 'Guerra comercial reflete uma mudança estrutural em toda a sociedade'
PÁGINA 14



Extrema direita unida: Bolsonarismo cria elo com grupos apoiadores de Trump nos EUA
PÁGINA 24

STEFANI REYNOLDS/BLOOMBERG/17-2-2025

TRUMP SOBE TARIFAS, MAS BRASIL SEGUE NO JOGO

País resiste aos primeiros impactos do tarifaço, enquanto alguns setores continuam ganhando espaço; turismo e ONGs são mais afetados

Laços fortes. Manifestante segura bandeira dos EUA durante protesto em Washington

O tarifaço anunciado pelo presidente americano, Donald Trump, em abril impôs novos desafios para o Brasil, ainda que o país tenha sido relativamente poupado, com alíquotas de 10% nas exportações aos EUA. Setores essenciais como a indústria estão entre os mais afetados, uma vez que a pauta exportadora para os americanos é rica em produtos manufaturados. Até agora, no entanto, os efeitos não foram suficientes para provocar mudanças concretas nas estratégias empresariais. Setores como o de serviços permanecem em alta e a sobretaxa não afetou o crescimento das exportações brasileiras de carne bovina para os EUA, destinada basicamente para a fabricação de hambúrgueres. Pelo contrário: houve aumento de 13,6% em relação a março, praticamente quintuplicando o volume exportado em abril do ano passado.

Outro mercado que até agora não foi afetado é o das startups brasileiras, cada vez mais de olho nos EUA, assim como o de design: o país é o principal destino de exportação do setor moveleiro nacional. E, apesar da política migratória de Trump, aumentou também a presença de pesquisadores brasileiros com foco nos desafios climáticos nas universidades americanas, além de profissionais com alta qualificação nas empresas.

Outros setores, no entanto, viram um efeito imediato das medidas adotadas nos primeiros dias do novo mandato: o corte de verbas para projetos supostamente alinhados à agenda "woke" (ligados à igualdade racial, social e de gênero) está levando diversas organizações a se reestruturarem. No Brasil, o Acnur e a Cáritas foram algumas das organizações mais impactadas. Outro setor imediatamente atingido foi o de turismo: o número de visitantes estrangeiros nos EUA caiu quase 12% em março, e brasileiros disseram estar mais receosos de viajar para o país, por medo de serem barrados na entrada ou de sofrerem preconceito.

Esses e outros temas foram discutidos durante a edição deste ano do "Summit Valor Brazil-USA", realizado na semana passada, em Nova York, uma oportunidade para jogar luz nas indefinições que pairam não só sobre as relações comerciais entre os dois países, como também sobre o atual cenário internacional, dominado por guerras e ameaças de novos tarifaços.

SUMMIT
Valor ECONÔMICO
BRAZIL – USA
JBS
JHSF
Falconi
cosan
Embratur
aegea
GOIÁS
LATAM
AMCHAM
Valor

MANDEL NGAN/AFP/26.5.2025



Indústria apreensiva. Ainda que o Brasil tenha sido relativamente poupado pelas tarifas da administração americana, alguns setores serão mais afetados, como aço e alumínio, e segmento de autopeças

ENFRENTANDO O 'AMERICA FIRST'

Com déficit no comércio bilateral há pelo menos 15 anos, Brasil age com cautela e aposta em negociações discretas para atenuar efeitos do tarifaço, já que EUA são o maior destino dos nossos produtos industriais

MARCOS STRECKER
Especial para o Valor
SÃO PAULO

Um ano após comemorar o bicentenário das relações com os EUA, o Brasil entrou em uma fase menos festiva com seu parceiro mais tradicional. Além de mudar o comércio global, o tarifaço anunciado pelo presidente americano, Donald Trump, em 2 de abril impôs novos desafios locais. Ainda que o Brasil tenha sido relativamente poupado, com alíquotas de 10% nas exportações aos EUA, alguns setores serão mais afetados. É o caso da indústria, já que a pauta exportadora para os americanos é rica em produtos da indústria de transformação.

— Todo mundo quer entender como o setor privado está disposto a colaborar — disse Frederico Lamego, superintendente de relações internacionais da Confederação Nacional da Indústria (CNI), após uma reunião no dia 9 de maio com autoridades americanas e uma missão de empresários brasileiros, em Washington. — Colocamos as nossas preocupações. Mas o Brasil não está na ordem do dia. A preocupação do governo americano é outra. Estão atualmente tratando com 20 a 30 países, vamos precisar esperar.

É mais difícil negociar hoje nos setores de aço e alumínio do que aconteceu no primeiro mandato de Trump, concorda Abrão Neto, CEO da Amcham, Câmara Americana de Comércio para o Brasil:

— Atualmente, é um cenário mais complexo, mas as conversas estão acontecendo.

Ele se refere às tarifas de 25% impostas aos dois itens, que precisavam apenas respeitar as cotas estabelecidas anteriormente ao Brasil.

A indústria está apreensiva. Pelos cálculos da Amcham, 70% das nossas exportações estarão sujeitas à alíquota de 10%. Cerca de 20%, a uma tarifa maior, caso do aço e alumínio. O segmento de autopeças também entrou nessa categoria, que pode abarcar ainda produtos derivados de madeira. Outros 10% estão isentos, principalmente no setor de energia, que foi poupado por Trump. Uma boa notícia, já que petróleo é o principal produto de exportação aos EUA.

RESPOSTA DO BRASIL

O Brasil reagiu, ainda que em um grau moderado. Primeiro, em março, contra as medidas sobre aço e alumínio. Em abril, o Itamaraty lamentou a adoção das tarifas que "violam os compromissos perante a Organização Mundial do Comércio (OMC) e impactarão todas as exportações brasileiras de bens para os EUA". Na ocasião, em reunião de cúpula da Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos (Celac) em Honduras, Lula chegou a discursar contra as "tarifas arbitrárias" de Trump.

— O presidente sempre fala um pouco mais nessas situações. Faz parte do estilo dele — diz Sergio Vale, economista-chefe da MB Associados. — Mas, em termos concretos, a situação é relativamente positiva. O governo tem agido de uma forma correta, procurando negociar justamente no caminho de cotas.

Ele acha que o setor de álcool também poderá ser contemplado com cotas, como alternativa à tarifação.

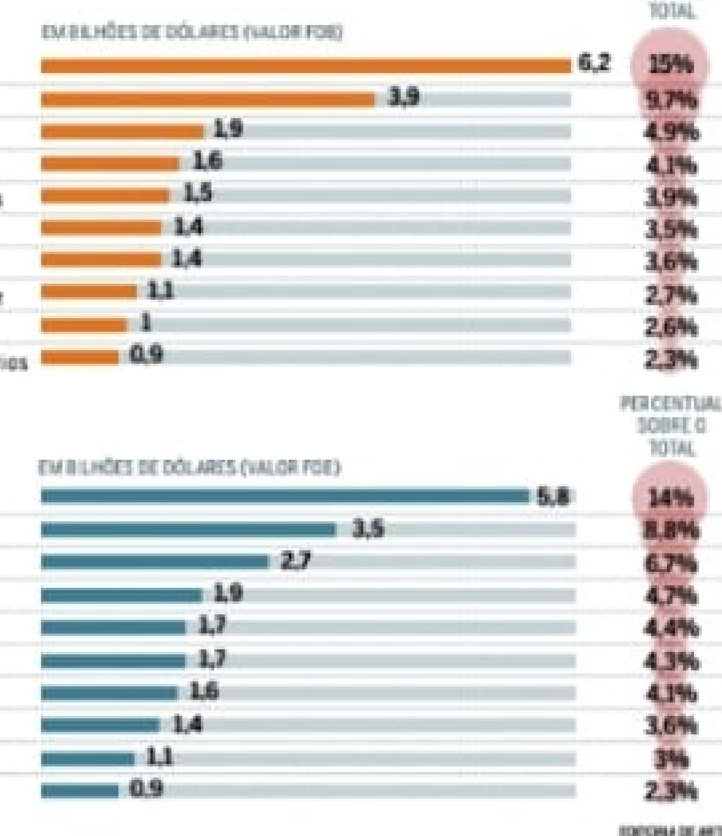
— Os americanos podem abrir o mercado para o açúcar brasileiro, enquanto o Brasil facilitaria a entrada de etanol dos EUA. Um caminho virtuoso está sendo construído pela diplomacia brasileira — diz.

Mas Lamego não enxerga ainda uma luz no fim do túnel. — Isso está muito distante. Nem está sendo colocado ainda — adverte.

DESTAQUES DA CORRENTE COMERCIAL EM 2024

Saldo no comércio com brasileiros foi favorável aos americanos





IMPORTAÇÕES

	Em bilhões de dólares (valor FOB)	Percentual sobre o total
Motores e máquinas não elétricas	6,2	15%
Óleos combustíveis de petróleo	3,9	9,7%
Aeronaves	1,9	4,9%
Gás natural	1,6	4,1%
Polímeros de etileno em formas primárias	1,5	3,9%
Óleos brutos de petróleo	1,4	3,5%
Carvão	1,4	3,6%
Aparelhos de medição, aferição e controle	1,1	2,7%
Medicamentos e produtos farmacêuticos	1	2,6%
Outros medicamentos, inclusive veterinários	0,9	2,3%

EXPORTAÇÕES

	Em bilhões de dólares (valor FOB)	Percentual sobre o total
Óleos brutos de petróleo	5,8	14%
Produtos semiacabados de ferro ou aço	3,5	8,8%
Aeronaves e sua partes	2,7	6,7%
Café não torrado	1,9	4,7%
Ferro-gusa e ferro-ligas	1,7	4,4%
Óleos combustíveis de petróleo	1,7	4,3%
Celulose	1,6	4,1%
Equipamentos de engenharia civil	1,4	3,6%
Sucos de fruta e vegetais	1,1	3%
Carne bovina	0,9	2,3%

Fontes: Amcham / ComexStat MDIC

EDITORIA DE ARTE

Este é justamente o momento dos negociadores. Em 8 de maio, o governo Trump anunciou um primeiro acordo com o Reino Unido e disse que outros se seguiriam. Mas, como alerta Lamego, isso foi recebido com muita preocupação, já que essa negociação estabeleceu a nova alíquota padrão de 10%. Segundo o economista da CNI, "esse acordo coloca um novo normal, possivelmente não vamos fugir disso".

Quatro dias depois, foi a vez de China e EUA anunciarem uma pausa de 90 dias na escalada. Trump havia imposto alta de até 145% para as importações chinesas, e Pequim havia retaliado com uma alíquota de 125%. Com o anúncio, esses índices caíram para 30% e 10%, respectivamente.

VANTAGEM EM NEGOCIAÇÕES

A atuação do Brasil tem sido discreta. O vice-presidente e ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC), Geraldo Alckmin, teve uma primeira reunião com o secretário de Comércio dos EUA, Howard Lutnick, e com o representante comercial Jamieson Greer, em 7 de março. Esse canal com o governo Trump tem sido a base das negociações que também envolvem o ministro chanceler Mauro Vieira. Já o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, se encontrou no dia 4 de maio com o secretário de Tesouro, Scott Bessent.

— Conversamos sobre todos os assuntos mais importantes — declarou na ocasião.

O Brasil tem uma vantagem nas negociações. Há pelo menos 15 anos registra déficit no comércio com os EUA. Além do déficit de US$ 7,2 bilhões em bens em 2024, registrou déficit em serviços de US$ 30 bilhões no ano passado, lembra o executivo da Amcham.

Ainda que menos contundente do que as reações da União Europeia e da China, a resposta brasileira foi relevante. O Congresso aprovou de forma acelerada a "lei da reciprocidade", que autoriza o governo a retaliar "países que imponham barreiras comerciais". Mas a aposta é de que vai haver uma acomodação.

Abrão Neto reforça que os EUA são o maior destino dos nossos produtos industriais, com um recorde de US$ 31,6 bilhões em exportações no ano passado.

— Isso representa cerca de 80% da nossa pauta exportadora para o país, uma proporção que não temos com nenhum outro parceiro comercial — diz.

Diante do revés, o Brasil tem como alternativa abrir discussões mais amplas com os EUA, que vão além das tarifas.

— São áreas como de transição energética, minerais críticos, tecnologia e propriedade intelectual — defende.

NEGÓCIO COM A CHINA

No primeiro governo Trump, o Brasil também aproveitou para acelerar o acordo do Mercosul com a União Europeia e outros países. Tracy Francis, CEO de Brasil e América Latina da consultoria McKinsey, diz que exportadores de commodities como o Brasil estão de olho nas oportunidades que se abrirão.

— Quem não está negociando com a China está perdendo o timing — afirma.

Há acordos entre países que começam a se desenhar que não aconteciam antes, pondera. Ela diz que algumas cadeias de valor globais estão se reconfigurando, como semicondutores e baterias, o que abre oportunidades. A aposta é que o status quo será retomado.

— Há um estoque de US$ 358 bilhões de recursos americanos, um terço de todo o investimento estrangeiro produtivo no Brasil — defende Abrão Neto. — E os EUA também são o principal destino de investimento brasileiro no exterior. Isso deve ganhar força. Mas previsibilidade e segurança jurídica são fundamentais.

Editores responsáveis: Marina Gonçalves e Flávio Lino **Redatores:** Amanda Scatolini, Filipe Barini e Thays Guimarães **Repórteres:** Angela Klinke, Carin Petti, Daniela Rocha, Denise Neris, Denise Chrispim, Diego Viana, Domingos Zaparolli, Emilio Sant'Anna, Lilian Cunha, Kelly Simões, Lucas Rohan, Jacilio Saraiva, Maria Lígia Pagenotto, Mario Camera, Martha Funke, Marcos Strecker, Mônica Magnavita, Natália Mazzei, Paloma Vardo, Ricardo Ianvos, Ricardo Leopoldo, Rosseli Lopes, Simone Goldberg, Suzana Liskauskas, Thales de Menezes e Vivian Oswald **Diagramação:** Sarah Horiuchi **Tratamento:** Wagner Loeser **Internet:** Leonardo Marchetti **Arte:** Renata Arnaedo

Evoluir sempre é o que nos alimenta.

E você, o que te

ali
menta?



A JBS produz alimentos deliciosos que chegam à mesa de milhões de famílias em todos os continentes. Já somos mais de 280 mil pessoas comprometidas com a produção de todos os tipos de proteína para alimentar uma população global que não para de crescer. Por isso, evoluir é o que continuará nos alimentando.



JBS

Alimentando o que alimenta o mundo

Friboi Seara Swift Maturatta Doriana Delícia Hans 1953 Incrível! Pilgrim's Primo Moy park

BRASIL E EUA NEGOCIAM TARIFAÇO DE TRUMP

País está no primeiro grupo de duas dezenas de nações que buscam acordos com governo americano. Conversas se desdobram lentamente, dizem fontes

BRENNO CARVALHO/12-2-2025



Sem retaliação. O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, e Lula no Palácio do Planalto: política de cautela sobre tarifas de Trump

VIVIAN OSWALD
Especial para o Valor

Desde o anúncio, em março, pelo governo de Donald Trump da imposição de tarifa de 25% sobre todas as importações americanas de aço e alumínio — o Brasil é seu segundo maior fornecedor — os dois países começaram a discutir a relação de 200 anos. Marcadas por sigilo extremo de ambos os lados, as conversas desdobram-se de forma lenta e gradual, para a insatisfação dos setores mais atingidos pelo "tarifaço" americano. Ninguém está autorizado a mostrar as cartas antes da hora. A boa notícia, segundo fontes do governo, é que o Brasil está no primeiro grupo de duas dezenas de nações com as quais os EUA resolveram negociar primeiro.

DISPOSIÇÃO PARA NEGOCIAR

Washington quer derrubar barreiras tarifárias — etanol é uma obsessão, assim como carne de porco — e não tarifárias. Está tudo mencionado em uma publicação da Secretaria de Comércio americana de quase 400 páginas que dedica um capítulo inteiro ao Brasil. Este, por sua vez, foca na eliminação das tarifas de 10%, que valem para todos os produtos, e as setoriais, principalmente a do aço (que é a que mais afeta a balança comercial brasileira), sem se esquecer das autopeças e dos microchips.

— Trata-se de um processo em desenvolvimento. Mas vale lembrar que o fato de Brasil estar disposto a negociar e de estar neste primeiro grupo não quer dizer que vá chegar a um acordo, ou que será rápido — afirmou um interlocutor.

A primeira reunião de alto nível entre o vice-presidente e ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, Geraldo Alckmin, e o secretário de Comércio americano, Howard Lutnick, ainda em março, desencadeou um punhado de reuniões técnicas, que incluem o Ministério das Relações Exteriores também. Já foram seis ao todo.

Os negociadores ouvidos pelo Valor não perderam as esperanças, mas admitem que "um entendimento não é evidente". A briga vai muito além da complexidade de percentuais tarifários ou de indecifráveis nomenclaturas de produtos. Isso significa que ajuda, mas não resolve, ter comprado muito mais mercadorias e serviços dos EUA do que eles do Brasil nos últimos anos. Washington está decidida a esticar a corda até o limite.

Foi assim com o Chile, por exemplo. Interlocutores da equipe do presidente chileno, Gabriel Boric, contaram que foram cobrados por menos exposição à China e regras domésticas que fossem mais "amigáveis" às empresas americanas. Pequim tem ocupado espaços deixados pelos americanos ao longo dos últimos anos e isso deixa Trump e sua equipe doentes de raiva.

— Há tarifas. Eles querem acesso preferencial a mercado, em alguns casos, mas há regras. Esse ambiente regulatório vai estar presente em todas as discussões que terão com países que vierem a negociar com eles — afirmou outra fonte do governo, pouco depois da mais recente missão técnica enviada à capital americana no início de maio.

A maior parte dos países com os quais os EUA negociam neste momento tem peso mais significativo do que o Brasil sobre o trilionário déficit comercial americano com o mundo. Este é justamente o argumento brasileiro levado às reuniões técnicas. É tecla em que tem batido repetidas vezes o próprio presidente Lula — como fez em sua última visita de Estado à China — seu vice e seus ministros. A balança favorece, e muito, os EUA, que têm no Brasil um dos poucos superávits comerciais. O sexto maior, na verdade.

Contando bens e serviços, o déficit brasileiro com os EUA está em torno de R$ 27 bilhões ao ano. Dos 10 principais produtos que o Brasil importa dos EUA, oito têm tarifa zero. A tarifa efetiva para eles é, na verdade, de 2,7%. Este, por sinal, é outro dado em que Alckmin tem insistido. Talvez estas tenham sido as razões para que o país fosse poupado das tarifas anunciadas por Trump no que chamou de "dia da libertação".

A ordem dentro do governo brasileiro continua sendo manter a cautela, evitar arroubos e a palavra "retaliação". Assessores do presidente costumam usar "reciprocidade". Esta é uma possibilidade. E as formas de fazê-lo estão previstas no Projeto de Lei 2008/25, aprovado por unanimidade no Congresso em abril. Mas nem isso está na ordem do dia neste momento. O que se repete é que é preciso "negociar até a exaustão".

RECADO À UE

Enquanto isso, Brasília tem conversado com seus parceiros em Genebra, onde está a sede da Organização Mundial de Comércio (OMC), sobre esta pauta e sobre a possibilidade de recorrer à entidade no futuro, se não encontrar soluções nas negociações.

O anúncio de um entendimento com o Reino Unido, o primeiro desde o início da política do tarifaço, é um exemplo. Um dos objetivos é bater de frente com a União Europeia (UE), com quem Trump vive às turras.

— Vejo recado à UE. O acordo é pior do que Trump faz parecer. Não baixou a tarifa geral de 10%, mas beneficiou o aço britânico e carnes, o que é ruim para o Brasil, além de carros. Vamos ter de avaliar o risco de causar prejuízos para outros países — reconhece uma fonte do governo.

Suspeita-se que Trump vá manter uma tarifa mínima aplicada ao resto mundo, ainda que negocie novos acordos. Resta saber se será aplicada no mesmo patamar a todos.

TAXAÇÃO AMERICANA NÃO FOI SENTIDA NO PAÍS

Clima ainda é de cautela para indústria, mercado e exportadores

AFP/13-5-2025



Parceiros chineses. Contêineres em porto de Suzhou, na China: tarifas americanas já provocaram um desvio na balança comercial

MARIO CAMERA
Especial para o Valor

O anúncio do novo pacote tarifário dos Estados Unidos contra o Brasil em abril acendeu o sinal de alerta em setores estratégicos da economia brasileira. Mas, passados dois meses, os efeitos ainda não foram suficientes para provocar mudanças concretas nas estratégias empresariais.

Na indústria, a principal consequência até agora tem sido o compasso de cautela.

— O impacto das tarifas americanas no mercado brasileiro ainda é incipiente, mesmo porque tem formação de estoques, tem discussões de postergação e essas novas negociações criam expectativas — afirma Ricardo Alban, presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI).

Apesar de o setor não ter sofrido retrações diretas, a CNI enviou uma missão aos Estados Unidos agora em maio. O objetivo foi negociar tratamento diferenciado por setor e sinalizar que o Brasil tem projetos de complementaridade produtiva com os americanos, incluindo cadeias de semicondutores, terras raras, SAF e data centers verdes.

O presidente da CNI alerta, no entanto, que as tarifas americanas já provocam um desvio na balança comercial com outro parceiro: a China.

—Nós temos 55% das nossas exportações de manufatura só para os EUA, é o principal destino dos nossos bens intensivos em tecnologia. Então, essa solução precisa ser encontrada o mais rápido possível, e entendemos que deveria ser feito também de forma setorial — diz Alban.

MADE IN CHINA

O movimento também preocupa a Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados). De acordo com a entidade, só em março as importações de calçados da China cresceram 51,7% em relação ao mesmo mês de 2024. Em comunicado do início de abril, o presidente da entidade, Haroldo Ferreira, alertava que "essa invasão [de calçados chineses] ocorre antes mesmo da entrada em vigor da nova tarifa. A previsão é de que aumente ainda mais nos próximos meses [...] A China não ficará sem escoar essa produção".

Já no agronegócio, o ritmo não apenas foi mantido como acelerou em alguns setores, como o da carne.

— Mesmo após o aumento de dez pontos percentuais nas tarifas impostas pelos EUA, as exportações brasileiras de carne bovina não sofreram retração — diz Roberto Perosa, presidente da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (Abiec).

Em abril, o Brasil enviou 48 mil toneladas de carne bovina para o mercado americano, seis vezes mais que no mesmo mês de 2024. Mas mesmo com tarifa total que pode chegar a 36,4%, a carne brasileira continua mais barata, explica Perosa:

— Se a carne brasileira chega ao mercado a US$ 30 e sofre o acréscimo tarifário, ainda assim permanece muito mais competitiva que a carne americana, cotada a US$ 100.

No mercado financeiro, o impacto foi difuso, mas não irrelevante. Para Eduardo Castro, CIO da Portofino Multi-Family Office, o vaivém das decisões americanas desestabilizou o horizonte de previsibilidade dos agentes econômicos. Segundo ele, o mercado global esperava que Trump fosse "positivo para ativos de risco", mas a realidade surpreendeu.

— Veio algo que se imaginava que viria, mas numa intensidade e numa desorganização, numa ausência de tecnicidade tão grande que deixou mercados e economia real absolutamente perdidos — diz.

EMPREGO ESTÁVEL

A guerra comercial iniciada pelos Estados Unidos também deve levar a uma mudança na diversificação de carteiras internacionais, o que não deve abalar a posição americana no mercado, segundo Castro:

— Os EUA não vão deixar de ser a principal economia do mundo, nem o principal país pra oferta de títulos e ativos financeiros, só que serão em um ponto de equilíbrio diferente.

A percepção é compartilhada por João Daronco, analista da Suno Research. Segundo ele, não existe, até o momento, "nenhum direcionamento concreto de uma empresa que está reduzindo o custo, cortando pessoal ou diminuindo investimentos propriamente dito". Para ele, o impacto poderá ser percebido a partir "de julho e agosto, quando as empresas começarem, de fato, reportar os seus números".

Do lado do emprego, a sobretaxação ainda não fez efeito. Não há anúncio oficial de supressão de postos de trabalho causada pelo aumento das tarifas, muito pelo contrário. Segundo os últimos dados divulgados pelo IBGE, a taxa de desemprego ficou em 7% no primeiro trimestre de 2025, a menor registrada para o período nos últimos 13 anos. Também não houve sinal de deterioração nas indústrias voltadas à exportação.

10%
Tarifas para todos os produtos brasileiros
Taxas fazem parte de medidas protecionistas de Trump, para favorecer a indústria americana

25%
Taxas adicionais sobre aço e alumínio
Embargo foi suspenso por 90 dias para a maioria dos países, exceto a China

36,4%
Tarifa total sobre exportação de carne brasileira
Mesmo com a taxação, a carne do Brasil continua mais barata que a americana e outros fornecedores

Siga a Gerdau nas redes sociais:



Somos a maior recicladora de sucata ferrosa da América Latina.

Todos os anos, transformamos 11 milhões de toneladas de sucata em aço, o que representa 71% de todo aço produzido pela Gerdau. Para cada tonelada de sucata reciclada em nossa operação, evitamos a emissão de 1,5 toneladas de CO_2 no meio ambiente*.

A Gerdau recicla sem fim e devolve para a sociedade um futuro mais sustentável.

*Fonte: World Steel Association



GERDAU

O futuro se molda

Diego Bertoldo Francisco
Gerdau Ouro Branco

COMÉRCIO AQUECIDO COM AMERICANOS

Relação antiga e pauta diversificada devem impedir que transações com o Brasil sejam muito afetadas por tarifas. Exportações brasileiras aos Estados Unidos bateram recorde em 2024 e petróleo lidera, representando 14% do total

MARCOS STRECKER
Especial para o Valor
SÃO PAULO

Ainda que o Brasil registre déficit com os EUA há 15 anos, o comércio com os dois países permanece vital. E o fato de os EUA terem perdido o posto de maior parceiro comercial para a China, em 2009, não muda uma verdade essencial: enquanto o gigante asiático compra basicamente commodities, a maior economia do mundo absorve itens tecnológicos e produtos da indústria de transformação, sendo imprescindível para a indústria nacional.

Segundo a Câmara Americana de Comércio para o Brasil (Amcham), trata-se de uma pauta bastante diversificada, que não se reproduz nas vendas a outros mercados. São 51 itens industriais que integram 70% das exportações aos EUA, de aviões a máquinas, passando por produtos químicos. No caso da União Europeia, são 22 produtos nessa proporção. Para a China, três, e todos commodities (soja, petróleo e minério de ferro).

— A balança comercial Brasil-EUA já foi muito mais composta por produtos manufaturados — relativiza José Augusto Castro, presidente executivo da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB).

Enquanto nos anos 1990 era basicamente de itens industriais, como autopeças, hoje há um peso maior de commodities. O petróleo, de fato, lidera, representando 14% das exportações. E a relação comercial está em alta. As exportações bateram recorde em 2024: US$ 40,3 bilhões.

— A corrente foi de US$ 81 bilhões, uma expansão de 8,2% com relação ao ano anterior. Os EUA representam 15,5% das nossas importações e 12% das nossas exportações — reforça a economista Carla Beni, professora da Fundação Getulio Vargas (FGV).

CONVERSAS DE BASTIDORES

Ela avalia que os produtos exportados pelo Brasil, como o aço, podem ser atingidos pelas novas tarifas do governo Trump. Mas, nesse caso específico, é um item que o país exporta para 100 países. Apesar do peso da economia americana, há alternativas. Em qualquer item, ela afirma, trata-se de avaliar como os importadores vão se comportar.

Se os compradores conseguirem repassar integralmente os custos aos consumidores internos, diminuindo sua margem de lucro, o efeito será pequeno. Se diminuírem os pedidos, os exportadores brasileiros precisarão encontrar novos mercados ou vender mais internamente. Seria um problema no caso do mel, por exemplo, em que as vendas para os EUA são muito importantes, argumenta.

Nesse quebra-cabeça, é cedo para avaliações definitivas, já que os EUA estão negociando nos bastidores com vários países, o que pode mudar substancialmente o cenário anunciado em abril. Além disso, as mudanças podem acontecer lentamente, pois há contratos já firmados, e a busca de novos parceiros, fornecedores ou compradores é um processo moroso. Os números deste ano são atípicos e não podem ser tomados como tendência. Ainda assim, são positivos. As exportações para os EUA atingiram US$ 3,57 bilhões em abril, alta de 21,9% na comparação com o mesmo mês de 2024, segundo dados do Ministério da Indústria, Comércio e Serviços (MDIC). As importações somaram US$ 3,79 bilhões, expansão de 14% sobre o mesmo mês de 2024. Já as exportações de aço (produtos semiacabados, lingotes e outras formas primárias de ferro ou aço), tarifadas em 25% a partir de março, caíram 23,2% em abril, assim como de alumínio (73%), contra o mesmo mês de 2024. Nos quatro primeiros meses do ano, o Brasil aumentou suas exportações aos EUA em 3,7% e cresceu as importações em 14,6%. São cifras ainda provisórias.

— A China antecipou compras de soja do Brasil, para garantir alguns meses de abastecimento, foram cargas e mais cargas antes dos prazos — exemplifica Beni, da FGV.

E como ficam os preços?

— Quando se trata de produto manufaturado, o preço é definido pelo exportador. Quando se trata de commodities, é definido pelo mercado ou pelo importador — diz Castro.

Por isso, argumenta, os produtos manufaturados enviados pelo Brasil podem ser os mais atingidos.

Outros itens do Brasil podem se beneficiar, acrescenta Beni. No caso de café torrado, por exemplo, que representou 4,7% das exportações em 2024, o país tem mais facilidade em encontrar outros compradores. E dificilmente os consumidores americanos absorverão um grande aumento de preços. É um caso de desvantagem para eles.

— É de se imaginar que o fluxo China-EUA seja menor. Isso traz oportunidades para o Brasil. No agro, por exemplo, o prêmio da soja nos portos brasileiros nunca esteve tão alto em relação a Chicago — diz Nelson Ferreira, sócio sênior da consultoria McKinsey.

É possível substituir importações americanas da China e substituir importações chinesas dos EUA. Nos EUA, há abertura para os setores de mobiliário, vestuário, calçados e alguns eletrônicos, aposta. O Brasil deve enfrentar uma competição natural com México, América Central e países do Sudeste Asiático.

SEM RETALIAÇÃO

A composição básica do comércio brasileiro com os EUA não deve ser afetada. Por outro lado, no caso de o governo brasileiro retaliarcom tarifas, isso poderia prejudicar a indústria nacional, pois bens de capital, como máquinas e equipamentos, subiriam de preço, assim como produtos farmacêuticos e veterinários. A economista da FGV vê pouca possibilidade de retaliação, no entanto.

Ela usa o exemplo do carvão, que é o sétimo produto importado pelo Brasil (3,5%).

— A gente adquire carvão dos EUA para produzir aço, que exportamos para eles. Fazemos isso porque o nosso carvão tem uma baixa qualidade, baixa combustão. Se nossa produção de aço for afetada, os exportadores americanos que vendem carvão pressionarão o governo Trump. Setores de energia, incluindo petróleo e gás, são fortes apoiadores do presidente — diz.

BALANÇA COMERCIAL EM ALTA

Exportações foram recorde em 2024, e déficit é persistente com EUA





BENJAMIN GIRETTE / BLOOMBERG / 19-6-2023

Variedade de opções. De aviões a máquinas, passando também por produtos químicos, são 51 itens industriais que integram 70% das exportações do Brasil aos Estados Unidos

MANUFATURADOS BATEM RECORDE

Setor da indústria respondeu por 78% das exportações brasileiras aos Estados Unidos em 2024

RICARDO LEOPOLDO
Especial para o Valor
SÃO PAULO

Os Estados Unidos são o principal destino das exportações brasileiras da indústria de transformação. As vendas do setor para o mercado americano vêm aumentando desde 2021, quando alcançaram US$ 25,52 bilhões, e atingiram US$ 31,590 bilhões em 2024, montante equivalente a 78,3% das exportações totais ao país no ano passado, que registraram US$ 40,33 bilhões. Entre os destaques dos produtos vendidos aos EUA estão óleo bruto de petróleo, ferro e aço semiacabados, sucos de frutas, aeronaves, celulose e carne bovina industrializada.

Nos últimos anos, também ocorreu um avanço gradual da participação das exportações de manufaturados do Brasil para os EUA em relação ao total para o mundo, pois passou de 16,3% em 2022 para 17,4% em 2024 e atingiu 18% no primeiro trimestre de 2025.

— Os EUA são o principal comprador de bens industrializados brasileiros e, como consequência, o maior mercado para produtos brasileiros de alta tecnologia. São 10 mil empresas brasileiras exportando para esse destino, o maior número em 200 anos de relação entre os dois países, o que demonstra o fortalecimento da base exportadora e a crescente diversificação regional e setorial dessa relação — comenta Tatiana Lacerda Prazeres, secretária de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços.

DIFERENTES CENÁRIOS

Para ela, diante de incertezas causadas por mudanças de política comercial e seu impacto sobre a economia global, seria especulativa qualquer projeção para os próximos anos sobre a dinâmica das exportações do Brasil para os EUA:

— O governo tem desenhado diferentes cenários e prepara estratégias eficazes para cada um deles com vistas a preservar e expandir a inserção da indústria brasileira nos fluxos globais de comércio.

Apesar de a Casa Branca ter adotado tarifas gerais de 10% sobre importados do Brasil no início de abril, há uma percepção no meio empresarial do país de que as negociações comerciais entre os governos dos presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Donald Trump devem prevalecer e gerar resultados adequados às vendas de produtos nacionais para a maior economia do planeta.

— Eu acredito que a racionalidade vai vencer e vamos conseguir negociar bem — diz Fabrizio Panzini, diretor de Políticas Públicas e Relações Governamentais da Amcham.

Para ele, as exportações da indústria da transformação do Brasil para os EUA poderão fechar este ano com uma participação ao redor de 18% em relação ao total vendido pelo setor para todo o mundo.

Várias razões explicam a grande participação das exportações da indústria de transformação do Brasil para os EUA. Uma delas é que o mercado americano é o maior do mundo e é grande importador de bens manufaturados de diversos países.

— Historicamente os EUA têm um nível de proteção muito baixo, sendo que as tarifas de importação e outros fatores protecionistas, em geral, são bem menores do que a média mundial — diz Fernando Ribeiro, Coordenador de Estudos em Comércio Internacional do Ipea.

Também é importante o comércio intercompanhias de empresas com sedes nos EUA e Brasil, uma característica comum das cadeias internacionais de valor que visa, entre outros objetivos, à redução de custos de fabricação.

Mesmo com o cenário de manutenção da tarifa de 10% sobre as exportações do Brasil para os EUA ao longo deste ano, há perspectivas de que as companhias nacionais poderão ter algumas vantagens para tentar ampliar a participação das vendas de seus produtos industrializados no mercado americano.

— Empresas dos setores de calçados e têxtil estão animadas com a ideia de que as tarifas dos EUA à China são altas e podem gerar oportunidades para elas aumentarem vendas naquele mercado — diz Welber Barral, sócio da BMJ Consultores Associados e ex-secretário do Comércio Exterior.

Caso as disputas comerciais entre as duas maiores economias do mundo não sejam reduzidas de forma significativa nos próximos trimestres, elas poderão culminar em elevação de investimentos de empresas chinesas no Brasil, sobretudo para tentar aumentar os volumes de exportações indiretas aos EUA, diz Alessandra Ribeiro, sócia da Tendências Consultoria:

— Isso pode trazer riscos mais tarde. A China entrou em outros países asiáticos e no México para exportar para o mercado americano, mas depois tais nações foram atingidas por tarifas maiores.

MAIS COMPETITIVIDADE

Para as empresas brasileiras tentarem ampliar receitas nos EUA, é fundamental manterem suas estratégias de investimento em tecnologia, marketing e ampliar a conquista de novos clientes naquele país, ressalta Lia Valls Pereira, pesquisadora associada da FGV-IBRE e professora da Uerj:

— É importante as companhias continuarem no processo de aumento da produtividade para serem mais competitivas, mostrar suas marcas e intensificar seus canais comerciais junto a fornecedores.

EUA SÃO MAIOR MERCADO DE SERVIÇOS DO BRASIL

Em 2023, país respondeu por 40.7% da receita brasileira com exportações no setor, que engloba desde consultorias até tecnologia da informação, transportes e turismo

ROSELI LOPES
Especial para o Valor
SÃO PAULO

Os Estados Unidos responderam por 40,7% da receita recorde de US$ 45,2 bilhões que o Brasil registrou com as exportações de serviços àquele país, em 2023, segundo o mais recente Relatório Anual do Comércio Exterior Brasileiro de Serviços, publicação anual da Secretaria de Comércio Exterior (Secex) do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC). Desde 2010, início da série de dados, os EUA só tiveram participação menor que 40% na pauta brasileira de exportações de serviços em 2016. Isso mostra que o país tem uma posição bastante forte como principal parceiro nas vendas do Brasil.

VIAGENS E TURISMO

Em 2023, o mercado americano comprou US$ 11,198 bilhões em serviços do Brasil, crescimento de 1,1% em relação às aquisições de 2022. Já o Brasil importou dos EUA, considerado o maior exportador global de serviços e também principal parceiro do Brasil nas aquisições, o equivalente a US$ 15 bilhões, um aumento de 5,6% em relação ao ano anterior. Apesar de o relatório de 2024 ainda não ter sido divulgado, o Banco Central, que coleta os dados via operações cambiais, informa que as exportações para os EUA cresceram 7,4% e as importações do Brasil, 39,4%.

— O setor de serviços segue como um dos grandes valores de integração econômica entre Brasil e EUA e, embora haja um déficit brasileiro nessa balança, é importante destacar que o Brasil tem condições reais de ampliar sua participação nas exportações, especialmente em nichos onde já há competitividade reconhecida — diz Abrão Neto, presidente da Câmara Americana de Comércio (Amcham Brasil).

Ele cita os serviços de tecnologia da informação, telecomunicações, engenharia e arquitetura, design, entre outros segmentos, em sua avaliação, nos quais o Brasil reúne ativos importantes, como capital humano qualificado.

Há uma oportunidade crescente, diz ele, para empresas brasileiras exportarem serviços digitais, engenharia especializada, design industrial, arquitetura e consultorias especializadas.

— Esses segmentos combinam inovação, eficiência e competitividade, três atributos valorizados pelo mercado americano — completa.

Para ele, a digitalização da economia abre uma janela estratégica para que o Brasil diversifique ainda mais sua pauta de exportações de serviços.

Os principais serviços profissionais exportados, em 2023, que englobam desde consultorias até serviços de tecnologia da informação, arquitetura, engenharia, serviços técnicos, financeiros e desenvolvimento de software, transportes e turismo, responderam pela maior participação do total vendido.

Um dos destaques foi viagens e turismo, com US$ 6,9 bilhões e crescimento de 39,5%. Outro foi o crescimento dos serviços relacionados à propriedade intelectual, parte do setor de pesquisa e desenvolvimento, com uma receita de US$ 921 milhões, um crescimento de 23,6%. Além disso, os serviços financeiros atingiram US$ 1,075 bilhão. Já os setores de telecomunicações, computação e informações, tiveram a terceira maior alta, de 24,6%, com receita de US$ 5,825 bilhões.

SISTEMA DESCONTINUADO

Os números são de vendas globais e não só aos EUA. De acordo com o BC, as informações sobre os diferentes tipos de serviços exportados para cada país são restritas pela disponibilidade de dados e por questões de sigilo.

Para José Augusto de Castro, presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), os serviços representam uma parcela menor das exportações brasileiras.

— Nós brigamos pela implementação de um sistema que permita ter dados de serviços, à semelhança do Siscomex, voltado ao setor de bens. Tivemos, no passado, o Siscoserv, mas o governo descontinuou o sistema, sendo que o setor de serviços é um dos maiores da economia no país — diz o presidente da AEB.

Em 26 de junho, a AEB realiza o 16º Encontro Nacional de Comércio Exterior de Serviços (Enaserv) para "ajudar empresas a vender serviços ao mercado externo".

NELSON ALMEIDA/AFP/17-12-2024



Receita recorde. Entrada da Bolsa de São Paulo: serviços financeiros estiveram entre os principais exportados para os EUA em 2023

NO RIO, O FUTURO CHEGA TODO DIA.

A Prefeitura do Rio investe, cada dia mais, em dados, gestão e tecnologia, para cuidar melhor da nossa gente.

Cidade inteligente é cidade que pensa nas pessoas. No Rio, tecnologia e criatividade andam juntas, trazendo planejamento, inovação e calor humano. Porque o futuro precisa ser construído com tecnologia e com alma. Alma carioca.

PREFEITURA RIO



MONITORAMENTO 24H


GETs – GINÁSIOS EXPERIMENTAIS TECNOLÓGICOS



CENTRAL DE ATENDIMENTO


CENTRO DE OPERAÇÕES RIO

METALURGIA BUSCA COTAS COM OS EUA

Com 25% de sobretaxa, exportadores de aço e alumínio veem risco de perder espaço no mercado americano e tentam negociar uma saída, com intermédio do governo brasileiro; país exportou 4,08 milhões de toneladas de aço em 2024

DOMINGOS ZAPAROLLI
Especial para o Valor
SÃO PAULO



DADO GALDERI/BLOOMBERG/11-2-2025

Alvo de tarifas. Vergalhões de aço em caminhão em frente à usina siderúrgica da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), em Volta Redonda

Ainda não é possível medir os impactos sobre a indústria brasileira gerados pela decisão do governo americano de impor uma taxa de 25% sobre as compras americanas de aço e alumínio, que entrou em vigor em março. Executivos dos dois setores admitem que o clima é de incerteza e apreensão e informam que buscam, por intermédio do governo brasileiro, conseguir uma flexibilização da medida por parte do governo de Donald Trump.

— Inicialmente, as novas taxas atingem igualmente todos os países e não mudam o quadro geral de competitividade. Mas essa situação não deve durar — diz Marco Polo de Mello Lopes, presidente executivo do Aço Brasil, instituição que representa as siderúrgicas nacionais. — Vários países negociam novas taxas em Washington. Aqueles que fizerem acordos mais rápido vão levar vantagem. Se formos lentos, vamos perder espaço.

COMPETITIVIDADE

Os EUA são o principal destino internacional do aço brasileiro e o segundo do alumínio. Em 2024, o Brasil exportou 4,08 milhões de toneladas de aço para os EUA, o que representou 42,6% do volume exportado pelo país, e obteve na operação US$ 2,99 bilhões, 39,2% da receita das exportações siderúrgicas. O Brasil foi o segundo maior exportador, atrás apenas do Canadá.

O principal item exportado para os EUA foi o aço semiacabado, que gerou uma receita de US$ 2,3 bilhões. É um item que não é vendido diretamente ao consumidor, usado como insumo na indústria do aço, que faz a laminação e revende.

> Os EUA são o principal destino internacional do aço brasileiro e o segundo do alumínio

— Ao taxar o semiacabado, os EUA tiram competitividade da própria siderurgia americana — diz Mello Lopes.

Os EUA não são autossuficientes em aço semiacabado e demandam uma importação anual de 5,6 milhões de toneladas. Construir usinas para atender essa demanda é um processo lento, que leva entre três e quatro anos.

Na balança comercial do aço, o Brasil importa carvão metalúrgico dos EUA, US$ 1,4 bilhão em 2014, e US$ 3,9 bilhões em máquinas e equipamentos, que contêm muito aço embarcado.

— Se levarmos em consideração toda a cadeia produtiva, os EUA são superavitários em relação ao Brasil — afirma.

'HARD QUOTA'

Em 2018, esses argumentos foram suficientes para levar o governo americano a adotar uma política de cotas para as vendas de aço brasileiro no país. Na ocasião, durante o primeiro governo Trump, os americanos criaram uma taxa de 25% sobre o aço e o alumínio importados.

O Brasil negociou na época a adoção de uma *hard quota*, cota rígida que não pode ser ultrapassada, nem pagando tarifa extra de importação. Por outro lado, todo o aço exportado pelo Brasil aos EUA — até o limite anual de 3,5 milhões de toneladas de semiacabado e 687 mil toneladas de laminados — passou a ter tarifa zerada. A solução valeu até março deste ano.

— O pleito da indústria siderúrgica brasileira é a volta desta política de *hard quota* — diz Mello Lopes.

As negociações tiveram início em março com uma videoconferência do vice-presidente e ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviço (MDIC), Geraldo Alckmin; o secretário de Comércio dos EUA, Howard Lutnick; e o representante comercial dos EUA, Jamieson Greer.

Segundo Tatiana Prazeres, secretária de Comércio Exterior do MDIC, o primeiro momento é de esclarecer os aspectos da política tarifária brasileira aos americanos e apresentar argumentos, em um processo de negociação que se apresenta como difícil e lento.

— Mostramos que o Brasil não é problema para os EUA. Eles têm superávit comercial conosco — afirma.

Em relação às novas tarifas, a estratégia é mostrar a importância do fornecimento brasileiro para a cadeia produtiva americana.

A indústria brasileira do alumínio também pleiteia a substituição da tarifa de 25% por um sistema de cotas que permita volumes anuais isentos de sobretaxa.

Em 2024, os EUA foram destino de 16,8% das exportações brasileiras de produtos de alumínio, totalizando US$ 267 milhões e 72,4 mil toneladas, mas representou menos de 1% das importações americanas. Os principais itens embarcados foram chapas e folhas de alumínio.

EXPORTAÇÕES CRESCERAM

No primeiro trimestre de 2025, as exportações brasileiras para os EUA cresceram 22% em volume em relação ao mesmo período de 2024, totalizando 22,2 mil toneladas. Até março, vigorava uma tarifa de 10% sobre as exportações do setor aos EUA.

Segundo Janaina Donas, presidente executiva da Associação Brasileira do Alumínio (Abal), os EUA não são autossuficientes na produção de alumínio primário, resultado da transformação direta da bauxita. Ela calcula que o país precisaria de cinco a oito anos para estabelecer uma produção com escala suficiente para atender sua demanda.

A principal preocupação do setor é que as novas tarifas americanas gerem desvio de comércio, ou seja, que países redirecionem suas exportações que anteriormente atendiam aos Estados Unidos para mercados alternativos, menos protegidos, como o Brasil, e para isso usem práticas anticompetitivas, como o dumping. Prazeres informa que o MDIC está preocupado com o risco de desvio de comércio e faz um monitoramento "com lupa" de todos os produtos e agirá, caso necessário.

CONSTRUÇÃO CIVIL VÊ SETOR ESTÁVEL

Fabricantes de máquinas avaliam que aumento da tarifa em 10% sobre as importações não muda a competitividade global

SÃO PAULO



SAMUEL CORUM/BLOOMBERG/31-12-2024

Maquinaria pesada. EUA são o principal mercado internacional para máquinas e equipamentos brasileiros

A expectativa dos fabricantes brasileiros de máquinas e equipamentos é manter o volume de exportações para os EUA em 2025, apesar da nova política tarifária americana, que impôs uma sobretaxa de 10% sobre as importações daquele país — o principal mercado internacional para as máquinas e equipamentos brasileiros. Em 2024 o Brasil exportou US$ 13,2 bilhões em máquinas e equipamentos, sendo US$ 3,5 bilhões para os EUA, 26,9% do total.

Quase a metade do exportado para os americanos foi de equipamentos da linha amarela (US$ 1,8 bilhão). São itens como carregadeiras, niveladoras, escavadeiras, compactadores, pavimentadoras de asfalto e caminhões pesados *off road* voltados para a construção civil e a mineração.

— Esse patamar de participação dos EUA nas exportações brasileiras é histórico e se mantém com pequenas variações desde os anos 2000 — diz Cristina Zanella, diretora de competitividade, economia e estatística da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos.

O Brasil, no entanto, responde por pouco mais de 1% das importações americanas do setor. O México é o principal fornecedor, respondendo por 20% das compras internacionais dos EUA em 2023, seguido de China com 14,9%, e Alemanha com 12%.

PATAMAR HISTÓRICO

Segundo Zanella, ainda é cedo para avaliar os possíveis impactos da nova política tarifária adotada pelo governo Donald Trump com a sobretaxa de 10%, que praticamente dobra a tarifação das máquinas exportadas pelo Brasil, que já pagavam uma alíquota média de 10,2% para entrar nos EUA.

— O que é possível dizer é que o México, que não foi sobretaxado, terá uma vantagem competitiva — diz Zanella.

A economista ressalta, porém, que os EUA têm muito *know how* na produção de máquinas e que pode ampliar sua produção local no médio prazo.

— É uma decisão empresarial avaliar se a produção nos EUA será mais competitiva que a importação sobretaxada. Em muitos produtos eles não serão competitivos. O custo de produzir nos EUA é alto — diz.

A unidade brasileira da Volvo CE exporta para os EUA 80% de sua produção de caminhões articulados, veículos pesados exclusivamente *off road*, utilizados para o transporte de materiais em terrenos acidentados, com emprego principalmente na área de construção pesada, obras de infraestrutura, e na indústria de mineração. São caminhões com capacidades que variam de 20 a 60 toneladas. Em 2024, a filial brasileira do grupo sueco vendeu 1.100 unidades no país, gerando uma receita de US$ 300 milhões.

— Nossa expectativa é manter o mesmo nível de exportações em 2025, mesmo com as novas tarifas — diz Luiz Marcelo Daniel, presidente da Volvo CE na América Latina.

O mercado americano consumiu, em 2024, por volta de 4.200 destas máquinas. Segundo Daniel, não existem nos EUA fabricantes verticalizados do equipamento, que poderiam se beneficiar da proteção tarifária. Quem produz localmente depende de peças e componentes importados e também será impactado pelas novas tarifas.

A Volvo conta com uma fábrica na Pensilvânia, onde produz equipamentos como compactadoras e carregadeiras, mas a companhia não tem planos de fabricar caminhões articulados na unidade.

— No Brasil temos toda uma cadeia produtiva montada, muito eficiente e competitiva. Não é fácil reproduzir essa estrutura em outros lugares — afirma Daniel.

Na estratégia global da companhia, apenas Brasil e Suécia produzem caminhões articulados, em plataformas produtivas similares, que oferecem produtos no mesmo estágio de maturidade tecnológica.

A unidade brasileira da CASE Construction Equipment, empresa que pertence ao grupo multinacional CNH, exporta para os EUA tratores de esteira de seis diferentes modelos com capacidades que vão de 6 a 22 toneladas. As máquinas são produzidas em Contagem, na Região Metropolitana de Belo Horizonte, fábrica que é o polo mundial da companhia para a produção destes equipamentos.

— A exportação para os EUA representa uma parcela significativa do faturamento desta linha de produto — diz Henrique Sá, líder da CASE para a América Latina.

VISIBILIDADE DA MARCA

Segundo Sá, as novas tarifas impostas pelo governo Trump, até o momento, não geraram um impacto significativo no desempenho das vendas para aquele mercado e a previsão é de manter o volume de exportações em 2025.

— A companhia não prevê alterações em suas operações de exportações a partir do Brasil para os EUA — afirma.

A unidade brasileira da CASE classifica como estratégica a presença no mercado americano, uma vez que gera visibilidade e fortalece a marca no mercado internacional.

Em Contagem, a companhia também produz retroescavadeiras, escavadeiras hidráulicas, pás carregadeiras e motoniveladoras. *(Domingos Zaparolli)*

EXPORTAÇÃO DE CARNE BOVINA CRESCE

Mesmo com tarifaço, produto subiu de 12º para o 6º lugar em vendas aos EUA, em relação ao mesmo período em 2024


JONNE RORIZ/BLOOMBERG

Em alta. Rebanho de gado em fazenda no Brasil

DENISE MIRÁS
Especial para o Valor

O Brasil ocupa uma posição estratégica no fornecimento de proteína animal para o mundo, sob expectativa de se tornar não apenas o maior exportador de carne bovina, mas também o maior produtor, desbancando os EUA da liderança em 2026. Nem a sobretaxa de 10%, estipulada pelo governo de Donald Trump no início de abril afetou o crescimento das exportações brasileiras de carne magra para o país, destinada basicamente para a fabricação de hambúrgueres. Pelo contrário: nesse mês, foram vendidas 47,8 mil toneladas, com aumento de 13,6% em relação a março, e praticamente quintuplicando o volume exportado em abril do ano passado.

Com isso, os EUA se consolidam como o segundo maior destino das exportações brasileiras de carne bovina, atrás apenas da China, depois de ultrapassar os Emirados Árabes.

Roberto Perosa, o presidente da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (Abiec), observa:

— O tarifaço dos EUA não teve efeito direto sobre o nosso setor, com a guerra comercial podendo mesmo se refletir positivamente para o Brasil. Abril foi muito importante, com um incremento enorme.

SECA PROLONGADA

Os dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex/MDIC), repassados pela Abiec, embasam o otimismo dos exportadores, que em termos globais viram no mês passado um aumento de 15,3% em volume nas vendas e de 27,6% em receita, em relação a abril de 2024. Perosa destaca os EUA como a "surpresa maior": da média de compra entre 7 mil e 8 mil toneladas/mês em 2024, encostou nas 48 mil agora em abril.

Carolina Telles Matos, gerente de Relação Brasil-EUA da Amcham (Câmara de Comércio Americana), afirma que, apenas entre janeiro e abril deste ano, a exportação de carne bovina brasileira ao país aumentou 207,6% em relação ao mesmo período de 2024, totalizando US$ 595,4 milhões (perto de R$ 3,4 bilhões).

— Passou de 12º produto mais exportado pelo Brasil para os EUA, no primeiro quadrimestre de 2024, para sexto colocado neste mesmo período, de 2025 — observa.

A produção americana de carne bovina — no caso, voltada para cortes mais nobres — vem em queda desde 2022 e hoje chegou ao menor plantel de gado disponível dos últimos 80 anos. Além disso, a seca prolongada em estados produtores, como o Kansas, obriga pecuaristas a extrair água até de lençóis freáticos. Nesse contexto, o Departamento de Agricultura dos EUA (USDA) também projeta crescimento na importação da carne magra brasileira, mesmo com a sobretaxa dos 10% sobre os 26,4% já existentes (que incide acima da cota anual de 65 mil toneladas, preenchida em janeiro).

— Para importadores americanos, o preço médio continua muito atrativo — observa Roberto Perosa, da Abiec.

FANTASMA AMERICANO

O impacto maior da guerra comercial acirrada por Trump se deu, em um primeiro momento, sobre a economia do próprio país, e o consumidor final de hambúrguer é quem arca com o repasse do aumento de preço da carne, deparando-se com algo a que não está acostumado a enfrentar: inflação alta.

Thiago Bernardino, coordenador de Pecuária do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/Esalq/USP), diz que os americanos estão pagando em torno de US$ 4,94 o quilo da carne bovina, entre R$ 5 e R$ 6 a mais do que os brasileiros. E o Economic Research Service (ERS), do USDA, já detecta queda no consumo de carne per capita nos EUA, que deve seguir até 2027.

A alta do custo de vida achata a popularidade de Trump — daí a pressa na aprovação do cessar-fogo na guerra tarifária com a China por 90 dias.

— Ele fez uma movimentação para tentar equalizar algumas tarifas, mas percebeu que esticou muito a corda — diz o economista.

Para Bernardino, com a retração do rebanho bovino americano, "o mundo olha para o Brasil", que se mostra cada vez mais eficiente na produção de carne, com apoio tecnológico e científico (no caso, utilizando material genético). E, além do aumento nas vendas para os EUA, há a expectativa pela diversificação de mercados, que já estava no radar dos exportadores da carne bovina brasileira, mas pode se acelerar pelo gatilho do tarifaço de Trump.

Maurício Palma Nogueira, da Athenagro Consultoria, fala de 2024 como "um ano espetacular", com recordes de produção, de exportação (de cortes do dianteiro do boi) e também de disponibilidade interna (de cortes mais nobres). O Brasil segue ainda como maior exportador de frango no mundo, com 60% do mercado, de acordo com os dados de 2024 da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA).

CEDAE 50 anos

GOVERNO DO ESTADO RIO DE JANEIRO
O TRABALHO NÃO PARA. É TODO DIA E É DE TODOS

@cedaerj
Acesse e saiba mais.

VISÃO DE FUTURO
É disso que se trata

ETA Guandu

CEDAE. Uma das empresas que mais investem em infraestrutura no Brasil.
Com 50 anos de história, a CEDAE se transforma a cada dia, reforçando seu papel estratégico no tratamento da água que abastece mais de 13 milhões de pessoas e no desenvolvimento econômico sustentável do Estado do Rio de Janeiro.

Projeto Novo Guandu

4,5 milhões de mudas da Mata Atlântica plantadas
R$ 5 bilhões previstos de investimentos até 2029
ETA Guandu é a maior estação de tratamento contínuo do mundo
Maior laboratório de monitoramento do Estado do Rio
45 sistemas de tratamento de água
Capacidade de tratar 58 mil litros de água por segundo

Uma das maiores e mais ambiciosas obras de saneamento do país, com previsão de investimento de cerca de R$ 1,7 bilhão.

VICTOR MORIYAMA/BLOOMBERG/14-6-2023



País bem posicionado. EUA têm o maior estoque de investimento estrangeiro direto no Brasil, mas China continua sendo nosso maior parceiro comercial; nova política de Trump para a região preocupa investidores

EUA LIDERAM IED NO BRASIL MESMO COM TRUMP

Intempéries do novo governo dos EUA não abalam sólida relação diplomática entre os países, dizem analistas

RICARDO IVANOV
Especial para o Valor
SÃO PAULO

Investir ou não investir no Brasil, eis a questão para os americanos. Os números de IED, em que os EUA têm o maior estoque de investimento estrangeiro direto no Brasil, jogam a favor; já a política da área para a América Latina do governo de Donald Trump, nem tanto.

— Atualmente, os EUA respondem por cerca de um terço do estoque de investimentos estrangeiros no Brasil e são o maior investidor externo, superando US$ 300 bilhões [R$1,7 trilhão] no ano de 2024 — diz Fabrizio Panzini, diretor de Políticas Públicas e Relações Governamentais da Amcham Brasil, entidade multissetorial do país e a maior Câmara Americana de Comércio fora dos EUA.

Apesar desse estoque, a China continua sendo nosso maior parceiro comercial.

CONFIABILIDADE

A voz dissonante veio num jantar em Nova York do Grupo Esfera, *think tank* e polo empreendedor brasileiro, no começo de maio, em que o enviado especial para América Latina do governo americano, Mauricio Claver-Carone, ao falar dos problemas do Brasil para atrair investimentos dos EUA, mostrou obstáculos.

— O país tem um enorme potencial, mas precisa enfrentar seus três Cs: câmbio, corrupção e crime. Não é uma crítica vazia, é um chamado para o país destravar seu potencial — disse o advogado, que também foi diretor dos EUA no Fundo Monetário Internacional (FMI) e presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

EVOLUÇÃO DO IED POR PAÍS NO BRASIL

Posição dos países por controlador final (em US$ bilhões)

2021		2022		2023	
Estados Unidos	191,6	Estados Unidos	228,8	Estados Unidos	357,8
Espanha	47,9	Espanha	48,1	Espanha	66,8
França	37,9	Reino Unido	44,5	França	66,3
Reino Unido	36,1	França	44,2	Países Baixos	63,2
China	29,9	China	36,7	Reino Unido	52,8
Bélgica	25,3	Países Baixos	31,1	China	44,9
Japão	21,5	Alemanha	29,3	Japão	35,3

Fonte: Banco Central do Brasil — EDITORIA DE ARTE

Para Antonio Corrêa de Lacerda, economista e professor do Programa de Pós-graduação em Economia Política da PUC-SP, "a fala reflete desconhecimento da realidade brasileira e uma visão preconceituosa". Segundo ele, a política cambial brasileira, de câmbio flutuante, está *up to date* com as melhores práticas internacionais e é atualmente competitiva para quem deseja instalar ou produzir no país.

— O Brasil está entre os dez maiores mercados mundiais, por PIB, população, e tem tradição na absorção de IED. Temos nos posicionado há pelo menos duas décadas dentre os dez maiores absorvedores dessa modalidade, que é considerada a mais "nobre" — afirma.

O país é o segundo com maior IED em 2024, só atrás dos EUA, e atraiu investimento estrangeiro direto global de US$ 70 bilhões (R$ 396,4 bilhões), segundo o Banco Central.

A questão do crime e da corrupção, Lacerda considera que relatórios como o da Transparência Internacional, que ranqueiam os países considerados mais corruptos, se baseiam em dados de um Brasil que é democrático, transparente, com uma imprensa livre e que acaba noticiando mais o assunto, criando a impressão de que aqui o problema é maior do que em outros países com controle de mídia.

— Mas isso não tem impedido que as maiores empresas do mundo continuem investindo aqui — diz o economista, que acrescenta que nas últimas décadas poucas empresas americanas saíram do país. O Brasil ocupa o 36º lugar no ranking da Transparência.

Em confiabilidade, o Brasil está à frente de países como China, Índia e México, em 21º lugar, segundo pesquisa 2025 da Kearney.

DIVERSIFICAÇÃO

O relatório de 2023 do Bureau of Economic Analysis (BEA), agência do Departamento de Comércio dos EUA, mostrou que em 2022 o Brasil estava em 16º lugar no ranking de investimentos americanos no mundo. A chegada do dinheiro de IED de lá por aqui tem um contorno de prazo mais longo de maturação, olhando a demanda de anos adiante, principalmente em setores como energia e infraestrutura, segundo especialistas.

Parte considerável desse investimento, que é diversificado, tem como destino o setor financeiro e de seguros (quase 20%, segundo a Amcham), seguido da área de manufaturas, principalmente químico, alimentos e bebidas, máquinas e automotivo. Uma característica é a qualidade do IED vindo dos EUA, focado na indústria e serviços de alta complexidade, desde a citada automobilística e de eletroeletrônicos, passando por vários segmentos de bens de consumo durável e de capitais. Na última década, segundo o Banco Central brasileiro, os Estados Unidos foram o segundo maior país destino de lucros e dividendos, com US$ 54,2 bilhões (R$ 305,99 bilhões), atrás somente dos Países Baixos, com US$ 56,4 bilhões (R$ 318,4 bilhões).

O perfil do investidor norte-americano nos últimos anos, via análise da Amcham, teve uma leve alteração, sendo o setor de tecnologia, especificamente data centers, responsável por cerca de um quarto do valor na última década, seguido por fabricação de veículos, armazenagem e transporte, máquinas e equipamentos e setor elétrico. Existem perspectivas positivas em áreas como minerais críticos e energias renováveis. No cômputo geral, o fluxo de IED global diminuiu 8% em 2024, segundo dados da Agência da ONU para o Comércio e o Desenvolvimento (Unctad) — já o volume de IED para o Brasil sofreu uma queda de 5%, portanto menor que a média global, totalizando US$ 61 bilhões, baseada em 11 meses.

'ESPERAR PARA VER'

Economistas consultados pelo VALOR sugerem separar a caótica política de Trump das sólidas relações diplomáticas e comerciais entre Brasil e EUA, que em 2024 comemoraram 200 anos.

— Estive em abril em Washington nas reuniões do FMI e eventos paralelos e havia uma grande divisão entre os investidores americanos: os que achavam que a guerra tarifária teria grandes consequências e os com uma visão um pouco mais benigna — afirma Marcelo Toledo, economista-chefe da Bradesco Asset. — O que me surpreendeu foi uma postura de esperar para ver, pausar, mais do que já terem decisões formadas.

Toledo aponta que pelo lado dos investidores financeiros americanos, os problemas seriam dois: o Brasil não ter grau de investimento e o seu crescimento baixo:

— Temos projeções para 2025 de 2%, enquanto a Índia, mesmo com uma lista gigantesca de problemas de toda sorte, vai crescer entre 6,5% a 7% — conclui.

TURBULÊNCIA GERA OPORTUNIDADE

Crescente política isolacionista de Trump nos EUA pode favorecer investimentos estrangeiros no Brasil

NATÁLIA ALKALAI
Especial para o Valor
NOVA YORK

Apesar da turbulência causada pelo tarifaço do presidente Donald Trump, a perspectiva dos grandes investidores internacionais em relação ao Brasil não foi especialmente abalada. Pelo contrário, a possibilidade de ganho com a crescente política isolacionista dos Estados Unidos pode ser o empurrão que faltava para quem ainda precisava incluir o país no seu portfólio. Esta é a opinião de Mark Gross, ex-CEO do Banco American Express em São Paulo e ex-country manager do Standard Chartered Bank no Brasil e atualmente diretor-executivo da boutique de investimentos Bentley Associates, em Nova York, onde atende grandes investidores institucionais como fundos de pensão e companhias de seguro.

— Não é possível ser um investidor global e não estar no Brasil — observou Gross, acrescentando que o país sempre foi um componente chave do portfólio de seus clientes, que apreciam os retornos das commodities brasileiras, como soja, proteína animal, milho, óleo e gás.

Para o tipo de cliente de Gross, o pulo do gato está no fato de os EUA e o Brasil serem concorrentes no mercado de commodities e na oportunidade criada para os brasileiros com o atual estica e puxa tarifário entre americanos e chineses. Um exemplo é a soja.

FATOR CHINA

Só no ano passado, enquanto Joe Biden ainda era presidente dos EUA, 73% dos 98,8 milhões de toneladas de soja produzida em terras brasileiras foram para a China, num valor total de US$ 31,5 bilhões (R$ 195,7 bilhões).

No atual cenário em que os chineses vão procurar alternativas para evitar negociar com os EUA, o Brasil está bem-posicionado para lucrar com a sobra.

— Em termos de qualidade, os produtos do Brasil e dos EUA são de alta qualidade virtualmente iguais. Então, em uma situação de reciprocidade de tarifas, e a China está impondo uma tarifa de 30% sobre a soja americana, a soja brasileira fica subitamente 30% mais barata — explicou.

Jorge Amato, chefe de Estratégia de Investimentos América Latina do Citibank compartilhou opinião parecida durante o "Summit Valor Econômico Brazil-USA", na semana passada. Para o executivo, não só para o Brasil como para todos os países da América Latina, o impacto das tarifas será um pouco menor do que no resto do mundo, dada a configuração de tipos de economia, produtos e serviço que a região produz. O desafio estará em "como navegar esta nova economia bifurcada entre EUA e China", na qual os latinos têm que convencer os americanos de sua preferência ou ao menos neutralidade política.

APETITE AMERICANO POR CAFÉ EM ALTA

Maior consumidor da bebida no mundo e principal destino das exportações brasileiras, os EUA continuam sendo um mercado promissor para o setor produtivo; entre janeiro e abril, o país comprou 2,3 milhões de sacas verdes nacionais

LILIAN CARAMEL
Especial para o Valor
SÃO PAULO

Maior consumidor de café do mundo e principal destino do café brasileiro, os Estados Unidos continuam sendo um mercado promissor para o setor produtivo. Entre janeiro e abril, o país comprou 2,3 milhões de sacas de café verde nacional, mantendo a liderança histórica nas importações. A Alemanha adquiriu 1,7 milhão e ficou em segundo lugar na lista. Entre os americanos, o hábito de consumir cafés diferenciados — aqueles de qualidade melhor ou com selos de sustentabilidade — vem crescendo. Neste ano, 634 mil sacas desse tipo de café foram enviadas para o país, o equivalente a 19% das exportações do produto especial.

— O café atingiu o patamar recorde de 76% de penetração nos lares americanos. Há muito mercado a ser atendido, mesmo com os desafios da geopolítica. Enquanto isso, por aqui, a produção se beneficia de uma cadeia organizada que une sustentabilidade, diversidade de regiões produtivas, alta qualidade e credibilidade, porque nos preparamos muito bem para atender às exigências do mercado externo. A governança da cadeia é tamanha que somos recordistas no mundo em repasse do preço FOB (Free on Board) ao produtor. Repassamos por volta de 91% — defende Marcos Matos, presidente do Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (Cecafé).



BING GUAN/BLOOMBERG/10-2-2024

Queridinho. Dados da Associação Nacional de Café dos Estados Unidos revelam que o americano consome mais café do que água engarrafada, em média, três xícaras por dia

CONSUMO RESILIENTE

Dados da Associação Nacional de Café (NCA) dos EUA, que representa gigantes como Coca-Cola, Nestlé e Starbucks, revelam que o americano consome mais café do que água engarrafada — em média, três xícaras por dia. Um levantamento recente patrocinado pela entidade mostrou que quase metade dos americanos adultos (46%) consumiu algum tipo de café especial no começo do ano. Em 2020, a mesma taxa foi de 39%. Ainda de acordo com a entidade, a preferência por bebidas geladas à base do grão, café com aditivos, como adoçantes e especiarias, e nitro coffee cresceu 42% nos últimos cinco anos. Os estados do sul lideram o consumo.

A Associação Brasileira da Indústria de Café (Abic), que representa o setor de torrefação e moagem, confirma o aumento na preferência dos americanos pelas bebidas geladas e pelo *cold brew* (método de extração com água fria).

— Os americanos têm uma relação sentimental com a bebida de rotina, ainda que eles não plantem nenhum pé. O consumo de todos os tipos do produto nas cidades, do extraforte passando ao especial, é impressionante — comenta Pavel Cardoso, presidente da entidade que certifica a qualidade do café brasileiro.

Atualmente, a Abic está empenhada em melhorar o marketing do produto acabado, o grão brasileiro torrado e moído, no exterior.

— Exportamos apenas 4 mil sacas de café industrializado este ano, ou seja, 0,1% do total. Por que será que o país que produz 40% do volume de café verde consumido no mundo fica com apenas 2,7% do faturamento global com a commodity? A resposta é simples: precisamos agregar valor.

Sobre possíveis repercussões do tarifaço nas compras dos americanos, o empresário acredita que o consumo no país seguirá resiliente.

— Temos que acompanhar a reação do consumidor, mas ele deve seguir forte, justamente por conta da paixão dos americanos pela bebida — diz.

Desde o mês passado, o café nacional está sendo taxado em 10% — alíquota definida pelo governo americano para itens brasileiros. Colômbia, Costa Rica e Etiópia, também exportadores, ficaram com a mesma porcentagem padrão. Já o Vietnã sofreu a pior taxação, com alíquota de 46%. A NCA pleiteia junto a Washington a isenção da cobrança de qualquer tarifa sobre café importado.

SOFISTICAÇÃO

Além das bebidas geladas, os americanos também estão bebendo cafés sofisticados cada vez mais, dizem líderes do setor. Para a Associação Brasileira de Cafés Especiais (BSCA), os EUA vêm se destacando na compra de cafés de *terroir*, tendência puxada pelos jovens.

— O país foi um dos primeiros a enxergar a nossa diversidade de territórios que entregam sensoriais, como aromas e sabores, muito plurais. Os jovens estão buscando experiências diferentes com o café — conta Carmem Lucia Chaves de Brito, presidente da BSCA.

A entidade, que apresenta *blends* exclusivos das microrregiões brasileiras em feiras no exterior, calcula que a exportação dos especiais deve aumentar 25% este ano. Segundo Brito, "a demanda sobe mesmo com a pressão dos preços historicamente elevados".

— O custo mais alto não refletiu em consumo menor até agora. Estamos otimistas.

Em 2024, o país exportou 9,1 milhões de sacas do grão diferenciado, categoria que inclui os especiais. Assim como no caso do café verde tradicional, os EUA foram o principal destino do produto superior.



PROFISSIONAIS QUALIFICADOS TÊM ESPAÇO

Apesar de políticas restritivas do novo governo, EUA seguem sendo polo de oportunidades para talentos

DANIELA ROCHA
Especial para o Valor
SÃO PAULO

Os Estados Unidos seguem como polo de oportunidades para profissionais qualificados e especializados do Brasil e do mundo, principalmente nas áreas de tecnologia, inteligência artificial, saúde e finanças, apesar de políticas restritivas do governo do presidente Donald Trump.

Segundo Mauricio Benvenutti, sócio e head de Internacional da StartSe, plataforma de conhecimento que conecta executivos e empreendedores aos centros de inovação como o Vale do Silício, a tendência deve continuar devido ao envelhecimento da população, que gera lacunas no mercado de trabalho. Um levantamento recente da McKinsey & Company revela que a parcela de pessoas com idade ativa nos EUA atingiu seu auge em 2007 e vem caindo. Já um estudo da Texas A&M University, com dados do censo, projeta recuo na população de 18 anos, com quedas de 7,4% entre 2026 e 2030, e de 9% entre 2033 e 2039, o que afetará matrículas no ensino superior.

— Apesar da postura dura do governo Trump em relação aos imigrantes, há uma realidade matemática: o número de vagas abertas supera a capacidade do mercado interno de preenchê-las — avalia Benvenutti, destacando, por exemplo, que o governo americano oferece políticas, incentivos e vistos especiais para atrair talentos nas áreas STEM (Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática, na sigla em inglês), permitindo que empresas patrocinem a ida de profissionais aos EUA.

Os brasileiros que se sobressaem precisam comprovar suas qualificações e habilidades para conquistar espaço. É o caso de Robson Capasso, médico, professor de Otorrinolaringologia e Cirurgia na Universidade Stanford, e consultor docente do Centro Stanford de Pesquisa Clínica. Ele vive desde 1999 nos EUA, com uma trajetória iniciada ainda muito jovem na Universidade de Miami, de onde seguiu para a região do Vale do Silício em 2007, onde atua até hoje.

EMPREENDEDORISMO

É preciso se planejar para seguir carreira semelhante.

— É importante analisar o momento de vida e o nível das despesas, pois para atuar aqui, é obrigatório refazer a residência e, muitas vezes a *fellowship*, que é uma especialização, o que leva de seis a sete anos, para depois se posicionar bem — explica Capasso.

Em Standford, ele divide o tempo entre atividades clínicas e atendimento aos pacientes, ensino e área de pesquisa e inovação. O médico foi o líder de uma equipe de estudo que desenvolveu o recurso Apneia do Sono do Galaxy Watch2 da Samsung, que detecta sinais do distúrbio, sendo o primeiro do gênero a receber aprovação da FDA, a agência de vigilância sanitária dos EUA.

Apaixonada por ciência desde jovem, Carolina Reis Oliveira tem uma iniciativa de sucesso em Biotecnologia nos EUA. Ela é cofundadora e CEO da One Skin, com foco em produtos para combater o envelhecimento da pele baseados no desenvolvimento de um peptídeo inovador. Formada pela Universidade Federal de Viçosa, com mestrado e doutorado pela UFMG, ela começou a empreender no Brasil em 2014, com a reprodução de tecidos humanos a partir de células-tronco para substituir a experimentação animal.

— Não encontrei condições para alavancar o negócio no Brasil, então, em 2016, decidi me inscrever para uma aceleradora sediada em São Francisco — afirma a empresária, que no Vale do Silício, teve acesso a mentorias e pôde fazer conexões com potenciais clientes, parceiros e fontes de capital de risco. — Eu não tinha experiência em empreendedorismo, tive que construir minha credibilidade, fazer networking, pois eu não conhecia ninguém aqui. Precisei me destacar entre outros players de alto nível, inclusive o pessoal de Stanford, Berkeley, MIT e Harvard.

Na infância, Alex Dantas já sabia que queria trabalhar com robótica. Assim, ainda jovem, estudou mecânica industrial ao mesmo tempo em que se dedicava ao balé clássico. Em 2001, teve a oportunidade de ir aos EUA para fazer um curso de dança.

— Quando vi que teria dificuldade para ganhar dinheiro com balé, decidi mudar para o Vale do Silício — comenta.

Após erros e acertos ao empreender no segmento de software, Dantas decidiu montar em 2017 o Circuit Launch, centro de manufatura e inovação em robótica e mecatrônica, um espaço compartilhado onde empresas podem desenvolver seus protótipos. A primeira unidade, que fica em Oakland, tem 85 empresas residentes, que levantaram quase US$ 300 milhões para seus projetos nos últimos 36 meses. Um segundo centro foi inaugurado há poucos meses. Para ele, persistência é a chave para chegar a um modelo de sucesso.

— A maioria das pessoas que veio para cá passou por anos ajustando projetos e se adaptando ao mercado — diz.

REDE DE CONTATOS

Também há possibilidades no mercado financeiro, pois empresas brasileiras têm expandido suas operações nos EUA e companhias americanas e estrangeiras demandam especialistas. Paulo Gitz, que atua há 10 anos em Miami na área de gestão estratégica de investimentos globais, avalia que o maior desafio dos brasileiros é "furar a bolha", pois empresas e universidades brasileiras nem sempre se destacam aos olhos dos recrutadores americanos, sendo necessária uma estratégia adicional de validação profissional.

Por isso, vale apostar em cursos em universidades ou instituições americanas e certificações reconhecidas internacionalmente. Segundo ele, outro ponto é a rede de contatos, "que pesa ao longo da carreira".

REPRODUÇÃO



Encontros. Brasileiros se reúnem em Nova York, para celebrar o Brazilian Day

Destaque. O médico brasileiro Robson Capasso é professor em Stanford

ARQUIVO PESSOAL

BRASILEIROS RELATAM MEDO CONSTANTE

Políticas do presidente Trump de cortes na educação e perseguição aos imigrantes vêm atingindo diretamente estudantes

LUCAS BOHAN
Especial para o Valor

As políticas do presidente Donald Trump de cortes na educação e perseguição aos imigrantes estão atingindo diretamente estudantes brasileiros. Os que estão nos EUA relatam medo constante de serem deportados e, os que têm planos de estudar lá, já pensam duas vezes antes de ir ou tiveram programas cancelados.

Mais de 41 mil estudantes brasileiros estavam no país em 2024, segundo dados do governo americano. O número é similar aos níveis de antes da pandemia de Covid-19. Estudantes brasileiros relatam a incerteza e pedem anonimato, com medo de represálias.

Uma estudante maranhense de 31 anos, que vive desde 2022 em Connecticut e terminou recentemente um mestrado, conta que participou de protestos pró-Palestina realizados pelos colegas de universidade e ficou "chocada" quando a própria instituição chamou a polícia para deter os estudantes às 5h da manhã. Ela destaca a branquitude do estado americano onde vive e diz que convive com uma "bolha" de estrangeiros.

Segundo a estudante, representantes da universidade passaram a reunir os estudantes internacionais semanalmente para dar orientações e deixavam claro que não tinham como prever o que aconteceria e que não poderiam usar recursos da instituição para ajudá-los. Ela diz que chegou a receber sugestão de excluir suas contas nas redes sociais para evitar problemas, já que aparecia em vídeos na linha de frente dos protestos estudantis.

Passado o período mais tenso, a brasileira conta que ainda não está totalmente tranquila — tanto que não quis que o seu nome fosse divulgado —, apesar de ter decidido ficar nos EUA para fazer o doutorado.

PROJETOS EM ESPERA

O antropólogo David Nemer conhece bem esse sentimento. Ele já sofreu ameaças em razão de suas pesquisas sobre extrema direita e fake news. Professor nos EUA há 10 anos, Nemer atualmente dá aulas na Virgínia e conta que está no Brasil porque optou por um período sabático.

— Embora não tenha absolutamente nada na minha ficha criminal, fiquei com muito receio porque, por causa da minha pesquisa, poderia ser um alvo — conta o antropólogo, acrescentando que contratou uma advogada especialista em imigração para ficar caso algo aconteça.

Nemer diz que vem observando uma queda na procura por vagas no departamento no qual trabalha por parte de estudantes brasileiros:

— Na época do [ex-presidente Joe] Biden, eu tinha até 23 pedidos de estudantes brasileiros para irem estudar comigo todos os anos. Desde que Trump assumiu, tive dois.

Fundadora de um projeto educacional que oferece cursos de inglês para mulheres em São Luís, no Maranhão, a professora Dayane Brito, 33, foi selecionada para um programa que começava on-line e deveria terminar com um período de estágio na Califórnia. Após a eleição de Trump, um módulo focado em diversidade e inclusão foi retirado do programa. Duas semanas antes de viajar a São Paulo para tirar o visto, e já com as passagens para os EUA em mãos, a viagem foi cancelada pelo Departamento de Estado, financiador da iniciativa.

Outros dois brasileiros, pesquisadores reconhecidos de Pernambuco e da Bahia, relataram, anonimamente, situações similares. Um deles teve o projeto cancelado pelo congelamento de recursos, enquanto o outro adiou o plano de passar um período nos EUA devido ao contexto político.

Brasileiros que querem estudar inglês fora do país começaram a buscar alternativas, influenciados pelo momento atual e pela alta do dólar.

— A gente vem notando, nesse primeiro trimestre de 2025, uma queda nas vendas de cursos de inglês nos EUA, na faixa de 25% — conta Carol Krobath, diretora de produtos da CI Intercâmbio, acrescentando que destinos como Canadá e Malta passaram a ser os favoritos.

ESPERANÇA DE VOLTAR

Ana Paula Castro, gerente de operações e alianças da organização AFS, que envia e recebe estudantes entre 70 países há 100 anos, afirma que o processo para obtenção dos vistos está mais rigoroso. Também está mais difícil encontrar famílias para receberem os estudantes brasileiros nos EUA.

— Esse discurso do ódio ao imigrante realmente não ajuda. E nós somos muito claros quanto às limitações que temos para ajudar. Não posso garantir o que eles vão ouvir na rua ou o comportamento de outros estudantes com eles.

Apesar da frustração com o cancelamento das viagens e do medo de serem deportados, os estudantes dizem que não vão desistir dos planos nos EUA. A professora maranhense Dayane Brito justifica dizendo que o governo Trump vai passar, mas o projeto que lidera desde 2018 vai continuar.

— As prioridades dos governos mudam, mas vou sempre tentar — argumenta.

ARQUIVO PESSOAL



Viagem adiada. Dayane Brito teve programa cancelado pelo governo dos EUA

SP AVANÇA EM PLANO DE PARCERIAS

Programa lançado em 2023 chegou a R$ 354 bilhões em investimentos contratados; governo vê interesse externo em projetos de transição energética e centros de processamento de dados, mas pede que Congresso discuta novos ajustes estruturais

DOMINGOS ZAPAROLLI
Especial para o Valor
SÃO PAULO

O Programa de Parceria de Investimentos do governo do estado de São Paulo (PPI-SP) alcançou, em abril, a marca de R$ 354 bilhões em investimentos contratados, informou o governador Tarcísio de Freitas, durante o "Summit Valor Brazil-USA", em Nova York, na semana passada.

— É um programa vivo e temos novos projetos a serem contratados que irão atrair mais investimentos ao Estado — afirmou o governador.

Lançado em 2023, o PPI-SP tinha como meta inicial promover investimentos privados de R$ 220 bilhões até 2026. Entre as principais contratações já realizadas está o investimento de R$ 14,2 bilhões para viabilizar o Trem Intercidades (TIC) que ligará São Paulo e Campinas, e a privatização da Sabesp, que promoverá R$ 260 bilhões em investimentos — sendo R$ 69 bilhões até 2029 para universalizar o saneamento no Estado.


VANESSA CARVALHO/VALOR/14-5-2025

Aliança com o setor privado. Governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, durante palestra no "Summit Valor Brazil-USA", em Nova York



"Hoje somos capazes de mitigar riscos percebidos pelos investidores"

Tarcísio de Freitas, governador de São Paulo

PLANOS URBANOS

Entre os novos projetos do PPI está o TIC São Paulo-Sorocaba, estimado em R$ 12 bilhões, que deve ser leiloado até o final do ano, segundo o governador, e o Túnel Santos-Guarujá, um investimento de R$ 5,78 bilhões, com leilão previsto para agosto.

Ao todo, o programa lista em sua página 31 projetos qualificados entre obras de transportes intermunicipais, mobilidade urbana, construção de moradias populares e programas sociais, como a adequação e manutenção de escolas públicas e a gestão de parques urbanos.

— O Brasil evoluiu muito na estruturação de projetos. Hoje somos capazes de mitigar riscos percebidos pelos investidores — disse Freitas. — É impossível ter uma infraestrutura adequada sem a mobilização do setor privado.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

O governador destaca um grande interesse do investidor estrangeiro em projetos de transição energética e avalia que São Paulo, com sua capacidade de processar biocombustível, tem potencial de atrair propostas de biometano, hidrogênio verde, etanol e combustível sustentável de aviação, conhecido como SAF.

A disponibilidade de energia limpa e relativamente barata, água e mão de obra qualificada, avalia o governador, já atraem investimentos em data centers e permitem ao estado "dar o salto seguinte, ou seja, se apropriar de tecnologias e avançar em inteligência artificial".

Durante o encontro em Nova York, o governador citou ainda as parcerias público-privadas (PPPs) para a gestão de escolas públicas.

— Uma coisa que tem me chamado a atenção e renova o otimismo é o interesse do investidor estrangeiro nas nossas vocações — concluiu.

Tarcísio de Freitas disse ainda perceber um entusiasmo com o Brasil no exterior e, ressaltou que o país está diante de uma janela de oportunidades para atrair investimentos.

— O Brasil pode dar um salto, basta mexer três ou quatro alavancas. Nós podemos fornecer aquilo que o mundo precisa.

PAUTAS NO CONGRESSO

Os ajustes estruturais defendidos pelo governador para o país, segundo ele, "são consensos que podem mobilizar rapidamente o Congresso".

— Eu me refiro à questão da desvinculação de receita, à reforma administrativa, à redução de custos do governo, à revisão de determinados benefícios que hoje não fazem sentido, e a liberação de espaço para fazer investimento e a mobilização de capital privado — concluiu o governador.

APRESENTADO POR



Goiás reforça imagem de ambiente seguro para negócios a investidor estrangeiro

Em participação no Summit Valor Econômico Brazil-USA, governador Ronaldo Caiado destaca números positivos das áreas de segurança pública, educação e economia do estado

De olho no investidor internacional, o governador de Goiás, Ronaldo Caiado, reforçou a mensagem do estado como ambiente propício para os negócios em sua participação no Summit Valor Econômico Brazil-USA, realizado em Nova York.

A avaliação se baseia em dados mensuráveis que mostram que medidas de responsabilidade fiscal, foco na educação básica e reforço na segurança pública se reverteram em maior confiança do empresariado nos últimos anos. Com esse ambiente favorável, Goiás conseguiu avançar também em inovação tecnológica: foi o primeiro estado a aprovar um marco legal para estimular pesquisa e desenvolvimento em inteligência artificial, o que já atraiu a atenção de big techs.

SEGURANÇA

Um dos pontos de inflexão no desenvolvimento econômico do estado foi a queda histórica nos índices criminais. Entre 2018 e 2024, as taxas de latrocínios, roubos de veículos e crimes contra instituições financeiras registraram reduções entre 84% e 100%. Já as resoluções de homicídios chegaram a 86%, o dobro da média nacional.

A guerra ao crime organizado também recebeu reforços; em 2024, a polícia goiana desarticulou 95 quadrilhas e realizou mais de 7,4 mil prisões. Essas ações renderam ao estado a percepção de mais seguro do Brasil, segundo pesquisa AtlasIntel divulgada em agosto de 2024.

— Goiás hoje é o estado conhecido como segurança número um. Por aqui, não tem um palmo de chão comandado pelo crime organizado — disse o governador.

EDUCAÇÃO

A base da estabilidade foi criada também a partir de uma outra iniciativa: o investimento na educação pública de Goiás. Foram cerca de R$ 7,8 bilhões desde 2019 destinados à reforma e ampliação de todas as mil escolas da rede estadual; distribuição de notebooks aos alunos do ensino fundamental e médio; expansão da rede de colégios militares e de ensino integral; programas de apoio pedagógico para a rede municipal; e complementação escolar no ensino fundamental.



Em março, Goiás liderou a geração de empregos no Centro-Oeste e recebeu anúncios de R$ 26 bi em investimentos

Essa abordagem tem mostrado resultados visíveis, como a nota mais alta (4,8) entre os estados brasileiros no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) em 2023 para a rede estadual goiana de ensino médio.

Além disso, a Secretaria de Educação também promove iniciativas de capacitação profissional para preparar os jovens para as futuras oportunidades de trabalho vindas dos investimentos externos. São projetos como vídeos de orientação vocacional, ampliação da oferta de vagas para ensino técnico concomitante com o ensino médio e uma plataforma de aulas de inglês via celular.

MAIOR LIQUIDEZ DO PAÍS

Com notas altas na segurança pública e na educação, faltava, ainda, garantir responsabilidade fiscal e estabilidade econômica.

— Goiás é o estado que neste momento pode mostrar que, com gestão séria, é possível fazer um fundo de equilíbrio fiscal. Eu não tenho os benefícios dos royalties como os estados litorâneos, mas nós criamos o fundo de estabilidade fiscal equivalente a 1,5% do nosso PIB e temos a maior liquidez do país — afirmou Caiado.

O Fundo de Estabilização Econômica (FEG), anunciado em março, será uma reserva financeira iniciada com R$ 5,5 bilhões que poderá ser usada em casos de crise econômica ou desastres naturais para garantir a continuidade de serviços essenciais.

A economia do estado também tem indicadores importantes. Goiás foi líder na geração de empregos no Centro-Oeste em março, mesmo mês em que grandes grupos nacionais e estrangeiros anunciaram mais de R$ 26 bilhões em novos investimentos.

A agroindústria, um dos setores mais tradicionais do estado, liderou o crescimento de 5,9% do PIB em fevereiro, com uma fatia de 15%. No mês seguinte, foi anunciado um superávit comercial de US$ 1,3 bilhão, com 60% das exportações destinadas à China.

Em sua fala, Caiado lembrou, ainda, que Goiás aprovou em maio uma lei pioneira: a Política Estadual de Fomento à Inovação em Inteligência Artificial (IA), que estabelece um ambiente regulatório propício para o desenvolvimento e aplicação de ferramentas de IA e também para a instalação de data centers.

CONTEÚDO PATROCINADO PRODUZIDO POR G.lab

ENTREVISTA

Oliver Stuenkel / PROFESSOR DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Para professor da Fundação Getúlio Vargas, tarifaço reflete mudança estrutural na sociedade; era da liberalização comercial já vinha apresentando fissuras e globalização foi contestada nas últimas eleições

‘TRUMP ESTÁ SENDO COERENTE COM GUERRA COMERCIAL’

MARCOS STRECKER
Especial para o Valor
SÃO PAULO

A guerra comercial não é apenas uma política de Donald Trump, mas reflete uma mudança estrutural na sociedade americana, defende Oliver Stuenkel, professor de Relações Internacionais da Fundação Getúlio Vargas (FGV) em São Paulo. Para ele, a era da liberalização comercial já vinha apresentando fissuras e a globalização foi contestada nas últimas eleições.

— Trump está sendo coerente, ele defende as tarifas há décadas — diz o especialista, para quem a disputa com a China continuará a definir políticas comerciais americanas daqui para a frente, mesmo se o novo presidente for um democrata.

A consequência disso é que o Brasil tenderá a procurar novos parceiros e alianças, assim como outros países. Stuenkel, que é pesquisador sênior no Carnegie Endowment for International Peace, em Washington (EUA), e pesquisador visitante em Harvard, diz que o Brasil está agindo corretamente ao "voar abaixo do radar".

— O governo brasileiro vem fazendo um bom trabalho no sentido de não polemizar, não confrontar e aguardar para ver o que acontece — diz, acrescentando que se o acordo do Mercosul-União Europeia não acontecer agora, "não vai mais se efetivar".

Donald Trump deve insistir na guerra comercial, mesmo com os sinais negativos na economia?

A guerra comercial é um elemento-chave da transformação da economia americana que ele gostaria de deixar como grande legado. Então, ele está pessoalmente investido nisso. Não utiliza as tarifas apenas como ferramenta de negociação.

Trump recuou mais de uma vez. A política interna pode levar a novas mudanças?

Um aspecto fundamental é que ele demonstrou ser suscetível a vozes do mercado no caso da desvalorização dos títulos do Tesouro. Também deve sofrer pressão dos deputados do Partido Republicano, que enfrentarão os eleitores das eleições de meio de mandato, no próximo ano. Eles até agora ficaram com medo de enfrentar o presidente, mas se houver sinais claros de recessão e de inflação elevada, que é uma combinação terrível, podem se rebelar. A partir daí pode ser que o próprio Congresso busque reduzir o poder do presidente de conduzir a política tarifária.

Essa política tarifária já estava nos planos dele?

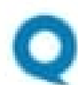
É importante destacar que ele falou das tarifas na campanha. Ele fala sobre essa questão há décadas, literalmente. Nesse sentido, é totalmente coerente. Ele pode dizer, com razão, que foi eleito e tem mandato popular para implementar essa política. Claro, os republicanos podem alegar depois aos eleitores que não sabiam que seria assim.

O que está acontecendo nos EUA pode levar o Brasil a se aproximar mais da China e do Sul Global?

No nível diplomático, pegando o caso do Brasil, o presidente Lula não fez uma viagem para Washington, mas fez ao Vietnã, Japão, Rússia e depois China. Ou seja, isso é evidente. Hoje, entre militares brasileiros, é comum ouvir falarem sobre a vulnerabilidade estratégica do Brasil, de uma dependência tanto de inteligência quanto de equipamentos militares americanos. Outro dia, conversei com um militar brasileiro, que me disse: "Olha, a gente precisa confiar nessa relação com os EUA, senão um equipamento militar muito sofisticado, que não recebe mais atualização de software cada 15 dias de Washington, vira um pedaço de metal". O Brasil mantém relações produtivas com todos os polos de poder, mas há limites no aspecto comercial, por exemplo. O Brasil já é fortemente dependente da China.

Outros países podem se afastar dos EUA?

Nenhum aliado busca se afastar dos EUA, mas dizem: quanto mais parceiros, melhor. Isso ocorre no âmbito diplomático, comercial, de investimentos, tecnológico e militar. Aumenta a chance de vermos uma maior aproximação com a Índia, Indonésia e Europa. Mas, ao mesmo tempo, também não existem assim tantos candidatos que se ofereçam como grandes parceiros. Esse movimento existe no mundo inteiro. É uma péssima notícia para a diplomacia americana e para as empresas de defesa dos EUA, um setor que está muito preocupado. Veja, os EUA estão ameaçando a integridade territorial de um país latino-americano [Panamá]. Muitas nações estão fazendo de tudo para ampliar o número de parcerias, ter a maior resiliência geopolítica possível.



"Fechar as portas me parece uma receita para um país menos dinâmico"

"O governo brasileiro vem fazendo um bom trabalho no sentido de não polemizar e aguardar para ver o que acontece"

O Brics pode se fortalecer?

Pode se fortalecer, mas há limites claros. Na reunião do final de abril, no Rio de Janeiro, os chanceleres do grupo não conseguiram chegar a uma declaração final, porque o a Etiópia e o Egito não queriam aceitar a frase de que o Brasil, a África do Sul e a Índia têm a ambição de se tornarem membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU. Ou seja, eles não concordam sobre qual seria o país africano com assento permanente. Não se pode romantizar o Brics. Há uma clara divisão entre uma ala que busca o multialinhamento — o Brasil faz parte desse grupo — e um grupo mais antiocidental, com países como Rússia, Irã e China. A China quis trazer o Irã, a Etiópia e o Egito para dentro do grupo, algo que realmente não foi positivo para o Brasil, como se viu agora.

O acordo Mercosul-União Europeia pode ser acelerado?

Se não acontecer agora, não vai acontecer mais. Os próprios diplomatas dizem isso. Os europeus precisam de parceiros, e a China não é um aliado confiável. Os europeus têm uma necessidade enorme de articular acordos. Seria uma estupidez tremenda não avançar finalmente com o processo de ratificação. Mas políticos cometem estupidezes com frequência... Se, com tudo o que está acontecendo agora, a Europa não conseguir avançar nessa direção, é um sinal de que o bloco terá grandes dificuldades em se tornar um ator geopolítico sério. Mas nunca se sabe. O movimento populista antiglobalização também acontece na Europa. Depende muito dos processos políticos internos. Continuo cautelosamente otimista.

O Brasil até agora foi relativamente pouco atingido pelas tarifas. O país vai continuar sendo poupado?

O Brasil tem déficit comercial com os EUA. Então, a princípio, não está na mira do Trump. Minha preocupação principal nem é tanto na relação com os EUA, mas em relação à China. Porque o Brasil terá que se proteger, presumindo que a guerra comercial continue. Chegará um tsunami de produtos manufaturados da China, não só no Brasil, mas no mundo inteiro.

O governo brasileiro está agindo corretamente?

O Brasil está certíssimo em voar abaixo do radar. Nos EUA, onde moro atualmente, o Brasil está muito longe dos debates. Trump fala pouco da América do Sul, toda a região existe mais no contexto migratório. Por enquanto, não vejo um grande risco, mas isso pode mudar de forma repentina. Diria que, quanto maior a tensão geopolítica no mundo, menor a chance de o Brasil virar assunto em Washington. Isso me deixa otimista, porque há tantos problemas que vão encher a agenda de Trump... O governo brasileiro até agora tem feito um bom trabalho nesse sentido de não rebater, não polemizar, não confrontar e aguardar para ver o que acontece. Mas o país precisa estar preparado para um eventual aumento de tarifas.

As políticas de protecionismo comercial e isolacionismo são próprias de Trump ou já estavam em alta?

Entre a Primeira e a Segunda Mundial já havia um pensamento isolacionista. No fim do século XIX, já se defendiam políticas de tarifas elevadas, que sempre fracassaram. Aqueles que rejeitam o isolacionismo, apontam que ele nunca gerou bons resultados desejáveis para os EUA. Pelo contrário. O isolamento, geralmente, levou o partido que estava no poder a ser punido.

O soft power e a influência global dos EUA podem ser atingidos?

A maior fonte de poder dos EUA é sua capacidade ímpar de atrair talentos ao redor do mundo, como nenhum outro país consegue. Sua habilidade de integrar essas pessoas. E ter um grande mercado de capitais, para que essas pessoas possam criar empresas, aplicar seu conhecimento da melhor forma possível. Os EUA têm sido um ímã para os maiores talentos do mundo, por décadas. Fechar as portas me parece uma receita para um país menos dinâmico, menos competitivo e muito mais fraco, sobretudo na competição com a China. Mas essas tendências sempre existiram, e Trump reflete uma mudança estrutural na sociedade americana. Não é que ele trouxe essas ideias do nada e, de repente, venceu as eleições.

O que mudou na sociedade americana?

O consenso liberal pró-globalização vinha sofrendo uma erosão. Trump surgiu nesse contexto, mas não foi ele que liderou esse movimento. Já durante a campanha de 2016, quando Barack Obama negociou o Trans-Pacific Partnership (TPP), havia muito ceticismo. A própria Hillary Clinton já não podia defender acordos comerciais com a mesma facilidade. A forma como Trump age é abrupta, traumática, mas se trata de um movimento que vem ocorrendo há tempos. O maior ceticismo em relação à globalização é algo que a gente vê em numerosos países.

Esse protecionismo comercial vai contra os princípios do Partido Republicano. É uma transformação da legenda?

Na verdade, esse consenso a favor da liberalização comercial incluía boa parte do Partido Democrata também. Havia, sim, um grande consenso liberal, que se manifestou de forma mais evidente durante os governos [de Ronald] Reagan e [Bill] Clinton, que são de partidos diferentes. Trump transformou por completo o Partido Republicano. Ainda existem hoje muitos republicanos nos bastidores que estão horrorizados, mas eles não têm coragem de criticar o presidente publicamente, porque temem o eleitor. Ou seja, o eleitor do Partido Republicano mudou também. Hoje, é uma legenda nacionalista, isolacionista e protecionista. O Partido Democrata tem mantido uma atitude mais pró-globalização, mas eu não acho implausível um próximo candidato democrata também criticar a forma como a liberalização foi feita no passado.

'Otimista cauteloso'. Oliver Stuenkel acredita que momento atual é o mais propício para avançar no acordo comercial entre o Mercosul e a União Europeia

GABRIEL DE PAIVA/20-3-2024

EXPORTAÇÕES NAS MÃOS DO SETOR PRIVADO

BNDES aposta na aprovação de projeto no Congresso e reabre crédito às vendas externas de serviços para recuperar relevância



FERNANDO FRAZÃO/AGÊNCIA BRASIL/25-6-2021

Falta de apoio. No BNDES, alertas para perda de capacidade competitiva brasileira

DENISE CHRISPIM
Especial para o Valor
SÃO PAULO

As exportações aos EUA impõem às empresas brasileiras o desafio de extrair financiamento de instituições privadas, de lá ou de cá, em condições que garantam a competitividade de seus bens. Tal é a realidade, sobretudo, para os embarques do setor industrial. O impulso às alternativas públicas, como as linhas do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e do Programa de Financiamento às Exportações (Proex), está no horizonte do governo federal. Mas ainda não há perspectiva de recuperação do espaço perdido por elas em curto prazo.

Dados específicos sobre o comércio com os EUA são raros, mas não há dúvidas de que refletem esse contexto geral. Segundo a Federação Brasileira de Bancos (Febraban), o estoque de financiamento da banca nacional ao conjunto das exportações do país alcançou R$ 138,8 bilhões até março de 2025. As concessões registradas em 12 meses totalizaram R$ 69 bilhões.

O BNDES estima que essas instituições privadas atualmente respondam por 99,7% do financiamento ao total de embarques brasileiros ao exterior, mesmo com a melhoria dos desembolsos para o pré-embarque (capital de giro) e pós-embarque do BNDES EXIM. No biênio 2023-2024, somaram R$ 16,4 bilhões, valor superior à soma dos seis anos anteriores, de R$ 12,3 bilhões.

Segundo José Luis Gordon, diretor de Desenvolvimento Produtivo, Inovação e Comércio Exterior do BNDES, o banco liberou US$ 21 bilhões (R$ 119 bilhões) para o financiamento pós-embarque com destino aos EUA entre 1991 e 2024. A cifra correspondeu a quase metade dos US$ 43 bilhões (R$ 243,5 bilhões) desembolsados e também a 20% do apoio total da instituição às exportações do país.

SISTEMAS ROBUSTOS

No ano passado, os desembolsos de ambas as linhas de financiamento do BNDES EXIM para os EUA alcançaram US$ 767 milhões (R$ 4,34 bilhões). Neste ano, a conta está em aberto. Depende da demanda das empresas que, segundo Gordon, tem aumentado.

— Nossos industriais chegaram a se esquecer do BNDES EXIM — afirmou Gordon. — É um fato que estamos trabalhando para reverter. A falta de maior apoio público a essas exportações significa perda de capacidade competitiva da empresa brasileira diante de seus concorrentes.

Gordon assinala que mais de 90 países têm sistemas equivalentes ao do BNDES, muitos dos quais mais robustos para permitir a suas empresas apresentarem-se em condições de financiamento e de garantias mais favoráveis do que as brasileiras. Os EUA dispõem do Ex-Im Bank, com US$ 11,7 bilhões (R$ 66,2 bilhões) para alavancar as exportações americanas de bens e serviços para todo o mundo em 2025.

Outro braço do financiamento público ao setor exportador, especialmente aos EUA, é o Proex, gerido pelo Banco do Brasil. A instituição informou que, entre 2019 e março deste ano, o Proex Financiamento desembolsou R$ 566 milhões para o apoio a 737 operações de embarques aos EUA. Em 2025, essa linha disporá de R$ 1,750 bilhão aos exportadores. No ano passado, a cifra atingiu R$ 2 bilhões.

REVIRAVOLTA

Crucial para o comércio, a modalidade de equalização de taxas de juros do Proex tem apenas R$ 820 milhões disponíveis para este ano. Subsídio oficial para cobrir a diferença entre os juros no Brasil e os aplicados no mercado internacional, essa linha traz efeito substancial na competitividade de exportadores brasileiros. Sobretudo, para as vendas de manufaturas de maior valor agregado — aeronaves, bens de capital, materiais elétricos e tratores. Entre 2019 e março passado, o Proex Equalização tornou viáveis 15.851 operações de exportação aos EUA com seu desembolso de R$ 1,7 bilhão. Os recursos, entretanto, mostram-se escassos diante das necessidades.

Welber Barral, ex-secretário de Comércio Exterior e sócio da Barral Parente Pinheiros Associados, explica que, nos últimos 20 anos, o financiamento aos embarques de produtos básicos tem sido viabilizado pelas próprias *tradings*. Os negócios brasileiros com os EUA, entretanto, mantiveram-se mais concentrados na venda de manufaturas.

A reviravolta desse quadro depende da aprovação, pelo Congresso Nacional, do projeto de lei 5729/23, que restabelece o sistema público de financiamento às vendas externas. O texto prevê a criação de um Eximbank brasileiro, sob o comando do BNDES e a reabertura do financiamento às exportações de serviços, extinto desde 2016 na esteira dos escândalos da Lava Jato. Terá, se aprovado, impacto especial no comércio com os EUA.

OS CONTEÚDOS DO APP O GLOBO FORAM ATUALIZADOS COM SUCESSO.

. Novo layout mais moderno
. Crie alertas customizáveis
. Leitura mais fácil e dinâmica
. Edição digital do impresso
. Salve matérias para ler depois
. Integrado ao Clube O Globo
. Mais de 50 colunistas

LEIA. ENTENDA. ARGUMENTE.

O GLOBO

GET IT ON Google Play
Download on the App Store

O GLOBO



O GLOBO 100

BAIXE. USE. APROVEITE



LATAM PASS

SUAS MILHAS, SUAS ESCOLHAS.



Com as novidades do LATAM Pass, o poder de escolha é todo seu.

Acumule milhas, aproveite novos benefícios e eleve ainda mais sua experiência de viagem.

***Baixe o app* LATAM PASS**

FOTOS DE VANESSA CARVALHO/VALOR/14-5-2025



Perspectivas futuras. O CEO da Editora Globo e do Sistema Globo de Rádio, Frederic Kachar, fala no Summit Valor Econômico Brazil-USA: "Aprendemos desde o berço a navegar na incerteza"

JOGANDO LUZ SOBRE AS INCERTEZAS POLÍTICAS

Segundo 'Summit Brazil-USA', promovido pelo Valor, em Nova York, debateu ideias em um cenário nacional e global cada vez mais complexo, e com novos desafios

SÃO PAULO

Pelo segundo ano consecutivo, o Valor reuniu em Nova York um destacado time de autoridades, investidores, especialistas e empresários brasileiros e americanos para debates em torno de novas oportunidades de negócios e cooperação envolvendo Brasil e Estados Unidos.

A edição deste ano do "Summit Valor Brazil-USA", realizado no último dia 14, foi uma oportunidade para jogar um pouco de luz nas indefinições que pairam não só sobre as relações comerciais entre os dois países, como também sobre o atual cenário internacional, dominado por guerras e ameaças de tarifaços.

— Participei de vários seminários esta semana em Nova York e em quase todos ouvi a preocupação de empresários americanos com a volatilidade e a incerteza de uns tempos para cá. Está aí algo que no Brasil a gente aprende desde o berço. Talvez seja algo que a gente possa ensinar para os americanos: navegar na incerteza — disse Frederic Kachar, diretor-geral da Editora Globo e do Sistema Globo de Rádio, na abertura do evento.

O seminário abrigou uma pauta abrangente, com destaque para temas de impacto na relação bilateral — juros, indústria, ação climática, geopolítica, tecnologia e commodities, à luz do novo mandato presidencial de Donald Trump.



"Parte da solução". Ilan Goldfajn, presidente do BID, durante o "Summit Brazil-USA", em Nova York

CONTROLE FISCAL

O secretário-executivo do Ministério da Fazenda, Dario Durigan, reafirmou que o governo está empenhado em controlar as contas públicas.

— Vamos seguir fazendo a gestão fiscal regular neste ano, bloqueando e contingenciando, porque temos que cumprir o arcabouço fiscal — disse.

Jorge Amato, chefe de estratégia para investimento na América Latina do Citi, e Alexandre Bettamio, cochefe global do banco de investimentos do Bank of America, destacaram os impactos da falta de equilíbrio fiscal, mas salientaram as possibilidades que o país oferece.

— O potencial é extraordinário, mas sem reformas vamos ficar patinando — afirmou Bettamio.

Além de sublinhar a importância da responsabilidade fiscal, o presidente da Câmara dos Deputados, Hugo Motta (Podemos-PB), também defendeu a "harmonização dos Poderes":

— É tarefa de todos fazer uma autocrítica para encontrarmos nossas convergências, isso é possível com maturidade — completou.

SEGURANÇA JURÍDICA

O presidente do Supremo Tribunal Federal, Luís Roberto Barroso, reconheceu que o país passou por alguns sobressaltos nos últimos tempos, mas voltou à normalidade, em termos de segurança jurídica.

— Gosto de enfatizar para o mundo dos negócios a importância da estabilidade institucional. Temos 40 anos no Brasil de estabilidade institucional, que é um diferencial em relação ao mundo, e um diferencial também em relação à nossa História — disse Barroso.

O presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Ilan Goldfajn, acredita que a reconfiguração do comércio global abre uma oportunidade para o Brasil.

— A América Latina, hoje, faz parte da solução, e não do problema, dos desafios globais — afirmou.

Entre as soluções que o Brasil tem a oferecer estão as fontes de energias renováveis.

— O Brasil conta com matriz energética muito mais limpa que diversos países e alta qualidade na produção de combustíveis sustentáveis — disse Joe Ryan, diretor da Crux Alliance.

O summit teve patrocínio máster da JBS; patrocínio de Cedae, Gerdau, JHSF, Falconi, Cosan, Embratur, Alelo, XP, Prefeitura do Rio de Janeiro e governo do Estado do Rio Grande do Sul; apoio de Aegea, Eletromidia, governo do Estado de Goiás e Prefeitura de São Paulo. Companhia aérea oficial: Latam. Realização do Valor e parceria estratégica da Amcham.

EUA REAVALIAM RELAÇÃO COM A AMÉRICA LATINA

Foco é fortalecer investimentos privados, diz enviado especial americano

MARIO CAMERA
Especial para o Valor
SÃO PAULO

O novo ciclo da política externa americana sob Donald Trump mantém a América Latina na pauta, mas com outro olhar. A prioridade não está em novas iniciativas diplomáticas ou acordos multilaterais, mas no fortalecimento do investimento privado como motor de crescimento — especialmente nos EUA. A avaliação foi feita por Mauricio Claver-Carone, enviado especial da Casa Branca para a América Latina, no Summit Brazil–USA 2025, promovido pelo Valor Econômico, em Nova York.

— Desde que começou na gestão, [Trump] tem estado obcecado em trazer CEOs e investidores do mundo inteiro à Casa Branca, aos EUA, e fazer com que eles invistam aqui — afirmou.

O objetivo, segundo Claver-Carone, é impulsionar a reindustrialização do país por meio da atração de capital estrangeiro. A estratégia, que ele classificou como parte de uma "nova era áurea", prevê também a reorganização das cadeias globais de suprimento, com ênfase em relações econômicas Norte-Sul em lugar da tradicional lógica Leste-Oeste. Em tom crítico ao modelo chinês de inserção internacional, Claver-Carone afirmou que o discurso de Pequim sobre desenvolvimento representa uma armadilha.

— O Brasil é um país sofisticado, num bom ano é a segunda maior economia nas Américas. Não caia no jogo da China sobre desenvolvimento — disse, acrescentando que o estoque de investimento direto dos EUA no Brasil gira em torno de US$ 150 bilhões, enquanto os aportes chineses somam cerca de US$ 5 bilhões.

VANESSA CARVALHO/VALOR/14-5-2025



'Armadilha'. Claver-Carone criticou modelo chinês de inserção

O enviado americano também minimizou os efeitos de iniciativas chinesas anunciadas recentemente, como o financiamento de projetos em biocombustíveis.

— Parece legal, mas também parece um bolo sem glúten: mais caro, mas você engorda do mesmo jeito — ironizou.

Ao abordar especificamente a relação com o Brasil, ele defendeu uma agenda pragmática e afastou a ideia de que as tarifas impostas em abril pela Casa Branca tenham origem ideológica, mas, sim, "uma questão matemática".

Segundo ele, há espaço para negociações bilaterais em torno de barreiras tarifárias e não tarifárias, mencionando discussões recentes com autoridades brasileiras. Mas também foi direto ao listar os principais entraves para o aumento dos investimentos americanos no país, sendo a moeda o "número um". Ele também apontou a insegurança pública e a corrupção como barreiras históricas, embora tenha destacado avanços recentes.

DIFERENÇAS POLÍTICAS

Apesar das diferenças políticas com o atual governo brasileiro, Claver-Carone reforçou o interesse dos EUA em manter uma relação econômica ativa com o Brasil.

— Não temos as mesmas opiniões que o presidente Lula na maior parte das coisas, mas vamos continuar estreitando os laços com a comunidade empresarial — disse.

Eufrázio

VANESSA CARVALHO/VALOR/14.5.2025



Debate. Painel do Summit Brazil-USA com (E para D) Luciana Costa, dir. de Infraestrutura, Transição Energética e Mudança Climática do BNDES; Ana Maria Carreno, dir. de Clima na CLASP; Joe Ryan, diretor da Crux Alliance e Malu Figueiras, colunista do Pipeline

INFLEXÃO MARCA O GOVERNO TRUMP

Abertura do 'Summit Brazil-USA 2025' destaca ruptura institucional nos Estados Unidos após o retorno do republicano à Casa Branca, acompanhada pela reconfiguração geopolítica e imprevisibilidade tarifária e seus efeitos comerciais e diplomáticos

MARIO CAMERA
Especial para o Valor
SÃO PAULO

O segundo mandato de Donald Trump representa uma inflexão profunda na política externa dos Estados Unidos, com impactos diretos sobre o comércio global e potenciais implicações para o Brasil. A avaliação é dos analistas Ricardo Zúñiga e Christopher Garman, que participaram do painel "Um balanço do novo governo: os 100 dias de Trump 2", que abriu o "Summit Brazil-USA 2025", promovido pelo Valor no último dia 14, em Nova York.

Segundo Zúñiga, ex-secretário de Assuntos do Hemisfério Ocidental do Departamento de Estado dos EUA, o atual governo americano rompe com a tradição institucional republicana.

— Estamos num período de desmantelamento do Estado administrativo dos Estados Unidos — afirmou.

Para ele, trata-se de uma "revolução" cujos efeitos são sentidos na atuação do setor privado em Washington e na condução da política tarifária.

Christopher Garman, diretor-executivo para as Américas da consultoria Eurasia, lembrou que desta vez Trump "está rodeado de assessores muito mais leais, está muito mais confiante no seu próprio taco, tem muita pressa de implementar sua agenda, e de vez em quando, atropela sua própria equipe no rito processual."

RECUOS TÁTICOS

A condução da política tarifária foi apontada como um exemplo dessa estratégia. No dia 2 de abril, o presidente Trump anunciou um novo pacote de tarifas, com sobretaxas que chegaram a 125% sobre produtos chineses e 10% adicionais sobre bens brasileiros. Pouco depois, o governo decretou uma pausa de 90 dias nas tarifas recíprocas. Para Garman, mostra um presidente sensível a fatores de mercado, mas não representa abandono da agenda.

— O governo está fazendo recuos táticos quando vê incêndios pipocando ao longo do caminho — analisou.

Para os dois convidados do painel, o Brasil ocupa uma posição ambígua nesse cenário. Embora os EUA sejam o segundo maior parceiro comercial do país — com corrente de comércio que somou US$ 20 bilhões (R$ 113 bilhões) no primeiro trimestre deste ano, segundo a Amcham —, Washington tem priorizado disputas de maior escala.

— A presença da China na América do Sul está no ranking mais baixo das preocupações da Casa Branca — disse Garman.

Zúñiga reforçou que "seria um erro o Brasil pensar que precisa escolher entre China e EUA. O desmantelamento do sistema de alianças tradicionais abriu espaço para o mundo multipolar que o Brasil sempre desejou". Ele citou a visita de Trump ao Golfo e, no mesmo período, a reunião da Celac na China, como sinais da nova geografia diplomática.

A lógica externa também mudou o modo como o setor privado interage com o poder.

— Associações e lobbies tradicionais não funcionam no momento. O que está sendo construído é outro processo: são os CEOs que influenciam o presidente — diz Zúñiga.

Para ele, empresas estrangeiras devem buscar interlocutores em estados americanos onde têm investimentos, falar diretamente com governadores e senadores republicanos com acesso direto ao círculo do presidente.

Para Garman, o Brasil precisa ajustar sua diplomacia a esse ambiente instável.

— Estamos num mundo de competição entre grandes potências, com choque no comércio que não se via há quase um século — afirmou, pontuando acreditar que o país tem ativos relevantes. — O Brasil é uma potência energética, ambiental, mineral e de segurança alimentar. Mas precisa arrumar sua casa fiscal para aproveitar essas oportunidades.

PACTO RJ BUSCA ESTIMULAR CRESCIMENTO

Programa de 2021 alcançou R$ 5 bi em aportes e é aposta de Cláudio Castro para o Rio recuperar caminho do desenvolvimento

DOMINGOS ZAPAROLLI
Especial para o Valor
SÃO PAULO

O Rio de Janeiro lidera a produção nacional de óleo e gás natural e é a porta de entrada do turismo no Brasil. Em 2024, recebeu mais de 1,5 milhão de turistas estrangeiros, superando os anos da Copa do Mundo e das Olimpíadas.

— Essas são potencialidades conhecidas do estado, mas o Rio não é só isso — disse o governador Cláudio Castro no Summit Valor Econômico Brazil-USA, em Nova York.

Segundo o governador, há uma máxima, segundo a qual, o "Rio praticamente se vende sozinho", mas o estado foi muito impactado por ter sido o "epicentro" da crise que viveu o Brasil nos últimos anos.

— A crise da Petrobras. A crise da Lava-Jato — disse, apontando que o estado passou por uma reconstrução. — Reconstrução de estruturas, de imagem e de possibilidades.

O Pacto RJ, programa de investimentos sociais e de infraestrutura lançado em 2021com o objetivo de viabilizar projetos que somam R$ 17 bilhões, é uma das principais estratégias de desenvolvimento do estado. Segundo o governador, em abril, o programa completou R$ 5 bilhões em investimentos. Os gastos incluem R$ 400 milhões por ano em um programa de limpeza de rios, córregos e construção de encostas. "Trabalhamos a resiliência do estado", diz Castro.

Uma aposta para o futuro é a energia eólica offshore, o primeiro projeto-piloto no Brasil está sendo testado no litoral fluminense, em parceria com a Petrobras.

Um marco foi a concessão em 2021 da Companhia Estadual de Águas e Esgotos do Rio de Janeiro (Cedae), com a previsão de investimentos de cerca de R$ 30 bilhões.

— Mais de um milhão de pessoas com acesso à serviços que não tinham antes. Praias há décadas impróprias para banho, como Botafogo, Flamengo e Paquetá, agora estão próprias — disse o governador.

De acordo com Castro, o Rio de Janeiro investe R$ 16 bilhões por ano em segurança, "investimentos que começam a dar certo resultado". O Instituto de Segurança Pública (ISP) registrou em 2024 uma queda de 11% no índice de letalidade violenta. O governador também afirmou que, no ano passado, o Rio de Janeiro estabeleceu seu recorde de abertura de empresas, 89 mil.

VANESSA CARVALHO/VALOR/14.5.2025



Perspectivas. Governador do Rio, Cláudio Castro, no "Summit Brazil-USA"

RIO FAZ APOSTA EM INFRAESTRUTURA

Vocação da cidade e seus grandes eventos são atrativos, aponta secretário

EMILIO SANT'ANNA
Especial para O Valor
SÃO PAULO

Tecnologia, infraestrutura e serviços públicos são as bases da atração de investimentos com as quais o Rio de Janeiro acena para o mundo. Em Nova York, durante a segunda edição do "Summit Brazil-USA", o secretário municipal de Desenvolvimento Econômico, Osmar Carneiro Guimarães de Lima, disse que esse é o futuro no horizonte.

— A cidade precisa dar um passo mais importante, mais ousado. Temos que nos colocar não mais só como a cidade que tem as belezas naturais do país, mas também como a cidade que consegue atrair negócios e desenvolvimento sustentável — disse.

Durante sua apresentação, Lima destacou as características locais que favorecem esses investimentos. O secretário destacou a posição privilegiada da cidade para a expansão dos data centers, com os investimentos em infraestrutura de comunicação realizados na última década para a realização dos grandes eventos esportivos, como a Olimpíada. A cidade é um dos principais hubs de cabos de comunicação submarinos no Brasil.

— Temos energia limpa disponível, temos terrenos para fazer isso e temos mão de obra — afirmou.

Um exemplo de formação de mão de obra é o IMPA Tech, uma graduação gratuita oferecida pelo Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA), com apoio do Governo Federal — por meio do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e do Ministério da Educação (MEC) — em parceria com a prefeitura.

O curso tem duração de quatro anos e oferece o bacharelado em Matemática da Tecnologia e Inovação, voltado à formação de profissionais para o mercado de tecnologia. Para garantir que os estudantes se dediquem integralmente aos estudos, o convênio oferece estrutura de apoio que inclui alojamento, auxílio alimentação, ajuda financeira mensal e transporte terrestre e aéreo no início do ano letivo.

O secretário também ressaltou a oportunidade de investimentos com a renovação das concessões para as empresas de ônibus urbanos, que terminam todas até 2028, e a requalificação da região central.

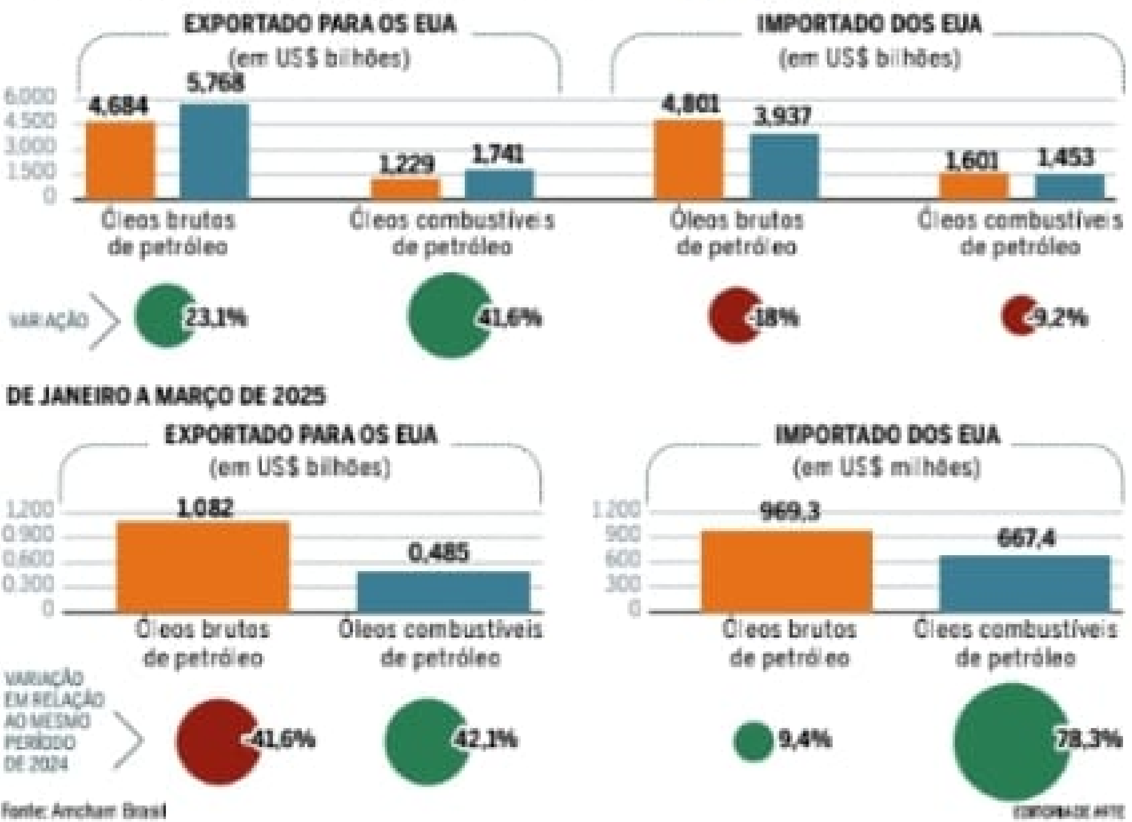
— São 5 mil ônibus, com pelo menos mil elétricos até 2028 — disse.

BRASIL E EUA VENDEM ÓLEO BRUTO ENTRE SI

Comércio atende às demandas internas, especificidades dos parques de refino e acompanha mercado internacional

VAI E VEM DO PETRÓLEO

Commodity tem destaque no comércio entre os dois países



Fonte: Amcham Brasil

EDITORIA DE ARTE

EMILIO SANT'ANNA
Especial para o Valor
SÃO PAULO

O óleo bruto de petróleo ocupa a primeira posição na lista de produtos brasileiros exportados para os Estados Unidos, em 2024. No ranking das importações americanas para o Brasil, no ano passado, ele também está presente, na sexta colocação. Ou seja, os dois países vendem e compram a mesma commodity um do outro. Parece não fazer sentido, mas o que vai e o que vem não é exatamente igual e segue a uma lógica comercial regida por diferentes variáveis.

O petróleo é uma mistura complexa de hidrocarbonetos. Cada um deles tem características distintas, como as diferentes densidades. Os leves têm maior rendimento em nafta; os médios, em querosene de aviação (QAV) e diesel; e os pesados, maior rendimento em óleos combustíveis, asfaltos e resíduos.

O que o Brasil exporta para os EUA, majoritariamente, tem origem no pré-sal e se caracteriza por ter teores médios ou baixos de enxofre.

— É petróleo de alta qualidade, por ser um petróleo leve, de baixo teor de enxofre e menor pegada de carbono, o que lhe garante alto valor agregado e exige um processo industrial menos complexo de refino — afirma Mahatma Ramos dos Santos, diretor técnico do Instituto de Estudos Estratégicos de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (Ineep).

O produto americano tem outras características.

"Quando existe demanda e economicidade, a Petrobras importa óleos leves do Golfo americano, com qualidade distinta dos petróleos produzidos no Brasil, para complementar e otimizar a cesta de petróleos processados em suas refinarias", diz a companhia.

A equação que determina a compra é composta por, além da demanda, outros fatores.

— A configuração técnica de cada refinaria, somada ao tipo de petróleo processado, determina quais produtos serão gerados em maior ou menor quantidade — afirma Roberto Ardenghy, presidente do Instituto Brasileiro de Petróleo e Gás (IBP).

Segundo ele, este não é um balanço simples de fechar, principalmente considerando que o Brasil consome mais alguns derivados do que outros.

— O parque de refino brasileiro trabalha com um blend propício para a viabilidade econômica da operação — completa.

PAÍS EXPORTADOR

O Brasil exportou US$7,5 bilhões (R$ 42,33 bilhões) em petróleo bruto e óleos combustíveis no ano passado, de acordo com dados do Monitor do Comércio Brasil - EUA, da Câmara Americana de Comércio (Amcham). Em relação ao ano anterior, houve um crescimento de, respectivamente, 23,1% e 41,6% no faturamento com os dois itens da pauta comercial No sentido contrário, os EUA venderam ao Brasil US$6,4 bilhões (R$ 36,13 bilhões), queda de 18% e 9,2%, respectivamente.

Em 2024, pela primeira vez o Brasil exportou mais da metade da produção. Ao todo, 52% do petróleo extraído foi vendido para o exterior, principalmente para China e EUA.

— O Brasil se consolidou como um país exportador da commodity e tornou-se alternativa ao suprimento europeu após o início de sanções à venda pela Rússia devido à guerra da Ucrânia — explica João Victor Marques Cardoso, pesquisador da FGV Energia.

Com o crescimento recorde, a participação da Petrobras nas exportações totais do Brasil caiu de 43% em 2021 para 38% em 2024, o que indica aumento da participação de outras empresas.

— Para os EUA, a queda na participação da Petrobras nas exportações brasileiras foi ainda mais expressiva, de 42% em 2021 para 17% em 2024 — afirma Cardoso.

Mesmo assim, a companhia segue tendo bons resultados.

"A Petrobras é superavitária em petróleo e exporta o volume que excede a necessidade de processamento nacional", afirma a empresa.

Na lista de produtos que se repetem nos dois sentidos da pauta comercial também estão óleos combustíveis de petróleo. Em 2024, o Brasil comprou dos EUA mais do que o dobro, em valor, deste item.

— O parque nacional de refino pode ser uma ferramenta industrial estratégica para superar a exportação de petróleo cru e avançar no comércio internacional de derivados, produto de maior valor agregado. Isso ajudaria no desempenho de nossa balança comercial e poderia gerar empregos mais qualificados na indústria nacional — diz Ramos dos Santos,

Para o professor da FGV Energia, o futuro desse fluxo comercial depende da capacidade de reposição de reservas, em ambos os países, de modo a manter excedentes exportáveis, já que os picos de produção do Brasil e dos EUA são esperados por volta de 2030.

— Considerando que a transição energética deve manter uma participação relevante do petróleo em diferentes cenários até 2050, óleos com menor pegada de carbono na fase operacional, resiliência econômica e ambiental terão maiores vantagens no mercado internacional, como sinalizam o óleo de ambos os países — diz Cardoso. — Em termos geopolíticos, a relação de confiança entre os países também oferece vantagens ao Brasil.

RIO GRANDE DO SUL

Invista onde o futuro acontece no presente.

O Rio Grande do Sul está sempre pronto para receber pessoas e investimentos.

- Líder entre os estados brasileiros no quesito inovação.*
- Mais de mil startups e 19 parques tecnológicos, entre eles os dois melhores do Brasil.
- A 4ª economia do Brasil com uma infraestrutura completa para receber empresas.

O Rio Grande do Futuro é mais que um plano de desenvolvimento econômico e sustentável para o futuro, é uma realidade que acontece no presente.

Nasce um amanhã mais inclusivo e sustentável, integrado ao Plano Rio Grande, e que prepara o Estado líder em inovação no Brasil para transformar vidas das próximas gerações.

*Fonte: Ranking do CLP - Centro de Liderança Pública.

ACESSE O QR CODE PARA CONHECER MELHOR O PLANO E TODAS AS SUAS AÇÕES.

invest.RS

RIO GRANDE DO FUTURO

GOVERNO DO ESTADO RIO GRANDE DO SUL



LUCIANO ALVES/VALOR



Planos de expansão. Ana Julia Kiss, CEO da Humora, startup que combina produtos à base de cannabis e fitoterápicos baseada nos EUA. Setor tem alta concorrência no país

STARTUPS ESTÃO DE OLHO NO MERCADO DOS EUA

Das 500 empresas brasileiras internacionalizadas, 10% estão em território americano; especialistas recomendam cautela

KATIA SIMÕES
Especial para o Valor
SÃO PAULO

Foi por conta da legislação brasileira que não permite o desenvolvimento de produtos à base de cannabis no país que, em 2022, Ana Julia Kiss colocou os pés nos Estados Unidos. O endereço escolhido para sediar a Humora, startup que combina produtos à base de cannabis e fitoterápicos para bem-estar, foi a Califórnia. E a justificativa é simples: é um dos estados americanos mais avançados em cannabis medicinal, com alta base tecnológica e aberto a receber empresas iniciantes que tragam uma inovação embarcada.

— Nos primeiros dois anos terceirizávamos a produção no laboratório No Bloom Botanicals, especializado em formulações fitoterápicas, e comercializávamos exclusivamente no Brasil, seguindo os trâmites de importação da Anvisa — diz Kiss. — Em janeiro, adquirimos 100% do No Bloom e passamos a atuar diretamente no mercado americano, tanto na comercialização dos produtos quanto no fornecimento via private label.

A transação ajudará a Humora a triplicar o faturamento, que em 2024 foi de R$ 1 milhão.

Kiss observa que são dois mercados diversos. Enquanto no Brasil a cannabis medicinal é regulada pela Anvisa e a importação é individual, mediante prescrição médica, nos EUA os produtos têm venda liberada, podem ser alvos de campanhas promocionais.

— Temos nove produtos para TPM, sono, performance atlética e sexual, baixa imunidade — diz a empresária. — No Brasil o tíquete médio é de R$ 1000, nos EUA, é de US$ 20 (R$ 113,15).

A concorrência, porém, é grande. No Brasil são 800 marcas autorizadas pela Anvisa e um mercado estimado de R$ 1 bilhão em 2025. Nos EUA são 6 mil registradas, disputando negócios da ordem de US$ 30 bilhões (R$ 169 bilhões).

VALE DO SILÍCIO É DESTINO

A Humora é uma das 500 startups brasileiras internacionalizadas. Desse total, estima-se que 10% estão nos Estados Unidos, seja porque foram fundadas lá, seja porque instalaram um braço na terra do Tio Sam. De acordo com o estudo "Brazil Tech Diaspora", realizado pela Endeavor, o Vale do Silício é o principal endereço, com a Califórnia abrigando 20% delas, seguida pela Flórida (11%) e Nova York (6%).

Marcella Falcão, head de Growth do Cubo — hub de inovação do Itaú —, por sua vez, alerta que o mercado americano não é para todos, porque exige um alto grau de maturidade e oferece um nível de concorrência altíssimo, sem contar a barreira cultural de entrada.

— Os americanos são patriotas. Para conquistar espaço é necessário exercitar a humildade, contratar locais para vestir a camisa, além de dominar a questão regulatória — afirma. — Mas uma vez instalada, ganha-se o mundo.

As oportunidades são reais, com maior abertura para fintechs, healthtechs e startups da área de mobilidade, energia e infraestrutura.

— Startups desses segmentos que nascem com pensamento global, resolvendo uma dor do mercado, têm tudo para decolar — afirma Marcelo Castro, CEO da Zalppy, especializada no desenvolvimento de soluções digitais personalizadas para empresas de grande porte.

A empresa realiza workshops para aproximar startups inovadoras de grandes corporações em busca de solução para um problema pontual.

— Somos a ponte, já facilitamos a aproximação de mais de 50 startups, mas elas também precisam fazer a lição de casa — adverte Castro. — Isto é, ter um planejamento correto desde o início, entender em que nicho vai atuar no mercado americano e que a realidade é muito diferente. O apetite de risco deles é muito maior, assim como a competição.

Criada em 2015 com foco global, a Rankmyapp, startup especializada em soluções para marketing digital de apps, despertou o interesse dos fundos de investimento e investidores anjo. Foi acelerada pela Alchemist Accelerator, passou seis meses no Vale do Silício e hoje tem clientes em 17 países

— Os EUA respondem por 20% dos negócios no exterior e a ideia é que alcance um terço do faturamento internacional até 2026 — diz Leandro Scalise, fundador e CEO. — Somos a terceira maior empresa no segmento no mundo, a maior da América Latina e nosso concorrente americano é 10 vezes maior.

PERSPECTIVAS FUTURAS

Com faturamento estimado de R$ 12 milhões para esse ano e clientes como Nike, Adidas e McDonald's no portfólio, a Rankmyapp atende 45% dos 500 maiores apps do país, 50% dos principais e-commerces e quatro dos cinco grandes bancos.

— Ter passado pelo Vale do Silício nos abriu muitas portas, ao participar de eventos de startups fizemos uma boa rede de contatos e firmamos nossos primeiros contratos — revela o CEO.

Wana Schulze, head de Investimentos e Portfólio da Wayra Brasil e Vivo Ventures, assinala que o momento atual exige cautela.

— Está mesmo na hora? Encontrou um parceiro local disposto a abraçar o seu sonho? O produto ou serviço se encaixa nas demandas locais? São perguntas que devem ser feitas insistentemente — afirma. — É necessário lembrar, também, que a era Trump tem trazido novos desafios, a começar pelo visto de entrada.

O alerta é acentuado por Graziela Vital, professora de Administração do Grupo Cruzeiro do Sul e doutora em Relações Internacionais.

— Quem não entender que tentativas de crescimento estão inseridas no aspecto ideológico e pautas morais, tende a gastar energia sem resultados — afirma.

Por outro lado, sopram ventos a favor para as startups nacionais com a volta dos fundos estrangeiros de investimento.

— Chegam com menos apetite do que há três anos, mas de olho em ativos que eles enxergam valor — diz Schulze. — E isso é bom para as startups dispostas a se internacionalizar.

BRASIL É O SEGUNDO EM NOVAS PATENTES

Apesar do número elevado de pedidos, muitos são feitos por empresas estrangeiras e não há transferência efetiva de tecnologia

SIMONE GOLDBERG
Especial para o Valor

Os Estados Unidos lideram os pedidos de patentes de invenção – modalidade de patentes usada para comparações internacionais – no Brasil. No ano passado, os americanos depositaram 7 mil pedidos de um total de 25 mil, o que equivale a uma participação de 28%. Desde 2017, segundo Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI), os EUA vêm depositando de 7 mil a 8 mil pedidos anuais.

Os dados do INPI mostram o Brasil em segundo lugar (23%) seguido pela China (8%), Alemanha (6%) e Suíça (4%). Há dois tipos de patentes que podem ser pedidas no INPI: a de invenção e a de modelo de utilidade, que é um aprimoramento técnico de uma invenção já existente.

AMBIENTE REGULATÓRIO

Segundo o presidente do INPI, Júlio César Moreira, o número de patentes pedidas no Brasil tem se mantido constante nos últimos oito anos. Ele observa que é preciso "melhorar nosso ambiente regulatório e nossa competitividade para que haja mais investimentos em pesquisa e desenvolvimento".

Moreira lembra que para ter direito à patente, é preciso que a empresa atue no Brasil, e não é obrigatório ter fábricas no país. Na área de biotecnologia, por exemplo, não necessariamente há produção local — há itens, como medicamentos, que são importados pelo Brasil —, e as patentes os protegem no mercado brasileiro. Segundo ele, quanto mais conhecimento técnico o país tem sobre determinado assunto, maior a chance de ocorrer uma transferência de tecnologia efetiva.

MARCELO THEOBALD/AG. O GLOBO/2017



Ideias. Prédio do Instituto Nacional da Propriedade Industrial no Rio de Janeiro

Fabrizio Panzini, diretor de Políticas Públicas e Relações Governamentais da Câmara Americana de Comércio para o Brasil (Amcham Brasil), diz que as empresas americanas veem o mercado brasileiro como "robusto". Ele conta que as parcerias têm se intensificado, especialmente em setores estratégicos como saúde, energia e tecnologia industrial.

PRESENÇA EXTERNA

Para Thiago Peixoto, diretor de Mercado da Associação Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento das Empresas Inovadoras (Anpei), o tamanho do mercado e a capacidade técnica brasileira de copiar tecnologias levam empresas estrangeiras a protegerem suas inovações. Ele lembra que muitos depósitos de patentes no Brasil são feitos como extensão de pedidos já colocados nos países de origem da inovação ou em outros países.

— É importante salientar que pelo menos 70% dessas transferências de tecnologia ocorrem entre matrizes e subsidiárias — observa Peixoto.

EUA EXIGEM PREPARO DE FRANQUIAS

Mercado americano é 'sonho' para empresas em expansão, mas tem um modo próprio de operar e, especialmente, de avaliar condições de crescimento, custos e faturamento. Empresários veem crescimento externo como uma vitrine

KATIA SIMÕES
Especial para o Valor
SÃO PAULO

Próximo de superar a barreira de US$ 1 trilhão (R$ 5,64 trilhões) em vendas, com movimento estimado de US$ 897 bilhões em 2025 (R$ 5 trilhões), o mercado americano de franquias é o sonho de nove entre dez franqueadores do mundo. Entre os brasileiros não é diferente. O desafio está em ganhar visibilidade em um cenário de cerca de 3.500 marcas, 850 mil unidades franqueadas e 234 mil franqueados, segundo a International Franchising Association.

— A escala é acelerada, bem diferente do Brasil, embora o número de redes seja similar — afirma André Friendheim, chairman da Task Force do World Franchise Council. — Enquanto entre as franquias brasileiras a média de unidades por rede é de 59,9, nos EUA passa de 500.

Maior franquia brasileira em número de operações nos EUA, com 50 unidades abertas e projeção de 70 até dezembro, a Oakberry é a confirmação de que a lição de casa dá resultado. A marca desembarcou em Miami em 2019. Logo percebeu que, ao contrário do Brasil, os americanos gostam de consumir açaí no ponto de venda, o que exigiu mudança no modelo de loja, com expansão das operações de rua.

— Nosso plano é agressivo e os desafios são grandes — afirma Leandro Gasparin, head de Operações América do Norte. — Falta mão de obra, é difícil reter talentos e a legislação pede atenção. Fazer negócios na Flórida e na Califórnia é semelhante a negociar com países diferentes.

Segundo Gasparin, cada cidade tem suas regras próprias desde autorizações para construir até para operar. Além da necessidade de uma boa rede de relacionamento e estar inserido na comunidade local.

MERCADO RECEPTIVO

Com produção verticalizada, a Oakberry abastece as franquias internacionais a partir da fábrica de Belém. Seis cooperativas, envolvendo 300 famílias, respondem pela colheita do fruto, um processo cuidadoso e certificado.

— Além da expansão da rede, enxergamos oportunidade de crescimento com a venda de nossos produtos no varejo — diz Gasparin. — Desde fevereiro, estamos em 500 unidades do Sprouts Farmers Market, com o sorbet de açaí, açaí misturado com banana e morango, e açaí com pasta de amendoim.

Com presença em 45 países, 900 franquias e um faturamento de R$ 1 bilhão em 2024, a estimativa é que este ano os EUA respondam por 20% da receita global. De acordo com a Associação Brasileira de Franchising (ABF), apenas 2,3% das 3.300 redes franqueadoras, isto é, 76, são internacionalizadas, somando mais de 2.900 operações.

— O mercado americano é receptivo às marcas brasileiras, o que falta às franquias nacionais é um conhecimento maior das especificidades e preparo para enfrentar o alto nível de concorrência — afirma Gustavo Freitas, diretor de Internacionalização de Marcas da ABF.

A opinião é compartilhada por Thelma Rocha, coordenadora do Estudo "Internacionalização das Franquias Brasileiras", realizado pela ESPM em parceria com a ABF.

— Vejo no empreendedor brasileiro o sonho de atuar nos Estados Unidos, mas, também, vejo muita gente perdendo dinheiro — adverte Rocha. — Entre os motivos do baixo resultado estão a dificuldade de aculturação do produto e da gestão, falta de pesquisa de mercado e ausência de um parceiro local.

A professora vai além.

— O americano transforma expansão em uma equação matemática, calculando volume de vendas, custo de mão de obra, o que diminui o custo operacional. Eles são bons nisso — garante. — O brasileiro vai na intuição, se preocupa com o layout, com o ponto em Miami e ignora a matemática. Abre uma loja própria e não têm fôlego para uma rede.

Com um faturamento de R$ 2,4 bilhões em 2024 e 1.220 franquias no Brasil e no exterior, a IGUi há mais de uma década trabalha o mercado americano com suas piscinas.

— Apenas nos últimos dois anos começamos a ter resultado positivo nos EUA — revela o fundador, Filipe Sison. — Aprendemos a duras penas que trabalhar com parceiro local é muito mais eficiente e menos custoso. Eles dominam a legislação, que é bastante robusta no caso de instalação de piscinas, e conhecem as nuances do mercado.



DIVULGAÇÃO

Em expansão. Loja da Oakberry, maior franquia do Brasil nos EUA

'CUSTOU CARO APRENDER'

Atualmente a IGUi conta com quatro distribuidores — Flórida, Nova York, Califórnia e Texas. Um quinto está programado para Seattle.

Já Caito Maia, fundador da Chilli Beans, que tem 1.400 lojas em 22 países, disse que "nos custou caro aprender".

— O que investimos em quiosques, um modelo inadequado para quem queria posicionar a marca num segmento mais premium, daria para abrir umas 10 lojas no Brasil — diz ele. — Acertamos o formato de loja, time, mix de produtos e coleções, e os resultados começaram a aparecer.

Hoje são três unidades. Em 2024, a loja de Miami, na Lincoln Road, segundo ele, cresceu 30%, e de janeiro a abril deste ano, 43%. Os EUA já respondem por 11% do faturamento bruto da rede, que foi de R$ 1,2 bilhão em 2024.

— É preciso enxergar o mercado americano não como um lugar para se ganhar muito dinheiro, mas, sim, como uma vitrine para o mundo — aconselha Maia. — Lá fortalecemos a marca, o que nos ajuda a abrir novas portas.

Disposta a entrar sem pressa, a Bibi Calçados, presente em 60 países, 3 mil multimarcas e 150 lojas franqueadas, desembarcou em janeiro nos EUA em parceria com a State of Kid. São dois espaços, um no Design District e outro em South Miami. O objetivo é somar cerca de 100 pontos de venda na Flórida este ano e, no futuro, quando a marca estiver consolidada, entrar com lojas próprias e franqueadas.

— É um trabalho de fortalecimento de marca. Desde 2000 vendemos nossos calçados via distribuidor — diz a CEO, Andrea Kohlrausch. — O objetivo da nova estratégia é levar a cultura, a sustentabilidade e a alma dos sapatos Bibi, daí a curadoria apurada na composição do mix.

APRESENTADO POR Falconi

Caminho para gestão eficiente e decisões acertadas está na combinação de dados e IA

Para CEO da consultoria Falconi, em cinco anos praticamente todas as empresas dependerão dessa estratégia para operar com eficácia

Dados e inteligência artificial (IA) são hoje o alicerce para decisões acertadas, gestão eficiente e entrega de serviços ou produtos de qualidade. A avaliação é de Alexandre Ribas, CEO da maior consultoria brasileira de gestão empresarial, a Falconi:

— Não se pode mais falar de competitividade e sustentabilidade empresarial sem ter essa dupla como diferencial e garantia de longevidade para as organizações — disse em Nova York, ao final do Summit Valor Econômico Brazil-USA.

A opinião do executivo resume boa parte das pautas debatidas por líderes empresariais brasileiros e americanos no encontro. Para Ribas, a discussão já saiu do "quando" para o "quanto", pontuando que, agora, a questão maior é determinar o quanto, juntos, dados e IA são capazes de entregar.

Para o CEO da Falconi, somente quem se adiantar nessa frente terá, nos próximos anos, diferencial competitivo para oferecer serviços e produtos em escalas regional e global.

— As discussões convergiram para uma certeza: em cerca de cinco anos, praticamente todas as empresas, sejam elas públicas ou privadas, terão uma gestão amplamente baseada em dados, com forte uso de IA. É a saída de cena da intuição, quando o gestor passa a contar com dados organizados e confiáveis para fundamentar as mais diferentes decisões, não importando se visam o curto, o médio ou o longo prazo.

Para Ribas, a IA transforma profundamente o cotidiano das organizações em outra frente, a da gestão do tempo. Ao automatizar tarefas repetitivas, libera os times para o que realmente importa: pensar estrategicamente, inovar e construir o melhor serviço ou produto.

— A tecnologia, inclusive, ajuda empresas a encontrar desperdícios, aprimorar processos e operar com menos custos e mais produtividade — comentou o CEO da Falconi.



"Somente quem se adiantar nessa frente terá, nos próximos anos, diferencial competitivo para oferecer serviços e produtos em escalas regional e global"

Alexandre Ribas, CEO da Falconi

Na prática, o uso de tecnologia permite às empresas privadas se prepararem melhor para os desafios que colocam o desempenho em xeque — sejam eles incertezas geradas por guerras tarifárias, conflitos geopolíticos, crises econômicas e até climáticas. No setor público, o impacto é ainda mais transformador. Com a aplicação da IA, é possível melhorar a mobilidade urbana, identificar gargalos na segurança e elevar a eficiência de toda a máquina pública.

— Os cidadãos agradecem, pois é patente a melhoria de qualidade em serviços mais rápidos, personalizados e, principalmente, entregues — disse o executivo, citando como caso de sucesso a administração pública do Piauí.

DESAFIOS

Mas ainda há muito a ser feito, e o Brasil precisa correr para não perder a onda. Segundo dados da pesquisa TIC Empresas 2024, feita pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação, somente 13% das empresas do país usaram ferramentas de IA em 2024. A causa está na dificuldade de compreensão da tecnologia e no custo alto. Mas ambos os desafios podem ser vencidos com duas estratégias.

Segundo Ribas, o primeiro passo é tratar a qualidade dos dados — de nada adianta algoritmos sofisticados se os dados forem imprecisos, desorganizados ou incompletos na empresa. É preciso, portanto, investir em governança, integridade e estruturação dessas informações. Também não se consegue avançar sem tratar do segundo ponto fundamental na equação dos bons gestores: a capacitação das pessoas.

Não se trata apenas de investir em IA, mas de mudar a forma de pensar o negócio — uma jornada que exige dos gestores clareza, propósito e método:

— Os líderes precisam abraçar e propagar esses conceitos para que as empresas avancem com consistência. Implementar cultura de dados e IA não é modismo. É um movimento necessário, estratégico e irreversível. Pois aumenta a eficiência operacional, cria valor e sustenta a inovação de forma contínua — concluiu o CEO da consultoria.

CONTEÚDO PATROCINADO PRODUZIDO POR G.lab

PARCERIAS BILATERAIS FOCAM NO CLIMA

Cooperação entre centros de produção de conhecimento dos países já produz resultados em benefício das populações

SUZANA LISKAUSKAS
Especial para o Valor

Em novembro próximo, durante a COP30, conferência da ONU sobre o clima, em Belém (PA), serão apresentados dois relatórios inéditos produzidos pela Rede de Pesquisa em Mudanças Climáticas Urbanas (UCCRN), criada pela Universidade Columbia, em Nova York, nos Estados Unidos. Com foco em eventos extremos, como ondas de calor, e recortes sociais, os documentos sobre mudanças climáticas e resiliência urbana foram produzidos por pesquisadores da Universidade Federal do Rio de Janeiro, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) com Columbia.

— Columbia lidera pesquisas ligadas às mudanças climáticas. A universidade subsidia o governo americano e a prefeitura de Nova York em planos de mudanças climáticas em cidades. Os estudos que elaboramos serão utilizados no relatório especial de cidades do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) — diz Andrea Santos, professora da Coppe-UFRJ e uma das diretoras da UCCRN na América Latina.

A Universidade Columbia mantém uma parceria com a prefeitura do Rio de Janeiro desde 2010. Um dos projetos mais recentes dessa cooperação, ainda em fase inicial, prevê o uso de inteligência artificial para melhorar a preparação, resposta e recuperação de comunidades em eventos climáticos extremos, sobretudo em regiões mais vulneráveis.

PROJETOS CONJUNTOS

Na área de engenharia de transportes, Andrea Santos lidera o acordo de cooperação entre a UFRJ e a Pontifícia Universidade da Igreja Católica nos Estados Unidos, instalada na capital, Washington. Há cinco anos, pesquisadores dessa universidade e da UFRJ desenvolvem projetos com foco em mobilidade e energia renovável. Um desses trabalhos é o artigo sobre infraestrutura e ondas de calor nas cidades, "We need to prepare our transport systems for heatwaves — here's how" ("Precisamos preparar nossos sistemas de transportes para ondas de calor, e aqui está como"), publicado em agosto do ano passado na revista científica Nature.

A cooperação entre Brasil e Estados Unidos para desenvolvimento de pesquisa e tecnologia cresceu a partir dos anos 1950. Um exemplo é a Universidade Federal de Viçosa (UFV), que estabeleceu naquela década uma parceria com a Universidade Purdue.

A Purdue continua sendo uma das instituições mais procuradas por bolsistas da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), vinculada ao Ministério da Educação (MEC). O programa é oferecido em parceria com a Comissão Fulbright Brasil. Vinculado ao governo dos Estados Unidos desde 1946, o programa Fulbright é um dos principais financiadores de cooperação científica entre o Brasil e os Estados Unidos.

DOUTORADO NO EXTERIOR

O diretor de Relações Internacionais da Capes, Rui Oppermann, diz que as universidades nos Estados Unidos estão entre as principais opções dos bolsistas brasileiros, na graduação e na pós-graduação. Em 2024, 671 estudantes foram financiados pelo programa de doutorado sanduíche no exterior, da Capes, nos EUA.

Os pesquisadores brasileiros fomentam muitos acordos de cooperação, como é o caso de Juliana Pacheco, atualmente professora do Departamento de Engenharia Nuclear e Engenharia Física da Universidade de Wisconsin-Madison. Primeira aluna a concluir o curso de graduação de engenharia nuclear da Escola Politécnica da UFRJ, Pacheco foi bolsista no programa de doutorado da Capes.

NOVOS TALENTOS

Ao concluir o doutorado, Pacheco foi contratada pela universidade Virginia Tech. Por não voltar ao Brasil após o doutorado, ela se comprometeu com a Capes a contratar pesquisadores brasileiros nos EUA. Em 2022, a professora Inayá Lima, coordenadora do Programa de Engenharia Nuclear (PEN) da Coppe-UFRJ até janeiro deste ano, foi uma das convidadas por Pacheco para fazer workshops na Virginia Tech, na área de física nuclear aplicada.

— Em 2022, foi firmado um memorando de entendimento entre a Coppe-UFRJ e a Virginia Tech envolvendo todas as áreas da engenharia nuclear na Coppe. Por termos um curso de graduação exclusivo para engenharia nuclear, os alunos são muito valorizados no exterior. E as instituições dos Estados Unidos têm laboratórios de engenharia nuclear muito bem equipados — diz Lima.

O Insper mantém atualmente 120 parcerias institucionais, sendo 26 com instituições americanas. Uma delas é a Universidade Columbia, que atua com o Insper em um curso sobre desafios climáticos e sistemas agroalimentares sustentáveis. Com a Universidade de Illinois, em Chicago, a cooperação com o Insper está voltada para a engenharia e ciência da computação.

— Columbia e Illinois têm uma agenda focada no Sul Global, em que o Brasil é uma referência. Queremos que as instituições internacionais nos vejam como uma referência, sobretudo em temas em que, sozinhas, elas não fariam pesquisa tão bem, por falta de entendimento de contextos — afirma Guilherme Martins, presidente do Insper.

DIVULGAÇÃO


Olhos para o futuro. Andrea Santos, professora da Coppe-UFRJ: parcerias ajudam país a se preparar para crises

DESINFORMAÇÃO AVANÇA SEM REGULAÇÃO

Legislação sobre redes sociais no Brasil enfrenta resistência no Congresso, e especialistas alertam para impacto nos mais jovens

MÔNICA MAGNAVITA
Especial para o Valor

O brasileiro está na terceira posição entre as populações que mais usam redes sociais no mundo — 3h e 37 minutos por dia, ante a média global de 2h e 23 minutos. Em países europeus como França, Itália e Suíça, o tempo diário em mídias sociais não chega a duas horas, no Japão é inferior a 60 minutos. A informação em si não induz a conclusões, mas quando se sabe que tal ambiente virtual influencia o comportamento das pessoas, como revelam pesquisas sobre o tema, o quadro muda de figura. Por exemplo, nos casos de incitação à violência, ao racismo, à misoginia, além da disseminação de notícias falsas.

Foi por meio de redes sociais que se articularam a tentativa de golpe do 8 de Janeiro e ataques a escolas, além da recente morte de uma menina de 8 anos que inalou desodorante.

— É o único setor no país que não precisa respeitar nenhuma legislação brasileira. É uma terra sem lei, que está atraindo todo tipo de fraude e crime, inclusive a venda de drogas. Nada é feito porque ninguém tem competência legal para fazer — diz Marie Santini, diretora do Netlab, da UFRJ.

A questão ganha dimensão ainda maior diante da atração do brasileiro pelas redes sociais. Um relatório do Pnud, órgão da ONU para o desenvolvimento, divulgado este ano, mostrou que os jovens com menos de 15 anos passam mais tempo em plataformas digitais do que os de outras nações.

— O tema de saúde mental e da ansiedade está concentrado, pela primeira vez, nos jovens. É importante pesquisar o impacto das mídias sociais e da tecnologia sobre eles. Há pressão por se adaptar a um padrão. Se eles ficam seis horas em uma plataforma, o paradigma de êxito humano será definido por esse canal — diz Claudio Providas, chefe do Pnud no Brasil.

ALTA CONCENTRAÇÃO

Além de ver com preocupação a falta de regulamentação, ele considera grave a atual concentração do setor.

— Hoje, três ou quatro big techs têm um patrimônio combinado superior ao PIB da maioria dos países em desenvolvimento — diz, ressaltando a convergência, em alguns países, entre as grandes plataformas e os tomadores de decisão. — Nossa preocupação é como assegurar a independência e se essa concentração das plataformas está dirigindo o tráfego de informações para determinados interesses.

A valorização das ações das big techs nos Estados Unidos reflete esse poder. Nos últimos nove meses encerrados em 9 de maio, os papéis da Nvidia renderam 1.398%; os da Tesla 445,98%; os da Meta 180,33%; e os da Apple 163,40%. No período, os índices americanos, S&P, Dow Jones e Nasdaq, se valorizaram bem menos — 93,18%, 69,53% e 96,56% — segundo a consultoria Elos Ayata, do especialista Einar Rivero.

As fake news, em especial, vêm mostrando poder de alterar padrões de comportamento. Foi o que ocorreu quando se espalharam pelas redes informações falsas sobre efeitos danosos das vacinas durante a pandemia de Covid-19, e que levaram ao aumento do número de infectados; recentemente, a série de relatos falsos sobre a taxação do Pix, que resultou na queda de 15,3% em suas operações.

Apesar de tal cenário, gigantes globais de tecnologia atuam sem regulação específica para suas atividades. Depois do fracasso do Projeto de Lei 2630 (conhecido como PL das Fake News), tachado de "tentativa de censura" por parlamentares da oposição, o governo enviará à Câmara um novo PL antitruste contra as big techs, a exemplo do que fez a União Europeia. Lá, a atual legislação possibilitou que Apple e Meta fossem multadas, juntas, em cerca de US$ 800 milhões (R$ 4,52 bilhões) por violarem as novas regras.

Há dúvidas quanto ao encaminhamento de outro PL, simultaneamente, para regular a moderação de conteúdo na internet, já que os partidos da oposição defendem a liberdade total das mídias. Renata Mielli, coordenadora do Comitê Gestor da Internet, é enfática ao defender urgência da aprovação de uma legislação para regular as plataformas digitais.

— Cada vez mais pessoas recebem informações por essas grandes plataformas, que mediam as relações a partir de critérios desconhecidos. Não podemos naturalizar que a circulação de informações, cultura e economia seja controlada de forma opaca, sem nenhuma obrigação das empresas privadas e sem transparência.

CONTEXTOS DIFERENTES

O professor Francisco Pinto Cruz, da FGV Direito de São Paulo, observa que experiências regulatórias e de governança não podem ser replicadas no Brasil porque os países têm realidades diferentes. Os avanços da Europa, refletidos na adoção da DSA (Lei dos Serviços Digitais), criada para prevenir atividades ilegais e a disseminação de desinformação, e no marco para os mercados digitais, a DMA (Lei das Redes Digitais), são específicos para a região.

Bia Barbosa, representante do Terceiro Setor no Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), que reúne seis ministérios, agências reguladoras e sociedade civil, ressalta o tamanho dos desafios no país, distintos dos europeus.

— Temos uma população com menos acesso à educação para lidar com as consequências do caos da informação digital. Já passamos por vários episódios que mostram a urgência de se avançar na regulação do setor — diz.



Resistência. Marie Santini, diretora do Netlab, da UFRJ: big techs atuam para alterar e barrar projetos sobre regulamentação

DESIGN BRASILEIRO GANHA ESPAÇO

Mercado americano é o principal destino de exportação do setor moveleiro nacional, e consumidores no país elogiam a qualidade e a identidade dos produtos. Apesar das incertezas tarifárias, empresas expandem presença nos EUA

ANGELA KLINKE
Especial para o Valor

Em junho, desembarcam em Dallas, Texas, as poltronas Indy e Wave (vencedora do IF Design 2023), ambas da fabricante catarinense Bell'Arte. As peças, assim como as linhas de dormitório, estar e estofados, serão vendidas em um showroom multimarcas da cidade.

A entrada no mercado americano é resultado da participação da empresa na feira ICFF, em Nova York, por meio do Brazilian Furniture, projeto da Abimóvel (Associação Brasileira das Indústrias do Mobiliário) em conjunto com a Apex para promover o design nacional no mercado externo.

Na edição do ano passado da feira, foram gerados mais de dois mil contatos comerciais e negócios estimados em US$ 76,1 milhões (R$ 430 milhões), com um "índice de novas conexões superior a 90%".

— O mercado americano gosta muito de móveis robustos, e nosso estilo é mais minimalista. Mas esta feira de Nova York é de móveis contemporâneos, o que nos permite falar com um público seleto de designers e arquitetos. Foi assim que entramos em Dallas — conta Thayse Freiberger, diretora do Grupo Bell'Arte.

Os EUA são o principal destino dos produtos moveleiros brasileiros. Neste primeiro trimestre, sua participação foi de 27,8% no total exportado pelo setor. Entre janeiro e março, as exportações brasileiras de móveis e colchões somaram US$ 173,23 milhões (R$ 980,33 milhões), um crescimento de 5,5% em relação ao mesmo período do ano anterior, sendo que o país norte-americano respondeu por US$ 48,2 milhões (R$ 272,77 milhões) do resultado.

DIVULGAÇÃO



Expansão. Showroom da Ornare em Palm Beach, Flórida: 9 pontos de venda nos EUA, e mais 4 já previstos

DIVULGAÇÃO



Estreia. Poltrona da catarinense Bell'Arte: entrada nos EUA por feira

IDENTIDADE NACIONAL

As exportações brasileiras de móveis e colchões alcançaram US$ 763,02 milhões (R$ 4,3 bilhões) em 2024, um crescimento de 3,8% frente a 2023. Para os EUA, o Brasil enviou o equivalente a US$ 225,89 milhões (R$ 1,2 bilhão), valor que representou 29,6% do total das exportações da indústria moveleira nacional no período. Ainda assim, houve uma queda de 3,6%. Uma das razões seria a diversificação de mercados promovida pelo governo americano.

Entre os principais itens exportados estão os móveis residenciais de madeira, além dos planejados e dos modulados, em especial para ambientes de cozinha e dormitório.

O Brasil se mostra como um "fornecedor de soluções de design com identidade, sustentabilidade e qualidade", diz Cândida Cervieri, diretora-executiva da Abimóvel. O que vem crescendo, destaca, é "o grau de sofisticação e a natureza da proposta de valor". — Cada vez mais, as empresas brasileiras estão investindo em produtos com design original, acabamentos diferenciados, processos produtivos limpos e certificações internacionais — diz ela.

As exportações brasileiras para os EUA registraram crescimento acumulado de mais de 104% entre 2013 e 2024, somando mais de US$ 1,6 bilhão (R$ 9 bilhões) no período.

— Esse crescimento é reflexo da consolidação de uma imagem positiva da indústria nacional — acredita ela.

Antes da imposição do chamado "tarifaço", a Abimóvel estimava um potencial adicional de crescimento de 47,9% nas exportações brasileiras de móveis e colchões para os EUA em até cinco anos, com o comércio de produtos acabados podendo atingir um total de US$ 346,5 milhões (R$ 1,96 bilhão) ao ano.

CENÁRIO POSITIVO

Apesar das indefinições da guerra tarifária e de um cenário desafiador, a Ornare está em expansão no mercado americano. Este ano, já abriu um showroom em Palm Beach, e dois novos, em Boston e Washington, serão inaugurados na sequência, totalizando nove pontos de venda naquele país. Outros quatro estão previstos para o próximo ano.

Há 20 anos, a fabricante de móveis começava sua jornada de exportação para os EUA. A porta de entrada foi Miami, a convite do desenvolvedor e colecionador de arte Craig Robins. Hoje, a empresa é contratada para mobiliar prédios inteiros, tanto em lançamentos como em retrofits.

— Os clientes, às vezes eles têm uma segunda casa em Miami ou em Los Angeles, ou eles vão fazer um flat em Nova York, e assim vai aumentando nossa familiaridade no mercado — diz Schattan. — Nós poderíamos fazer 100 móveis iguais nas nossas fábricas. Mas cada projeto é único. Nós fazemos prêt-à-porter como se fosse alta costura.

alelo

Alelo com
TAXA ZERO

USE DO SEU JEITO
alelo
tudo
MARCOS N PEREIRA

Sua equipe merece o melhor e mais completo cartão de benefícios.

Válido para empresas com pelo menos 5 cartões Alelo, com recarga mínima de R$ 240 em cada.

BOLSONARISMO CRIA ELO COM TRUMP

Pauta da 'Internacional de Direita' inclui valores econômicos e uma convergência religiosa com ideais autoritários, que encontrou no grupo do ex-presidente apoiadores fiéis para avançar no Brasil e em outros países da América Latina

VIVIAN OSWALD
Especial para o Valor

SAUL LOEB/AFP/20-2-2025



Discurso externo. Deputado federal licenciado Eduardo Bolsonaro (PL-SP), durante discurso na CPAC, a principal reunião da direita nos Estados Unidos, no estado de Maryland

Desde que o republicano Donald Trump foi eleito pela primeira vez, seguindo o receituário do seu então estrategista Steve Bannon — considerado guru do trumpismo —, um movimento muito claro da extrema direita americana passou a estabelecer conexões transnacionais e a criar pontes. Dentro da própria e com outros movimentos que surgiam ainda na América Latina e Europa. No Brasil, encontrou o bolsonarismo, cujo elo principal hoje seria Eduardo Bolsonaro, segundo especialistas.

A pauta comum do que se tem chamado de "Internacional de Direita" é o libertarismo. Mas passa também por uma identidade religiosa que se converte em capital político, segundo a especialista Ana Carolina Marsicano, pesquisadora do Laboratório de Estudos de Religião e Política (LABERP), da Universidade Federal de Pernambuco.

— Na extrema direita, há não apenas uma convergência circunstancial de agendas entre católicos, evangélicos e não religiosos, mas também uma performance autoritária e ultraconservadora compartilhada por segmentos que se valem principalmente do âmbito das redes sociais para intensificar o clima de polarização social.

PONTOS EM COMUM

Nos últimos seis anos e no par de meses que passou no Texas, nos EUA em 2025, enquanto esteve licenciado da Câmara dos Deputados, o filho 03 do ex-presidente tornou-se uma figura institucionalmente central para essa relação, segundo o professor da Fundação Getúlio Vargas, Guilherme Casarões.

— O bolsonarismo foi identificado ainda na campanha de 2018 como o grande movimento na América Latina que poderia ter essa afinidade com o trumpismo. E essa foi a razão pela qual, desde muito cedo, até um pouco antes da eleição de Jair Bolsonaro em 2018, Eduardo já era, junto com Felipe Martins, o grande interlocutor desse relacionamento em construção — diz Casarões.

Logo após a vitória de Bolsonaro, os dois seguiram para os EUA para reunir-se com Bannon. O que o 03 teria feito ao longo desse período teve o objetivo de "consolidar e instrumentalizar esse relacionamento que o bolsonarismo construiu com a extrema direita americana", explica o professor.

— Não se trata de acionar a Casa Branca, Trump e seus aliados mais próximos para melhorar uma situação geral do Brasil, mas sim para confirmar um conjunto de narrativas que o bolsonarismo já estava querendo promover por aqui há muito tempo.

É aí que a pauta desses movimentos de países com o cenário político tão diferente se encontra. Ideias como a perseguição aos conservadores no Brasil, a existência de uma suposta conspiração comunista, ou até mesmo a mais recente, que diz que o Brasil estaria virando uma ditadura do Judiciário, alimentam os bolsonaristas.

KENT NISHIMURA/BLOOMBERG/22-2-2025



Estabilidade. Javier Milei, durante discurso na CPAC: presidente argentino não cumpriu promessas de campanha como a saída do Acordo de Paris

Q

"São ideias que animam apoiadores de Bolsonaro, mesmo que ele esteja inelegível, e que se constroem a partir dos EUA"

Guilherme Casarões, professor da FGV

"Foi assim que o Brexit tirou o Reino Unido da UE, que Trump foi eleito e, depois, Bolsonaro"

Beto Vasques, professor da FESPSP

— Todas essas ideias, que abastecem de maneira muito central o bolsonarismo, animam os apoiadores de Bolsonaro, mesmo que ele esteja inelegível. São narrativas que se constroem a partir dos EUA também — explica Casarões, que se debruça sobre o tema há anos.

Para ele, falar que existe uma perseguição do Judiciário brasileiro contra a liberdade de expressão é ótimo para os usuários abusivos de redes sociais no Brasil, que espalham fake news sistemáticas.

— Mas também é bom para os donos das big techs, que se beneficiariam também de um ambiente muito menos regulamentado e muito mais anárquico, no qual se monetiza muito.

Os elos mais fortes hoje estariam com parlamentares americanos na Flórida.

— É difícil identificar isso porque, na maioria dos casos, trabalham nos bastidores, operam muita coisa de longe. São figuras públicas que têm construído uma relação muito forte com a nossa extrema direita. Parlamentares como a jornalista Maria Elvira Salazar, da Flórida, o lutador Jim Jordan, de Ohio, e Chris Smith, de Nova Jersey. São os três que, inclusive, apresentaram um projeto de lei para sancionar Alexandre de Moraes — afirma Casarões, que destaca ainda as personalidades brasileiras que costuram as pontes nos EUA, como Paulo Figueiredo, Allan dos Santos, e alguns outros empresários próximos a Eduardo Bolsonaro.

Há ainda, segundo ele, associações que operam sobretudo da Flórida, que têm promovido eventos para arrecadação de fundos, conseguindo mobilizar parte da numerosa comunidade brasileira nos EUA.

— Algumas igrejas evangélicas funcionam como hubs dessa turma. Mas acho que isso é secundário. A grande movimentação está mais no meio político e no empresarial.

TEMA DA LIBERDADE

Para Marsicano, as pontes seguem fortes, com grande articulação no Brasil, na América Latina e nos EUA, que vai além da política. Envolve associações e grupos religiosos, e trabalho de base no campo assistencial e da informação, a partir de universidades e centros de estudos. Essas pontes, segundo ela, podem facilitar o caminho do crescente radicalismo que elegeu Trump até a eleição de 2026 no Brasil.

Na avaliação de Casarões, a extrema direita abraçou como grande mote o tema da liberdade, "muito mais que Deus, pátria e família".

— Uma liberdade absolutamente desigual, tirânica, de dominação, ou de mentira, no fim das contas. Esse é um discurso unificado, muito forte, um dos poucos pontos da extrema direita que ainda consegue unir libertários, por exemplo, ultraconservadores e a MAGA [Façam os EUA grandes de novo, slogan da campanha trumpista] — afirma, lembrando que a própria política americana hoje está rachada.

O caminho da Internacional de Direita é a terceira — e a mais sofisticada — das três ondas de digitalização da política. A primeira teria sido com o ex-presidente americano Barack Obama e o início da comunicação digital; a segunda foi simbolizada pelo surgimento de partidos como o Podemos, na Espanha, o Movimento Cinco Estrelas, na Itália, ou o Pirata, na Suécia, que nasceram digitais.

— Basta um nome e número de telefone para ser membro do partido. Por isso, conseguiram sem dinheiro e poder econômico, uma janela de oportunidade. Organizaram suas políticas pelo Telegram ou Facebook — completa Casarões.

Em 2016, teria vindo a terceira onda, quando a extrema direita profissionalizou esta organização com indústrias de robôs — "tendo o ódio como operador político e a mentira como método, com dinheiro infinito e a ajuda dos algoritmos".

— Foi assim que o Brexit tirou o Reino Unido da União Europeia (UE), que Trump foi eleito e, posteriormente, Bolsonaro — afirma Beto Vasques, professor de Comunicação Política da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP).

A aposta bolsonarista em Trump contraria a tendência internacional. Até aqui, a extrema direita tem sido cautelosa na aproximação com o trumpismo, que parece radical demais até para alguns desses grupos. Na Europa, por exemplo, os partidos de extrema direita estão mudando coletivamente o centro de gravidade política. São movimentos que se encontram em temas como anti-imigração e direito de asilo, mas se diferenciam em pautas como aborto, política econômica e sobretudo nas relações exteriores.

AGENDA EXTERNA

Até Javier Milei, na Argentina, tem sido menos vocal nos últimos tempos. Não deixou o acordo de Paris, como disse que faria logo que Trump o fez, nem o Mercosul. Seu discurso tem sido pela estabilidade, evitando o destempero.

No Brasil, a família Bolsonaro apostou alto nessa aproximação com o governo americano para atacar o Supremo Tribunal Federal (STF) e pressionar pela anistia. Era uma forma de tentar mudar as regras do jogo político interno, no qual parecem fadados a perder. Este seria um dos objetivos da decisão do deputado Eduardo Bolsonaro de permanecer nos EUA.

Investir na agenda externa para se fortalecer diante da Justiça, pauta que interessa a Trump, que vive às turras com o Judiciário americano, mas também dentro da direita brasileira. Segundo fontes, o presidente americano estaria até tentando influenciar a escolha do nome do próximo embaixador americano no Brasil.

É claro que a primeira relação, a mais importante, é com o governo federal. Mas Vasques, que também é diretor do Instituto Democracia em Xeque, vê o caminho secundário como vantajoso.

— Quando os canais se fecham, como aconteceu com Israel, o embaixador bem conectado sempre pode recorrer ao Legislativo — conclui Vasques.

MARIA LIGIA PAGENOTTO
Especial para o Valor
SÃO PAULO



DREW ANGERER/AFP/5-2-2025

Resistência. Protesto contra decisão dos EUA de reduzir significativamente as ações da Usaid, em Washington

ONGS BUSCAM ALTERNATIVAS APÓS CORTES DE TRUMP

Restrições à ajuda externa dos EUA já impactam projetos, inclusive no Brasil, mas ativistas apostam na resiliência

Anunciado em janeiro, o corte de verbas para projetos alinhados à agenda "woke" (ligados à igualdade racial, social e de gênero) por parte do governo americano está levando diversas organizações a se reestruturarem. O primeiro alvo de Trump foi a Usaid (Agência dos EUA para Desenvolvimento Internacional), responsável por 42% da ajuda humanitária global monitorada pela ONU em 2024. No Brasil, o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur), junto com a Cáritas Brasileira, foram algumas das organizações mais impactadas.

— Trump está substituindo a estratégia de *soft power* por uma postura mais confrontacional — diz o professor da FGV Direito Oscar Vilhena. — Difícil é prever quais serão as consequências.

INTEGRAÇÃO AFETADA

No Brasil, a redução ocorre em um momento crucial para a ajuda humanitária, explica Davide Torzilli, representante do Acnur no país. Com os cortes, quase 2 mil pessoas ficaram sem apoio, limitando as chances de integração, e cerca de 4 mil refugiados estão sem assistência básica.

— Sem financiamento, ao menos 29 mil pessoas enfrentarão dificuldades para pedir asilo e obter documentos legais, sem contar as que deixarão de receber atenção psicossocial — afirma Torzilli.

A Cáritas, ligada à CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), suspendeu repasses para o Escritório de População, Refugiados e Migração (PRM), responsável por projetos de saneamento e segurança alimentar em Roraima.

— Mas, mesmo em um cenário tão difícil, não paramos — diz Indi Gouveia, coordenadora nacional da Cáritas. — Dialogamos com parceiros, Estado e outras instituições e, com doações, conseguimos reabrir as instalações e oferecer refeições.

Franklin Félix, coordenador da Abong (Associação Brasileira de ONGs), explica que a instituição tem atuado para fortalecer alianças nacionais e se articulado junto ao Congresso Nacional para garantir apoio estruturado ao trabalho da Organizações da Sociedade Civil (OSC).

— A ausência de apoio de agências e fundações internacionais exige uma reorganização, e muitas não conseguem obter recursos nacionais ou privados com facilidade — afirma.

Essa resiliência das ONGs brasileiras chama atenção, segundo Paula Fabiani, CEO do IDIS (Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social).

— No Fórum Global de Filantropia, realizado em março no Vale do Silício, vimos muito medo nas fundações americanas: de investigações, de perderem incentivos fiscais, de se posicionarem em causas progressistas ou de trabalhar com governos de esquerda — afirma. — Os EUA se espelham no Brasil para buscar alternativas às organizações.

EXPERIÊNCIAS PASSADAS

Radicada no Brasil desde 1995, a mexicana-nicaraguense Amalia Fischer, idealizadora e diretora do fundo ELAS+, ressalta essa característica latino-americana.

— Já vivemos tensões e atravessamos ditaduras, temos resiliência para enfrentar mais essa onda.

Seu maior receio é perder investimento das multinacionais em ações de combate ao racismo e à LGBTfobia, temas nos quais o Brasil avançou.

— Estão ideologizando a desigualdade e não podemos tolerar retrocessos — afirma.

Paula Fabiani aposta em mudanças de narrativa para superar a fase. Segundo ela, algumas fundações aumentaram repasses e usam parte do fundo patrimonial para compensar os cortes.

— Instituições mais alinhadas à diversidade estão associando gênero à geração de renda, por exemplo, para evitar a perda de verbas — diz ela, que não vê um cenário tão pessimista a médio prazo para as ONGs. — Não sabemos o que pode vir após a extinção dessas agências, mas acredito que teremos novos programas para ocupar os espaços, com outro nível de exigência.

A medida, acredita, pode ser também um gatilho para que a comunidade filantrópica se posicione aqui de forma mais efetiva.

Realizado de 7 a 9 de maio, em Fortaleza, no Ceará, o 13º Congresso do Grupo de Institutos, Fundações e Empresas (GIFE) destacou a importância do Investimento Social Privado (ISP) neste contexto:

— É preciso um volume maior de recursos financeiros para a filantropia brasileira — afirma o secretário-geral Cassio França. — O ISP já coopera para a redução das desigualdades no país, junto com políticas públicas de grande escala, mas tem potencial para crescer e se aperfeiçoar.

APELO AO FUTURO

As incertezas, no entanto, são maiores em relação à cooperação internacional.

— Qual será o impacto nos investimentos no Brasil ainda não sabemos, mas, quanto mais forte e consolidada estiver a filantropia, menor a dependência de recursos externos.

O tema norteou a palestra de abertura do GIFE, "Conjuntura internacional e contexto Brasil — afinal, que país queremos?", com Abigail Disney, herdeira do tio-avô Walt Disney. Estima-se que tenha doado mais de US$ 70 milhões (R$ 396 milhões) para causas ligadas a mulheres em situação de vulnerabilidade.

Aproveitando a deixa, Paula faz uma provocação aos institutos e fundações familiares do Brasil:

— Como vão se posicionar nessas agendas tão importantes para o desenvolvimento de nossa sociedade?

APRESENTADO POR  PREFEITURA DE SÃO PAULO

Prefeitura de São Paulo destaca iniciativas para atrair novas empresas para a cidade

Secretário de Desenvolvimento Econômico e Trabalho detalha incentivos que fizeram a capital paulista receber cerca de 39 mil novos negócios só no ano passado

Segurança jurídica, incentivos fiscais, simplificação da burocracia e oportunidades em parcerias público-privadas. Esse ecossistema criado pela prefeitura de São Paulo para atrair novas empresas para a cidade foi apresentado pelo secretário de Desenvolvimento Econômico e Trabalho, Rodrigo Goulart, durante o Summit Valor Econômico Brazil-USA, realizado em Nova York no último dia 14 de maio.

Em 2024, a capital paulista recebeu cerca de 39 mil novas empresas, entre recém-abertas ou que se mudaram de outra cidade. A região mais procurada foi o centro, que passou a abrigar 25 mil novos negócios, também no ano passado. E essa não é uma tendência recente, já que os distritos que formam a subprefeitura da Sé tiveram um crescimento de 22,3% no número de novas empresas instaladas entre 2021 e 2024, com um saldo positivo total de 64 mil companhias.

"Viemos a Nova York mostrar esses resultados tanto aos investidores que ainda não estão em São Paulo como para aqueles que já estão para que invistam ainda mais"

Rodrigo Goulart, secretário de Desenvolvimento Econômico e Trabalho



Rodrigo Goulart fala no Summit Valor Econômico Brazil-USA, em Nova York

AÇÕES DE IMPACTO

O resultado pode ser mais visível no centro de São Paulo, mas várias iniciativas tiveram efeito positivo para a cidade como um todo. Um exemplo foi a redução da alíquota de ISS para diversos setores da economia, como audiovisual e plataformas digitais, que passou de 5% para cerca de 2,5%.

Outro foi a simplificação de processos. Desde 2023, é possível abrir uma empresa em 24 horas na capital paulista. Antes, o tempo médio de espera era de até 100 dias.

Essas ações fazem parte de um novo ambiente regulatório, de acordo com Goulart, que visa proporcionar um ecossistema em que investidores tenham tranquilidade para estabelecer seus negócios em São Paulo.

Parte disso passa também pela segurança pública. O programa Smart Sampa, que usa tecnologia de reconhecimento facial no combate ao crime, prendeu mais 1,2 mil foragidos da Justiça, além de gerar um grande número de flagrantes, em seis meses.

Este ano também já mostra resultados macroeconômicos promissores para a cidade, com um saldo positivo de 50 mil pessoas com carteira de trabalho assinada no primeiro trimestre, de acordo com os dados do novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Além disso, a capital registrou recordes no número de formalização de microempreendedores individuais (MEIs) no ano passado, e o rendimento médio do paulistano é de R$ 5.453, cerca de 70% acima da média nacional.

AGENDA NOS EUA

— Viemos a Nova York mostrar esses resultados tanto aos investidores que ainda não estão em São Paulo como para aqueles que já estão para que invistam ainda mais — afirmou o secretário municipal durante o Summit Valor Brazil-USA.

A visita de Rodrigo Goulart à cidade americana contemplou, ainda, reuniões com investidores, sobretudo do setor de tecnologia e inovação, e potenciais interessados em integrar três parcerias público-privadas (PPP) com a prefeitura de São Paulo.

São elas: o plano de revitalização do Parque D. Pedro II; o projeto de um sistema de veículo leve sobre trilhos (VLT) no centro, apelidado de Bonde São Paulo; e a Esplanada da Liberdade, espaço cultural a céu aberto criado a partir da junção dos viadutos Guilherme de Almeida (Avenida Liberdade), Cidade de Osaka (Rua Galvão Bueno), Mie Ken (Rua da Glória) e o Shuhei Uetsuka (Conselheiro Furtado), acima de uma parte da Radial Leste.

— Todos esses dados e planos são a melhor prova de que investidores e empresários devem continuar vendo São Paulo como o único destino possível para as sedes dos seus negócios — avaliou.

CONTEÚDO PATROCINADO PRODUZIDO POR G.lab

ESTILO DE GERIR QUE DÁ FRUTOS POR AQUI

Operações no Brasil adotam práticas comuns nos EUA para manter relações de trabalho mais amistosas

JACILIO SARAIVA
Especial para o Valor
SÃO PAULO

Características do estilo americano de gestão, como o foco em resultados e maior autonomia para as equipes, são absorvidas por empresas no Brasil, segundo especialistas. Por outro lado, práticas como avaliações de performance profissional, consideradas mais assertivas nos Estados Unidos, são "tropicalizadas" no mercado nacional, por conta da preocupação em evitar conflitos e manter as relações de trabalho mais amistosas.

— Apesar de cada companhia apresentar uma cultura organizacional própria, é possível elencar nuances do estilo americano nas corporações brasileiras — avalia Vanessa Cepellos, professora de gestão de pessoas da Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getulio Vargas (FGV-EAESP).

ALINHAMENTO ESTRATÉGICO

Um dos principais elementos absorvidos pelas operações brasileiras é o foco em metas e resultados, explica.

— Para isso, as empresas adotam indicadores de desempenho [KPIs, na sigla em inglês], a fim de obterem maior alinhamento estratégico e auxílio na tomada de decisões.

A competição também é um traço marcante na administração dos negócios nos EUA, diz a professora.

— A busca pela liderança nos setores de atuação das empresas é um objetivo a ser atingido. Por isso, as chefias valorizam as iniciativas e a capacidade empreendedora dos funcionários.

Cepellos diz que a adaptação de práticas de gestão "americanas" no contexto de produção no Brasil depende de aspectos culturais.

— Em geral, os brasileiros buscam flexibilidade, conexões pessoais e soluções rápidas no trabalho, o que pode comprometer processos de gestão mais rígidos e padronizados — argumenta.

Mas, segundo a especialista, práticas importadas podem ser "tropicalizadas" pelos gestores locais. As avaliações de desempenho profissional nas empresas americanas, por exemplo, são caracterizadas por uma maior objetividade nas análises, afirma.

— No Brasil, esses processos são menos 'diretos', por conta da preocupação em manter as relações de trabalho mais amistosas — explica. — Reuniões de feedback costumam ser mais informais e consideram fatores comportamentais [como boa comunicação e trabalho em equipe].

Nos EUA, dar e receber feedbacks com objetividade é considerado um sinal de profissionalismo, acrescenta Diana Quintella, professora do MBA em Gestão de Negócios do Ibmec-RJ.

— No nosso país, há uma preocupação para que a mensagem [nas análises de desempenho funcional] não seja percebida como agressiva ou desmotivadora — explica. — Multinacionais que "tropicalizam" essa rotina, treinando líderes para estabelecer empatia antes de oferecer críticas, costumam garantir melhores resultados em programas de desenvolvimento profissional.

Quintella diz que a maneira americana de conduzir negócios tende a valorizar a meritocracia, a autonomia e o incentivo à inovação.

— Uma gestão descentralizada confere autonomia aos líderes locais [de multinacionais dos EUA] para ajustar estratégias conforme o mercado — relata. — Os americanos confiam em estruturas organizacionais mais horizontais, o que favorece ambientes de trabalho colaborativos.

LIDERANÇA MAIS ATIVA

A professora do Ibmec chama a atenção ainda para diretrizes gerenciais encampadas pela alta administração nos dois países.

— Um exemplo comum é o uso de OKRs [Objetivos e resultados-chave, da sigla em inglês], sistema de metas adotado por empresas como Google e Intel — aponta. — O objetivo é alinhar a execução de tarefas com a estratégia empresarial de forma mensurável, com foco no engajamento dos times por meio de metas.

É o que acontece na Aiqon, empresa brasileira especializada em cibersegurança, fundada em 2012.

— Cada funcionário é avaliado sob a ótica objetiva dos OKRs — explica o CEO Thiago Felippe, ex-executivo do banco Merrill Lynch, que reside nos EUA. — Temos no nosso DNA o estilo de gestão dos americanos.

A "exportação" de práticas brasileiras para companhias nascidas nos EUA também tem aumentado, segundo Quintella, do Ibmec.

— Conglomerados de atuação internacional têm observado como o cuidado com a experiência do cliente pode gerar fidelização — diz. — São modelos presentes em redes brasileiras, como o Grupo Boticário e a Natura.

O americano Reed Elliot Nelson, professor do mestrado em Administração da Fundação Dom Cabral, lembra que a alta cúpula de grupos dos EUA costuma colocar a "mão na massa" no dia a dia das operações. Nas grandes empresas americanas que operam no Brasil, há uma orientação para garantir a maior atuação da liderança, argumenta.

— Em vez de apenas delegar, os líderes participam ativamente da rotina operacional — afirma.

ARQUIVO PESSOAL



Adaptação. Vanessa Cepellos, da FGV-EAESP, diz que práticas importadas podem ser "tropicalizadas"

VOO ALTO COM AJUDA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Person of the Year da Amcham, CEO do Prosus vê vantagem em uso precoce

CARIN PETTI
Especial para O Valor
SÃO PAULO

A holding de tecnologia Prosus, controladora do iFood, prevê novos investimentos na América Latina — incluindo Brasil — e Índia, com a meta de aumentar o valor de mercado de US$ 120 bilhões para US$ 200 bilhões em até quatro anos. É o que disse no Summit Brazil-USA Fabricio Bloisi, eleito neste ano Person of the Year pela Câmara Americana de Comércio para o Brasil (Amcham).

— Estamos começando a investir em empresas que possam complementar o nosso ecossistema — afirmou.

Exemplo disso é a aquisição, por US$ 1,7 bilhão, da plataforma de viagens latino-americana Decolar, conhecida internacionalmente como Despegar. A transação foi anunciada em dezembro e agora aguarda aprovação de órgãos reguladores.

— Uma vez que isso aconteça, pretendo investir muito mais no Brasil e na América Latina e na Índia — afirmou Bloisi.

PENSAR GLOBALMENTE

O investimento integra a estratégia de crescimento do grupo.

— Nossa grande missão é chegar em US$ 200 bilhões [de valor de mercado] rápido, de preferência antes dos quatro anos, porque isso é só a primeira metadezinha para começarmos a pensar grande globalmente — afirmou ele. — Se conseguirmos repetir a inovação que fizemos no Brasil no mundo inteiro, em cem países, vamos criar uma empresa dez vezes maior, não é só 100% maior. Vamos criar a maior empresa de tecnologia do mundo fora dos Estados Unidos.

Antes de assumir o cargo de CEO do Grupo Prosus, no ano passado, Bloisi comandou o iFood, empresa que adquiriu em 2013, com 20 funcionários, e que hoje lidera o mercado de delivery no Brasil.

— Transformei a Prosus menos em uma holding de investimentos e mais em uma empresa de tecnologia agressiva em inovação — destacou Bloisi. — Essa empresa vai ser tão inovadora quanto a Open AI, Google e a Microsoft.

Entre as estratégias de inovação já adotadas, ele menciona o desenvolvimento de um modelo de inteligência artificial (IA) generativa comercial para as 20 empresas da holding. O chamado *large commerce model* tem como foco a aplicação da IA nos processos, dados e modelos de negócios.

— Nas nossas empresas, a maior parte das decisões são feitas pela inteligência artificial — disse.

800 MODELOS DE IA

Como exemplo, citou, no iFood, o uso de IA para escolha dos entregadores, das opções de estabelecimentos mostradas aos usuários e do modelo utilizado para detecção de fraudes.

Segundo ele, agora a Prosus trabalha na consolidação de 800 modelos de IA em um único modelo. Entre os dados utilizados estão, por exemplo, todas as visualizações dos clientes, suas comunicações em diferentes canais e documentos da companhia.

— A gente está pegando todo o conhecimento da Prosus e treinando o modelo [de IA] com tudo — afirmou. — Isso nos permite operar com muito mais escala e velocidade.

Ainda de acordo com o executivo, a adoção precoce da IA nos processos é essencial na busca por oportunidades em qualquer organização.

— Não só empresas, como governos, vão ser completamente diferentes em três ou quatro anos [com a IA] — afirmou. — Se você é primeiro nisso, se você é pioneiro e consegue fazer isso muito bem, a oportunidade é enorme.

VANESSA CARVALHO/VALOR/14-5-2025



Metas ambiciosas. O CEO do grupo Prosus, Fabrício Bloisi (à direita), conversa com Lauro Jardim, colunista do GLOBO e da Rádio CBN, no Summit Brazil-EUA em Nova York

MÔNICA MAGNAVITA
Especial para o Valor

BRASIL PRECISA GARANTIR EQUILÍBRIO FISCAL

Especialistas presentes no 'Summit Valor Brazil-USA' afirmam que o país tem que se adaptar para voltar ao grupo que atrai trilhões para investimentos globais

O mundo tem hoje US$ 50 trilhões para investir em países e empresas com selo de qualidade, o chamado grau de investimento (investment grade), e apenas US$ 1 trilhão destinado a governos e ativos com classificação de risco menos atrativas. O Brasil, que pertenceu ao seleto grupo entre 2008 e 2015, quando perdeu o título de "bom pagador" concedido pelas agências internacionais, caiu para o grupo que disputa, atualmente, a menor fatia dos investimentos globais. Para voltar ao posto e atrair capital, é preciso manter o equilíbrio fiscal, segundo especialistas que participaram da segunda edição do "Summit Valor Brazil-USA", em Nova York.

— A soberania de um país é o poder de sua moeda e nossa moeda se desvaloriza porque não temos equilíbrio fiscal. O potencial do Brasil é extraordinário, mas sem reformas vamos ficar patinando. Temos que ter o selo de qualidade. Sem ele, não estamos no jogo — disse Alexandre Bettamio, co-chefe global do banco de investimentos do Bank of America.



VANESSA CARVALHO/VALOR/14-5-2025

"Bom pagador". A editora-executiva do GLOBO Flavia Barbosa (à esquerda) media painel sobre investimentos no "Summit Valor Brazil-USA"

PAUTA FISCAL

A pauta fiscal, mais precisamente a necessidade de maior estabilidade das contas públicas, predominou durante o debate que contou também com a participação de Jorge Amato, chefe de estratégia para investimento na América Latina do Citi, e Martín Escobari, copresidente e chefe de global growth equity da General Atlantic, em torno do tema mercado financeiro e as perspectivas do Brasil.

Quanto às oportunidades, Escobari, apesar de concordar com os demais sobre a questão fiscal, citou o êxito obtido nos investimentos realizados pelo grupo no país, especialmente em energia renovável e economia digital.

— Na plataforma de growth equity e de infraestrutura aportamos US$ 13 bilhões no Brasil na última década, que performou bem, apesar da depreciação de 45%. As perspectivas são espetaculares. Sou muito otimista com o Brasil. Se o Brasil saiu do radar dos concorrentes é uma ótima notícia. Fiquei sozinho — disse.

Jorge Amato se juntou ele tanto ao se referir ao grande potencial do país, quanto à questão fiscal.

— É uma das maiores economias do mundo, tem um mercado financeiro sofisticado, mas estamos sentindo falta de equilíbrio fiscal. Mesmo com essa imensa economia, é difícil ganhar dinheiro nos mercados financeiros do Brasil. — ponderou. — O que os investidores querem? Querem capacidade de projetar investimentos no longo prazo, mas com burocracia regulatória e impostos altos fica muito difícil. Essa inabilidade do Brasil em estabilizar as expectativas fiscais é o maior problema.

IMPOSTOS DOS MAIS RICOS

Segundo ele, se a estratégia do governo argentino de Javier Milei for bem-sucedida, é possível que os países da América Latina, incluindo o Brasil, adotem postura semelhante.

— Caminhando mais para o centro-direita, para um conservadorismo.

Já Martín Escobari considera que, além da austeridade fiscal, é preciso aumentar impostos dos mais ricos. As duas ações combinadas são o caminho para o país "sair do buraco", nas suas palavras. Nesse momento, foi interrompido por Bettamio.

— Antes de aumentar os impostos dos ricos, pode-se conseguir austeridade fiscal tendo gestão melhor das contas públicas, cortando despesas desnecessárias, privatizando ativos e pagando dívidas. Existem outras formas de se conseguir esse efeito sem ter que cobrar mais impostos — disse.

Ao retomar a palavra, Escobari ressaltou o fato de que o Brasil está no jogo do que chamou de "quarta revolução tecnológica", a da inteligência artificial.

— Nas últimas três revoluções, o Brasil chegou atrasado. Nessa, não está atrasado. Já tem infraestrutura digital e barata — disse.



ENTREVISTA • MARCELO MARTINS, CEO DA COSAN

Para Cosan, turbulências das tarifas não alteram o potencial do mercado americano

Companhia está mais focada no quanto medidas econômicas norte-americanas beneficiam o mercado dos EUA do que nos impactos negativos para o Brasil, segundo CEO Marcelo Martins


Martins participa de painel do Summit Valor Econômico Brazil-USA

Em entrevista dada durante o Summit Valor Econômico Brazil-USA, Marcelo Martins, CEO da Cosan, afirmou que o foco da empresa nos Estados Unidos é o nicho de lubrificantes e, por isso, a turbulência das políticas econômicas do governo norte-americano não preocupa a holding. "Quanto mais os EUA derem certo e o consumo aumentar, maior a nossa presença, rentabilidade e a nossa disposição de investir." Confira a íntegra da conversa:

Em qual setor está o foco da Cosan em seus investimentos atuais nos EUA, e quais os planos para o futuro?

Marcelo Martins — Os nossos investimentos diretos nos EUA são feitos hoje no setor de distribuição de lubrificantes. Já temos historicamente uma parceria com o maior player americano, que é a ExxonMobil, e a nossa ideia sempre foi aumentar nossa exposição a mercados mais maduros como o americano, sem reduzir a nossa exposição no Brasil. Dois anos atrás, nós fizemos a aquisição de uma distribuidora chamada PetroChoice, que causou nossa entrada mais substancial no mercado americano. Com isso, agora estamos presentes em 23 estados. Não queremos só ampliar o nosso share de mercado na distribuição de lubrificantes, mas também, eventualmente, aumentar a nossa capacidade de produção de lubrificantes no mercado americano.

Qual a participação da Cosan agora no mercado americano e quanto a empresa quer aumentá-la?

MM — No negócio de distribuição de lubrificantes, o mercado é muito substancial, e temos cerca de 4% de presença no mercado americano. Esse já é um número muito relevante; é difícil imaginar que você vai para 7%, 8%, 10%. O mercado dos EUA é muito diferente, em termos de dimensão, do brasileiro. Mas nós temos, sim, a possibilidade de entrar em outros segmentos americanos e aumentar a nossa presença, até para que a gente possa, dentro do nosso balanço para esse negócio, ter uma exposição cada vez maior a esses mercados mais desenvolvidos e estáveis.

Qual o tamanho que o país ocupa como mercado consumidor da Cosan? Quais as metas de crescimento para os próximos anos?

MM — Se você for quantificar qual o tamanho dos EUA hoje dentro da Cosan, ele é muito pequeno ainda. Fora a PetroChoice, os EUA ocupam um papel mais indireto. Por exemplo, o país tem uma importância para outra empresa do grupo, a Rumo. Porque se trata de um mercado bastante relevante para exportação e importação, e a Rumo é uma transportadora de grãos e operadora de terminais portuários.

Vejo uma grande oportunidade no mercado de açúcar e etanol. O Brasil não exporta para os EUA.

E esse é um ponto bastante importante: o Brasil precisa aumentar, obviamente, o advocacy no mercado de etanol de cana-de-açúcar. O presidente Trump fez alguns comentários superficiais sobre o setor que deram a entender que o mercado de etanol pode se desenvolver, porque pode haver um aumento da proporção na mistura de etanol na gasolina americana. O Brasil pode se beneficiar disso, mas o mesmo vai acontecer com os EUA, porque eles são grandes produtores de etanol de milho. Estamos buscando ver o lado positivo disso tudo: além da possibilidade de o mercado de etanol se desenvolver, se as medidas econômicas do presidente Trump beneficiarem o mercado americano, isso também poderá aumentar nosso market share de lubrificantes.

Como a atual conjuntura das tarifas do governo Trump afeta os negócios da Cosan com os EUA?

MM — Muito pouco. A consequência mais óbvia é que a China tem interesse em investir mais no Brasil, principalmente no setor produtivo. Já está acontecendo e estamos nos beneficiando disso. Por exemplo, anunciamos recentemente uma parceria da Rumo com a Cofco, uma grande trading chinesa, para investir em terminais e material rodante. Para nós, os benefícios são muito mais indiretos como esse. O maior benefício direto seria na questão do etanol e do mercado de combustíveis nos EUA, com ambos os países se organizando para, em conjunto, defenderem a agenda dos veículos movidos a etanol no mundo.

CONTEÚDO PATROCINADO PRODUZIDO POR G.lab

ELLEN SCHMIDT/AFP/24-5-2025



Máquina de fazer dinheiro. O brasileiro Gui Santos (à direita), ala do Golden State Warriors, durante disputa com Anthony Edwards: único brasileiro atualmente na NBA

NBA X NBB: UM PLACAR DESIGUAL NO BASQUETE

Diferença acentuada de salários e oportunidades marca o intercâmbio entre brasileiros e americanos nas ligas

THALES DE MENEZES
Especial para o Valor
SÃO PAULO

Jogadores americanos disputam o torneio da elite do basquete profissional no Brasil, e brasileiros também se arriscam a jogar na NBA, a liga milionária dos Estados Unidos. Mas existe uma diferença brutal que depende de qual lado o jogador está nesse intercâmbio informal. A atual temporada da NBA conta com apenas um brasileiro. É o brasiliense Gui Santos, de 22 anos, que atua como ala no Golden State Warriors. Por aqui, 29 americanos estão jogando na liga profissional NBB, Novo Basquete Brasil, que agrega 15 agremiações.

O que realmente impressiona não é a quantidade de jogadores de um lado e de outro, mas sim a remuneração dos profissionais. Os times brasileiros não revelam os salários dos jogadores, mas um atleta de destaque no NBB pode receber até R$ 80 mil por mês. O piso da categoria, embora não oficial, fica perto de R$ 30 mil.

Em sua segunda temporada na NBA, na qual começa a se destacar, marcando 19 pontos em vitória recente contra o Chicago Bulls, Santos recebe US$ 1,9 milhão (R$ 10,7 milhões) por ano, o que corresponde a cerca de R$ 900 mil mensais. Em seu contrato com os Warriors está previsto para a temporada 2025-2026 o reajuste salarial para US$ 2,2 milhões (R$ 12,4 milhões).

DURA TRANSIÇÃO

Ainda assim, Santos ganha bem menos do que as grandes estrelas do basquete americano. Ele é colega de equipe do maior salário da NBA, Stephen Curry, de 37 anos, que recebe US$ 55 milhões anuais (R$ 310,5 milhões) — valor que sobe para US$ 158 milhões (R$ 892 milhões) com contratos de patrocínio na temporada 2024-25.

Segundo Kenneth Garrison, estatístico e historiador que trabalha na organização de dados e informações da NBA, o basquete americano é o esporte no mundo que mais consegue se aproximar dos mecanismos de remuneração em grandes corporações.

— Os valores são calculados de uma maneira lógica, não é passional. A integração de público presencial, audiência na TV, produtos licenciados e adesão na internet transformam o basquete americano num modelo de negócio gigantesco. É muito dinheiro gerando mais dinheiro ainda. A NBA movimenta US$ 13 bilhões anuais [R$ 73,4 bilhões], e fica atrás da Fifa no mundo esportivo — diz o estatístico.

Ao ler a lista dos jogadores americanos que estão disputando o NBB, ele reconhece vários com passagens significativas no basquete universitário e em ligas menores. Destaca Shamell Stallworth, que veio ao Brasil em 2003, depois de tentativas fracassadas de entrar na NBA e, aos 44, anos continua jogando no NBB, agora no Caxias do Sul.

— A passagem do universitário para o profissional é o grande desafio que separa definitivamente os atletas que têm condições de ter uma carreira sólida na NBA. Existem três ligas universitárias nos EUA e a principal delas, a NCAA, é a grande fornecedora de jogadores para as franquias. É muito comum um jogador que não consegue entrar na elite seguir carreira em outros países.

OSCAR SCHMIDT

Por essa grande oferta de jovens talentos, Garrison classifica a entrada de Santos na NBA como um grande feito.

— São poucos estrangeiros mesmo. E o único país com uma participação grande é o Canadá. De resto, cada país tem um ou dois, com raras presenças fortes de uma mesma bandeira.

A liga americana feminina, WBNA, também tem nesta temporada uma brasileira solitária, a mineira Kamilla Cardoso, pivô do Chicago Sky.

Até hoje, o Brasil já teve 21 atletas nas equipes da NBA. O primeiro foi o pivô Rolando Ferreira, que foi escolhido pelo Portland Trail Blazers no draft de 1988. Esse "vestibular" anual é o que permite às equipes escolherem entre jogadores jovens que se credenciam a entrar na liga por terem se destacado no basquete universitário ou em ligas de outros países.

Oscar Schmidt, maior jogador brasileiro de todos os tempos, esteve muito próximo de jogar na NBA. Ele quase assinou contrato depois de liderar a seleção numa das grandes zebras da história, ganhando a final dos Jogos Pan-Americanos de Indianápolis, em 1987, batendo os EUA na casa do adversário, por 120 a 115. Oscar marcou 76 pontos.

Mas, nos anos 1980, a entidade não permitia que os jogadores disputassem torneios pelas seleções de seus países. Oscar não quis abrir mão de defender o Brasil e acabou recusando a proposta. A proibição caiu nos anos 1990, quando os americanos passaram a enviar estrelas da NBA para Olimpíadas e outras competições entre seleções.

JIU-JÍTSU BRASILEIRO SE ESPALHA PELOS EUA

Estima-se que cerca de 3 mil academias no país carreguem a sigla BJJ, modalidade que surgiu no Brasil com os irmãos Gracie

SÃO PAULO

É difícil encontrar nos Estados Unidos uma pessoa que se refira ao jiu-jitsu sem agregar ao termo a palavra "Brazilian". Estima-se que cerca de 3 mil academias pelo país carreguem em sua divulgação a sigla BJJ. As três letras remetem a um forte apelo como arte marcial eficaz, esporte competitivo e condicionamento físico. O número de academias de Brazilian Jiu-Jitsu cresce, e a rede que puxa esse fenômeno é a Barra Gracie, criada no Brasil, que já conta com 400 academias em grandes centros urbanos americanos, principalmente em estados como Califórnia, Flórida, Texas, Arizona e Illinois.

Nesse cenário, o mercado para professores brasileiros é atraente. Um profissional pode ganhar entre US$ 50 mil e US$ 80 mil por ano (cerca de R$ 280 mil a R$ 450 mil). Donos de academias bem estabelecidas podem ultrapassar rendimentos pessoais em US$ 150 mil anuais (R$ 846 mil). O mineiro Paulo Vittorino tem 43 anos e mora nos EUA desde os 22. Ele fez seu aprendizado no Rio, na Barra Gracie, e hoje é sócio de uma academia na Flórida.

— Vencer é a melhor propaganda possível. Eu assistia às lutas dos irmãos Rickson e Royce Gracie e eles nunca eram derrotados. Era impossível para um garoto entrando na adolescência resistir ao sonho de ser como aqueles caras — conta Vittorino.

Para entender o fenômeno nos EUA é necessário voltar mais de 100 anos no tempo, em direção a Belém, no Pará. Foi na década de 1910 que os irmãos Gracie, cinco garotos adolescentes, conheceram o mestre japonês Mitsuyo Maeda, que divulgava o judô e outras artes marciais pelo mundo. Carlos Gracie (1902-1994), o primeiro da família a aprender, passou os ensinamentos aos mais novos.

DIVULGAÇÃO



Legado. Fundada há mais de 40 anos no Rio, a Barra Gracie tem 400 academias em grandes centros urbanos americanos

ÍDOLO NACIONAL

No início da década seguinte, a família se mudou para o Rio e ele passou a ensinar a técnica. Para provar sua eficiência, inventaram os famosos "Desafios Gracie". A ideia era lutar contra adeptos de outros tipos de combate e fazer de suas vitórias a melhor propaganda da eficácia do jiu-jitsu.

O irmão mais novo, Helio (1913-2009), teve papel crucial na criação do Grace Jiu-Jitsu. Ele era fisicamente mais frágil do que os irmãos e foi adaptando a técnica para que seus praticantes não necessitassem de tanta força física, utilizando movimentos de alavanca para subjugar o adversário. Por décadas, a invencibilidade de Helio diante de rivais estrangeiros muito mais altos e chegando a pesar o dobro da massa corporal do brasileiro o transformou num ídolo nacional.

Helio modificou a técnica do jiu-jitsu, enquanto Carlos incorporou uma filosofia de vida à luta, chegando a desenvolver uma alimentação baseada em combinação de alimentos, a Dieta Gracie, divulgada em vários países. E seus filhos foram fundamentais na conquista dos EUA.

Na década de 1970, Rorion Gracie, primogênito de Helio, foi morar na Califórnia. Dava aulas na garagem de sua casa e foi ganhando adeptos. Chegou a trabalhar no cinema, na franquia "Máquina Mortífera", com Mel Gibson. Já estabelecido como dono de academia, pensou na divulgação do então rebatizado BJJ numa clara inspiração dos Desafios Gracie de seu tio Carlos.

NASCE O UFC

Rorion criou, em 1993, uma competição entre lutadores de técnicas diferentes. A ideia dele para o Ultimate Fighting Championship, hoje conhecido mundialmente como UFC, era mostrar em combates reais a superioridade do BJJ diante de lutadores de muay thai, boxe, judô, caratê e o que mais aparecesse. E deu muito certo. Um dos seus irmãos mais novos, Royce Gracie, venceu o primeiro UFC e se tornou uma lenda do esporte. Posteriormente, Rorion vendeu sua parte do UFC, mas o nome dos Gracie já tinha se espalhado pelo mundo. E aí cresce a importância do primo de Rorion, Carlos Gracie Jr.

Em 1986, Carlos Gracie Jr abriu a Gracie Barra, no Rio, com a proposta de continuar o legado da família. Quase 40 anos depois, a academia tem mais de mil unidades em 40 países. Todas as academias seguem o mesmo método de ensino, com programas específicos para crianças, iniciantes, adultos e competidores. É na formação de lutadores que a rede de escolas atrai alunos. Vários de seus professores já foram campeões mundiais. *(Thales de Menezes)*

COM TRUMP, TURISMO CAI 12% NOS EUA

Brasileiros entrevistados disseram estar mais receosos de viajar para o país por medo de serem barrados na entrada ou de sofrerem preconceito durante a estadia; fiscalização mais minuciosa tem sido observada em alguns aeroportos

PALOMA VARÓN
Especial para o Valor
PARIS



KENA BETANCUR/AFP/3-5-2025

Alternativas. Cenário incerto dos EUA e o dólar instável diminuem a busca por destinos americanos

O número de visitantes estrangeiros nos Estados Unidos caiu quase 12% em março em comparação ao mesmo período do ano passado, segundo dados divulgados pela International Trade Administration, uma agência do Ministério do Comércio americano. Brasileiros entrevistados pelo Valor disseram estar mais receosos de viajar para o país por medo de serem barrados na entrada ou de sofrerem preconceito durante a estadia.

É o caso da psicóloga Patricia, que prefere não se identificar. Ela conta que "o clima ruim contra latinos" e o "medo de abordagens violentas ou aleatórias" a fizeram desistir dos planos de assistir à Copa do Mundo em 2026:

— Eu iria com o meu filho. Nós temos uma cara bem latina e, falando em português nos lugares, tememos hostilidade. Não quero que o meu filho adolescente passe por isso.

'MOMENTO INSTÁVEL'

A psicóloga também indicou a (falta de) segurança aérea como um motivo para ter cancelado a viagem.

— As notícias sobre o desmonte gradual das equipes de controladores aéreos nos EUA também deram uma esfriada nos nossos planos — afirma.

A engenheira Maria Dias tinha planejado visitar o país em junho com o namorado, mas mudou de ideia.

— Desde que Trump foi eleito e começou a fazer as mudanças a partir da sua posse, o meu namorado desistiu de visitar os EUA por convicção. Eu acho um absurdo a deportação em massa de latinos e não compactuo com essa crueldade, então, como latina, não vou colocar meu dinheiro em circulação em um país como esse — diz ela, que também diminuiu o consumo de produtos fabricados nos EUA.

Segundo Juliana Marches, diretora de Produtos e Marketing da agência de viagens Agaxtur, o cenário incerto dos EUA e o dólar instável diminuem a busca por destinos americanos.

— Devemos apostar em alternativas como a EuroDisney e até mesmo Dubai, que tem parques temáticos interessantíssimos — aponta.

A engenheira franco-brasileira Clara Lachaux morou no Canadá e visitou os EUA diversas vezes, mas agora disse que não pretende voltar ao país tão cedo, mesmo a convite de uma amiga próxima.

— A eleição de Trump já não me dava muita vontade de ir lá e contribuir com a economia fazendo turismo. Mas, quando ouvi falar de um pesquisador francês cuja entrada nos EUA foi recusada porque tinham achado mensagens anti-Trump no celular dele, me convenci de que eu não queria ir mesmo — conta ela, que combinou com a amiga de se encontrarem no México.

Para Sandra, que também prefere não se identificar, ir aos EUA é um risco que ela não quer correr.

— Eu recebi um convite para ir a um evento em Chicago. Entretanto, a política de Trump foi se confirmando realmente absurda. Fiquei com medo da entrada e saída do país. Tendo filhos, preferi não arriscar a ficar presa, já que saiu a notícia de que até turistas estavam sendo detidos — conta ela, que trabalha no ramo do turismo. — O momento me parece instável, as pessoas não parecem saber exatamente as regras, e isso causa insegurança.

FISCALIZAÇÃO RIGOROSA

A escritora Marcia Camargos deixou passar uma oportunidade de ir a Nova York com o companheiro, que foi à cidade a trabalho.

— Em tempos normais, eu não pensaria meio segundo para providenciar meu visto ESTA (para quem tem nacionalidade europeia) e fazer a mala. Agora, fiquei me perguntando se deveria gastar meu precioso tempo e minhas economias em um país em franca decadência, cujo governo não inspira a menor confiança, para dizer o mínimo — pondera.

Se para quem tem dupla cidadania a obtenção do visto de turista pode ser mais fácil, o advogado americano Murtaz Navsariwala, fundador do escritório Murtaz Law, especializado em imigração para os Estados Unidos, avisa:

— A posse de um visto válido nunca garantiu, por si só, a entrada nos EUA.

Segundo Navsariwala, o que tem sido observado mais recentemente é a possibilidade de uma fiscalização mais minuciosa na chegada, inclusive com a verificação de mídias sociais, aplicativos de mensagens ou outros elementos pessoais, em busca de sinais de que o visitante possa ter a intenção de permanecer no país além do prazo autorizado como turista.

— Por isso, é essencial que o viajante esteja preparado para demonstrar coerência entre o propósito declarado da viagem, o conteúdo das suas comunicações e os documentos apresentados, como reservas de hospedagem, passagem de volta e itinerário previsto — conclui.

FALE PELO PORTAL DO ASSINANTE OU WHATSAPP DO GLOBO: É PRÁTICO E RÁPIDO.

O GLOBO 100

AQUI VOCÊ RESOLVE.



PORTALDOASSINANTE.COM.BR

Através do Portal do Assinante, você resolve todos os detalhes da sua assinatura, na hora que quiser, sem demora e sem espera.

SERVIÇOS DISPONÍVEIS:

- Transferência de entrega do jornal
- Segunda via do boleto
- Atualização dos dados da assinatura
- Alteração do meio de pagamento
- Dúvidas, reclamações e sugestões


Se precisar de ajuda, use o chat também pelo Portal.


WHATSAPP DE ATENDIMENTO:

Grave o nosso número em sua agenda do celular e fale sempre quando for necessário: (21) 4002 5300.

Aponte o seu celular para o QR Code e acesse os nossos canais:


Portal do Assinante


WhatsApp de atendimento

ENTREVISTA

Anthony Pereira / BRASILIANISTA

Brasil tenta manter equilíbrio entre EUA e China, mas nova fase do governo Trump pode estreitar o espaço para neutralidade, aponta diretor do Kimberly Green Latin American and Caribbean Center

DIEGO VIANA
Especial para o Valor
SÃO PAULO

‘SE FOR PRAGMÁTICO, BRASIL PODE FICAR FORA DO RADAR DE TRUMP’

Assim como no primeiro mandato de Donald Trump, o Brasil não está no centro das atenções do governo americano. Assim, apesar das tarifas de 10% que couberam ao país no "Liberation Day", as maiores oportunidades de parceria e interação com os EUA estão no setor privado e na sociedade civil. Esta última "é uma parte fundamental da relação entre os países, que às vezes é deixada de fora da análise", afirma o brasilianista Anthony Pereira, diretor do Kimberly Green Latin American and Caribbean Center, na Universidade Internacional da Flórida. Para ele, há também oportunidades para aproveitar uma possível fuga de cérebros na superpotência. O brasilianista enxerga um paralelo entre o Brexit, em 2016, quando o Reino Unido votou para se desligar da União Europeia, e o atual tarifaço americano. Na ocasião, os britânicos descobriram que seu país não era tão grande quanto chegou a ser no passado. O mesmo acontece agora com os americanos.

No primeiro mandato de Trump, Brasil e América Latina não eram prioridade. Desta vez, parece ser a mesma coisa. Isso chega a ser uma proteção contra os humores do americano?

A agenda do governo para a América Latina é muito negativa. Drogas, migração, tarifas, China. Acho que poderia ser mais do que isso. Algumas pessoas pensam que, embora o slogan do governo Trump seja "EUA em primeiro lugar", um slogan complementar seria "Américas em segundo", porque sua visão geopolítica envolve esferas de influência, onde a China e a Rússia têm as suas. A dos EUA seria, senão toda a América, pelo menos Canadá, México, América Central e Caribe. A América do Sul fica em posição ambivalente.

Há benefícios a extrair desse slogan complementar?

Essa maneira de encarar o mundo não é necessariamente boa para a região. A abordagem é muito agressiva. [O secretário de Estado] Marco Rubio foi ao Panamá e disse ao presidente [José Raúl Mulino], um apoiador de Trump, que ele tinha que se livrar da empresa chinesa que controlava o canal. A ideia de que temos um porrete para ameaçar os outros se não fizerem o que queremos. Mas os primeiros meses do relacionamento entre o Brasil e os EUA são uma ilustração de que não há muita preocupação além da agenda negativa, reforçando a ideia de que, se o Brasil for discreto e pragmático, pode ficar fora do radar de Trump. Não sei se continuará assim, mas receber uma tarifa de 10%, comparado ao que houve com outros países, não é tão ruim.

A embaixada americana em Brasília, até agora, tem apenas um encarregado de negócios interino...

Isso também aconteceu no primeiro governo de Trump. Ele não liga muito para a diplomacia convencional. Parece ter uma cesta cheia de enviados especiais que fazem todo tipo de coisas.

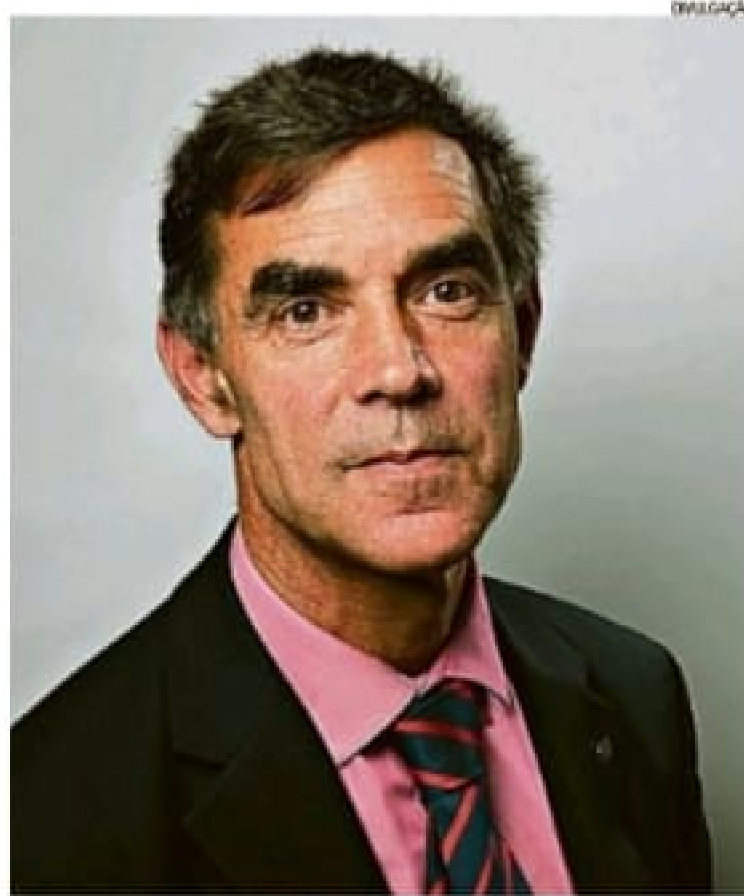
Lula disse que haveria reciprocidade, mas só após tentativas de conversar e mostrar como o comércio é importante. A atitude funciona?

O exemplo de [Claudia] Scheinbaum no México pode ser um sinal de que funciona. É sábio da parte do governo Lula não retaliar imediatamente, porque tudo está aberto a negociações. Os britânicos fizeram um acordo, os chineses idem. Não sei se isso vai durar, Trump é muito caprichoso e arbitrário. Tudo está sujeito a uma lógica política. O governo não valoriza a ordem baseada em regras. Eles querem uma ordem baseada em acordos. Se acharem conveniente fechar um com o Brasil, é o que farão.

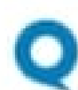
Para contornar as sanções, uma alternativa é recorrer à China. Mas Trump também fez ameaças, por exemplo, ao Brics. É seguro recorrer à China nessas condições?

Acho que o Brasil tem mais margem de manobra do que, digamos, o México. Está mais distante, é uma grande economia sul-americana globalmente conectada. Por mais que os EUA se queixem da presença da China na América Latina e classifiquem quase tudo, até mesmo a atividade econômica mais inócua, como de

DIVULGAÇÃO



Oportunidades. Anthony Pereira: Brasil deve aproveitar fuga de cérebros



"A sociedade civil é parte fundamental da relação entre o Brasil e os EUA"

"O Brasil pode rejeitar escolher entre EUA e China. Esta não é a Guerra Fria, quando não havia interação econômica"

importância geopolítica e militar, não têm a capacidade de oferecer uma alternativa na mesma escala. Nem de longe. Mas pode haver pontos específicos. Talvez as empresas de tecnologia estejam interessadas em aproveitar a energia barata no Brasil e instalar data centers. Ou minerais de terras raras nos quais os americanos estejam interessados, em que o Brasil poderia favorecer os investidores americanos. Ou biocombustíveis. O Brasil pode rejeitar o dever de escolher entre os dois. Não há necessidade de escolher, porque eles não são separados. Esta não é a Guerra Fria, quando não havia muita interação econômica. China e EUA ainda são grandes parceiros econômicos, com um enorme investimento e uma forte relação comercial. É claro que, se os EUA continuarem nesse caminho e fizerem com que tudo pareça um conflito militar iminente, ficará mais difícil.

Lula é famoso por ser conciliador. Sua política externa em relação a EUA e China é manter um pé em cada barco. No mundo atual, esse perfil ainda se encaixa?

Sim, mas isso pode mudar. O abismo pode aumentar. Ele pode estar nos dois barcos e, de repente, eles se afastam demais e ele cai na água. Países do Sul Global são sempre criticados por isso. Diplomatas de países ricos se queixam de que "o Brasil quer agradar aos dois lados". É perfeitamente sensato que uma potência do Sul Global converse com todos e assuma posições intermediárias. O problema surge quando a percepção é de que o Brasil é apenas um apêndice da contra-hegemonia autoritária da China e da Rússia. O país precisa ser independente aí também.

A desconexão entre os governos e o desinteresse pelo Brasil e a América Latina contaminam o setor privado?

O setor privado americano é enorme e está acostumado a operar de forma autônoma. A menos que haja uma ordem explícita, muitos investidores e empresários olharão para o mercado brasileiro e dirão: "Este é um ótimo investimento". A menos que o governo Trump seja muito mais agressivo e explícito sobre quem é favorecido e quem não é, o Brasil continuará sendo uma economia atraente.

O Brasil costumava ter um escritório formal de lobby em Washington, mas ele fechou em 2018. Uma ligação direta com o Legislativo poderia ajudar?

Sim, é lamentável que tenham encerrado essa operação, especialmente considerando que agora há um governo tão transacional em Washington. Deveriam reativá-la. Muitos outros governos fazem isso. Da perspectiva do governo Lula, é importante também reconhecer o contexto, em que políticos republicanos e a oposição bolsonarista fizeram uma audiência na Comissão de Relações Exteriores da Câmara, no ano passado, para alegar que o governo Lula é tão ditatorial quanto a ditadura cubana. Quando você se depara com esse tipo de rede, precisa estabelecer uma narrativa contrária.

A ideia de que Trump é uma bênção para [Javier] Milei, por exemplo, colocando a Argentina à frente do Brasil, é exagerada?

Acho que sim. Dá para perceber isso com as tarifas. Milei foi aos EUA antes de Trump ser eleito e disse "meu presidente". Acabou recebendo 10%, assim como o Brasil. O que Trump quer, e acho utópico, é trazer o investimento industrial de volta aos EUA, por meio das tarifas, com a lógica da substituição de importações da América Latina dos anos 1950 e 1960. Forçar as pessoas a pular o muro tarifário e investir nos EUA. Isso não é música para os ouvidos de Milei. Ele quer que invistam na Argentina. Acho que é um caso de amor que vai terminar em lágrimas, porque Milei vai sentir que sua paixão por Trump não é correspondida.

O Brasil põe muitas fichas na COP 30. O antagonismo americano pode levá-la a mais um fracasso?

Acho que não. O fato de os EUA terem se retirado do Acordo de Paris novamente, o que era previsível após a eleição de Trump, não significa que o Brasil não tem muitos aliados em outros lugares, incluindo a Europa. Ainda há um compromisso na União Europeia para continuar com a transição energética. Ainda há muito capital privado investindo na transição energética. E, claro, os chineses estão comprometidos por necessidade porque não têm os recursos naturais que lhes permitiriam continuar usando energias não renováveis.

Dados os ataques à ciência e às universidades nos EUA, já se antevê uma fuga de cérebros revertida para, entre outros lugares, o Brasil. Ela está ocorrendo?

Toronto recrutou acadêmicos da Ivy League. Uma universidade na França teve sucesso em atrair cientistas. Acho que o Brasil poderia tentar. As pessoas estão realmente procurando maneiras de sair dos EUA. Esses ataques são um gol contra terrível. Sei do interesse na Fapesp por oferecer pacotes atrativos para cientistas, tanto os mais experientes quanto os recém-doutores, oferecendo-lhes oportunidades de emprego de longo prazo, mas também dinheiro para pesquisa e laboratórios. Havia um certo preconceito, não dos jovens pesquisadores, mas de seus orientadores. Eles diziam: o Brasil não é um país sério em termos de ciência. Essa é uma visão antiquada.

De modo geral, como o quadro atual afeta as relações entre brasileiros e americanos?

Quando se trata das relações bilaterais, é importante ir além do governo. Nossas sociedades civis estão interligadas de jeitos interessantes. O ponto positivo nos próximos anos é que, não importa o quão difícil seja no nível governamental, há muita colaboração e compartilhamento de informações nas sociedades civis. Isso é especialmente importante para defender a democracia. A sociedade civil é uma parte fundamental da relação entre o Brasil e os EUA, que às vezes é deixada de fora.

Beat
Branding
Blast
Boost
BigData
Bold
Buzz
Brasil
Business
B2City
Transformar a cidade é nosso business.
eletromidia

Eufrázio

O GLOBO

CLASSIFICADOS DO RIO

ANUNCIE 2534-4333
classificadosdorio.com.br

Sexta-Feira 23.05.2025

1 Imóveis Compra e Venda Páginas 1 e 2
2 Imóveis Aluguel Página 3
3 Empregos & Negocios Página 3
4 Veículos Página 3
5 Casa & Você Página 3

IMÓVEIS COMPRA E VENDA 1

ZONA CENTRO

Centro

Conjugados

SergioCastro

SergioCastro

SergioCastro

1 Quarto

SergioCastro

2 Quartos

Coberturas

Casa do Barão

Espetacular imóvel histórico a poucos metros do Largo do Guimarães, ponto mais valorizado de Santa Teresa: Rua Paschoal Carlos Magno, rua de comércio e serviços mais valorizada do bairro.

- Antiga casa do Barão de Mauá, Irineu Evangelista de Souza, importante industrial, comerciante e armador que muito contribuiu para o desenvolvimento da Cidade do Rio de Janeiro e do Brasil.
- Certificada como Patrimônio Histórico pelo Conselho Municipal do Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro.
- Residência de célebres e proeminentes figuras do mundo cultural e artístico como: Manuel Bandeira, Djanira, Emeric Marcier, Scliar, Milton Da Costa.
- Oficina de trabalho do pintor suíço Jean Pierre Chabloz, do escultor polonês August Zamoyski, e do pintor e músico alemão Henrique Boese e tantos outros.
- Esquina com a valorizada rua Fonseca Guimarães, fica junto à rua Felício dos Santos, e ao hotel Santa Teresa MGallery, o mais luxuoso da região.

Área total do terreno: 1.368,78m²

R$2,5 milhões
VALOR DE VENDA
IPTU (Anual): R$ 34.843,00

Casa do Barão · Hotel MGallery

Aponte seu celular para o QR Code acima e saiba mais sobre este imóvel

Matriz
Rua da Assembléia, 40 - 11º, 12º e 13º andares - Centro
(21) 2272-4400
(21)98163-5327

SergioCastro IMÓVEIS
A EMPRESA QUE RESOLVE.
ADMINISTRAÇÃO • CORRETAGEM • AVALIAÇÕES
sergiocastro.com.br

Casa de Laranjeiras
Rua das Laranjeiras, 490
Laranjeiras

1 ZONA CENTRO Centro

Casas e Terrenos

Gamboa

1 Quarto

2 Quartos

Casas e Terrenos

Santo Cristo

Casas e Terrenos

1 ZONA SUL 1 Botafogo

Botafogo

1 Quarto

2 Quartos

BANDEIRA DE MELLO

1 ZONA SUL 1 Botafogo

3 Quartos

4 ou mais Quartos

Coberturas

Cosme Velho

2 Quartos

1 ZONA SUL 1 Cosme Velho

3 Quartos

4 ou mais Quartos

Casas e Terrenos

Flamengo

1 Quarto

1 ZONA SUL 1 Flamengo

2 Quartos

3 Quartos

1 ZONA SUL 1 Flamengo

4 ou mais Quartos

Coberturas

1 ZONA SUL 1 Flamengo

Glória

2 Quartos

3 Quartos

Humaitá

2 Quartos

1 ZONA SUL 1 Humaitá

4 ou mais Quartos

Laranjeiras

1 Quarto

2 Quartos

1 ZONA SUL 1 Laranjeiras

3 Quartos

ZONA SUL 1

1 Zona Sul 1 – Laranjeiras

SergioCastro

LARANJEIRAS R$ 1.190.000 Localização nobre, vistão, salão p/2ambientes, 3dormitórios (suíte), armários embutidos, cozinha/ planejada, á.serviço, dependências, 2vaga. www.sergiocastro.com.br cj250 Tels: 99179-5959 Scv12314

SergioCastro

LARANJEIRAS R$ 1.200.000 Amplo(139m2), 2pandar, finamente decorado, frente, salão, varanda, lavabo, 3quartos, cozinha/ planejada, á.serviço, dependências, garagem www.sergiocastro.com.br cj250 tels:97010-4794./2557-6868 Scv11090

SergioCastro

LARANJEIRAS R$ 1.260.000 R.LARANJEIRAS Excelente apartamento, 134m2, 3quartos, sala ampla, 2banheiros, cozinha planejada, dependência, 2vagas, próximo comércio. www.sergiocastro.com.br Cj250 Tels:3048-9122/(21) 98996-7212 scvsd1033

SergioCastro

LARANJEIRAS R$1.290.000 Localização nobre, amplo, ... www.sergiocastro.com.br cj250 tels:97010-4794 /2557-6868 Scv12139

SergioCastro

LARANJEIRAS R$ 1.450.000 Excelente localização, (134m2), elétrica/ hidráulica novas, piso porcelanato, salão, 3quartos (suíte) á.serviço, dependências, garagem. www.sergiocastro.com.br cj250 tels:97010-4794./2557-6868 Scv12295

LARANJEIRAS R$ 1.800.000 Maravilhoso, 150m2, frente, salão, varandão, 3quartos (3suíte) armários, 2banh.social, Copa-cozinha, dependências, 2vagas , infratotal, www.sergiocastro.com.br cj250 Tels: 99179-5959 Scv12340

SergioCastro

LARANJEIRAS R$1.900.000 R.Laranjeiras, ... www.sergiocastro.com.br C/250 (21)98993-8603/(21)2199-3722 Scv11683

SergioCastro

LARANJEIRAS R$ 2.500.000 Águas Férreas, 300m2, salão, varandão, lavabo, 3suítes, banheiros, cozinha/ planejada, dependências, garagem, prédio fantástico. www.sergiocastro.com.br cj250 tels: 97010-4794 /2557-6868. Scv12280

4 ou mais Quartos

Urca

Casas e Terrenos

Demais bairros da Zona Sul 1

2 Quartos

1 Zona Sul 1 – Demais bairros

Casas e Terrenos

ZONA SUL 2

Copacabana

Conjugados

1 Quarto

2 Quartos

3 Quartos

1 Zona Sul 2 – Copacabana

3 Quartos

4 ou mais Quartos

1 Zona Sul 2 – Gávea

Gávea

2 Quartos

3 Quartos

4 ou mais Quartos

Casas e Terrenos

1 Zona Sul 2 – Ipanema

Ipanema

1 Quarto

2 Quartos

3 Quartos

4 ou mais Quartos

Jardim Botânico

2 Quartos

1 Zona Sul 2 – Lagoa

Lagoa

3 Quartos

Leblon

2 Quartos

3 Quartos

1 Zona Sul 2 – Leblon

Coberturas

Leme

1 Quarto

Casas e Terrenos

São Conrado

4 ou mais Quartos

Casas e Terrenos

BARRA E ADJACÊNCIAS

Barra

1 Quarto

1 Barra e Adjacências – Barra

3 Quartos

4 ou mais Quartos

Coberturas

Joá

Casas e Terrenos

Recreio

3 Quartos

Coberturas

Casas e Terrenos

1 Barra e Adjacências

Vargem Grande

Casas e Terrenos

JACAREPAGUÁ

Taquara

Casas e Terrenos

TIJUCA E ADJACÊNCIAS

Tijuca

1 Quarto

3 Quartos

4 ou mais Quartos

ZONA NORTE 1

ZONA NORTE 2

Penha

Casas e Terrenos

São Cristóvão

1 Quarto

Casas e Terrenos

ZONA NORTE 3

Oswaldo Cruz

Casas e Terrenos

NITERÓI

Icaraí

2 Quartos

LITORAL SUL

Angra

Casas e Terrenos

SERRAS

Petrópolis

Casas e Terrenos

IMÓVEIS COMERCIAIS

Imóveis Comerciais Barra

Lojas

Imóveis Comerciais Zona Centro

Salas e Andares

SergioCastro

CENTRO R$130.000 Oportunidade! R.da Assembléia próximo metrô, Fórum, Sala28m2, andar alto, excelente estado, clara, arejada, portaria reformada www.sergiocastro.com.br Cj250 Tels:2292-0080/98985-1470 Scvp7216

Fale Conosco

Classifone: 2534-4333

20 palavras (corpo claro)

R$ 79,00 — Dia Útil* por publicação | R$ 102,00 — Domingo*

20 palavras (corpo negrito)

R$ 98,00 — Dia Útil* por publicação | R$ 126,00 — Domingo*

*Preços para pagamento em cartão de crédito ou à vista

Horários de Atendimento:

Classifone

De segunda a sexta: das 8h às 20h.

www.classificadosdorio.com.br

• Para informações sobre outros tamanhos, modelos, forma de pagamento e preços consulte o classifone ou nossa loja. Preços válidos a partir de 01 de novembro de 2012.

• Para conhecer a política de publicação de anúncios, favor consultar www.infoglobo.com.br

Horários de Fechamento:

Prazos para publicação na edição do dia seguinte.

Seção	Classifone e Loja
Casa & Você	até 13h
Empregos e Negócios	até 13h
Veículos	até 14:30h
Imóveis	até 15h

Para anúncios nas edições de domingo e segunda, o prazo é sexta-feira, até as 20h.

Orientação aos leitores

O jornal O Globo não se responsabiliza pela procedência, veracidade dos anúncios veiculados, tampouco pelo cumprimento dos requisitos legais porventura exigidos no conteúdo dos mesmos, sequer por eventuais prejuízos deles decorrentes. O conteúdo dos anúncios é de inteira responsabilidade do anunciante. Pessoas físicas e jurídicas de má-fé podem utilizar um veículo de comunicação para fraudar e ludibriar os leitores, ou induzi-los em erro. A fim de evitar prejuízos, recomendamos:

• Antes de solicitar um empréstimo ou efetuar uma transação comercial, verifique a idoneidade de quem está negociando, pedindo documentos que identifiquem o fornecedor.

• Procure documentar a transação comercial, através de contrato com firma reconhecida.

• No contrato devem conter a taxa de juros e a forma de pagamento.

• Procure fazer qualquer tipo de transação comercial apenas pessoalmente.

• Forneça seus dados pessoais, por fax e/ou telefone, apenas para empresas conhecidamente idôneas.

• Evite receber documentos via fax.

• Não adiante nenhum valor (Ex. depósito em conta corrente, vales-postais etc.)

O GLOBO

Eufrázio

1 IMÓVEIS COMERCIAIS ZONA CENTRO

SergioCastro

CENTRO R$170.000 R.Quitanda junto R.Assembléia. Prédio portaria reformada. Sala30m2 reformada, piso porcelanato, banheiro [illegible], copa, [illegible]. www.sergiocastro.com.br CJ250 [illegible] Scv7360

SergioCastro

CENTRO R$175.000 R.Assembléia próximo metrô, Fórum. Sala 62m2 excelente estado, andar alto, composta: recepção, 2salas, banheiro c/chuveiro www.sergiocastro.com.br CJ250 Tels:2292-0080/98985-1470 Scvp7221

SergioCastro

CENTRO R$168.000 Localização [illegible] Rio Branco [illegible]. Sala [illegible] vista livre, recepção, [illegible], banheiro c/chuveiro. www.sergiocastro.com.br CJ250 Tels:99852-7726/2272-4400 Scv6762

SergioCastro

CENTRO R$120.000 Conjunto salas 116m2 composta: recepção, escritórios, sala reunião, 2banheiros, copa. Localização excelente! R.Quitanda junto R.Assembléia www.sergiocastro.com.br CJ250 Tels:99852-7726/2272-4400 Scv6970

SergioCastro

CENTRO R$700.000 Av.Rio Branco Andar inteiro, 290m2, hall, recepção, 7salas, corredores, 4banheiros, cozinha, farto comercio, próximo transportes, www.sergiocastro.com.br CJ250 Tels:[illegible] Scv1060

1 IMÓVEIS COMERCIAIS ZONA CENTRO

SergioCastro

CENTRO R$720.000 Av.Marechal Floriano. Andar com [illegible], 4vagas garagem, visão Baía Guanabara, composto: salões, ambientes funcionais, 4banheiros, copa. www.sergiocastro.com.br CJ250 Tels:99852-7726/2272-4400 Scv7137

Prédios Comerciais

SergioCastro

CENTRO R$1.500.000 Teófilo Otoni, prédio comercial, 587m2, composto hall, 2pavimentos [illegible], Copa-cozinha, 2Banheiros, isento iptu www.sergiocastro.com.br CJ250 Tel.:(21)98893-8603/(21)2199-3722 Scv7063

SergioCastro

CENTRO R$2.700.000 R.Carioca Prédio800m2 linda fachada, corredor cultural, reformado, 5pavimentos, c/elevador, linda loja térrea, isento iptu www.sergiocastro.com.br CJ250 Tels:2292-0080/98985-1470 Scv4481

SergioCastro

CENTRO R$4.900.000 Ótimo investimento! R.Quitanda ao lado novo Rennes, prédio 588m2, salão frente+5 pavimentos, isento iptu. www.sergiocastro.com.br cj250 Tels:99852-7726/2272-4400 Scv5437

SergioCastro

GAMBOA R$380.000 Rua Livramento próximo Praça Harmonia, Morro Fluminense. Prédio322m2 2pavimentos, sendo primeiro loja, segundo escritório. www.sergiocastro.com.br CJ250 Tels:2292-0080/98985-1470 Scvp7221

1 IMÓVEIS COMERCIAIS ZONA CENTRO

SergioCastro

GAMBOA R$500.000 Junto Praça Harmonia, Boulevard Olímpico, Morro Fluminense, Prédio 350m2, loja 130m2 + 2pavimentos, ideal clínicas. www.sergiocastro.com.br CJ250 Tels:2292-0080/98985-1470 Scvp7385

SergioCastro

GAMBOA R$4.100.000 Prédio 3041m2, terreno 675m2, térreo+ 4pavimentos, terraço vista deslumbrante Baía Guanabara. Junto Pça.Harmonia, Aquário, Museus. www.sergiocastro.com.br CJ250 Tels:2292-0080/98985-1470 Scvp7051

Imóveis Comerciais Zona Sul

Lojas

SergioCastro

BOTAFOGO R$485.000 Alfredo Investidores, M. Abrantes, loja frente [illegible] 68m2, com mezanino, [illegible], banheiro, varanda coberta, [illegible] www.sergiocastro.com.br CJ250 Tel.:(21)98893-8603/(21)2199-3722 Scv7361

SergioCastro

BOTAFOGO R$5.000.000 Excelente investimento! R.Assunção. Lojão 600m2 Locada clínica médica, contrato até 2030, valor do aluguel R$25.000,00. www.sergiocastro.com.br CJ250 99272-5660/2272-4400 Scv7134

Salas e Andares

CATETE R$795.000 Oportunidade única! L. Machado, maravilhoso conjunto 4salas interligadas (96m2), prédio excelente c/total segurança, portaria24hs. www.sergiocastro.com.br cj250 Tel: 99179-9999, Scv12262

1 IMÓVEIS COMERCIAIS ZONA SUL

COPACABANA R$420.000 Francisco Sá Excelente Sala Comercial Dividida em 2ambientes, 2 Banheiros, Portaria24h, Próximo Metrô General Osório www.sergiocastro.com.br CJ250 Tels:99602-4993/2285-9422 scv47124

Casas

SergioCastro

COSME Velho R$2.400.000 Próximo estação Bondinho Cristo Redentor. Casa Comercial396m2, composta de 3pavimentos. Ponto clientela [illegible] pedestre. www.sergiocastro.com.br CJ250 99272-5660/2272-4400 Scv7136

Imóveis Comerciais na Zona Norte

Lojas

SergioCastro

TIJUCA R$795.000 Imóvel, loja 330m2, terreno 400m2, [illegible], 2salões, 4banheiros, escritório, depósito, cozinha, quarto, cozinha, banheiro. www.sergiocastro.com.br CJ250 Tels:98893-8603/2199-3722 Scv12244

Prédios Comerciais

SergioCastro

PRAÇA Da Bandeira R$1.300.000 R.Barão Ubá Pela Convenções Sul América. Prédio 416m2, 3pavimentos, 6vagas, excelente estado. Ótimo investimento! www.sergiocastro.com.br CJ250 Tels: 2292-0080/98985-1470 Scv7163

SergioCastro

ROCHA R$1.150.000 R.General Belford. Antigo Laboratório Labslervest, prédio 350m2, 3 pavimentos, excelente terreno c/potencial para construção. www.sergiocastro.com.br CJ250 99272-5660/2272-4400 Scv7135

1 IMÓVEIS COMERCIAIS OUTRAS LOCALIDADES

Imóveis Comerciais Outras Localidades

Prédios Comerciais

PETRÓPOLIS RJ Prédio comercial excelente no centro R.Teresa,373 vendo ótimo preço, também aceito permuta apartamento Rio de Janeiro Zona Sul. Tel.(21)98492-7512.

IMÓVEIS ALUGUEL 2

ZONA SUL 1

Botafogo

Conjugados

BOTAFOGO R$1.400,00 +taxas. R.S.Clemente ao lado metrô, Excelente conjugado, [illegible], claro, vista livre. Armários, piso frio. Imobiliária Capital CJ342 tel.:(21)99748-4355/(21)98129-1411.

BARRA E ADJACÊNCIAS

Barra

2 Quartos

BARRA RHR, linda vista mar, mobiliado, 70m2, sala estar/ jantar, 2 suítes c/armários, 2vagas, total infraestrutura. Aluguel/ Temporada a combinar! Tel.:(21) 98769-4437.

1 TIJUCA E ADJACÊNCIAS

TIJUCA E ADJACÊNCIAS

Tijuca

3 Quartos

TIJUCA R$2.000 Apartamento amplo sala com 2ambs, 3 quartos (suíte), armários embutidos, dep. completas, próximo metrô/supermercados/ Pça.Saens Pena. Tel:99973-8272/96517-0020/ 2229-8091.

LITORAL NORTE

Saquarema

Casas e Terrenos

SAQUAREMA Alugo ou vendo casa grande, beira da lagoa, mobiliada, c/piscina, terreno 8.000m2 arborizada. Tel:(21)99764-2681.

IMÓVEIS COMERCIAIS

Imóveis Comercias Zona Sul

Salas e Andares

LEBLON R$7.000 General Artigas Sobreloja Escocesa, Espelhos Privativo, Fachada Porta Blindex, Ótima Localização, Edifício Com Elevador, Portaria www.sergiocastro.com.br CJ250 Tels:[illegible] scv47120

bradesco | **EDITAL DE LEILÃO** | MILAN LEILÕES

1°LEILÃO: **10/06/2025** Às 15h. - 2°LEILÃO: **12/06/2025** Às 15h

Ronaldo Milan, Leiloeiro Oficial inscrito na JUCESP nº 266, faz saber, através do presente Edital, que devidamente autorizado pelo Banco Bradesco S/A, inscrito no CNPJ sob nº 60.746.948/0001-12, promoverá a venda em Leilão (1º ou 2º) do imóvel abaixo descrito, nas datas, hora e local infracitados, na forma da Lei 9.514/97. Local da realização dos leilões presenciais e on-line: Escritório do Leiloeiro, situado na Rua Quatá nº 733 - Vl. Olímpia em São Paulo/SP. Localização do imóvel: **RIO DE JANEIRO - RJ. BAIRRO MEIER.** Rua Torres Sobrinhos, nº58, Apto nº 806 do Bloco II, c/ direito ao uso de uma vaga de garagem. Área Priv. 66,00m²(estimada no local) Fração ideal 0,00952. Matr. 26.799 do 1ºRI de Local. Obs.: Área privativa pendente de averbação no RI. Regularização e encargos perante os órgãos competentes correrão por conta do comprador. Ocupado. (AF) 1º Leilão: 10/06/2025, às 15h. **Lance mínimo: R$ 300.337,94** e 2º Leilão: 12/06/2025, às 15h. **Lance mínimo: R$ 288.184,20** (caso não seja arrematado no 1º leilão). Condição de pagamento: à vista, mais comissão de 5% ao Leiloeiro. Da participação on-line: O interessado deverá efetuar o cadastramento prévio perante o Leiloeiro, com até 1 hora de antecedência ao evento. O Fiduciante será comunicado das datas, horários e local de realização dos leilões, para no caso de interesse, exercer o direito de preferência na aquisição do imóvel, pelo valor da dívida, acrescida dos encargos e despesas, na forma estabelecida no parágrafo 2º-B do artigo 27 da lei 9.514/97, incluído pela lei 13.465 de 11/07/2017. Os interessados devem consultar as condições de pagamento e venda dos imóveis disponíveis nos sites: www.bradesco.com.br e www.milanleiloes.com.br

Inf. Tel.: (11) 3336-6664 - Ronaldo Milan - Leiloeiro Oficial JUCESP nº 266
Consultar edital completo e detalhado no site - www.milanleiloes.com.br

2 IMÓVEIS COMERCIAIS ZONA NORTE

Imóveis Comerciais na Zona Norte

Lojas

ABOLIÇÃO R$3.500 +taxas. Alugo loja com 80m2, próximo Largo da Abolição. Av.Dom Helder Câmara. Direto c/proprietário. Só c/fiador. Agendar visitas. Tel: 98184-8116.

EMPREGOS & NEGÓCIOS 3

Aviso

De acordo com o art. 5º da CR/88 c/c art 373-A da CLT, não é permitido do anúncio de emprego no qual haja referência quanto ao sexo, idade, cor ou situação familiar, ou qualquer palavra que possa ser interpretada como fator discriminatório, salvo quando a natureza da atividade assim o exigir.

Empregos

Empregos

PCD Empresa SE Engenharia disponibiliza vaga para PCD. Enviar Currículo para o e-mail: [illegible]

Negócios

Empréstimos e Finanças

Aviso

Antes de solicitar um empréstimo ou efetuar uma transação comercial, verifique a idoneidade de quem está negociando, pedindo documentos que identifiquem o fornecedor.

VEÍCULOS 4

CASA & VOCÊ 5

Para Casa

Para Você

Serviços Diversos

MASSOTERAPEUTA Atendo Zona Sul/RJ, toda Região dos Lagos e Costa Verde. 24h c/antecedência. Massagem corporal c/reflexologia nos pés. Mulheres, homens, casal e demais. WhatsApp:21-97769-4383.

AQUI, SEU ANÚNCIO ENCONTRA O PÚBLICO CERTO. ANUNCIE!

EM DIFERENTES PLATAFORMAS E EM DIVERSOS CONTEXTOS, AS MARCAS DA EDITORA GLOBO SÃO A MELHOR OPÇÃO PARA O SEU ANÚNCIO, PORQUE ENTREGAM O QUE CADA PÚBLICO QUER: CONTEÚDOS DE QUALIDADE COM CREDIBILIDADE.

ACESSE **EDITORAGLOBONEGOCIOS.COM.BR** E SAIBA MAIS.



AQUI, SEU ANÚNCIO ENCONTRA O PÚBLICO CERTO. ANUNCIE!

EM DIFERENTES PLATAFORMAS E EM DIVERSOS CONTEXTOS, AS MARCAS DA EDITORA GLOBO SÃO A MELHOR OPÇÃO PARA O SEU ANÚNCIO, PORQUE ENTREGAM O QUE CADA PÚBLICO QUER: CONTEÚDOS DE QUALIDADE COM CREDIBILIDADE.

ACESSE **EDITORAGLOBONEGOCIOS.COM.BR** E SAIBA MAIS.

